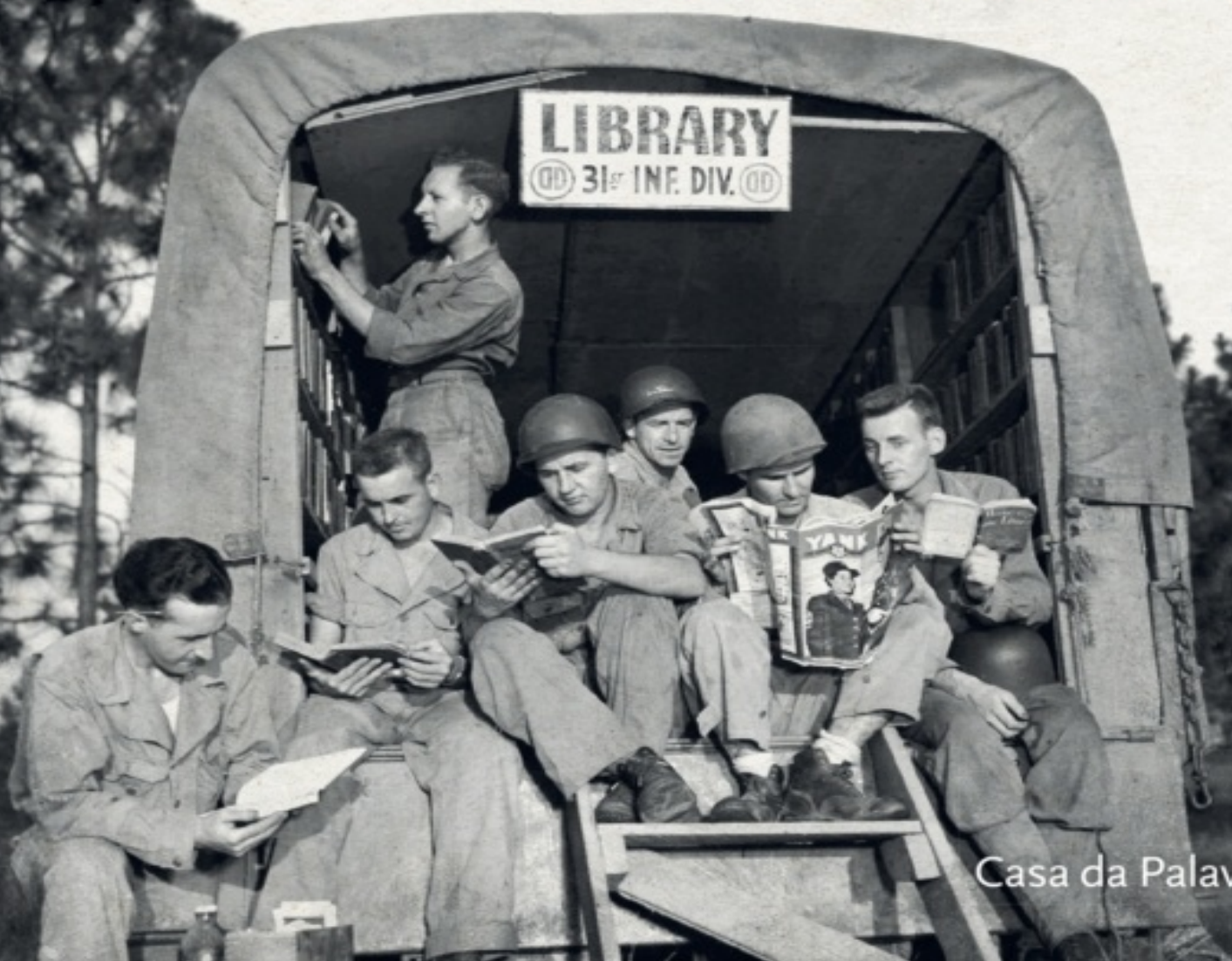


MOLLY GUPTILL MANNING



QUANDO OS LIVROS FORAM À GUERRA

AS HISTÓRIAS QUE AJUDARAM OS ALIADOS
A VENCER A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



Casa da Palavra

Ficha Técnica

Copyright © 2014 Molly Gupstill Manning

Copyright © 2015 Casa da Palavra

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original

WHEN BOOKS WENT TO WAR

Copidesque

Rosania Mazzuchelli

Revisão

Gabriel Demasi

Capa

Sérgio CAMPANTE

Imagem de capa

PRIMEIRA CAPA: SARGENTO WILLIAM MURRAY / UNITED STATES ARMY SIGNAL CORPS

QUARTA CAPA: FRANK KAYE/ UNITED STATES ARMY SIGNAL CORPS

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M246q

Manning, Molly Gupstill

Quando os livros foram à guerra / Molly Gupstill Manning; tradução Carlos Szlak. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

Tradução de: When books went to war

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 9788577345632

1. Armed Services Editions (Editora) História. I. Título.

15-23856 CDD: 070.50981

CDU: 070.50981

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL

Av. Calógeras, 6, 701 — Rio de Janeiro

21.2222-3167 21.2224-7461

editorial@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br

Para o meu marido, Christopher Manning

INTRODUÇÃO

“A senhora sempre ficava tão mal emocionalmente que tinha de falar com alguém a esse respeito? Precisava sentar e escrever?”¹, perguntou um fuzileiro naval à autora Betty Smith por meio de carta. “É como me sinto agora”, confidenciou ele.

“Sabe, tenho... 20 anos, mas sinto que tenho o dobro. Passei por experiências terríveis em dois anos de combate no exterior. Só queria que a senhora soubesse que, apesar de minha juventude, já vi um bocado de sofrimento.”

Quando esse fuzileiro escreveu essa carta, ele estava infectado pela malária, se encontrava hospitalizado e confinado em uma cama. No entanto, ele acreditava que a doença havia salvado sua vida. Durante o período de internação na enfermaria do navio, ganhou o livro *A Tree Grows in Brooklyn*, de Betty Smith, publicado pela Armed Services Editions. “Já li esse livro duas vezes, e estou lendo pela terceira” e “cada vez que o leio sinto com mais intensidade do que senti antes”, afirmou.

“Desde a primeira vez que tive de andar com lama até os joelhos, carregando uma maca com o corpo de um companheiro se esvaindo em sangue precioso, sem forças para ajudá-lo, senti-me insensível e cínico em relação a este mundo e tive certeza de que não era mais capaz de amar qualquer coisa ou qualquer pessoa”, escreveu ele. Esse fuzileiro passou pela guerra com o “coração morto... e a mente embotada”, acreditando que tinha perdido a capacidade de sentir.

Só quando ele leu *A Tree Grows in Brooklyn* é que algo em seu interior começou a se agitar. “Não consigo explicar a reação emocional que tive. Só sei que aconteceu e que meu coração reviveu. Uma onda de confiança tomou conta de mim e senti que talvez tivesse a chance de lutar neste mundo no fim das contas. Jamais serei capaz de lhe explicar a gratidão e o amor que enchem meu coração, em reconhecimento ao que seu livro significa para mim.” Ele me trouxe risos, alegria e também lágrimas. Embora fosse “incomum que um fuzileiro supostamente calejado pelas batalhas fizesse coisa tão efeminada

quanto chorar por causa de uma obra de ficção... não me sinto envergonhado”, afirmou ele. As lágrimas provaram que ele era humano.

“Acho que não teria sido capaz de dormir esta noite se não abrisse meu coração para a pessoa que o fez reviver”, concluiu o fuzileiro.

As Forças Armadas norte-americanas em ação na Segunda Guerra Mundial eram compostas principalmente de soldados civis, ou seja, pessoas que só pensaram em ir para a guerra depois que Pearl Harbor foi bombardeada. Muitos deles eram voluntários, outros foram recrutados, e, juntas, essas almas despreparadas e inexperientes enfrentaram uma combinação assustadora de treinamento intensivo e instalações precárias, e dias e semanas de viagens, tédio e medo. Deparam-se com horrores e cenas inimagináveis de violência e destruição, para as quais nenhum treinamento podia prepará-los plenamente, e, para muitos, a convalescença em hospitais se espalhou por todo o mundo. Eram constantemente lembrados da sua proximidade com a morte. Como um soldado observou, não era incomum “tomar o café da manhã com um homem e, na hora do jantar, ele já estar enterrado”².

A guerra cobrou um alto preço físico e psicológico dos homens que lutaram nela. Os soldados da infantaria se arrastavam por lamaçais intermináveis, avançavam enquanto atiradores de tocaia disparavam contra eles, e cochilavam em trincheiras alagadas, às vezes embalados pelo som de morteiros distantes e pelo zunido do enxame de insetos que os sobrevoava. Sempre aparentavam estar molhados, sujos, enlameados, desconfortáveis e exaustos. Marchavam e lutavam debaixo de um calor sufocante e de um frio terrível, enfrentavam doenças – malária, tifo e infecções de todos os tipos – e eram os mais vulneráveis às balas e bombas do inimigo. É compreensível o fato de que eles se referissem a si mesmos como a “Maldita infantaria”³.

Os pilotos e tripulantes dos B-17 Flying Fortresses (Fortalezas Voadoras), B-24 Liberators, B-25 Mitchells, B-26 Marauders e B-29 Superfortresses (Superfortalezas) enfrentavam perigos distintos: manter um curso firme com buracos na fuselagem provocados pela artilharia inimiga, envolver-se em batalhas aéreas repentinas, e testemunhar tripulantes sofrerem ou morrerem após serem feridos durante o voo. Seus braços e pernas ficavam dolorosamente entorpecidos por causa das temperaturas abaixo de zero durante longas jornadas em aviões sem aquecimento, e o alívio após um regresso seguro era frequentemente acompanhado pela desolação de saber que alguns companheiros não tinham voltado. Muitos aviões faziam pousos forçados,

ficavam sem combustível ou simplesmente caíam. Os B-24 e os B-26 não ganharam os apelidos de Flying Coffin (“Caixões Voadores”) e Widow-Maker (“Fazedores de Viúvas”) à toa.

Já na Marinha, os marinheiros enfrentavam seu próprio tipo de problema. A empolgação inicial de singrar os mares e ver o mundo a partir de uma embarcação reluzente logo se desvanecia ao se verem isolados por dias e semanas sem avistar terra firme. “Solidão” e “tédio” passaram a ter novos significados para eles. Ao mesmo tempo, a ameaça constante de um ataque de submarinos e a mera visão ou ruído de um avião inimigo se aproximando deixavam os nervos em frangalhos até mesmo dos marinheiros mais corajosos. Não havia cruzadores ou contratorpedeiros disfarçados em mar aberto. Quando a “música” começava, eram como patos numa barraca⁴ de tiro ao alvo.

Os dias eram opressivos, a tensão, sufocante, e os sonhos de voltar para casa, frequentemente efêmeros. Qualquer distração para esquecer os horrores da guerra era bem-vinda. Os homens guardavam como um tesouro as preciosas lembranças de casa. Cartas dos entes queridos eram prêmios raros. Jogos de cartas, quebra-cabeças, música e as ocasionais partidas de esporte ajudavam a passar o tempo, enquanto esperavam a ação ou o sono chegar. No entanto, a correspondência costumava ser frustrantemente irregular – às vezes levava até quatro ou cinco meses para chegar –, e nem sempre tinham jogos ou energia para disputá-los após um longo dia de treinamento ou combate. Para manter o moral alto, era necessário ter um estoque de entretenimento que os desligasse um pouco da guerra.

A história da Armed Services Editions – com seus livros pequenos e acessíveis, como a edição de *A Tree Grows in Brooklyn* que fez o jovem fuzileiro naval escrever para a autora, Betty Smith – é notável. Eles estavam por toda parte: membros das Forças Armadas os liam enquanto esperavam na fila do refeitório ou do barbeiro, quando estavam numa trincheira ou a bordo de um avião bombardeiro para uma missão de rotina. Eram tão onipresentes que um marinheiro certa vez comentou que um homem parecia estar “sem uniforme se um livro não estivesse à vista no bolso de trás da calça”⁵. Eram a distração mais confiável disponível em todos os fronts. Sempre que um soldado precisava de uma válvula de escape, um antídoto contra a ansiedade, um alívio para o tédio, um pouco de humor, inspiração ou esperança, ele abria um livro e sorvia as palavras que o transportariam para outro lugar. Soldados e marinheiros obedeciam a uma estrita política de emprestar e passar adiante os livros, não importa quão desgastados estivessem. A tinta podia estar borrada, as

páginas, rasgadas ou soltas, mas o livro continuaria a circular. Como um marinheiro afirmou, “jogar um livro no lixo é como bater na sua avó”⁶.

Os livros não se destinavam apenas a entretenimento e diversão. Também serviam como a principal arma para enfrentar a “guerra de ideias” de Adolf Hitler. A Alemanha nazista visava controlar as crenças dos povos, e não apenas seus corpos e territórios. Desde a queima de livros comandada pelo Estado em 1933, na Alemanha, até o expurgo das bibliotecas por toda a Europa depois da conquista dos países pelos nazistas, o material de leitura “não alemão” esteve ameaçado de extinção. A dimensão da destruição fora impressionante. Até 8 de maio de 1945, o Dia da Vitória na Europa, estima-se que a Alemanha tenha destruído mais de 100 milhões de livros em todo o continente.

Entretanto, a história da Armed Services Editions é bastante desconhecida. Era uma iniciativa extraordinária. O governo norte-americano distribuiu gratuitamente mais de 120 milhões de livros, para assegurar que os combatentes norte-americanos estariam com a alma preenchida e decididos a levá-los para as batalhas.

Com livros nos bolsos, os soldados norte-americanos aportaram nas praias da Normandia, avançaram até o Reno e libertaram a Europa; no Pacífico, saltaram de uma ilha cheia de perigos a outra, desde o litoral da Austrália até o Japão. Alguns liam para se lembrar do lar que tinham deixado para trás; outros, para esquecer o inferno que os cercava. Os livros consolavam suas almas cansadas e estimulavam suas mentes. Como a carta para Betty Smith revela, os livros tinham o poder de acalantar um coração sofrido, renovar a esperança no futuro e fornecer alívio quando não havia outra saída. Para muitos soldados norte-americanos os livros eram o equipamento mais importante.

Depois da guerra, a entrada dos livros no mercado de massa – juntamente com a *GI Bill*, uma legislação de 1944 que garantiu uma série de benefícios para os veteranos da Segunda Guerra Mundial – ajudou a desenvolver uma nova classe média letrada, difundindo a leitura para um público amplo e democrático. Os programas de incentivo à leitura do tempo da guerra tornaram *O grande Gatsby* um clássico, engajaram dezenas de autores em relacionamentos de amizade por correspondência com milhares de soldados e atingiram as mentes e os corações de milhões de homens e mulheres.

Essa é a história de canetas que foram tão poderosas quanto baionetas.

CAPÍTULO 1

Uma fênix vai renascer *Aquilo que fornece luz deve continuar queimando.*

– VIKTOR E. FRANKL

EM 10 DE maio de 1933, nem mesmo a chuva fina² que caía sobre Berlim não diminuiu o júbilo que cercava a grande parada. Milhares de estudantes, vestindo com orgulho as cores de suas universidades, caminharam pelas ruas esfumaçadas pelas luzes brilhantes das tochas, dirigindo-se para a Bebelplatz, a praça situada entre a Universidade Friedrich Wilhelm e a Ópera de Berlim. Quarenta mil pessoas aglomeravam-se na praça para assistir ao espetáculo, enquanto outras 40 mil se reuniam marchando junto à parada. No centro da Bebelplatz, uma maciça pira de toras cruzadas, de mais de 3,5 metros de largura e 1,5 metro de altura, aguardava. Quando os primeiros manifestantes chegaram, jogaram as tochas sobre aquela peculiar estrutura. Chamas azuis subiram em direção ao céu. Era uma visão de tirar o fôlego. Pouco tempo depois, da estrutura de toras irrompeu uma massa de fogo.



Em maio de 1933, dezenas de milhares de livros foram queimados em Berlim e em outras cidades alemãs. No final da Segunda Guerra Mundial, mais de 100 milhões de exemplares haviam sido destruídos em toda a Europa pelos nazistas.

Enquanto isso, uma procissão de automóveis parou ao redor da Bedelplatz em todo o seu perímetro. Alguns estudantes formaram uma fila bem-organizada entre os carros e as chamas crepitantes. A multidão viu um estudante aproximar-se do primeiro veículo e tirar um livro de uma pilha amontoadada em seu interior. Então, o livro foi passado de mão em mão até chegar ao estudante parado mais próximo da fogueira, que o arremessou nas chamas. A multidão irrompeu em aplausos. Dessa mesma maneira, um livro depois do outro chegou rapidamente ao fogo. Alguns estudantes carregavam o máximo de livros que podiam, marchando entre os carros e o inferno, alimentando o fogo cada vez que chegavam até ele.

A incineração foi interrompida apenas por um momento, para que um dos estudantes fizesse um discurso sobre o objetivo daquele ato. Para assegurar a pureza da literatura alemã, afirmou ele, era necessário queimar todos os livros e documentos “não alemães” que ameaçavam o movimento nacional da unidade

nazista. Isso incluía todas as obras de autores judeus, já que “o judeu, que é poderoso em intelecto, mas fraco de sangue (...) continua sem ser compreendido na presença do pensamento alemão, não consegue dignificá-lo e, portanto, está destinado a ofender o espírito alemão”⁸. A destruição desses livros tornaria o país mais forte, libertando-o das ideias hostis ao progresso da Alemanha. Quando a queima recomeçou, outro estudante anunciou os nomes dos autores cujos livros estavam sendo destruídos, e explicou por que suas ideias eram nocivas para a Alemanha. Sigmund Freud foi denunciado por falsificar a história alemã e degradar suas grandes figuras. Emil Ludwig foi criticado por sua “desonestidade literária e alta traição contra a Alemanha”. Erich Maria Remarque foi condenado por denegrir a língua alemã e os ideais nacionais. Escritor após escritor fora mencionado. Livro após livro fora queimado, e a multidão vibrava como se estivesse assistindo a um evento esportivo. E isso prosseguiu durante horas, noite adentro.

Embora tivesse sido espalhado o boato de que a queima dos livros fora planejada exclusivamente por uma organização estudantil fanática, ficou claro que sua realização se deu sob a bênção do Partido Nazista depois que o Dr. Paul Joseph Goebbels, ministro da Propaganda, chegou para fazer um discurso. Goebbels supervisionava⁹ a Câmara de Cultura do Reich, que regulamentava a literatura, a imprensa, o rádio, o teatro, a música, as artes plásticas e o cinema da Alemanha. Ele usava sua influência para moldar a sociedade alemã e ajustá-la à ideologia de Hitler. Goebbels desconfiava dos autores politicamente progressistas, que defendiam causas como pacifismo, socialismo, reforma e liberdade sexual. Os livros que aludiam a esses temas foram condenados à fogueira.

Quando Goebbels subiu na tribuna decorada com suásticas, declarou que “o intelectualismo judeu”¹⁰ estava “morto” e que o “nacional-socialismo” tinha “desbastado o caminho”. Gesticulando para o público diante dele, continuou: A alma do povo alemão pode voltar a se expressar. Essas chamas não só iluminam o ponto final de uma velha era, mas também iluminam uma nova. Nunca antes os jovens tiveram tal direito de limpar os escombros do passado. Se os velhos não entendem o que está acontecendo, deixem que eles compreendam que nós, os jovens, avançamos e fizemos acontecer.

O velho arde em chamas; o novo será moldado a partir das chamas de nossos corações.

Após o discurso de Goebbels, a canção “A nação às armas” ecoou pelo ar da noite e os estudantes voltaram a arremessar os livros na montanha de fogo.

Para assegurar que a queima de livros em Berlim tivesse grande audiência, o

ato foi transmitido ao vivo pelo rádio e filmado. Em pouco tempo, os cinemas de toda a Alemanha exibiram o filme da fogueira em Berlim, com comentários que explicavam que livros nocivos erodiam os valores alemães e deviam ser destruídos. Depois que essa mensagem se disseminou, 93 outras¹¹ queimas de livros foram realizadas, todas atraindo grandes plateias e massiva cobertura da imprensa. Os alunos da Universidade de Kiel reuniram 2 mil exemplares de literatura considerada prejudicial ao espírito alemão, ergueram uma gigantesca fogueira e convidaram o público a assistir à queima dos livros tidos como nocivos. Em Munique, os estudantes lideraram uma vívida parada à luz de tochas antes de pegar 100 volumes¹² pesados da biblioteca da universidade para serem queimados em público. Em outro evento, também em Munique, 5 mil alunos do ensino médio se reuniram para queimar literatura marxista, e foram encorajados a “ver o fogo queimar aqueles livros não alemães, e deixar arder em seus corações o amor à pátria”¹³. Em Breslau, mais de duas toneladas de obras heréticas foram destruídas em um único dia.

Enquanto a queima de livros se espalhava pela Alemanha, os nazistas também miravam nos indivíduos que alimentavam ideias antinazistas. Aqueles suspeitos de terem visões contra a Alemanha ficaram sujeitos a buscas domiciliares; se algo censurável era encontrado, os transgressores eram punidos. Alguns jamais foram vistos novamente. Uma histeria silenciosa se disseminou; muitas pessoas destruíram preventivamente documentos e livros que podiam lhes causar problemas. De acordo com um relato, quando uma mulher recebia um aviso de que deveria garantir que sua casa estava “realmente limpa”¹⁴, ela “imediatamente queimava seus livros e papéis, e, no dia seguinte, passava por uma busca”. Os nazistas publicaram listas de livros a se queimar; entre os autores¹⁵ mencionados incluíam-se Karl Marx, Upton Sinclair, Jack London, Heinrich Mann, Helen Keller, Albert Einstein, Thomas Mann e Arthur Schnitzler.

Helen Keller escreveu uma carta emocionada para os estudantes alemães, expressando seu choque e sua incredulidade quanto ao fato de que o lugar de origem da prensa tipográfica tivesse se tornado um crematório para os frutos dessa invenção. “Se vocês acham que podem matar as ideias, a história não lhes ensinou nada”¹⁶, repreendeu ela. “Os tiranos muitas vezes tentaram fazer isso antes, e as ideias se ergueram com toda a força e os destruíram.” “Vocês podem queimar meus livros e os livros das maiores mentes da Europa, mas as ideias neles já se infiltraram através de milhões de canais e continuarão a estimular outras mentes”, afirmou ela.

Outros se juntaram a Keller na censura à juventude alemã. Sinclair Lewis, vencedor do Nobel de literatura, denunciou a queima de livros, afirmando que as obras que estavam destruindo eram “alguns dos livros mais nobres editados¹⁷ na Alemanha nos últimos vinte anos”. Acrescentou que os autores cujas obras eram lançadas nas chamas “deviam só sentir satisfação em receber essa homenagem involuntária de uma turba organizada”. Em Londres, H. G. Wells proferiu um discurso desafiador contra a intolerância, ecoando alguns dos mesmos sentimentos de Keller. As queimas de livros “jamais destruíram um livro”¹⁸, afirmou Wells, pois “os livros, depois de impressos, possuem uma vitalidade que supera qualquer ser humano, e continuam falando como se nada tivesse acontecido”. “Tenho a impressão”, prosseguiu ele, “de que o que está acontecendo na Alemanha é uma revolução tosca e grosseira contra o pensamento, a sensatez e os livros”. Embora admitisse que não se sentia seguro na Inglaterra, e acreditasse que os escritores poderiam um dia ser linchados ou enviados a campos de concentração por causa do perigo perceptível que seus livros representavam, ele encontrou consolo numa ideia singular. “A longo prazo”, disse Wells, “os livros vencerão, e as pessoas grosseiras serão subjugadas, e o juízo são acertará contas com toda a retórica vociferante desses insurgentes”. Enquanto isso, Wells se opôs às ações alemãs providenciando um refúgio para os títulos em perigo. Com a cooperação de outros autores, Wells criou a Biblioteca dos Livros Queimados¹⁹, inaugurada em Paris na primavera de 1934. A biblioteca abrigou exemplares de todos os livros proibidos ou queimados pelos nazistas, e manteve a salvo escritos e livros doados por refugiados alemães e qualquer um que achasse que seus livros corriam riscos.

Os editores norte-americanos também manifestaram sua desaprovação. Parecia incoerente que as universidades, que foram por muito tempo uma glória importante²⁰ da Alemanha, tivessem se transformado em uma de suas vergonhas, declarou um jornal. O *New York Times* alcunhou as ações alemãs como “holocausto literário”, comentando que “aquela exibição²¹ do novo espírito nacional, tolo e vergonhoso como parece, indica um movimento de massa claramente tocado pela insanidade”. A revista *Time* referiu-se aos incidentes como um “bibliocausto”²², e relatou detalhes assustadores, incluindo a informação de que uma banda tocara a “Marcha Fúnebre” de Chopin enquanto os livros eram lançados na fogueira em Römerberg, o mercado medieval de Frankfurt. Muitos norte-americanos se reuniram em protestos públicos: 80 mil em Nova York, 50 mil em Chicago, e 20 mil na Filadélfia.

Como a Alemanha, país de povo instruído, conhecido por seus filósofos e pensadores, podia tolerar o expurgo de suas bibliotecas e a destruição de seus livros? Esses atos não eram casos isolados, mas, sim, peças de um plano cuidadosamente organizado, idealizado por Adolf Hitler, para manipular a cultura alemã de acordo com suas políticas e seus dogmas. Depois que chegou ao poder, Hitler aprovou leis para assegurar obediência à nova ordem que estava estabelecendo. Por exemplo, em 1935, *Mein Kampf* (*Minha luta*) tornou-se leitura imposta pelo Estado;²³ um exemplar era dado de presente para cada casal que oficializava sua união, e foi adotado como livro didático em todas as escolas alemãs.

O envolvimento do Führer²⁴ na transformação das instituições culturais alemãs, para sustentar suas políticas, estendeu-se muito além dos livros. Hitler trabalhou para criar a impressão de que só alemães de sangue puro tinham realizado contribuições significativas cultural e artisticamente, dignas de exibição em museus. Ele criou um novo feriado: o Dia da Arte Alemã. Como líder das festividades do dia, selecionava os trabalhos artísticos que seriam exibidos, e concedia os melhores prêmios para as obras que considerava ideologicamente apropriadas. Além disso, Hitler decretava o local das galerias onde cada uma dessas obras seria exposta e definia o valor de cada criação. As obras que reforçavam sua visão da Alemanha eram expostas em destaque, e seus preços eram proporcionalmente altos. Da mesma forma, os museus foram “purificados” por Hitler e Goebbels, que proibiram a exibição de obras criadas por judeus e outros artistas considerados inferiores aos alemães de sangue puro. Ao expor somente as obras que proclamavam as realizações da raça ariana, Hitler pretendia dar a impressão de que só elas eram capazes de trazer glória à Alemanha.

A educação foi reestruturada para refletir a ideologia hitlerista. No mesmo dia da queima dos livros em Berlim, Dr. Wilhelm Frick, ministro do Interior alemão, fez uma preleção aos administradores escolares alemães sobre as mudanças no sistema educacional. Ele ordenou que aos estudantes fosse ensinado “tudo que concerne²⁵ à pátria e à história alemã, com ênfase especial em relação aos últimos vinte anos” e a “ciência racial, hereditariedade e genealogia”. Quanto ao último caso, Frick explicou que as escolas deviam “ênfatizar sistematicamente que a infiltração de sangue estrangeiro no povo alemão, sobretudo sangue judeu e negro, devia ser totalmente impedida”, e que as aulas de “biologia racial também deviam apresentar as diferenças mentais e espirituais entre as diferentes raças, e deviam deixar claro aos alunos os perigos

da deterioração racial”. De acordo com as diretrizes de Frick, as crianças eram instruídas no sentido de que os alemães de sangue puro eram a raça superior. Simultaneamente, os professores judeus e de tendência esquerdista foram demitidos; em certas escolas, as demissões alcançaram²⁶ até 33% do quadro de funcionários.

Hitler também explorou o rádio²⁷ e o cinema para levar suas ideias aos lugares mais remotos. A transmissão de rádio era considerada um meio eficiente para dar publicidade e assegurar obediência às ordens do Führer. Goebbels se empenhou para que os aparelhos de rádio não custassem caro a fim de que as famílias de toda a Alemanha pudessem ouvir as mensagens de Hitler. Os estúdios de cinema alemães eram pressionados a produzir filmes de entretenimento que contivessem propaganda, e Hitler e Goebbels trabalhavam pessoalmente com os produtores para conferir se a visão deles da Alemanha era adequadamente refletida nas telas. Goebbels detinha grande poder:²⁸ aprovava roteiros, vetava a produção de “não alemães” e determinava se filmes prontos eram dignos de ser exibidos. Quando o público criticou os filmes tolos e cheios de propaganda exibidos nos cinemas alemães, Goebbels responsabilizou os críticos cinematográficos por incutir essas ideias em suas resenhas. Em 1936, a crítica cinematográfica foi proscrita.

Em 1938, os nazistas já haviam proibido dezoito categorias²⁹ de livros, 4.175 títulos e as obras completas de 565 autores, muitos deles judeus. No entanto, alguns autores judeus permaneciam nas prateleiras, para frustração absoluta dos nazistas. Os jornais alemães publicavam cartas furiosas censurando as instituições que permitiam a influência contínua dos escritores judeus. Os bibliotecários alemães eram forçados a pesquisar cuidadosamente seus acervos e assegurar que cada livro hostil às políticas de Hitler fosse eliminado.

Naquele ano, as políticas nazistas passaram dos livros para as pessoas³⁰. Em 18 de outubro de 1939, Hitler deportou mais de 12 mil judeus poloneses da Alemanha, dos quais somente 4 mil tiveram permissão para ingressar na Polônia, e milhares foram deixados abandonados na fronteira entre a Alemanha e a Polônia. No dia 7 de novembro de 1938, quando Herschel Grynszpan, jovem judeu que vivia na França, soube que sua família estava entre aquelas que padeciam na fronteira sem comida ou abrigo, invadiu a embaixada alemã em Paris e, num acesso de fúria, matou com um tiro Ernst vom Rath, diplomata alemão.

Esse incidente desencadeou uma onda de terrorismo antissemita na Alemanha. Em 9 de novembro, a notícia do assassinato tinha se espalhado, e

violentas demonstrações antijudaicas³¹ irromperam em Berlim. Grupos de jovens percorreram a cidade, quebrando vitrines de lojas com barras de metal e armas de fogo. Lojas foram invadidas, a mercadoria, jogada nas ruas, e os saqueadores avançaram como abutres. O *New York Times* relatou que gangues de jovens alemães, que aparentemente eram funcionários públicos ou membros do Partido Nazista, depredaram lojas e propriedades de judeus, enquanto os espectadores zombavam e riam. Até o fim do dia seguinte³², no mínimo 91 judeus já haviam sido mortos. Em Berlim, quase todas as empresas judaicas foram destruídas. Onze sinagogas foram incendiadas, incontáveis livros de orações e rolos da Torá, destruídos, e milhares de judeus foram presos, enviados para campos de concentração ou induzidos ao suicídio. O dia 9 de novembro de 1939 tornou-se conhecido como a Noite dos Cristais (*Kristallnacht*).

Quando a imprensa estrangeira exigiu respostas e detalhes, Goebbels se adiantou em esclarecer a situação. O *New York Times* relatou que ele “aprovou abertamente³³ a onda de terrorismo, destruição e incêndios que varreu a Alemanha”, e até prometeu que “haveria novas leis antijudaicas, para uma solução ampla do problema judaico, de maneira a equiparar o status dos judeus na Alemanha com o sentimento popular antisemita”. A reação dos alemães ao covarde assassinato em Paris mostrou que “a nação seguiu seus instintos saudáveis”, afirmou Goebbels. Ele confessou sua simpatia com os desordeiros e jurou silenciar toda crítica estrangeira com a ameaça de que os judeus alemães arcariam com as consequências das mentiras e dos exageros publicados no exterior. Quanto às vítimas dos ataques, Goebbels afirmou: “Se eu fosse judeu, ficaria calado. Só há uma coisa que os judeus podem fazer: ficar quietos e não dizer mais nada a respeito da Alemanha.”

A Noite dos Cristais provocou pouca indignação na Alemanha. As políticas de Hitler, iniciadas no final dos anos 1920, prepararam o terreno para a aquiescência daquela perseguição flagrante. Após anos de depreciação das contribuições judaicas para a sociedade e a cultura alemã, os nazistas tinham criado um clima em que a violência contra os judeus era amplamente tolerada.

No entanto, alguns norte-americanos consideraram chocante o deslavado antissemitismo alemão. Os jornais foram inundados³⁴ por cartas de leitores que manifestavam preocupação e incredulidade. Por exemplo, de Saint Paul, em Minnesota, um leitor escreveu: “A extensão e a brutalidade dessa erupção de terrorismo são inacreditáveis”, e o “assassinato de um funcionário obscuro não pode justificar uma retaliação indiscriminada. A represália contra todo um povo

por um crime de um jovem irascível é um retrocesso à barbárie”. Um leitor de São Francisco escreveu uma carta para o *Chronicle* da cidade, assombrado pelo fato de que “um louco pudesse contagiar todo um país de pessoas inteligentes, sensíveis e amáveis com sua loucura fanática”. Em Boston, um leitor do *Herald Tribune* observou que “o aspecto mais nobre da civilização moderna, isto é, o respeito pela vida humana, foi abandonado no momento na Alemanha”, e acrescentou que, embora “os assuntos internos da Alemanha sejam algo que diz respeito apenas aos próprios alemães (...) há certas práticas que são tão revoltantes para a humanidade, tão degradantes para a civilização, tão aviltantes para o espírito humano, que a ausência de protesto contra elas é quase o equivalente a aprová-las”.

Em 1º de setembro de 1939 a Alemanha declarou guerra à Polônia. A Grã-Bretanha e a França foram forçadas por meio de um tratado a declarar guerra contra a Alemanha. No entanto, enquanto as tropas alemãs avançavam em território polonês, a França e a Grã-Bretanha foram invadidas inicialmente não por tanques e bombas, mas por palavras. A guerra psicológica de Hitler abriu caminho para uma rápida sucessão de vitórias alemãs.

A França e a Grã-Bretanha sabiam que seriam atacadas depois da Polônia, mas a França era mais vulnerável, com sua extensa fronteira com a Alemanha. Hitler preparou-se para a batalha infiltrando-se nas transmissões radiofônicas francesas. A Alemanha contratou³⁵ locutores de origem francesa para induzir ouvintes inocentes a sintonizar música popular e programas de rádio divertidos. Muitos deles não se deram conta da propaganda que estava ali, inserida sutilmente. Esses radialistas expressavam preocupação quanto à vantagem do Exército e do poder militar alemão e previam que a França não seria capaz de resistir a um ataque. A dúvida que os programas de rádio de Hitler incutiram nas mentes francesas rapidamente se espalhou. Edmond Taylor, correspondente do *Chicago Tribune* que vivia na França na época, testemunhou a campanha de propaganda intricadamente coreografada de Hitler e como ela desintegrou a determinação francesa. Descrevendo-a como uma “estratégia de terror”, Taylor relatou que a Alemanha gastou enormes quantias em propaganda e até subornou jornais franceses para que publicassem artigos que confirmavam os rumores da superioridade alemã. De acordo com Taylor, a guerra de ideias alemã semeou um sentimento de apreensão “na alma da França, que se espalhou como um câncer monstruoso, devorando todas as outras faculdades emocionais por meio de um medo irracional, que era incontrollável”. A

confiança dos franceses estava tão abalada que algo inofensivo como uma simulação da sirene de ataque aéreo gerou ondas de pânico; a mera insinuação de invasão reforçou a ideia de que a França seria certamente derrotada. Embora o governo francês tenha feito uma tentativa tardia de lançar uma contraofensiva ideológica, divulgando a necessidade de defender a liberdade, ela fora tão eficaz quanto dizer aos cidadãos para se protegerem de um furacão abrindo seus guarda-chuvas. Quando a invasão finalmente ocorreu, a França se rendeu em seis semanas. Destruindo de forma semelhante³⁶ a determinação dos seus inimigos antes de invadi-los, Hitler derrotou a Polônia, a Finlândia, a Dinamarca, a Noruega, a Bélgica, a Holanda e Luxemburgo, além da França, em menos de um ano. Mais de 230 milhões de europeus, outrora livres, caíram sob o jugo nazista.

Depois que a França sucumbiu ao seu destino e rendeu-se à Alemanha, Hitler preparou-se para enviar uma mensagem poderosa ao mundo, mostrando o quão seriamente ele assumiu o papel de vingador da humilhação militar que a Alemanha sofrera na Primeira Guerra Mundial. A derrota francesa foi a oportunidade de exibir o poder do Exército alemão e intimidar outros países, que seriam invadidos no futuro.

Em 17 de junho de 1940³⁷, Hitler reuniu-se com o que restara do governo francês para assinar um armistício formal. Empregando todos os recursos dramáticos para marcar o episódio, Hitler insistiu em recriar a cena da derrota alemã na Primeira Guerra Mundial, a bordo do vagão particular do marechal Ferdinand Foch, na floresta de Compiègne, na França. Por longo tempo, o vagão estivera guardado num museu francês. Sob as ordens de Hitler, foi levado para o local exato em que estivera em 9 de novembro de 1918. Claramente, era a vez de a França ser humilhada. O Führer em pessoa comunicou os termos da capitulação aos oficiais franceses. Após a assinatura do armistício³⁸, Hitler decretou que o vagão de Foch e um monumento dedicado ao triunfo francês na Primeira Guerra Mundial fossem transferidos para Berlim, onde seriam expostos num museu, para marcar a vitória alemã sobre seu inimigo de longa data do outro lado do Reno.

Depois da ocupação de um país³⁹, os alemães tomavam grande cuidado para remodelar os conceitos de cultura, história, literatura, artes plásticas, imprensa e entretenimento daquela nação, numa iniciativa para solidificar e reforçar o poder de Hitler. Frequentemente, as bibliotecas eram o primeiro pilar cultural a ser derrubado. Hitler criou a Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg (ERR) para confiscar os livros e outros objetos de arte nos territórios ocupados. Eram

destinados a uma universidade nazista que seria construída após a guerra. Em contrapartida, os livros indesejáveis eram destruídos. Na Europa Oriental, a ERR destruiu com fogo uma quantidade desconcertante de 375 arquivos, 402 museus, 531 institutos e 957 bibliotecas. Segundo estimativas, os nazistas destruíram metade de todos os livros existentes na Tchecoslováquia e na Polônia e 55 milhões de exemplares na Rússia. Nos países ocupados, as bibliotecas⁴⁰ que permaneceram abertas eram reorganizadas para atender ao programa nazista. As bibliotecas polonesas foram reestruturadas de acordo com a linha de pensamento nacional-socialista mediante um processo de registros de germanização, suplementando as coleções com literatura aprovada pelos nazistas e removendo todos os materiais indesejáveis. Após a derrota da Holanda, livros alemães recém-publicados eram expostos a fim de impressionar o público com as façanhas do país. Quando a França caiu, uma das primeiras medidas alemãs foi publicar a *Liste Bernhard*, que relacionava 140 livros proibidos. Em setembro de 1940, uma lista mais abrangente foi divulgada, com cerca de 1.400 títulos. Em Paris, muitas bibliotecas foram simplesmente fechadas. Ironicamente, a Biblioteca de Livros Queimados, de H. G. Wells,⁴¹ foi cuidadosamente preservada pelos ocupantes nazistas. De acordo com o Dr. Alfred Kantorowicz, secretário-geral da biblioteca, ela foi mantida “fechada a sete chaves”, e, embora fosse “praticamente impossível o uso dos livros por estrangeiros”, os alemães os consultavam como referência. A atenção que Hitler dedicava às bibliotecas ficou tão conhecida que, em toda a Europa Ocidental, os bibliotecários e os curadores adotaram medidas preventivas, transferindo seus bens mais valiosos para cavernas e castelos, a fim de esconder e preservar coleções estimadas.

Quando os jornais norte-americanos relataram os ataques culturais de Hitler, a guerra começou a ser definida como tendo dois fronts ou dimensões. Um jornalista explicou: “Há duas⁴² séries de conflitos ocorrendo simultaneamente: os conflitos verticais, em que os países lutam um contra o outro, e os horizontais, que são ideológicos, políticos, sociais e econômicos.” Outras descrições referiam-se à guerra como algo que envolvia componentes físicos e mentais, e que se travava no campo de batalha e na biblioteca. Independentemente dos termos utilizados, emergiu o entendimento unânime de que a guerra não era travada somente nos campos de batalha: os ideais da nação também estavam sob a mira alemã. Hitler não almejava destruir somente exércitos, mas também a democracia e a liberdade de pensamento. Esse novo tipo de luta foi denominado “guerra total”.

Embora os norte-americanos se consolassem com o fato de estarem distantes fisicamente do Exército alemão, logo ficou evidente que as ideias de Hitler tinham longo alcance. Da mesma forma que invadiram a França com transmissões radiofônicas antes de enviar os soldados, a Alemanha recorreu ao rádio para conquistar as mentes norte-americanas muito antes que houvesse qualquer indício de envolvimento dos Estados Unidos na guerra. Em geral, nas décadas de 1930 e 1940, os aparelhos de rádio tinham bandas de ondas curtas para sintonia internacional. Todos os dias, durante dezoito horas,⁴³ a Alemanha (com a ajuda do Japão) transmitia programas que chegavam até a América do Norte; a guerra de ideias contra os Estados Unidos havia começado. Se os Estados Unidos pudessem ser debilitados de maneira tão eficiente quanto a França, a Alemanha seria capaz de derrotá-los com pouquíssima luta.

Para tornar sua propaganda mais palatável aos norte-americanos, os alemães contrataram expatriados norte-americanos⁴⁴ como locutores, pois seu sotaque poderia ocultar sua lealdade. Em troca de benefícios como cupons de racionamento, que só eram distribuídos para cidadãos alemães, e proteção numa Alemanha cada vez mais volátil, diversos norte-americanos ingressaram na Reichsradio. Frederick William Kaltenbach, nascido em Iowa, e Edward Leo Delaney, de Illinois, estavam entre os primeiros radialistas norte-americanos. Tempos depois, a Reichsradio recorreu à infame Mildred Gillars, mais conhecida como Axis Sally, para veicular alguns de seus maiores golpes propagandísticos.

No entanto, a campanha teve pouco efeito. De imediato, a mídia norte-americana revelou o que estava por trás dos programas de rádio produzidos pelos alemães. O *New York Times* relatou que os programas alemães⁴⁵ eram criados com inteligência, copiando o formato dos programas típicos norte-americanos: notícias, música e esquetes. No entanto, enquanto as estações de rádio domésticas incluíam anúncios de sabonetes e cereais, o *New York Times* advertia que a Alemanha estava determinada a vender um ponto de vista.

Além de desafiar a campanha de propaganda, alguns norte-americanos discutiram a possibilidade de contra-atacar. A rápida vitória sobre os franceses era uma mostra da eficácia da campanha radiofônica alemã. A American Library Association (ALA) foi uma das vozes mais estridentes a abordar essa questão. Os bibliotecários se sentiam no dever moral de impedir que Hitler fosse bem-sucedido em sua guerra de ideias contra os Estados Unidos. Eles não tinham a intenção de expurgar suas estantes nem de ver a queima de seus livros, e não iriam esperar até que a guerra fosse declarada para agir. Como

uma publicação da ALA observou, em janeiro de 1941, o objetivo de Hitler era “a destruição de⁴⁶ ideias, mesmo naqueles países não envolvidos em combate militar”.

Entre o final de 1940 e o começo de 1941, os bibliotecários discutiram como proteger as mentes norte-americanas dos ataques amorfos alemães contra as ideias. O bibliocausto europeu causara grande preocupação. Concluíram que a melhor arma e armadura era o próprio livro. Ao estimular os norte-americanos a ler, a propaganda radiofônica alemã seria diluída e a queima de livros significaria um contraste marcante. Enquanto Hitler procurava fortalecer o fascismo destruindo a palavra escrita, os bibliotecários encorajavam os norte-americanos a lerem mais. De acordo com um bibliotecário⁴⁷, se *Mein Kampf*, de Hitler, era capaz de “incitar milhões de pessoas a lutar em favor da intolerância, da opressão e do ódio, outros livros não poderiam ser encontrados para incitar outros milhões de pessoas a lutar contra aquilo?”

Na noite de 10 de maio de 1933, em Berlim, em um discurso, Goebbels afirmou que, das cinzas dos livros que ardiam diante dele, “renasceria vitoriosamente⁴⁸ a fênix de um novo espírito”. Conforme Goebbels proferia essas palavras, ele via o nacionalismo, o fascismo e o nazismo alemão emanando dos restos dos livros.

Dez anos depois desse discurso, das cinzas quentes renasceu uma renovada dedicação à democracia e à liberdade. Dos restos daqueles livros enegrecidos e consumidos pelas chamas ascendeu um espírito dedicado à difusão de ideias, incluindo aquelas contidas nos livros que haviam sido destruídos. Em pouco tempo, graças aos bibliotecários norte-americanos, pilhas muito altas de livros se ergueriam nas bibliotecas, lojas de departamento, escolas e cinemas, não para serem queimados, mas sim doados aos soldados norte-americanos. Editoras concorrentes se uniriam, utilizando seus recursos e suas competências para editar para os soldados norte-americanos dezenas de milhões de livros sobre todos os assuntos e pontos de vista. Das cinzas, os livros renasceriam e floresceriam.

¹ “A senhora sempre ficava”: Carta de D. C. para a “Sra. Jones”, 20 de maio de 1944, Council on Books in Wartime Records, 1942–1947, Coll. No. MC038, 20th Century Public Policy Papers, Seeley G. Mudd Manuscript Library, Department of Rare Books and Special Collections, Princeton University Library (doravante, Council Records).

² “Tomar o café da manhã”: Carta de “algum lugar nas Filipinas”, 2 de fevereiro de 1945, Council Records.

- [3](#) “*Maldita Infanteria*”: Ernie Pyle, *Here Is Your War* (Nova York: Pocket Books, 1944), 255.
- [4](#) *patos numa barraca*: James J. Fahey, *Pacific War Diary* (Nova York: Zebra Books, 1963), 63.
- [5](#) “*sem uniforme*”: Carta de B. T. C., 17 de outubro de 1944, Council Records.
- [6](#) “*jogar um livro*”: Carta de “Sidney” de “algum lugar no mar” (sem data), Council Records.
- [7](#) *nem mesmo a chuva fina*: Frederick T. Birchall, “Nazi Book-Burning Fails to Stir Berlin”, *New York Times*, 11 de maio de 1933.
- [8](#) “*o judeu, que é poderoso*”: Ibid.
- [9](#) *Goebbels supervisionava*: A. J. Ryder, *Twentieth-Century Germany: From Bismarck to Brandt* (New York: Columbia University Press, 1973), 357–58.
- [10](#) “*intelectualismo judeu*”: Birchall, “Nazi Book-Burning Fails to Stir Berlin”.
- [11](#) *93 outras*: Jan-Pieter Barbian, *The Politics of Literature in Nazi Germany: Books in the Media Dictatorship*, trans. Kate Sturge (New York: Bloomsbury Academic, 2013), 23–25.
- [12](#) *100 volumes pesados*: “100 Volumes Burned in Munich”, *New York Times*, 11 de maio de 1933.
- [13](#) “*ver o fogo*”: “Bibliocaust,” *Time*, 22 de maio de 1933.
- [14](#) “*realmente limpa*”: Jonathan Rose, ed., *The Holocaust and the Book: Destruction and Preservation* (Amherst: University of Massachusetts Press, 2001), 17.
- [15](#) *entre os autores*: Writers’ War Board List of Banned Authors, Council Records.
- [16](#) “*a história não lhes ensinou*”: “Helen Keller Warns Germany’s Students; Says Burning of Books Cannot Kill Ideas”, *New York Times*, 10 de maio de 1933.
- [17](#) “*livros mais nobres editados*”: “Nazis Pile Books for Bonfires Today”, *New York Times*, 10 de maio de 1933.
- [18](#) “*jamais destruíram um livro*”: “H. G. Wells Scores Nazis as ‘Louts’”, *New York Times*, 22 de setembro de 1933.
- [19](#) *Biblioteca dos Livros Queimados*: “Paris Library for Banned Books Opens on First Anniversary of Nazi Bonfire”, *New York Times*, 11 de maio de 1934.
- [20](#) *glória importante*: “Enlightenment”, *New York Times*, 30 de abril de 1933.
- [21](#) “*aquela exibição*”: “Book-Burning Day”, *New York Times*, 11 de maio de 1933.
- [22](#) “*Bibliocausto*”: *Time*, 22 de maio de 1933.
- [23](#) *leitura imposta pelo Estado*: Abraham Foxman, introduction to *Mein Kampf*, trans. Ralph Manheim (Boston: Houghton Mifflin, 1999), XXI.

- [24](#) *O envolvimento do Führer*: Abraham Foxman, introduction to *Mein Kampf*, trans. Ralph Manheim (Boston: Houghton Mifflin, 1999), XXI.
- [25](#) “*tudo que concerne*”: “Nazis Pile Books for Bonfires”, *New York Times*.
- [26](#) *as demissões alcançaram*: Ryder, *Twentieth-Century Germany*, 364.
- [27](#) *explorou o rádio*: Kasher, “The Art of Hitler”.
- [28](#) *detinha grande poder*: Richard Lucas, *Axis Sally: The American Voice of Nazi Germany* (Philadelphia: Casemate, 2010), 46.
- [29](#) *proibido dezoito categorias*: Christopher P. Loss, “Reading Between Enemy Lines: Armed Services Editions and World War II”, *Journal of Military History* 67, no. 3 (July 2003), 817.
- [30](#) *livros para as pessoas*: Lucas, *Axis Sally*, 53.
- [31](#) *violentas demonstrações antijudaicas*: “Berlin Raids Reply to Death of Envoy”, *New York Times*, 10 de novembro de 1938.
- [32](#) *Até o fim do dia seguinte*: Otto D. Tolischus, “Nazis Defend Wave of Terror”, *New York Times*, 12 de novembro de 1938; Lucas, *Axis Sally*, 53.
- [33](#) “*aprovou abertamente*”: Tolischus, “Nazis Defend Wave of Terror”.
- [34](#) *Os jornais foram inundados*: “American Press Comment on Nazi Riots”, *New York Times*, 12 de novembro de 1938.
- [35](#) *A Alemanha contratou*: Edmund Taylor, *The Strategy of Terror* (Boston: Houghton Mifflin, 1940), 70, 45.
- [36](#) *Destruindo de forma semelhante*: Lisa Sergio, “The Importance of Interpreting America”, *American Library Association Bulletin* 35, no. 9 (October 1941), 486.
- [37](#) *Em 17 de junho de 1940*: Guido Enderis, “Ceremony Is Brief”, *New York Times*, 22 de junho de 1940.
- [38](#) *Após a assinatura do armistício*: “Berlin to Receive the Armistice Car”, *New York Times*, 22 de junho de 1940.
- [39](#) *Depois da ocupação de um país*: Loss, “Reading Between Enemy Lines”, 818.
- [40](#) *Nos países ocupados, as bibliotecas*: Flora B. Ludington, “Books and the Sword – Symbols of Our Time”, *American Library Association Bulletin* 37, no. 5 (May 1943), 151.
- [41](#) *Biblioteca de Livros Queimados, de H. G. Wells*: “Events Connected with the Burning of the Books”, 3, Council Records.
- [42](#) “*Há duas*”: Raoul de Roussy de Sales, *The Making of Tomorrow* (Nova York: Reynal & Hitchcock, 1942), 1.
- [43](#) *durante dezoito horas*: Cabell Phillips, “War of the Air Waves”, *New York Times*, 28 de dezembro de

1941.

[44](#) *expatriados norte-americanos*: Lucas, *Axis Sally*, 58.

[45](#) *programas alemães*: Phillips, “War of the Air Waves”.

[46](#) “*a destruição de*”: “National Defense and the Library”, *American Library Association Bulletin* 35, no. 1 (January 1941), 5.

[47](#) *De acordo com um bibliotecário*: Emily Miller Danton, “Victory Begins at Home”, *American Library Association Bulletin* 36, no. 9 (September 1941), 535.

[48](#) “*renasceria vitoriosamente*”: Alfred Kantorowicz, “The Burned Books Still Live”, *New York Times*, 7 de maio de 1944.

CAPÍTULO 2

Oitenta e cinco dólares em roupas, mas sem pijamas

Em todas as fases⁴⁹ da administração, do treinamento e da operação, faça todo o esforço para manter seus homens informados. Nada irrita mais o soldado norte-americano que ficar às cegas em relação ao motivo das coisas.

– MANUAL DE CAMPO BÁSICO DO EXÉRCITO

EM 1939 E 1940, com a expansão da guerra pela Europa, a maioria dos norte-americanos era contra o envolvimento do país. Em junho de 1940, uma pesquisa de opinião que havia sido recentemente criada pelo Instituto Gallup⁵⁰ revelou que apenas 7% dos norte-americanos eram a favor de uma declaração de guerra imediata contra a Alemanha. No entanto, muitos entendiam que os Estados Unidos talvez não tivessem escolha. No mesmo mês, o *New York Times*, junto com diversos outros jornais importantes, endossou a posição impopular de que os Estados Unidos precisavam adotar imediatamente um sistema nacional de treinamento militar obrigatório. O *Times* explicou:

Nesse momento, o Exército mecanizado mais poderoso⁵¹ que o mundo já viu está atacando Paris. Devemos considerar de modo realista as consequências dessa vitória militar. Para não sermos pegos desprevenidamente, devemos encarar com toda a franqueza o pior que pode acontecer. E o pior é a França derrotada e eliminada da guerra; a Inglaterra sem condições de se defender em 1940 devido à perda de seus suprimentos nos Flandres; Hitler se tornando o senhor de toda a Europa, de posse da frota britânica ou dos estaleiros que são muito maiores que os nossos, na Alemanha, na Noruega, na Bélgica, na Grã-Bretanha e na Holanda.

Hitler havia se declarado inimigo da democracia, e os Estados Unidos eram uma das maiores, mais ricas e mais frágeis, dizia o artigo. Além disso, não era segredo que “toda a estratégia de Hitler era atacar antes que os inimigos estivessem preparados”.

Hitler não escondia que considerava os Estados Unidos um inimigo ou que esperava que o seu Exército enfrentasse o norte-americano. Em dezembro de

1940, num discurso proferido numa fábrica de armas antiaéreas, em Berlim, Hitler considerou os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França como “os ricos”, e a Alemanha, como “o pobre” ameaçado. No entanto, ele não estava motivado simplesmente pela vingança da derrota alemã na Primeira Guerra Mundial. Hitler tinha uma visão: “Dois mundos⁵² estão em conflito, duas filosofias de vida”, e “um desses mundos deve ruir”, afirmou. De fato, com um contingente de apenas 174 mil homens (em 1939), os Estados Unidos eram vulneráveis. Popular ou não, o serviço militar obrigatório era necessário. No verão de 1940, enquanto o Congresso elaborava a legislação, o presidente Franklin D. Roosevelt lembrava⁵³ ao país repetidas vezes que o serviço militar obrigatório, independentemente de quão odiado, era fundamental para a defesa do país.

Em setembro de 1940, o Congresso aprovou a Lei de Treinamento e Serviço Seletivo. De acordo com essa lei,⁵⁴ cerca de 16,5 milhões de homens entre 21 e 35 anos eram obrigados a se alistar para o serviço militar (emendas posteriores estenderam a faixa etária para 18 a 50 anos). Em 16 de outubro de 1940, irmãos, maridos, filhos, namorados, tios, amigos e vizinhos compareceram em massa aos centros de alistamento que haviam sido abertos em todos os Estados Unidos. Embora houvesse a preocupação de que um contingente de isolacionistas e pacifistas pudesse ameaçar o processo, o dia transcorreu surpreendentemente sem percalços. Em Nova York,⁵⁵ onde 991 mil homens se alistaram, ocorreram somente duas prisões: uma, após dois homens brigarem para se inscrever primeiro, e a outra envolveu um homem que passara diversas horas num bar se preparando para o alistamento. A eleição presidencial se realizaria em menos de uma semana, e alguns acharam que o momento do alistamento impediria a vitória de Roosevelt, mas isso não aconteceu. Não só Roosevelt tomou providências sem precedentes para conduzir o primeiro alistamento em tempos de paz da história norte-americana, como uma semana depois de fazê-lo conquistou um inédito terceiro mandato como presidente.

Para acomodar centenas de milhares de civis convocados para o serviço militar, o Exército norte-americano planejou construir e suprir 46 novos campos de treinamento. No entanto, como os fundos federais só foram aprovados no outono de 1940, o Exército ficou na situação singular de ter de recrutar homens e treiná-los e, ao mesmo tempo, adquirir suprimentos básicos e construir os acampamentos para seu treinamento. A dimensão do trabalho era monumental. Como um historiador observou, “eram necessários limpeza do terreno⁵⁶, nivelamento das colinas, retirada das árvores, pavimentação das

estradas e implantação de sistemas de drenagem antes que a construção de alojamentos, lavanderias, moradias dos oficiais e estandes de tiro pudesse começar”. Estimou-se que a construção dos acampamentos exigiria 400 mil operários, 908 mil galões de tinta, 3.500 carregamentos de pregos e quase um milhão de metros quadrados de placas de gesso para as paredes.

O fato de o recrutamento ter se realizado anteriormente à⁵⁷ construção dos acampamentos foi desastroso para o moral do pessoal. Os primeiros homens que chegaram aos novos acampamentos quase não conseguiam acreditar no grau de despreparo dos militares. Eles foram recebidos por grandes extensões de terras ermas. Embora os operários construíssem febrilmente alojamentos aquecidos, em diversos campos os abrigos eram inadequados, o que era especialmente penoso durante o período mais frio do ano. Barracas preparadas para o inverno eram fornecidas antes da conclusão dos alojamentos, para seis ou mais alistados. Todas as noites, cercados por estranhos, os homens enfrentavam um frio entorpecente e adormeciam com o uivo do vento. A saudade de casa era avassaladora.

Não só os novos acampamentos eram deficientes. As instalações construídas durante a Primeira Guerra Mundial também se revelaram inadequadas. Um homem designado para Fort McClellan, no Alabama (que fora usado como campo de treinamento da infantaria em 1917), descreveu o lugar como um “buraco⁵⁸ do inferno”, “sujo, fedorento [e] lamacento”. Tudo no acampamento era improvisado e inacabado. Inicialmente, todos dormiam em barracas de 5 por 5 metros, que abrigavam de 6 a 8 homens. Cada grupo era aquecido por um pequeno braseiro, cujas fagulhas, muitas vezes, queimavam o material da barraca, abrindo buracos, e pequenos incêndios tinham de ser apagados constantemente. Embora as estradas ao redor do campo fossem generosamente descritas como “limpas”, na realidade eram atulhadas de pedaços de troncos de árvores, que os soldados em treinamento eram ordenados a remover. Existiam muitos outros trabalhos sujos. “Você vai arrastar carvão⁵⁹ e cinzas. Você vai desempacotar rifles enterrados em graxa espessa e limpar essa graxa. Você vai manter o fogo aceso, esfregar o chão e polir as janelas”, descreveu o sargento Marion Hargrove em seu famoso relato sobre a vida militar. Havia ocasiões em que “eles se perguntavam se haviam sido tirados da vida civil para aquilo” e “ficavam totalmente desgostosos com seu novo trabalho”, acrescentou ele.

Além das construções e instalações, os acampamentos careciam até dos suprimentos mais básicos. Depois que um homem chegava ao seu campo de treinamento, era natural que lhe fornecessem uma montanha de roupas para sua

nova vida militar. O intendente do Exército planejava fornecer aos soldados de infantaria “um uniforme de campo⁶⁰, com capacete de aço, camisa, calça, perneiras, sapatos, cuecas e, dependendo do clima, capa de chuva ou casaco e sobretudo; um bernal para o kit de refeição; copo e cantil; estojo de primeiros socorros; mochila contendo cobertor, barraca de abrigo, estacas, alfinetes, artigos de banho e máscara contra gases; pá para cavar trincheiras; mantimentos de reserva; arma e munição”. Como uma revista satirizou, os homens recebiam “cerca de 85 dólares em roupas, mas sem pijamas”. Na realidade, o primeiro grupo de recrutas sentia falta de muitas coisas além de pijamas. Como o intendente ainda não tinha conseguido os uniformes militares cáqui, os homens eram obrigados a usar os odiados uniformes de lã da Primeira Guerra Mundial.

Muitos acampamentos também careciam de munição, armas e equipamentos para exercícios militares. Os homens se sentiam tolos quando eram forçados a imaginar que um cabo de vassoura⁶¹ apoiado sobre um cavalete representava um canhão antiaéreo. Em Fort McClellan⁶², os caminhões rodavam com placas que indicavam que eram tanques, e toras de madeira eram utilizadas como espaços reservados para a artilharia. Até o general Dwight D. Eisenhower registrou em sua autobiografia, *Crusade in Europe*, que os “soldados carregavam réplicas de madeira⁶³ de morteiros e metralhadoras e só eram capazes de conhecer algumas novas armas através de desenhos”. O uso dessas armas imaginárias “acrescentava pouco ao *espírito* dos novos soldados de infantaria”, admitiu ele.

Além da realidade desmoralizante da precariedade dos campos de treinamento, os recrutas sofriam dificuldades emocionais para se adaptar ao regime da vida militar. Às seis da manhã⁶⁴, ainda no escuro, os homens acordavam e passavam horas aprendendo a marchar e manobrar em temperaturas baixíssimas. Quando munição e armas estavam disponíveis para os exercícios, o Exército se esforçava para simular condições de batalha. Os homens rastejavam⁶⁵ sob arame farpado e, ao mesmo tempo, balas reais passavam zunindo alguns centímetros acima da cabeça deles. O som de granadas, tiros e explosões tomava conta do ar, enquanto falsos soldados inimigos eram derrubados das árvores. Os homens passavam horas adicionais em salas de aula assistindo a filmes, lendo mapas, analisando maquetes e estudando o funcionamento dos equipamentos e sua utilização mais eficiente. Frequentemente, eram testados e avaliados, e os alunos reprovados eram transferidos para outros cursos ou treinamentos. A pressão para um bom

desempenho era constante. Notas mais altas significavam promoção, aumento de soldo e um status elevado. A maioria dos homens fazia qualquer coisa para evitar a desgraça de não ser promovido por falta de sucesso acadêmico. O treinamento militar demonstrou ser exaustivo tanto física quanto mentalmente.

A transição da vida civil para a militar não se dava facilmente para a grande maioria daqueles que frequentavam os campos de treinamento no início dos anos 1940. Embora jornais e revistas romantizassem a experiência, na realidade muitos homens se sentiam completamente infelizes e lutavam contra o isolamento e a melancolia.

No final de cada dia, a maioria dos homens sonhava em estar só e fugir. No entanto, a não ser por licença ou permissão, era impossível escapar. O único lugar onde um recruta podia passar as horas de folga num campo de treinamento inacabado era sua barraca. Não havia oportunidade para os homens desfrutarem de uma pequena pausa em seu serviço militar. Eles se viam cercados por outros deles mesmo nas horas livres, e isso era especialmente difícil para aqueles que eram recrutados. Exercitando-se em padrões de uniformidade e similaridade, os ex-civis não poderiam prever como se sentiriam desorientados ao perder o acesso aos seus passatempos e interesses. Eles estranhavam as ordens de quando acordar, de como se vestir, do que comer (e quando comer), da cadência de marcha militar a seguir, e de quando ir dormir. Privacidade e individualidade eram luxos de civis, e não de soldados. Toda essa situação era igual na Marinha. “Na Marinha, você descobria que⁶⁶ seus dias de privacidade tinham terminado e você só os teria de novo quando voltasse para a vida civil”, relatou James J. Fahey em sua autobiografia sobre a vida na Marinha. “Ao comer, dormir, tomar banho etc., você sempre era parte da multidão. Você jamais estava sozinho.”

Apesar dos limitados recursos disponíveis, a música (principalmente o canto) e o atletismo proporcionavam alguma diversão. No entanto, essas atividades eram as menos populares nos acampamentos mais estabelecidos. De acordo com um estudo, quando tinham oportunidade, a maioria dos homens preferia⁶⁷ passar o tempo livre realizando atividades relativamente independentes, como escrever cartas, ler revistas e livros, ver filmes ou ouvir rádio. Apenas 16% preferiam passar as horas de folga praticando esportes, e 5% cantando. Geralmente, os homens queriam fugir: dos campos de treinamento, dos estranhos com quem conviviam, e da possibilidade de serem mandados para a guerra.

Os comandantes militares sabiam que seria impossível realizar um

treinamento eficaz se o moral e a qualidade de vida do campo não fossem melhorados. As comparações entre os campos de treinamento estabelecidos e aqueles em construção revelavam uma diferença descomunal de atitude e empenho em relação ao exercício. Essa disparidade era atribuída, pelo menos em parte, à disponibilidade de entretenimento. Em Fort Benning, na Geórgia⁶⁸, a satisfação com a vida militar era geralmente alta. Quando fora de serviço, os homens tinham à disposição mesas de bilhar, baralho e jogos, instrumentos musicais, biblioteca com livros e revistas e um cinema com capacidade para duzentos espectadores. Embora o regime de treinamento fosse o mesmo, em Fort Benning os homens se adaptaram à vida militar com mais facilidade. Eles podiam realmente relaxar após as sessões diárias de treinamento e experimentar uma fuga temporária do serviço. O Departamento de Guerra concluiu que lazer e entretenimento eram fundamentais.

No entanto, o Exército enfrentava dificuldades para assegurar os suprimentos básicos. Não era possível construir e equipar imediatamente salas de cinema e ginásios esportivos quando os homens não tinham nem sequer alojamentos para morar ou armas para usar. O Exército precisava de recreação simples, popular e barata. Precisava de livros.

A Segunda Guerra Mundial não seria a primeira ocasião em que o Exército e a Marinha acolheram de bom grado livros em suas fileiras. No entanto, em nenhuma outra guerra – antes ou desde então – o ritmo de distribuição de livros para as Forças Armadas norte-americanas se aproximou do existente na Segunda Guerra.

A Guerra de Secessão foi o primeiro conflito norte-americano que assistiu ao surgimento de livros nas linhas de frente. Organizações voluntárias coletavam livros usados e algumas instituições religiosas até publicavam seus próprios títulos, como *Soldier's pocket-book*, livro em miniatura de salmos, hinos religiosos e orações que a Igreja Presbiteriana acreditava ser mais gratificante que a “leitura leve e pecaminosa”.⁶⁹ Embora a distribuição fosse aleatória, e a seleção dos títulos, limitada, os livros que chegaram aos campos de batalha eram bastante apreciados. Veterano da Guerra de Secessão, Homer Sprague sustentou, mais de cinquenta anos após o fim da guerra: “Os soldados no campo de batalha⁷⁰ sentiam fome e sede de material impresso.” No entanto, sem nenhum apoio significativo do Departamento de Guerra para a distribuição dos livros, a principal força que definia se um homem receberia algum material de leitura era a sorte.

Na Primeira Guerra Mundial houve grande melhora nos serviços relativos aos livros para as Forças Armadas norte-americanas. Diversas organizações civis⁷¹ – a Cruz Vermelha, a Associação Cristã de Moços e a Associação Cristã de Moças, os Cavaleiros de Colombo, a Previdência Judaica, o Exército da Salvação, a Associação de Bibliotecas Americanas (ALA), entre outras – assumiram a tarefa de encaminhar os livros doados para os soldados nos campos de treinamento. Milhões de exemplares foram coletados. O trabalho realizado por essas organizações foi enaltecido em todos os setores, sobretudo por aqueles que eram beneficiados. Thomas Marshall Spaulding, major do Exército, afirmou que os livros “faziam a vida valer a pena⁷² para os nossos soldados e para os soldados de outros países que combatiam ao lado dos nossos”, e inspiravam “aquele espírito impressionante das tropas norte-americanas”. Mesmo cansadas, desanimadas e exauridas, as unidades de combate emergiam com vitalidade renovada após um período de afastamento com os livros. Embora os homens fossem treinados para matar e estivessem sujeitos a brutalidades indescritíveis nas linhas de frente, a presença de livros parecia confirmar que “os membros do nosso Exército ainda são seres humanos”, conforme afirmou o major Spaulding.

Depois da Primeira Guerra Mundial⁷³, o Departamento de Guerra decidiu tornar os livros um artigo de primeira necessidade nos campos de treinamento. Em 1921, o departamento criou o Army Library Service [Serviço de Biblioteca do Exército], responsável pela manutenção das 228 bibliotecas então existentes em instalações militares. De acordo com o coronel Edward Munson, chefe do Departamento do Moral do Exército na época, os livros eram considerados não só “um meio valioso⁷⁴ de recreação e um agente fundamental de educação e instrução”, mas também um “canal para a melhora do caráter e do comportamento”. A guerra era “mais um choque de vontades do que de armas”, afirmou ele, e os livros permitiam aos soldados fortalecer suas mentes.



Até mesmo o general Dwight D. Eisenhower lia westerns para relaxar durante a guerra. Na véspera da batalha na Normandia, ele se assegurou de que os norte-americanos nas áreas de triagem na Inglaterra tivessem livros para ocupar suas mentes.



Um americano lê um exemplar da Armed Services Editions no que restava de seu acampamento na Nova Guiné. Cercado por água, ele apoiou uma maca sobre palafitas, usou uma caixa de madeira como travesseiro e de fato conseguiu se acomodar para a leitura.

Embora tenha surgido com a mais nobre das intenções, o Army Library Service logo feneceu. Como o país⁷⁵ já não estava em guerra, os recursos financeiros para a manutenção de cada coleção de biblioteca foram progressivamente cortados ano após ano, e a aquisição de novos títulos tornou-se impossível. Com o enxugamento das Forças Armadas, as bibliotecas estaduais tiveram permissão de recolher os títulos mais populares das bibliotecas do Exército para uso de um público mais amplo. Em consequência, em 1940, quando se iniciou o recrutamento para a Segunda Guerra Mundial, as bibliotecas do Exército existentes careciam de títulos realmente desejáveis. Os livros didáticos antigos eram praticamente inúteis, e os best-sellers modernos, inexistentes. E, de modo geral, os novos campos de treinamento eram desprovidos de livros e bibliotecas. Diante de uma crise moral, de uma necessidade de educar os recrutas sobre o porquê de estarem em treinamento, e de uma carência de livros didáticos modernos que permitissem que os mais

ambiciosos estudassem e melhorassem sua patente, o Exército priorizou a modernização de seus acervos de livros.

A partir do final de 1940, o Exército começou a planejar adquirir dezenas de milhares de livros e construir instalações recreativas, incluindo bibliotecas, em todos os campos de treinamento. Os projetos iniciais previam uma quantidade limitada de livros e bibliotecas pequenas (com capacidade para somente 24 homens). Mas graças à visão de um determinado homem essas ideias desprezíveis nunca saíram do papel.

Aos 34 anos, Raymond L. Trautman⁷⁶, primeiro-tenente da reserva e graduado em biblioteconomia, foi selecionado para se tornar chefe da seção de bibliotecas do Exército norte-americano. Antes de se formar na Universidade de Columbia, em 1940, Trautman tinha administrado diversas livrarias e conhecido o lado comercial do negócio dos livros. Além disso, passou cinco anos trabalhando com o Civilian Conservation Corps, um programa dirigido em conjunto pelo Exército e pelo Departamento do Interior. A rara combinação entre *know-how* militar e competência no ramo editorial fez de Trautman o candidato ideal para comandar a Seção de Biblioteca do Exército norte-americano. Sempre que surgiam obstáculos ou ameaças à quantidade e à qualidade dos livros destinados ao Exército, Trautman lutava por seus homens e tomava as medidas necessárias para assegurar que eles receberiam os livros que queriam. Graças à orientação e à absoluta determinação de Trautman, mais livros foram fornecidos aos soldados durante a Segunda Guerra Mundial do que o Departamento do Moral tinha previsto em 1940.

O objetivo inicial estabelecido pelo Departamento de Guerra era comprar um livro para cada homem alistado. Na realidade, a quantidade de livros que as unidades do Exército e campos de treinamento receberam não chegou a essa marca. Em 1941, unidades grandes, de cinco mil homens ou mais, eram contempladas com um orçamento generoso para livros, mas as pequenas, de menos de mil homens, ficavam totalmente sem fundos. Essa falha era inaceitável para Trautman. Nos campos de treinamento com bibliotecas bem abastecidas, as primeiras avaliações a respeito do uso dos livros revelaram índices de circulação tão espantosos que era um milagre que as publicações não perdessem⁷⁷ todas as páginas. Trautman sabia o que precisava fazer. Ele tinha de comprar milhões de livros para dezenas de campos. No entanto, carecia de recursos financeiros.

Conforme circulava a notícia a respeito do moral em queda e das estantes de

livro vazias dos acampamentos, os bibliotecários conhecidos de Trautman vieram em seu socorro. Sentindo a obrigação moral e profissional de intervir, os bibliotecários se ofereceram para abrir postos de doação de livros para os campos de treinamento próximos. De acordo com um diretor de publicidade da campanha de doação de livros de 1941 da New York Library Association: “Os livros estão disponíveis⁷⁸ para uma quantidade surpreendentemente pequena de homens no serviço. Os bibliotecários do Estado consideram que, quando há tempo e inclinação para a leitura, deve haver livros para ler, e, assim, eles estão decididos a consegui-los.” As campanhas se espalharam rapidamente pelos Estados Unidos e a recepção foi vigorosa. Os bibliotecários pediram livros de leitura agradável: ficção, histórias em quadrinhos, livros de humor e contos, e também didáticos e obras técnicas. Os jornais locais divulgavam as campanhas de doação e ajudavam a difundir a mensagem de que os livros eram importantes para o apoio moral nos campos de treinamento. Dezenas de milhares de livros foram coletados em pouco tempo.

A ALA notou as inúmeras e bem-sucedidas campanhas locais de doação de livros. Se milhares de livros podiam ser coletados por um único bibliotecário, quantos milhões poderiam ser recolhidos se os bibliotecários de todo o país se juntassem em uma única campanha? Em 1941, em seu encontro anual,⁷⁹ a ALA revelou que estudava a possibilidade de patrocinar uma campanha nacional de doação de livros. Diversas vozes se manifestaram em apoio à ideia, e inúmeros conselhos foram dados por bibliotecários experientes que tinham empreendido campanhas de doação de livros durante a Primeira Guerra Mundial ou patrocinado campanhas recentes. Convencida pela⁸⁰ incrível manifestação de apoio, a ALA enviou Carl Milam, seu secretário executivo, para Washington, onde ele se encontrou com oficiais do Exército e da Marinha e com Charles Taft, coordenador assistente do Escritório de Saúde, Bem-Estar e Atividades Relativas à Defesa. (Charles era filho do ex-presidente dos EUA William Howard Taft). Taft, que mais tarde se revelaria tanto o defensor principal como um grande empecilho, recebeu bem a ideia de uma campanha nacional, mas foi o tenente-coronel Trautman que selou a aprovação do governo. Apesar dos planos do Exército de comprar livros para todo o contingente, Trautman admitiu que as unidades do Exército de menos de 5 mil homens não tinham recursos financeiros para aquisição de material de leitura e que, se alguns soldados precisassem de livros, teriam de ser fornecidos por uma campanha de doação. No final desse encontro, a ALA recebeu a aprovação do governo federal para lançar uma campanha nacional.

Em poucos meses, o projeto⁸¹ estava elaborado. Com a United Service Organizations (USO) e a Cruz Vermelha norte-americana doando 50 mil dólares cada uma, para cobrir os custos, a Campanha Nacional de Defesa do Livro (NDBC), da ALA, pretendia coletar até 10 milhões de exemplares em 1942. Um escritório no Empire State Building foi emprestado pela USO para sediar a campanha, e a ALA contratou Althea Warren, considerada a “número 1 no mundo⁸² das bibliotecárias”, para comandar a campanha durante um período de quatro meses, o tempo máximo de licença que ela poderia tirar do seu cargo na Biblioteca Pública de Los Angeles. Warren se mostrou a candidata perfeita para o trabalho. De fato, ela dedicou tanto tempo e energia para promover a campanha que as amigas mais próximas referiam-se à operação como “a filha de Warren”.

A personalidade, a ética de trabalho e a experiência profissional de Warren a prepararam para o trabalho desafiador de comandar a NDBC. Depois de obter o diploma de bibliotecária, Warren conseguiu emprego na biblioteca da filial da Sears, Roebuck & Co., de Chicago. Criada para a educação e a satisfação dos funcionários da loja de departamento, essa biblioteca se tornou frenética e muito procurada. “Antes da abertura⁸³, na hora do almoço e na hora do fechamento, eu ficava no meio de uma multidão e aprendi a entregar tão rápido quanto um bilheteiro o livro que mais combinava com cada um”, recordou Warren. “‘Me arrume um livro parecido com *The shuttle!*’ ‘Quero novos adjetivos para descrever cores no catálogo da primavera’. ‘O químico-chefe do laboratório de testes gostaria de um folheto do governo de autoria do doutor Wiley’”, as pessoas gritavam, mais alto que o burburinho da sala. Ela era constantemente solicitada a dar conselhos e fazer avaliações, e nunca decepcionava. Num episódio memorável, Warren recebeu um bilhete de uma mulher do Departamento de Contabilidade pelo cano do sistema de transporte pneumático da biblioteca que ligava a biblioteca e a loja. “Está muito parado aqui nesse dia chuvoso”, queixou-se a contadora. “Por favor, envie-me um desses romances que você tem retirado de circulação como impróprios para uma dama ler.” Warren atendeu o pedido dela e, no dia seguinte, ficou surpresa de receber o livro de volta, discretamente embrulhado, com o recado: “Deus a abençoe! Você tinha toda a razão. Não é adequado para ninguém ler. Por favor, envie outro igualzinho a esse.”

Tempos depois, Warren se mudou⁸⁴ para a Califórnia e chegou ao cargo de bibliotecária-chefe da Biblioteca Pública de Los Angeles. Os colegas ficaram

impressionados com a magia que ela trouxera ao trabalho. O espírito e o profissionalismo de Warren os motivava. Eles diziam que se sentiam inspirados a trabalhar tão duro quanto ela e que, ao mesmo tempo, tentavam copiar sua maneira atraente.

No final de novembro de 1941, quando Warren viajou a Nova York para assumir o posto de diretora da campanha de doação de livros, ela já sabia como comandá-la. Ela tinha se envolvido na provisão de livros para os soldados de Camp Kearny, nas proximidades de San Diego, durante a Primeira Guerra Mundial. Depois de já ter testemunhado o poder terapêutico e a utilidade dos livros, estava determinada a coletar milhões de exemplares para a crescente quantidade de homens fardados.

Sua tarefa era simples de definir, mas difícil de executar: inspirar um país a doar. Independentemente do sentimento das pessoas acerca da entrada dos Estados Unidos na guerra (a maioria dos norte-americanos se opunha com firmeza), Warren tinha certeza de que todos concordavam que os homens em campos de treinamentos mereciam livros para manter elevado o moral e entreter. “A maioria de nós⁸⁵ acredita, independentemente de nossas convicções a respeito da guerra, que (...) será uma grande satisfação lutar para conseguir os livros para [os homens nos campos de treinamento], que eles sinceramente apreciarão”, afirmou Warren num editorial do *Library Journal*. E acrescentou: “A partir das suas próprias experiências, os bibliotecários sabem que algumas páginas impressas são emplastos para tirar a dor, outras são passagens para aventuras emocionantes para turistas entediados ou solitários, e outras ainda são diplomas para conseguir promoções e sondar ideias rapidamente.” Enquanto Warren considerava a criação de bibliotecas para os soldados durante a Primeira Guerra Mundial como “provavelmente o feito mais admirável dos anais do desenvolvimento nacional”, ela dizia então aos seus colegas bibliotecários que, dessa vez, eles estavam convocados “a coletar mais livros do que aqueles contidos em qualquer biblioteca do mundo”. De maneira simples, concluiu: “Vamos lá!”

⁴⁹ “Em todas as fases”: “Keep Your Men Informed”, *What the Soldier Thinks*, no. 7 (Washington, D.C.: U.S. War Department, 1944), 6-7 (citando *Basic Field Manual* 21-50, p. 29).

⁵⁰ Instituto Gallup: Hadley Cantril, “Impact of the War on the Nation’s Viewpoint”, *New York Times*, 2 de junho de 1940.

⁵¹ “mais poderoso”: “To Defend America”, *New York Times*, 7 de junho de 1940.

⁵² “Dois mundos”: “Two Worlds”, *Life*, 23 de dezembro de 1940, p. 14.

[53](#) o presidente Franklin D. Roosevelt lembrava: Charles Hurd, “Need of Men Vital”, *New York Times*, 3 de agosto de 1940.

[54](#) De acordo com essa lei: “The Draft: How It Works”, *Time*, 23 de setembro de 1940.

[55](#) Em Nova York: “Only Two Are Arrested, Though 991,000 Register”, *New York Times*, 17 de outubro de 1940.

[56](#) “limpeza do terreno”: Doris Kearns Goodwin, *No Ordinary Time: Franklin and Eleanor Roosevelt; the Home Front in World War II* (Nova York: Simon & Schuster, 1994), 217.

[57](#) ter se realizado anteriormente: Meyer Berger, “American Soldier – One Year After”, *New York Times*, 23 de novembro de 1941.

[58](#) “buraco”: Francis A. O’Brien, *Battling for Saipan* (Nova York: Ballantine, 2003), 9-11.

[59](#) “Você vai arrastar carvão”: Marion Hargrove, *See Here, Private Hargrove* (Nova York: Pocket Books, 1942), 1, 3 (grifo da autora).

[60](#) “um uniforme de campo”: Frederick Simpich, “Around the Clock with Your Soldier Boy”, *National Geographic*, julho de 1941, pp. 3, 23.

[61](#) cabo de vassoura: Berger, “American Soldier”.

[62](#) Em Fort McClellan: O’Brien, *Battling for Saipan*, 9-11.

[63](#) soldados carregavam réplicas de madeira: Dwight D. Eisenhower, *Crusade in Europe* (Nova York: Doubleday, 1948), 7.

[64](#) Às seis da manhã: “Army Morale”, *Life*, 23 de dezembro de 1940, p. 55.

[65](#) Os homens rastejavam: Alonzo G. Grace, *Educational Lessons from Wartime Training* (Washington, D.C.: American Council on Education, 1948), 16, 26-29.

[66](#) “você descobria que”: James J. Fahey, *Pacific War Diary* (Nova York: Zebra Books, 1963), 5.

[67](#) a maioria dos homens preferia: *What the Soldier Thinks: A Monthly Digest of War Department Studies on the Attitudes of American Troops*, vol. 1, nº 1 (Washington, D.C.: War Department, Morale Services Division, Army Service Forces, December 1943), 15; disponível no site da George C. Marshall Foundation, http://staging.gibsondesign.com/marshall/library/publications_soldier_thinks.html.

[68](#) Em Fort Benning, na Geórgia: “Army Morale”, 55.

[69](#) “leve e pecaminosa”: *The Soldier’s Pocket-Book* (Filadélfia: Presbyterian Board of Publication, 1861), 2.

[70](#) “Os soldados no campo de batalha”: Homer B. Sprague, “Some Lessons of the War: An Old Soldier’s Conclusions as to What It All Comes To”, *Advocate of Peace* 77, no. 2 (February 1915), 41.

[71](#) Diversas organizações civis: Vice Adm. Albert Gleaves, “Books and Reading for the Navy, and What They Have Meant in the War”, *Bulletin of the American Library Association* 13, no. 3 (July 1919), 156.

[72](#) “faziam a vida valer a pena”: Maj. Thomas Marshall Spaulding, “Shall We Forget the Soldier?”, *North American Review* 214, no. 788 (July 1921), 34–35.

[73](#) *Depois da Primeira Guerra Mundial*: Jamieson, *Books for the Army*, 15.

[74](#) “um meio valioso”: Col. Edward L. Munson, “Libraries and Reading as an Aid to Morale”, *Bulletin of the American Library Association* 13, n° 3 (July 1919), 135.

[75](#) *Como o país*: Carta de Edwin Ward para Julia Wright Merrill, 6 de janeiro de 1942, Victory Book Campaign Records, Manuscripts and Archives Division, New York Public Library, Astor, Lenox, and Tilden Foundations (doravante VBC Records).

[76](#) *Raymond L. Trautman*: Jamieson, *Books for the Army*, 20-23.

[77](#) *não perdessem*: ALA Executive Board Meeting, October 6-8, 1941, documento datado de 20 de setembro de, 1941; Memorando para o coronel Watrous sobre o Report of Library Activities, VBC Records.

[78](#) “Os livros estão disponíveis”: Carta de Marie Loizeaux para Julius King datada de 30 de agosto de 1941, VBC Records.

[79](#) *Em 1941, em seu encontro anual*: “Final Reports, Victory Book Campaign, 1942-1943”, VBC Records.

[80](#) *Convencido pela*: Memorando da reunião em Washington, D.C., realizada em 9 de outubro de 1941, VBC Records.

[81](#) *o projeto*: “Final Reports, Victory Book Campaign”.

[82](#) “número 1 no mundo”: Memorando, “USO for National Defense, Inc.”, VBC Records

[83](#) “Antes da abertura”: Martha Boaz, *Fervent and Full of Gifts: The Life of Althea Warren* (New York: Scarecrow Press, 1961), 45-46.

[84](#) *Tempos depois, Warren se mudou*: “Biographical Information” for Althea Hester Warren, VBC Records.

[85](#) “A maioria de nós”: Boaz, *Fervent and Full of Gifts*, 95-96, 109.

CAPÍTULO 3

Uma avalanche de livros

No front, o soldado⁸⁶ precisa ter uma causa no coração e uma arma na mão.

– EMILY MILLER DANTON, BIBLIOTECÁRIA

EM NOVEMBRO E dezembro de 1941, os voluntários da NDBC trabalharam arduamente para organizar e promover a maior campanha de doação de livros da história norte-americana. O tempo passava rapidamente, e o projeto era grandioso. Como Althea Warren admitira para seus colegas: “Teremos⁸⁷ um mês inteiro de anúncios no rádio, fotos, histórias, editoriais e 500 mil cartazes para fazer o povo de nosso país doar em grande quantidade.” A campanha precisava de alguém para comandar a propaganda. Marie Loizeaux, ex-relações-públicas da campanha de doação de livros de 1941 da Associação de Bibliotecas de Nova York, foi contratada imediatamente.

O objetivo de Loizeaux era cobrir o país com cartazes da campanha e distribuir caixas para doações em todos os vilarejos, cidades e metrópoles dos Estados Unidos. Todas as bibliotecas, escolas, lojas de departamento e estações de trem divulgariam a campanha e informariam ao público os locais onde os livros poderiam ser doados. Loizeaux trabalhou com grandes empresas, companhias de transporte público e redes de lojas para que suas estratégias de publicidade tivessem maior impacto. Ela obteve um retorno impressionante. A National Transitads⁸⁸ se prontificou a expor 20 mil cartazes para divulgar a campanha nos trens em que estava presente. As passagens de ônibus foram redesenhadas para incluir uma propaganda de doação de livros. Os supermercados Safeway concordaram em disponibilizar espaços para colocar as caixas de doação e expor cartazes em todas as suas 2.400 lojas. Centenas de programas de rádio – desde os universitários por faculdades até os de difusão em rede nacional – prometeram divulgar a campanha. Os jornais se ofereceram para veicular informações sobre a campanha, em notas que indicavam os locais de coleta e identificavam os tipos de livro mais solicitados.

A eficácia do trabalho de Loizeaux ficou evidente antes mesmo de a campanha começar. As doações do⁸⁹ público evoluíram para os cofres da campanha, e uma editora se antecipou, enviando 100 mil livros de bolso. A disposição do país em doar provocou tanto alegria quanto pânico: se tantos livros já estavam sendo doados antes mesmo do início da campanha, uma avalanche de livros poderia sobrecarregar os voluntários quando ela realmente

começasse. Dirigindo-se aos jornais em busca de ajuda, Warren fez um apelo desesperado por mais voluntários.

Exatamente quando a campanha estava ganhando forma, o Japão desferiu seu ataque-surpresa contra Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941. O Congresso declarou guerra imediatamente contra o Japão, e a Alemanha, em seguida, contra os Estados Unidos. De repente, o país enfrentava um inimigo no Pacífico e outro na Europa e na África. As tropas norte-americanas começaram⁹⁰ a ser enviadas para combater o exército de Hitler; diante disso, alguns norte-americanos se perguntaram por que os Estados Unidos investiriam contra a Alemanha se fora o Japão que atacara Pearl Harbor. Os bibliotecários entenderam que a convicção de entrar na guerra não duraria muito se fosse alimentada somente por ódio e desejo de vingança. A partir daquele momento, eles passaram a se dedicar não só a recolher livros para os soldados, mas também a esclarecer o motivo de o país estar em guerra.



Nos Estados Unidos, os bibliotecários norte-americanos responderam ao “bibliocausto” alemão, encorajando os norte-americanos a doar milhões de livros para as Forças Armadas. Aqui, na escadaria da Biblioteca Pública de Nova York, milhares de pessoas se reuniram para ver suas celebridades favoritas de perto e doar livros.



Althea Warren, a primeira diretora da Victory Book Campaign, incentivou os bibliotecários dos Estados Unidos a coletar milhões de livros para os soldados exaustos e saudosos. “Os bibliotecários sabem que algumas páginas impressas são passagens para aventuras emocionantes para turistas entediados ou solitários”, afirmou ela.



Celebridades como Katharine Hepburn ampliaram a consciência sobre a necessidade de doar livros para a Victory Book Campaign, como passou a ser chamada a NDBC. Hepburn autografou os livros doados por ela para as tropas na Biblioteca Pública de Nova York.



A Victory Book Campaign foi a maior coleta de livros na história. Livros foram empilhados na Biblioteca Pública de Nova York durante a campanha de 1942.



Os cartazes da VBC estavam expostos em todos os lugares: estações de trem, lojas de departamento, cinemas e escolas. Em 1943, o público foi solicitado a doar ainda mais livros do que no ano anterior.

10,000,000 BOOKS FOR THE MEN IN SERVICE

Victory Book Campaign
GIVE BOOKS
New or Old

COLLECTION STATIONS: ALL LIBRARY BRANCHES AND HIGH SCHOOLS

\$1.25 Weekly Pass
PASS BEARER

FEB **15-21** 1942

(12:01 am Sunday to 3:00 am of Sunday following)

on all car and bus routes.
Bearer is to retain pass throughout ride.

ST. LOUIS PUBLIC SERVICE CO.
Nº 97622

1943 **Victory Book Campaign**

MORE GOOD BOOKS NOW NEEDED FOR THE MEN IN SERVICE

Collection Stations: All Library Branches and High Schools

JAN **17-23** 1943

\$1.25 Weekly Pass
PASS BEARER

(12:01 am Sunday to 3:00 am of Sunday following)

on all car and bus routes

Bearer is to retain pass throughout ride

ST. LOUIS PUBLIC SERVICE CO.
Nº 165542

Em Saint Louis, as passagens dos bondes foram redesenhadas para incluir uma propaganda da campanha. Todas as bibliotecas e escolas se transformaram em centros de doação.



Até mesmo crianças participaram da Victory Book Campaign. Escoteiros em Detroit, Michigan, coletavam livros de mulheres que doavam pilhas de material de leitura.

A NDBC mudou de nome e passou a se chamar Victory Book Campaign (VBC), uma alusão à entrada dos Estados Unidos na guerra. Após ser abençoada⁹¹ pelo presidente Roosevelt e pela primeira-dama, que publicamente doaram livros, a campanha começou oficialmente em 12 de janeiro de 1942. O povo compareceu em peso para doar livros e apoiar os soldados. “Carregando os livros⁹² sozinhos, mandando seus motoristas com os livros em grandes pilhas nos bancos traseiros dos carros, ou chamando voluntários e equipes de bibliotecas para ajudar a transportar contribuições maiores, os nova-iorquinos começaram ontem a encher as mesas de triagem da Victory Book Campaign”, noticiou o *New York Times*. Diversas celebridades ajudaram a promover a conscientização quanto à importância da VBC. Uma das maiores demonstrações de propaganda e patriotismo ocorreu nas escadarias da lendária Biblioteca Pública de Nova York, na 42nd Street, em Manhattan, durante as duas últimas semanas de janeiro de 1942. O Serviço de Voluntariado das

Mulheres Americanas⁹³ criou uma programação com estrelas do cinema, bandas famosas, personalidades locais, artistas da Broadway e oficiais militares para divulgar a VBC e coletar livros. Diversos programas foram gravados e transmitidos por emissoras de rádio para todo o país. Diariamente, milhares de pessoas cercavam a biblioteca para ver de perto seus ídolos favoritos de Hollywood e fazer suas doações. Benny Goodman, Kate Smith, Raymond Massey, Wendell Willkie, Katharine Hepburn, Chico Marx e Kitty Carlisle estavam entre os famosos que apoiaram a campanha.

Naquele mês, das dezenas de apresentações realizadas na Biblioteca Pública de Nova York, a que pareceu sensibilizar mais o público foi a leitura de Maurice Evans do discurso de Christopher Morley intitulado “O discurso de Gutenberg”. Na década de 1940, Morley era um nome muito conhecido⁹⁴; ele era escritor, editor colaborador da revista *Saturday Review of Literature*, e organizador do Baker Street Irregulars, sociedade literária entusiasta de Sherlock Holmes. Amante da literatura e da poesia, Morley começou sua carreira literária em 1912 e publicou diversos romances, livros de contos e poemas. Mais de 3 mil nova-iorquinos encararam o frio para ouvir a leitura dramática do seu discurso. Outros milhares de pessoas acompanharam pelo rádio.

O discurso de Morley começa⁹⁵ com a descrição de um jovem que arruma sua mochila para se juntar ao serviço militar. Embora ele hesite em certos artigos, não há nenhuma dúvida quando se trata dos sete livros que ele coloca na mochila. Eles são sua cota de prazer. Fortalecerão sua mente e o manterão de bom humor. Morley atesta o fato de que os livros proporcionam companhia, diminuem as saudades de casa e são blindagem indispensável na luta contra Hitler. A Alemanha tinha usado os livros como arma, como ficou claro com a publicação de *Mein Kampf* e as vergonhosas queimas de livros. No entanto, os norte-americanos podiam utilizar os livros em seu benefício, lendo tudo o que quisessem e difundindo as ideias que encontravam entre a capa e a contracapa. “As guerras são ganhas na mente antes de poderem ser ganhas no campo de batalha”, observa Morley.

No discurso, Morley traça um paralelo entre a Guerra de Secessão, o conflito mais sangrento dos Estados Unidos, e o “Discurso de Gettysburg”, o mais famoso de Abraham Lincoln. Honrando as vidas perdidas naquele campo de batalha, Lincoln dedicou-se a terminar a guerra e a provar que a democracia e a liberdade poderiam resistir à passagem do tempo. O “Discurso de Gutenberg”, de Morley, honrava a palavra impressa e a liberdade de pensamento:

Quinhentos anos atrás, um trabalhador alemão teve uma nova ideia, concebida na devoção e dedicada à proposição de que as palavras dos homens podiam viajar, que seus pensamentos podiam se comunicar e se multiplicar livremente, e são dignos de preservação. Atualmente, estamos envolvidos numa guerra civil mundial, testando se a liberdade da mente e da palavra, ou qualquer outra liberdade, pode resistir ao tempo.

Através das iniciativas de bibliotecários, políticos, escritores, professores e dos meios de comunicação, os norte-americanos passaram a entender que o país estava indo à guerra em nome da liberdade, e não só para vingar suas perdas em Pearl Harbor. A liberdade em si estava ameaçada. Os europeus que tinham caído sob o domínio de Hitler perderam a liberdade de ler e discutir ideias, e os norte-americanos começaram a entender que isso poderia acontecer com eles. A guerra começou a parecer menos distante e mais pessoal e imediata, especialmente conforme as Forças Armadas norte-americanas cresciam de tamanho e, aparentemente, todos conheciam algum jovem que estava indo para a guerra. No início de 1942⁹⁶, um em cada três homens de idade entre 18 e 44 anos saía de casa para servir o país. Os pedidos de doação de livros pela VBC mobilizaram aqueles que ficaram no front doméstico. Eles não só tentaram alcançar o objetivo da campanha de doar mais livros do que o acervo das bibliotecas das cinco maiores cidades⁹⁷ do mundo como esperavam superar esse número. Afinal, se Morley estava correto e as guerras eram realmente ganhas primeiro na mente, os soldados norte-americanos precisariam de muitos livros.

*

Duas semanas depois⁹⁸ do início da campanha, 423.655 livros haviam sido coletados. No final de janeiro, 100 mil livros foram classificados, empacotados e carregados em caminhões do Exército e enviados aos campos de treinamento. Os voluntários da VBC ficaram impressionados com a resposta do público. “Embora tivéssemos percebido⁹⁹ que, ao fixarmos a data de início, estávamos dando pouco tempo para a preparação, ficamos felizes [pois, embora] tivéssemos começado de modo inadequado (...) estávamos prontos para atender aos pedidos (...) de livros para as tropas em trânsito”, afirmava a ata de uma reunião do conselho da VBC, em janeiro de 1942.

Os bibliotecários das unidades militares que tinham suas estantes de livros vazias ficaram eufóricos quando as remessas de livros chegaram. “É difícil expressar meu profundo agradecimento pela coleção maravilhosa de livros que

a Book Campaign doou para a biblioteca da nossa unidade”, escreveu um oficial da biblioteca aos voluntários da VBC. “Nossa biblioteca aqui¹⁰⁰ está começando do zero”, e “eu tinha passado dias tentando descobrir como conseguiria ter minhas estantes parcialmente cheias com os recursos financeiros limitados que a biblioteca tinha para gastar”, afirmou ele. No entanto, a VBC mudara tudo. Esse bibliotecário relatou que suas estantes estavam cheias naquele momento, e “diversas pessoas agora comentam a respeito da excelente seleção de livros”. Outro bibliotecário escreveu: “Começamos¹⁰¹ algo aqui que espero que se mantenha e se espalhe por todo o país, pois esses novos e recentes livros são algo de que todas as bibliotecas dos campos de treinamento do Exército necessitam muito.” Levava algum tempo para que todas as bibliotecas das unidades do Exército recebessem livros; ao lado de cartas de agradecimentos sinceros, chegavam pedidos de ajuda de bibliotecários desesperados para encher suas estantes vazias.

Mas inevitavelmente o alarde inicial se esvaiu. Embora 1 milhão de livros tenham sido coletados no primeiro mês da campanha, alguns acharam que eram 9 milhões a menos que o necessário.

“Há algo errado¹⁰² em algum lugar”, começou um editorial de fevereiro de 1942 da *Saturday Review of Literature*, revista muito lida na época. “Parece incrível que um país com 130 milhões de habitantes, que frequentemente compra 1 milhão ou mais de exemplares de um único livro, e onde cerca de 750 mil pessoas são sócias de clubes de leitura, seja tão lento e indiferente na contribuição com livros para os homens do serviço militar. O objetivo de 10 milhões de livros devia ter sido alcançado na primeira semana, em vez de um décimo daquele número em um mês.” Não foi por falta de propaganda que a campanha ficou longe desse objetivo, pois jornais, programas de rádio e revistas cooperaram, davam destaque à campanha. Cartazes foram colados em todas as superfícies que podiam acomodá-los. Estavam em bibliotecas, pregados em postes de telefone e afixados nas paredes de estações de trem e de escolas. Qual era o problema? O editorial concluiu que talvez o sacrifício exigido parecesse muito irrelevante em comparação a algumas das demandas mais significativas do povo. “Será possível que a psicologia nacional, enfatizando o grande, fez com que pensássemos somente nesses termos, em detrimento das pequenas coisas que devem ser feitas se quisermos ganhar a guerra?”

Sem dúvida, uma lista impressionante de demandas foi apresentada aos norte-americanos. Campanhas de doação de todos os tipos de coisa eram

realizadas, e se esperava que as pessoas contribuíssem. No verão de 1941, quando o país enfrentou grande escassez de alumínio, a fabricação de aviões deu a impressão de que desaceleraria e pararia. Em julho, freneticamente, o Escritório de Gestão da Produção¹⁰³ lançou uma campanha nacional de doação de sucata de alumínio, com duas semanas de duração, com a expectativa de obter 6,8 mil toneladas, suficiente para a fabricação de 2 mil aviões. Os norte-americanos reviraram suas casas à procura de cada pedaço de metal disponível. Como um historiador descreveu: “Famílias empolgadas¹⁰⁴, encantadas com o pedido, juntaram uma coleção surpreendente de artigos de alumínio em seus vilarejos: cafeteiras do tio Mike, frigideiras da tia Margaret, tigelas de cereais dos bebês, caçarolas, potes, coqueteleiras, formas de gelo, pernas artificiais, tubos de charutos, caixas de relógio e peças de rádio.” Mesmo com a inacreditável notícia de que nenhum avião poderia ser produzido com o alumínio doado (os oficiais aprenderam após a campanha que só alumínio novo podia ser utilizado), o sucesso da campanha em unir o país permaneceu como um sinal de glória.

As famílias também foram solicitadas a doar papel, trapos, metal e borracha. Elas aprenderam a pensar duas vezes¹⁰⁵ antes de jogar algo no lixo. O papel era usado para embrulhar tudo, desde espoletas até bombas de defesa antiaérea. Os trapos, tais como cortinas e lençóis velhos, eram necessários para limpar os motores, as centrais elétricas e os mecanismos das armas em encouraçados, para mantê-los funcionando sem panes. A borracha era tão essencial que, quando os Estados Unidos enfrentaram uma escassez no verão de 1942, o presidente do Conselho de Guerra do Petróleo anunciou que “não havia material não essencial¹⁰⁶ fora do estoque nem mesmo para fazer uma borracha”. O presidente Roosevelt pediu aos norte-americanos que doassem qualquer artigo feito de borracha para ajudar o país a superar aquela crise. Novamente, o front doméstico não decepcionou. Em duas semanas¹⁰⁷, mais de 218 mil toneladas foram arrecadadas, e, no final da campanha, a contribuição média foi de cerca de 3 quilos de borracha por cada homem, mulher e criança.

Em janeiro de 1942, em seu discurso sobre o Estado da União, o presidente Roosevelt, com otimismo, afirmou que os “trabalhadores norte-americanos estão prontos¹⁰⁸ para trabalhar durante muitas horas”, para “produzir mais no trabalho diário” e “manter a roda girando, o fogo queimando 24 horas por dia e 7 dias por semana”, para fornecer o providencial material de guerra. De modo paradoxal, exatamente quando milhões de norte-americanos começaram a trabalhar na indústria bélica, recebendo salários consideráveis, os

consumidores foram solicitados a diminuir seus gastos, para que as fábricas pudessem concentrar seus esforços na produção de artigos para a guerra. “A vida sob uma economia de guerra¹⁰⁹ será como viver nas profundezas de uma grande depressão”, escreveu o *Wall Street Journal*, para grande desgosto dos trabalhadores.

O racionamento era outra provação para os norte-americanos. Havia escassez de diversos artigos, de fogões a açúcar, de borracha a gasolina. Em vez de novos automóveis, das linhas de montagem saíam veículos para a guerra. A General Motors¹¹⁰ fabricou aviões, canhões antiaéreos, motores de aeronaves e motores a diesel para submarinos. A Ford produziu aviões de bombardeio, jipes, carros blindados, transportadores de tropas e planadores. A Chrysler manufaturou tanques, caminhões militares e detonadores de minas. Ficaram para trás¹¹¹ os dias em que as famílias se amontoavam em seus carros velhos e saíam para passear; o racionamento de carros, gasolina e borracha pôs um fim a isso. As diversões se tornaram mais simples, as pessoas passaram a gastar mais tempo nos cinemas, em casa, disputando jogos de tabuleiro... e lendo.

Alguns ajustes eram mais fáceis do que outros. Como o racionamento se estendia até mesmo para os produtos mais comuns, a histeria se manifestava de vez em quando. Em dois anos, o açúcar, o café, a manteiga, o queijo, as conservas, a carne, o papel e a roupa foram adicionados à lista de produtos restritos. No fim da guerra, quase todos os alimentos, com exceção de frutas e verduras (que eram frequentemente cultivadas em hortas familiares ou comunitárias), eram racionados ou supridos de modo imprevisível. Até a aparição dos itens mais básicos na prateleira de uma loja podia causar euforia desenfreada. Mesmo anos após a guerra¹¹², um homem jamais se esqueceu do espetáculo protagonizado por seu amável vizinho, que correu pela rua e gritou a plenos pulmões que, finalmente, havia papel higiênico disponível no supermercado. Embora o diretor do Escritório de Defesa dos Civis mantivesse um tom positivo a respeito dessas restrições (“Se temos ou não¹¹³ mais do que uma xícara de café por dia, ou mais do que uma colher de açúcar para pôr nele, isso tem pouco efeito sobre nós, mas pode ter um grande peso no resultado dessa guerra”), para alguns era difícil tolerar o racionamento. Um mero rumor de uma nova contenção podia deflagrar um tumulto, fazendo as pessoas correrem para as lojas para se abastecerem antes de um item desaparecer. Quando o Escritório de Administração dos Preços¹¹⁴ divulgou que o consumo civil de produtos de borracha seria cortado em cerca de 80%, ocorreu uma das maiores corridas às compras já registradas no mercado de artigos esportivos,

quando homens foram aos montes, às lojas para comprar dezenas de milhares de bolas de golfe. As mulheres agarraram punhados¹¹⁵ de espartilhos, cintas e sutiãs (os fios elásticos usados nas roupas íntimas eram em parte feitos de borracha). O pânico superou o patriotismo, e o ocultamento de mercadorias tornou-se um problema, denunciado até mesmo pelos varejistas. “Se é notícia¹¹⁶ quando um homem morde um cachorro, certamente também é notícia quando um comerciante encoraja um cliente a não comprar”, zombou um jornal.

Ocasionalmente, o presidente Roosevelt lembrava aos norte-americanos que o racionamento, as campanhas de doação, as atividades voluntárias e o trabalho de defesa eram necessidades numa guerra total. Em um programa radiofônico, *Conversa ao Pé da Lareira*, em abril de 1942, o presidente afirmou que o preço que eles pagavam da vitória não era tão alto. “Se vocês não acreditam¹¹⁷, perguntem aos milhões de pessoas que vivem hoje sob a tirania do hitlerismo. Perguntem aos trabalhadores da França, da Noruega e da Holanda, forçados a trabalhar pelo açoite da chibata”, afirmou Roosevelt. “Perguntem às mulheres e às crianças, que Hitler está matando de fome, se o racionamento de pneus, gasolina e açúcar é um ‘sacrifício’ muito grande.” Seriamente, o presidente concluiu: “Não precisamos lhes perguntar. Eles já nos deram suas respostas agonizantes.”

Considerando as diversas maneiras com que os norte-americanos eram solicitados a contribuir para o esforço de guerra, o fato de a VBC não conseguir coletar 10 milhões de livros de um dia para outro era compreensível. Apesar disso, um fluxo constante de livros chegava às caixas de doação da campanha, avançando lentamente para que o objetivo fosse alcançado.

Quando março chegou, o mandato de quatro meses de Althea Warren como diretora da Victory Book Campaign se aproximava do fim, e o objetivo de 10 milhões de livros estava longe de ser alcançado. Warren recorreu¹¹⁸ aos editores em busca de ajuda, pedindo grandes doações de títulos recém-impresos. Assim, dezenas de milhares de novos livros foram enviados para a VBC. A campanha pediu aos editores que fizessem anúncios pedindo que os leitores doassem os livros após o término da leitura. A editora Pocket Books¹¹⁹ fez sua parte inserindo um aviso de página inteira em seus livros, solicitando para os leitores que apoiassem os marinheiros e os soldados, doando seus livros para a biblioteca local ou enviando-os pelo correio para um dos endereços fornecidos (alguns eram das bibliotecas do Exército; outros, das bibliotecas da Marinha).

No início de março de 1942,¹²⁰ 4 milhões de livros tinham sido coletados. No

entanto, os centros de triagem da VBC rejeitaram 1,5 milhão deles como inadequados para os campos de treinamento. Muitos dos apelos iniciais por livros não mencionavam a necessidade (aparentemente óbvia) de fornecer apenas livros apropriados para os jovens que prestavam serviço militar. Em certos casos, o público parecia ter confundido a campanha de doação de livros com a de papel usado. Os jornais tinham¹²¹ uma seção na qual relatavam alguns dos títulos doados. *How to knit* (“Como tricotar”), *An undertaker’s review* (“Avaliação de um coveiro”) e *Theology in 1870* (“Teologia em 1870”) estavam entre o 1,5 milhão de livros que não foi enviado aos recrutas.

A VBC fez¹²² o que pôde com esses títulos. Vendeu livros decrépitos para a campanha de papel usado e utilizou o dinheiro para comprar livros didáticos ou outros, aqueles que eram muito solicitados e raramente doados. As crianças pobres beneficiaram-se de 5.679 títulos juvenis por meio da VBC e da Save the Children Federation. Os livros considerados inadequados para rapazes foram enviados para bibliotecas sobrecarregadas nas regiões vizinhas a indústrias bélicas. (Fábricas gigantescas de material bélico foram construídas em muitas cidades pequenas, fazendo com que milhares de pessoas migrassem em busca de emprego, mas, frequentemente, não havia casas, comida nem recursos para suportar essa explosão demográfica. Nessas zonas, as bibliotecas não conseguiam atender à demanda, e as doações da VBC eram muito apreciadas.) Os livros valiosos, como primeiras edições ou exemplares muito raros, eram vendidos, e o dinheiro, utilizado para a aquisição de títulos pedidos pelos campos de treinamento.

Embora a VBC não desperdiçasse um livro sequer, não podia continuar a agir como uma central que recebesse todos os livros não desejados nos Estados Unidos. Os jornais ajudaram a campanha divulgando os tipos de livro que os norte-americanos das Forças Armadas mais queriam. Os livros não deviam “estar sujos¹²³, gastos, nem ser juvenis”, e as “preferências dos soldados incluem obras ficcionais, biográficas, históricas e técnicas, nessa ordem”, orientou um jornal. A Cruz Vermelha sugeriu: “Assegure que sejam do tipo que seu próprio filho gostaria de ler se estivesse no Exército.”

Enquanto isso, centenas de milhares de norte-americanos estavam deixando os campos de treinamento e partindo para a guerra. No início da primavera de 1942¹²⁴, os navios de guerra norte-americanos estavam posicionados no Atlântico, no Ártico, no Mediterrâneo, no Índico e no Pacífico, e as tropas, baseadas na América do Sul, na Groenlândia, na Islândia, nas Ilhas Britânicas,

no Oriente Médio, na África, na Ásia, na Austrália e nas ilhas do Pacífico. Os norte-americanos estavam espalhados por todo o mundo.

Eles enfrentavam uma combinação de adversidade, exaustão, tédio e medo. Os soldados da infantaria, que serviam no norte da África, dormiam no chão e rapidamente desenvolveram os instintos de sobrevivência dos militares. Quase automaticamente, o menor zumbido de um avião já fazia a terra voar. “Cinco anos atrás¹²⁵, você não conseguiria me fazer cavar uma trincheira por cinco dólares a hora”, afirmou um homem. “Agora, olhe para mim... Sempre que eu estiver a 15 metros da minha trincheira, você me encontrará cavando uma nova.” Além de desenvolver uma predileção por trincheiras, o soldado da infantaria se adaptou a meses sem banho, semanas sem meias ou roupas limpas, e longos períodos de consumo de refeições insípidas dentro de latas e sacos de papel. Estavam sempre sujos, cansados e sobrecarregados. Quando marchavam durante toda a noite, não conseguiam mover um músculo durante o dia (ou se arriscavam a ser descobertos) e “viviam de uma maneira que é inconcebível para qualquer um que não a tenha vivenciado”, como descreveu o correspondente de guerra Ernie Pyle. A infantaria – ou “a Maldita Infantaria”, como gostavam de chamar a si mesmos – “não tinha confortos, e até aprenderam a viver sem as coisas básicas”, acrescentou ele.

O tempo que passavam esperando que algo acontecesse era tão horrível quanto o momento em que o combate começava. Como o segundo-cabo H. Moldauer se queixou: “Monotonia, monotonia¹²⁶, tudo é monotonia. O calor, os insetos, o trabalho, a ausência completa de cidades, mulheres, bebidas (...) O correio é tão irregular que se tornou regular em sua irregularidade.” E se sentia mal até por causa da “monotonia de antepor ao nome aquelas três letras bastante insignificantes: pfc¹²⁷”. Embora a maioria dos relatos de guerra enfoque batalhas, conflitos e combates, o cotidiano de um soldado consistia muito mais em espera do que em luta. E talvez não haja nada que pese tanto sobre a mente e sobre o corpo como a expectativa. De acordo com um correspondente de guerra, o sargento Walter Bernstein, a guerra “é nove décimos de trabalho maçante¹²⁸ e muito dissabor”. No entanto, quando a excitação chega, “é praticamente como um tipo de diarreia que você quer que passe o quanto antes”.

Quando uma batalha¹²⁹ começava, o medo de morrer era maior do que tudo. O fogo de artilharia e dos morteiros era apavorante. O barulho ensurdecedor era só a anunciação de uma destruição terrível. Na pior das hipóteses, podia pulverizar o corpo de um homem, resultando às vezes em quase aniquilação.

Um homem podia estar conversando com um amigo num certo instante, e, no instante seguinte, ser incapaz de reconhecê-lo. Estilhaços rasgavam a carne, os membros eram arrancados do corpo, e as explosões lançavam destroços pelos ares e cobriam o terreno de cadáveres. Além dos perigos que vinham do ar, o solo sob eles estava crivado de minas alemãs. Um passo em falso podia mudar uma vida. Esse perigo à espreita ficou tão entranhado na mente dos homens que, mesmo anos depois da guerra, os veteranos pensavam duas vezes antes de atravessar um gramado, preferindo passar pelo asfalto ou por um caminho de concreto.

Depois de chegarem tão perto da morte, os homens mudaram sua forma de entender a guerra e seu papel nela. Da mesma forma que sentiram que suas individualidades foram restringidas nos campos de treinamento, os homens em combate chegaram à constatação deprimente de que eram meras engrenagens da máquina militar. Como equipamentos quebrados que eram trocados por novos, o Exército enviava novos recrutas para ocupar o lugar daqueles feridos ou mortos em combate. No entanto, o próprio conceito de que seres humanos fossem tratados como peças substituíveis – livrando-se de um homem depois de sua morte ou de sua incapacitação física e substituindo-o por outro que também poderia ser trocado no futuro – trazia a sensação incômoda de que a instituição militar considerava os homens como descartáveis. De acordo com E. B. Sledge, que serviu na Primeira Divisão dos Fuzileiros Navais, em Peleliu e Okinawa, essa constatação “era difícil¹³⁰ de aceitar”. “Viemos de um país e de uma cultura que valoriza a vida e o indivíduo. Ver-se numa situação em que sua vida parece ter pouco valor é o suprassumo da solidão”, desabafou Sledge.

Os desconfortos, os perigos e as pressões da guerra eram um fardo brutal para se carregar. Sem alívio da tensão, alguns homens atingiam inevitavelmente um nível de colapso nervoso. Como o tenente Paul Fussell explicou, o soldado “sofre tanto¹³¹ com o desprezo e o dano à sua individualidade, o absurdo, o tédio e o medo”, próprios da vida militar, “que é necessário algo anódino”. Embora os períodos de descanso proporcionassem certo alívio temporário, eles não ofereciam uma fuga real do ambiente dos soldados. As cartas que chegavam de casa e os livros eram seus artigos favoritos, pois podiam ser transportados para qualquer lugar e recuperados sempre que um soldado precisava de um momento de conforto, mesmo nas linhas de frente. No entanto, o serviço postal internacional era notoriamente irregular e penosamente lento. Os soldados norte-americanos, no norte da África, relatavam passar meses sem receber correspondência. Os mal-

entendidos e as frustrações eram frequentes. Ernie¹³² Pyle relatou que um soldado da sua unidade, que ficara três meses sem receber nenhuma carta da mulher, ficou tão frustrado com seu suposto descaso que escreveu para ela pedindo o divórcio. Depois de enviar essa carta, ele recebeu um lote de cinquenta cartas que não haviam chegado em todo o período de três meses. Imediatamente, ele enviou um telegrama para a mulher, dizendo estar arrependido.

Na ausência de correio regular ou de diversões possibilitadas por equipamentos esportivos e filmes, os livros eram muitas vezes o único lazer para os soldados. E eram estimados. De acordo com um capelão do Exército, os livros davam aos homens “algo digno¹³³ para preencher sua mente, permitindo que a ocupassem mais facilmente com algo construtivo, em vez de fazê-lo com os aspectos destrutivos da guerra em si”. Além de os¹³⁴ livros distraírem os homens, estudos que remontavam à Primeira Guerra Mundial concluíram que eles tinham potencial terapêutico, capacitando os seres humanos a processar melhor as dificuldades e as tragédias que suportavam. Os psiquiatras do Exército concordavam que os livros ajudavam a distrair a mente, proporcionando alívio das ansiedades e tensões da guerra. Reconhecidamente, a leitura não só melhorava o moral, mas facilitava a adaptação e evitava colapsos psiconeuróticos. De acordo com um artigo: “Quando lemos¹³⁵ ficção ou drama, sentimos de acordo com nossas necessidades, objetivos, defesas e valores”, e um leitor “introjetará um significado que satisfaça suas necessidades e rejeitará aquilo que representa ameaça ao seu ego”. Dos livros, os soldados extraíam coragem, esperança, determinação, sentimento de individualidade e outras qualidades para preencher os vazios criados pela guerra.

Muitos homens¹³⁶ que sofreram ferimentos na guerra encontraram esperança e cura nos livros que leram durante a recuperação. Charles Bolte, que se feriu na África, ficou hospitalizado e angustiado com seu futuro quando teve de enfrentar a amputação da perna, lembrou-se de um dia importante: um amigo (que estava sendo tratado de um ferimento de bala) se aproximou da sua cama, segurando triunfalmente um exemplar de *A quinta coluna*, de Ernest Hemingway, que encontrara na biblioteca do hospital. Bolte encontrou conforto na história, sobre um personagem que descobriu que chorar aliviava a dor da perna quebrada. Até então, Bolte jamais ousara chorar. A história de Hemingway o convenceu a cobrir a cabeça com os cobertores e tentar. “Também me ajudou”, revelou Bolte. Embora tivesse de passar por diversas

cirurgias de amputação, Bolte concentrou-se na leitura durante a hospitalização e atribuiu aos livros seu restabelecimento e progresso. “O que acontece durante a convalescença de um ferimento grave pode amargar ou adoçar um homem para sempre”, observou Bolte. Ele experimentou este último sentimento. “Foi a primeira vez desde a escola primária que tive tempo suficiente para ler o quanto quisesse”, afirmou ele. Embora outras muitas coisas tenham ajudado Bolte a se curar, ele colocou as dezenas de livros que leu como a mais importante delas. Dezenas de milhares de homens compartilharam a experiência de Bolte durante a guerra, encontrando nos livros a força de que precisavam para suportar os ferimentos físicos sofridos no campo de batalha, e também o poder de curar os traumas.

O efeito terapêutico da leitura não era novidade para os bibliotecários que dirigiam a VBC. No editorial que Warren publicou¹³⁷ às vésperas de iniciar seu mandato como diretora, ela discorreu sobre como os livros podiam aliviar a dor, diminuir o tédio ou a solidão e levar a mente para férias longe do corpo. Qualquer que fosse a necessidade de um homem – fuga temporária, lembrança reconfortante de casa, bálsamo para um espírito abatido ou infusão de coragem –, os bibliotecários que comandavam a VBC estavam dedicados a assegurar que ele a encontrasse num livro.

Os bibliotecários precisavam de mais livros. Os depósitos dos campos de treinamento¹³⁸ começavam a ficar vazios, pois os soldados eram estimulados a levar um livro quando partiam para o exterior. Milhares de livros doados embarcavam nos navios da Marinha que seguiam para uma missão. Não era incomum ver os cais repletos de caixas de livros, de onde os recrutas pegavam um exemplar antes de embarcar. Essas viagens podiam durar semanas e eram famosas pelo tédio e pelo vazio. Os livros eram a maneira ideal de passar o tempo. Como milhões de exemplares acompanhavam os soldados quando eles partiam para o exterior, eram necessários outros milhões para reabastecer os campos de treinamento e suprir a demanda.

Em março de 1942, Warren deixou a campanha, substituída por seu amigo íntimo John Connor, que trabalhara ao seu lado como diretor-assistente. Connor tinha formação em administração de empresas e biblioteconomia e trabalhara como bibliotecário assistente na Universidade de Columbia antes de entrar na VBC. Entusiasticamente, ele se opôs à censura durante o tempo de guerra e era defensor dos direitos civis. Apesar de suas opiniões contundentes (que nem sempre eram bem aceitas), sua postura pessoal o tornava benquisto.

Segundo um colega, “Connor sempre¹³⁹ se apresentava com um sorriso, com um aperto de mão, com uma palavra amável”.

Sob a direção de Connor, os bibliotecários entraram em marcha acelerada no início da primavera de 1942 e foram recompensados com um aumento considerável das doações de livros. Referiam-se constantemente aos tipos de leitura que os soldados queriam, divulgavam os livros mais populares e pediam a colaboração do público. Com satisfação, os centros de triagem relatavam que essas iniciativas não só tiveram impacto sobre a quantidade da contribuição como também sobre a qualidade dos livros. Em abril de 1942¹⁴⁰, as doações tinham chegado a 6,6 milhões de exemplares.

Se o impulso continuasse a crescer, possivelmente o objetivo da campanha logo seria alcançado. Dirigindo-se à Casa Branca em busca de ajuda, a VBC solicitou que a sexta-feira de 17 de abril de 1942 fosse batizada de *Victory Book Day*. O presidente concordou. Numa entrevista coletiva, Roosevelt “pediu a cooperação¹⁴¹ de todos os cidadãos, jornais e estações de rádio para fazer desse dia um sucesso”. Quando os jornalistas perguntaram ao presidente sobre quais tipos de livro deviam ser doados, ele respondeu, brincando: “Qualquer um, exceto de álgebra”, e, em seguida, afirmou que as pessoas deviam dar aqueles mesmos livros que tinham lido e gostado. O Exército e a Marinha eram compostos de civis, e seus gostos de leitura não eram diferentes dos do front doméstico.

O presidente, que se descreveu como “pessoa que lia, comprava, pedia emprestado e colecionava livros” durante toda a vida, tinha a VBC e outras organizações dedicadas aos livros em alta estima, pois acreditava sinceramente que os livros eram símbolos de democracia e armas na guerra de ideias. Pouco depois de declarar 17 de abril como o *Victory Book Day*, Roosevelt fez uma declaração sobre como os livros desempenhavam um papel fundamental na luta pela liberdade: Todos sabemos¹⁴² que os livros queimam, mas sabemos também que os livros não podem ser mortos pelo fogo o que é mais importante. As pessoas morrem, mas os livros nunca morrem. Nenhum homem e nenhuma força podem abolir a memória. Nenhum homem e nenhuma força podem colocar o pensamento num campo de concentração para sempre. Nenhum homem e nenhuma força podem tirar do mundo os livros que encarnam a eterna luta do homem contra a tirania de qualquer tipo. Nessa guerra, sabemos: os livros são armas.

Com a sanção do *Victory Book Day* pelo presidente, Connor estimulou os voluntários a cumprir o objetivo final da campanha, de coletar 10 milhões de

livros. Os bibliotecários ficaram impressionados com a resposta do público. Os casos de cidadãos¹⁴³ e empresas que empreenderam esforços especiais se tornaram mais comuns. Um homem do bairro de Chinatown, em Nova York, foi de um apartamento a outro recolhendo livros num riquixá. Os leiteiros pegaram livros deixados pelos seus clientes na porta de suas casas. As bibliotecas afixaram em destaque gráficos chamativos que rastreavam as doações de livros. Até mesmo as crianças se envolveram na missão. Escoteiros e escoteiras percorreram as ruas, coletando livros de porta em porta, em seus bairros. Um grupo de escoteiros¹⁴⁴ recolheu espantosos 10 mil livros num único dia. Em todo o país, montes de livros eram empilhados em caixas de doação. No final de abril de 1942, quase 9 milhões¹⁴⁵ de livros tinham sido coletados.

Faltava um milhão. Como a maioria das cerimônias de entrega de diplomas universitários era realizada em maio, a VBC decidiu pedir às universidades norte-americanas que protestassem contra a queima de livros na Alemanha – que começara nas universidades – coletando através de doação. Cartas foram enviadas a todas as faculdades e universidades norte-americanas propondo essa ideia. Nelas, pedia-se que os livros fossem expostos em um local bem visível, como o centro do salão de festas de formatura. Seria um contraste poderoso: as faculdades norte-americanas conseguindo pilhas de livros doados para os soldados, para lembrar as pilhas de livros recolhidos pelos nazistas para serem queimados. Caso as universidades¹⁴⁶ quisessem comentar a importância dos livros coletados, a VBC recomendava um trecho da *Areopagitica*, de Milton: “Os livros não são coisas mortas, pois contêm em si uma potência vital capaz de torná-los tão ativos quanto os espíritos dos seus progenitores. Mais do que isso: preservam, como numa ampola, a mais pura eficácia e essência daquele intelecto vivo que os gerou.”

Embora as cartas da VBC só tivessem sido enviadas no início de maio de 1942, muitas escolas organizaram coletas de última hora¹⁴⁷ para coincidir com as festas de formatura. Entre elas estavam a Universidade de Arkansas, a Tougaloo College, a Universidade de Denver, a Universidade de Kansas, a Universidade de Scranton e a Bowdoin College. Diversas universidades utilizaram as sugestões da VBC como base para suas próprias cerimônias de homenagem aos livros, incluindo a leitura do trecho de Milton.

Naquele mês de maio, a VBC não foi a única organização a relembrar a queima de livros de 1933. Depois de nove anos e uma declaração formal de guerra, a

queima de livros foi vista por uma nova ótica: era uma advertência de uma futura destruição. Em nove anos, cidades foram destruídas, milhões de vidas, perdidas, e a devastação se espalhou pela Europa como uma praga. Como um jornal comentou: “Fome, trabalhos forçados¹⁴⁸, prisões, campos de concentração, multidões indefesas de cidadãos em fuga massacradas a partir dos céus, países assassinados sem motivo”; esses “são os espetáculos que vieram depois daquelas fogueiras de livros”.

Em 1942, um dos registros mais aclamados sobre a queima de livros era o programa de rádio *They Burned the Books* (*Eles queimaram os livros*), de Stephen Vincent Benét, vencedor do prêmio Pulitzer. Famoso por¹⁴⁹ seu poema épico “*John Brown’s body*” e pelo conto “*The Devil and Daniel Webster*”, Benét era conhecido por sua capacidade de entrelaçar história com fantasia, numa prosa admirável. Transmitido pelo Columbia Broadcasting System, *They Burned the Books* causava tanto furor que cópias do roteiro eram imediatamente impressas e vendidas em forma de livro. Nos quatro anos seguintes¹⁵⁰, esse programa seria retransmitido inúmeras vezes.

O programa começava com uma simples advertência: “Dê razão ao inimigo¹⁵¹. Acalme-o. Perdoe-o. Absolva, tolere ou aceite-o. E, por qualquer processo inteligente de pensamento, você chegará ao mundo diabólico, desvirtuado e degradante da Alemanha e dos seus parceiros do Eixo.” Então, um sino tocava nove vezes e, em seguida, os ouvintes reviviam a queima de livros em Berlim. O narrador citava diversos autores cujas obras haviam sido destruídas e relatava os motivos dados pelos nazistas para lançar os livros nas chamas. Um deles era o poeta judeu Heinrich Heine, cujo famoso poema *Lorelei*¹⁵² foi musicado de forma memorável por Friedrich Silcher: *Não sei se há um motivo*

De o meu coração estar tão triste.

Uma lenda de épocas passadas

Me persegue e não vai embora.

O ar está frio ao anoitecer.

O sereno Reno percorre seu caminho.

O pico da montanha está cintilante

Com o último raio de luz.

A letra de *Lorelei* fora memorizada por milhões de alemães. Queimar as cópias da canção não a destruiria. Em vez disso, os nazistas, “com cortesia totalitária¹⁵³ (...) mantiveram a canção e ocultaram o nome de Heine”. “Autor

muito conhecido a partir de 1842. Autor desconhecido depois de 1933”, zombou o narrador. “Eis o que eles fazem com os soldados da humanidade; eis como eles roubam a espada do soldado.”

Após discutir as obras de Heine, Albert Einstein, Sigmund Freud, Thomas Mann, Ernest Hemingway, Theodore Dreiser e diversos outros autores cujos livros foram queimados, o narrador afirmava que eles eram capazes de viver na mente daqueles que os haviam lido, mas só se os norte-americanos escolhessem lutar por sua preservação e pela liberdade intelectual. “Essa batalha não¹⁵⁴ é só uma batalha por terras, uma guerra de conquista, uma guerra de equilíbrio de forças. É uma batalha pela mente do homem.” Em 1933, os Estados Unidos não percebiam que a queima de livros era o início da guerra total de Hitler, porém “sabemos disso agora”, entoava o narrador. A guerra era por todos os livros que tinham sido queimados, por todas as vozes que os nazistas tinham tentado silenciar e por todas as pessoas inocentes cujo sangue fora derramado. Ao longo da história vimos diversos casos de pessoas que tentaram esmagar a liberdade de pensamento, mas o infrator mais odioso de todos foi Adolf Hitler. “Estamos esperando, Adolf Hitler. Os livros estão esperando, Adolf Hitler. O fogo está esperando, Adolf Hitler. O Senhor dos Exércitos está esperando, Adolf Hitler.”

Em 1942, as palavras que Goebbels proferiu numa noite lúgubre de 1933 tinham começado a se tornar realidade, mas não como ele havia planejado. Os montes de cinzas na Bebelplatz, em Berlim, não foram esquecidos. Agora, aquelas cinzas eram um símbolo das liberdades em risco e do perigo que as potências do Eixo representavam. Agora, os livros floresceriam em números maiores do que antes. Os escritores não seriam silenciados. Uma nova fênix renasceria: um Exército de palavras, pensamentos, ideias e livros.

Faltando um mês para o nono aniversário da queima de livros em Berlim, mais 1 milhão de livros haviam sido coletados pela VBC. O objetivo da campanha fora alcançado. Os bibliotecários norte-americanos celebraram. As cartas dos soldados expressavam gratidão e enfatizavam a diferença que uma caixa de livros podia fazer. Da África, um recruta escreveu: “Saibam¹⁵⁵ que seus esforços de levantar o moral dos soldados no exterior não são em vão. Em nossa viagem para cá, milhares de nós estávamos no barco e ficamos todos eufóricos ao descobrir que tínhamos livros para ler e passar o tempo em nossos momentos de folga, e havia muitos.” Um tenente da Unidade Aérea do Exército baseada no Alasca agradeceu à VBC por não se esquecer dos homens

isolados naquele canto remoto da guerra. Ele comentou que, mesmo enquanto escrevia a carta, alguns soldados estavam lendo os livros enviados pela VBC, “e posso garantir¹⁵⁶ que eles estão muito gratos”. Da base naval de Rhode Island, um capitão relatou¹⁵⁷ que os livros estavam sendo devorados. Como os homens não tinham permissão para deixar a base, a sala de leitura era um dos poucos lugares onde podiam relaxar e se deixar levar pelos livros.

Com o crescimento das Forças Armadas, a necessidade por livros aumentou. Muita gente achava que a VBC, depois de alcançar seu objetivo, não podia simplesmente interromper seu trabalho. No entanto, mesmo suas iniciativas contínuas não seriam suficientes. Existiam dois problemas: o esgotamento da doação de livros doados e o fato de os milhões de homens das Forças Armadas precisarem viajar com pouco peso. Os livros de capa dura eram excelentes para as bibliotecas dos campos de treinamento e até mesmo a bordo de encouraçados. No entanto, sobrecarregavam o soldado que tinha de levá-lo para o campo de batalha.

Em 1943, a VBC batalhou por sua continuidade. Resistiu ao impacto das duras críticas de Isabel DuBois, chefe da seção de bibliotecas da Marinha. DuBois supervisionava cerca de mil bibliotecas da Marinha e de oito hospitais e se esforçava muito para criar uma lista de livros de qualidade para abastecê-las. A VBC passou por cima da autoridade de DuBois, e ela não gostou da intromissão. Em 1942, ela se opusera à VBC e resistiu muito à ideia de uma campanha em 1943. No verão de 1942, após receber um carregamento de livros, DuBois escreveu para Connor dizendo que, se as obras que recebera eram uma “amostra dos livros selecionados pelos bibliotecários, era a pior ofensa¹⁵⁸ a respeito da minha profissão que eu já vira. Eram os mesmos títulos que descartei em 1917 e 1918, e os 25 anos de intervalo não os tornaram mais valiosos”. Ela acrescentou: “Quando penso sobre o enorme desperdício no transporte e no manuseio, isso me deixa consternada. Em outras palavras, livros de presente têm valor? Como você sabe, nunca achei que tivessem, mas agora tenho ainda mais certeza disso.”

A VBC também enfrentava forte oposição política de Charles Taft, que só aprovou depois de muita relutância um financiamento para uma nova campanha, apesar de se queixar que ele tinha “certeza de que não¹⁵⁹ causa boa impressão nos maiores centros”. Ele estava “convencido de que isso ocorre porque uma bibliotecária se tornara presidente”. “Na primeira reunião, questionei a alocação de bibliotecárias nessa função”, afirmou ele. “Se fosse apenas uma campanha breve, não diria nada a respeito, mas deve ser uma

iniciativa contínua, e estou convencido de que isso vai afundar, a menos que se estabeleça uma política geral que posicione um homem leigo e enérgico no comando da campanha em cada grande centro.” Entre 1870¹⁶⁰ e 1900, a biblioteconomia tinha passado de uma atividade operada por 80% de homens para uma exercida por 80% de mulheres, ainda que os homens mantivessem a maioria dos cargos executivos e as mulheres geralmente desempenhassem funções secundárias. Warren, conhecida como a “número 1 no campo¹⁶¹ das bibliotecárias”, tinha sido nomeada como a primeira diretora da UBC. Evidentemente, Taft não apreciava muito a ideia de ver o grupo dominado por mulheres.

Depois que John Connor e a VBC sobreviveram ao temor do corte do orçamento, ele escreveu para Althea Warren, descrevendo os maus bocados. “De novo, Taft começou¹⁶² sua pregação sobre a incapacidade das bibliotecárias e da sua preferência pela presença de homens de negócio no trabalho. Ele teve permissão de expressar sua opinião”, disse Connor, mas, quando outras pessoas “acabaram exaltando as iniciativas das bibliotecárias em seu trabalho na VBC, Charlie não teve como refutar”. Connor esperava uma resposta simpática, e Warren não decepcionou. “Como fico feliz¹⁶³ por não ter encontrado o senhor Charles P. Taft! Você não teve vontade de levantar e esbofeteá-lo? Ele é tão cheio de críticas e nunca dá sugestões para ajudar”, afirmou ela.

A campanha de 1943 rendeu menos livros que a de 1942, e muitos deles não eram úteis para os soldados. Connor fez arranjos para encaminhar os livros não desejados para organizações e setores que pudessem apreciá-los. Defensor declarado da igualdade racial, enviou exemplares para campos de internamento de japoneses e pediu ao Exército que enviasse mais livros para os soldados afro-americanos.

Connor também enviou livros para os prisioneiros de guerra, ainda que não fosse fácil e tivesse de ser feito por meio da divisão de ajuda aos prisioneiros de guerra da Associação Cristã de Moços. Os títulos doados para a ACM tinham de ser rigorosamente classificados, pois as regras que determinavam quais tipos de livros poderiam ser aceitos eram rígidas. Por exemplo, nada publicado após 1º de setembro de 1939 era permitido, assim como materiais que tinham alguma relação com geografia, política, tecnologia, guerra ou forças armadas, ou “qualquer assunto¹⁶⁴ que possa ser considerado questionável”. Os livros tinham de ser novos ou estar em ótima condição;

nenhum sinal de uso ou rasura era permitido. Qualquer coisa escrita ou que incluísse material de autores judeus ou de “emigrantes do inimigo ou dos países ocupados pelo inimigo” era rejeitada, pois esses livros não seriam permitidos em campos de prisioneiros de guerra controlados pelos alemães.

A VBC recorreu às editoras¹⁶⁵ em busca de ajuda. Apenas no mês de março de 1943 a campanha coletou 1.500 livros da Funk & Wagnall; mais de 1.500 da Harper & Brothers; 4 mil da Doubleday, Dora; 2 mil da W. W. Norton & Company; 1 mil da G. P. Putnam’s Sons; e 1.600 da Alfred A. Knopf, para mencionar apenas algumas. De todas as editoras, a Pocket Books era sistematicamente generosa em doar seus populares livros de bolso. Em março de 1943, os 5 mil livros doados para a campanha pela Pocket Books suplementaram os 6 mil fornecidos no mês anterior. Sucesso entre soldados por serem mais leves e menores do que os tradicionais livros de capa dura, circulavam facilmente no exterior, bem como nos campos de treinamento e nos hospitais.

A diminuição de doações por parte do público levantou um questionamento: por que as Forças Armadas não incluíam os livros em seu orçamento? Entre 1941 e 1943, o Exército e a Marinha tinham distribuído revistas para as tropas. O sucesso desse programa selou o destino da VBC.

Apesar dos contratempos iniciais¹⁶⁶, o fornecimento de publicações populares foi uma das maiores transformações na recreação dos soldados da linha de frente até hoje. Originalmente, o Exército e a Marinha solicitaram milhares de assinaturas de mais de uma dúzia de revistas e planejaram distribuí-las junto, colocando um exemplar de cada num pacote e enviando para todo o mundo. No Exército, um conjunto de revistas devia chegar a cada unidade de 150 homens. Na realidade, pacotes que pesavam entre 23 e 32 quilos, cada um contendo duzentos exemplares da mesma revista, amontoaram-se em centros de distribuição postal para o exterior, onde permaneceram durante meses. Na maioria dos casos, as revistas jamais foram classificadas, e, assim, centenas de revistas idênticas acabaram sendo enviadas para a mesma unidade que, mês seguinte, às vezes não recebia nenhuma publicação. Essa distribuição irregular era bastante frustrante para aqueles que trabalhavam no serviço militar. De acordo com Bill Mauldin, cartunista vencedor do prêmio Pulitzer, as revistas chegavam “atrasadas e amassadas¹⁶⁷, quando chegavam” e “metade delas continham histórias em série, que são um pé no saco para os caras que começam a lê-las e não têm como continuar” pois nunca recebem a edição

seguinte. Seriam necessários quase dois anos para resolver esses problemas.

Em 1942, a reestruturação¹⁶⁸ da Divisão de Serviços Especiais do Exército, que era responsável por atender as necessidades referentes ao moral das tropas, acabou com a bagunça na distribuição das revistas. Os Serviços Especiais instalaram um depósito gigantesco perto do porto de Nova York, onde dezenas de milhões de revistas eram recebidas, classificadas e empacotadas. Entre as primeiras revistas a serem distribuídas estavam: *American Magazine*, *Baseball Magazine*, *Collier's*, *Detective Story Magazine*, *Flying*, *Infantry Journal*, *Life*, *Look*, *Modern Screen*, *Newsweek*, *Omnibook*, *Popular Mechanics*, *Popular Photography*, *Radio News*, *Reader's Digest*, *Superman*, *Time* e *Western Trails*. Cada conjunto semanal continha um exemplar da maioria das revistas; no caso de títulos como *Life* e *Time*, três exemplares eram fornecidos para atender à demanda. (Em 1945, um *WAC Magazine Kit* especial foi desenvolvido, que era distribuído em hospitais e unidades do Women's Army Corps no exterior, incluindo revistas como *Harper's Bazaar*, *Glamour*, *Good Housekeeping*, *Ladies' Home Journal*, *McCall's*, *Mademoiselle*, *Personal Romances*, *True Confessions*, *True Story* e *Woman's Home Companion*.) Os primeiros kits foram expedidos em maio de 1943, e, daí em diante, a entrega de revistas se tornou regular, e a popularidade das publicações continuou a crescer. Entre julho de 1943 e janeiro de 1946, a quantidade de kits de revistas distribuídas para as tropas cresceu sete vezes. Devido à impressionante demanda, títulos adicionais foram acrescentados em cada kit, incluindo *Overseas Comics*, *New Yorker*, *Pic* e *Hit Kit*. Para manter esse serviço financeiramente viável para o Exército e a Marinha, os editores vendiam suas revistas a preço de custo. O preço médio para o kit de 100 revistas do mês de setembro de 1944 (com base em quatro entregas mensais de 25 revistas por kit) foi de apenas 3,86 dólares.

Para reduzir os custos e fazer concessões e driblar o racionamento de papel, algumas revistas criaram edições especiais para as Forças Armadas. Em geral, essas publicações não continham anúncios, eram impressas em papel de qualidade inferior e apresentavam número de páginas menor que o habitual. A *Newsweek* publicou uma edição "Battle Baby", a *Time* imprimiu uma "Pony Edition" e a *New Yorker*, a *Science News Letter* e a *McGraw-Hill Overseas Digest* imprimiram edições especiais para o exterior. Todas essas revistas apresentavam formato de 15,2 por 20,3 centímetros, aproximadamente, e utilizavam papel parecido com o do jornal. Essas edições economizavam papel, mas a mancha de impressão menor era terrível para os olhos. A edição "Battle Baby", da *Newsweek*, era uma reprodução da revista normal em dimensão

reduzida, o que resultou num texto com uma fonte de tamanho 7. O sargento Sanderson Vanderbilt, leitor ávido, ironizou que “após mais alguns¹⁶⁹ anos de leitura das edições em miniatura da *Time*” ele ficaria cego. Um historiador apoiou essa opinião: “Mesmo com boa¹⁷⁰ iluminação, ninguém consegue ler por muito tempo.”

Outra publicação a adotar a miniedição na época da guerra foi a *Saturday Evening Post*, que imprimiu a menor revista de todas, medindo meros 7,6 por 11,4 centímetros: a *Post Yarns*. Esses livretos eram realmente do tamanho de um bolso e continham artigos, ficção e caricaturas. Eram enviados 10 milhões de exemplares para os soldados em todo o mundo, com a condição de que o *Post Yarns* fosse passado de um leitor para outro. Ben Hibbs, editor da *Saturday Evening Post*, afirmou que o *Yarns* foi elaborado porque “os correspondentes de guerra¹⁷¹ sempre me falam a respeito da fome por material escrito toda vez que os soldados e marinheiros norte-americanos armam suas barracas e penduram suas redes para dormir”. O *Yarn* era a “tentativa de tornar a vida de nossos combatentes um pouco mais feliz”, e era distribuído “sem custo, como sinal de admiração e gratidão da *Saturday Evening Post* e da gente do país”, disse ele. *Battle Baby*, *Pony Edition* e *Post Yarns* foram as revistas mais notáveis produzidas durante a guerra – e na história das revistas. Pequenas, leves e divertidas, eram imensuravelmente apreciadas.

Então, por que não livros? A proliferação de minirrevistas, praticamente sem peso, fez o fornecimento de livros de capa dura pesados e a própria VBC parecerem obsoletos. Se um acordo pudesse ser feito para produzir e distribuir livros menores com base nos modelos de produção das revistas, o Exército e a Marinha não deixariam passar essa oportunidade.

⁸⁶ “o soldado”: Danton, “Victory Begins at Home”, 535.

⁸⁷ “Teremos”: *Fervent and Full of Gifts*, 97.

⁸⁸ *National Transitads*: Carta de Myron T. Harshaw, vice-presidente da National Transitads, Inc., para Marie Loizeaux, 30 de dezembro de 1941, e *Safeway Bulletin*, 6 de janeiro de 1942; “Final Reports, Victory Book Campaign”.

⁸⁹ *As doações do*: “Books Start to Pour In for Service Men; President and Mrs. Roosevelt Donate”, *New York Times*, 10 de janeiro de 1942.

⁹⁰ *As tropas norte-americanas começaram*: Charles G. Bolte, *The New Veteran* (New York: Reynal & Hitchcock, 1945), 28–29.

⁹¹ *Após ser abençoada*: “Books Start to Pour In”.

[92](#) “Carregando os livros”: “City Gives Books for Service Men”, *New York Times*, 13 de janeiro de 1942.

[93](#) *O Serviço de Voluntariado das Mulheres Americanas*: “Victory Book Campaign Program on the Steps of the New York Public Library”, Advisory Committee Meeting, 27 de janeiro de 1942, Report on the Progress of the Victory Book Campaign, VBC Records.

[94](#) *Morley era um nome muito conhecido*: “Christopher Morley, Author, 66, Is Dead”, *New York Times*, 29 de março de 1957.

[95](#) *O discurso de Morley começa*: “Speech by Maurice Evans – The Gutenberg Address by Christopher Morley”, 21 de janeiro de 1942, VBC Records.

[96](#) *No início de 1942*: “8,000,000-Man Army: Stepping Up the Draft”, *United States News*, 22 de maio de 1942.

[97](#) *cinco maiores cidades*: John Connor, “On to Victory with the Victory Book Campaign”, *American Library Association Bulletin* 36, no. 9 (September 1942), 552.

[98](#) *Dois semanas depois*: “100,000 Books Sent to Armed Services”, *New York Times*, 29 de janeiro de 1942.

[99](#) “*Embora tivéssemos percebido*”: Reunião do Comitê Consultivo da VBC, 27 de janeiro de 1942, VBC Records.

[100](#) “*Nossa biblioteca aqui*”: Carta para Wichita VBC de W. A. B., segundo-tenente do Air Corps., Library Officer, 5 de março de 1942, VBC Records.

[101](#) “*Começamos*”: Carta de W. B. para M. S., 4 de maio de 1942, VBC Records.

[102](#) “*Há algo errado*”: Editorial, “Design for Giving”, *Saturday Review of Literature*, 7 de fevereiro de 1942.

[103](#) *o Escritório de Gestão da Produção*: “Aluminum Drive Set at 2,000 Planes”, *New York Times*, 12 de julho de 1941.

[104](#) “*Famílias empolgadas*”: Goodwin, *No Ordinary Time*, 258-60.38

[105](#) *pensar duas vezes*: “Any Rags, Any Paper for Freedom Today?”, *New York Times*, 2 de abril de 1942.

[106](#) “*não havia material não essencial*”: “Capitol Rounds up 318 Tons of Scrap”, *New York Times*, 3 de julho de 1942.

[107](#) *Em duas semanas*: “Rubber Collection Extended 10 Days”, *New York Times*, 30 de junho de 1942; Goodwin, *No Ordinary Time*, 358.

[108](#) “*trabalhadores norte-americanos estão prontos*”: “The President’s Message”, *New York Times*, 7 de janeiro de 1942.

[109](#) “*A vida sob uma economia de guerra*”: Eugene S. Duffield e William F. Kerby, “The War Economy, Like Living in a Great Depression”, *Wall Street Journal*, 9 de fevereiro de 1942.

- [110](#) *General Motors*: Goodwin, *No Ordinary Time*, 362, 357–59.
- [111](#) *Ficaram para trás*: Bennett Cerf, “Auto Curbs Bring New Book Demand”, *New York Times*, 3 de janeiro de 1943.
- [112](#) *Mesmo anos após a guerra*: Paul Fussell, *Wartime: Understanding and Behavior in the Second World War* (New York: Oxford University Press, 1989), 197-98.
- [113](#) “*Se temos ou não*”: James M. Landis, “We Have Become a Team”, *New York Times*, 6 de dezembro de 1942.
- [114](#) *Quando o Escritório de Administração dos Preços*: “Golf Ball Rush Causes Rationing”, *New York Times*, 19 de dezembro de 1941.
- [115](#) *As mulheres agarraram punhados*: “Girdles for the Duration”, *New York Times*, 11 de janeiro de 1942.
- [116](#) “*Se é notícia*”: “Don’t Be a Hoarder”, *New York Times*, 15 de fevereiro de 1942.
- [117](#) “*Se vocês não acreditam*”: “The President’s Broadcast”, *New York Times*, 29 de abril de 1942.
- [118](#) *Warren recorreu*: “Victory Books Records, Publishers’ Donations to the Victory Book Campaign”, VBC Archives.
- [119](#) *A editora Pocket Books*: John Hersey, *Into the Valley: A Skirmish of the Marines* (Nova York: Pocket Books, 1943), 124.
- [120](#) *No início de março de 1942*: “Report on Books Collected and Books Distributed”, 12 de janeiro a 1o de março de 1942, VBC Records.
- [121](#) *Os jornais tinham*: “A Symbol of Freedom”, *Christian Science Monitor*, 28 de fevereiro de 1942.
- [122](#) *A VBC fez*: “Report on Books Collected”, VBC Records.
- [123](#) “*não devem estar sujos*”: “Wanted: Books for Fighters”, *New York Times*, 11 de abril de 1942.
- [124](#) “*No início da primavera de 1942*”: “The President’s Broadcast”.
- [125](#) “*Cinco anos atrás*”: Pyle, *Here Is Your War*, 226, 246, 255.
- [126](#) “*Monotonia, monotonia*”: Pfc. H. Moldauer, “Monotony”, *The Best from Yank, the Army Weekly* (New York: Armed Services Editions, No. 934 [1945]), 416.
- [127](#) *Private first class*, ou seja, patente de segundo cabo. (N. do T.)
- [128](#) “*nove décimos de trabalho maçante*”: Sargento. Walter Bernstein, “Infantry Battalion Sweats It Out in Italy”, *The Best from Yank* (Nova York: Armed Services Edition, No. 934 [1945]), 115.
- [129](#) *Quando uma batalha*: Fussell, *Wartime*, 55, 278-79.
- [130](#) “*era difícil*”: E. B. Sledge, *With the Old Breed at Peleliu and Okinawa* (Nova York: Presidio Press, 2007), 108.

- [131](#) “*sofre tanto*”: Fussell, *Wartime*, 96.
- [132](#) *correspondente de guerra Ernie*: Pyle, *Here Is Your War*, 49.
- [133](#) “*algo digno*”: Carta do capelão P. W. T., a John Connor, 22 de abril de 1943, VBC Records.
- [134](#) *Além de os*: Christopher P. Loss, “‘The Most Wonderful Thing Has Happened to Me in the Army’: Psychology, Citizenship, and American Higher Education in World War II”, *Journal of American History* 92, no. 3 (December 2005), 874.
- [135](#) “*Quando lemos*”: Beverly Sigler Edwards, “The Therapeutic Value of Reading”, *Elementary English* 39, no. 2 (February 1972), 215.
- [136](#) *Muitos homens*: Charles Bolte, *The New Veteran* (New York: Reynal & Hitchcock, 1945), 14, 17.
- [137](#) *No editorial que Warren publicou*: Boaz, *Fervent and Full of Gifts*, 95-96.
- [138](#) *Os depósitos dos campos de treinamento*: Memorando para John Connor de H. D., 23 de junho de 1942, VBC Records.
- [139](#) “*Connor sempre*”: Stan Elman, “John Michael Connor”, *Special Libraries* (May/June 1979), 256.
- [140](#) *Em abril de 1942*: “Book Drive Pushed for Service Men”, *New York Times*, 18 de abril de 1942.
- [141](#) “*pediu a cooperação*”: “Roosevelt Makes Victory Book Plea”, *New York Times*, 15 de abril de 1942.
- [142](#) “*Todos sabemos*”: Carta para a American Booksellers Association de Franklin D. Roosevelt, 23 de abril de 1942, Council Records.
- [143](#) *Os casos de cidadãos*: “Book Drive Pushed”, *New York Times*; “Wanted: Books for Fighters”, *New York Times*.
- [144](#) *Um grupo de escoteiros*: “Final Reports, Victory Book Campaign”, VBC Records.
- [145](#) *quase 9 milhões*: “Report on Books Collected”, VBC Records.
- [146](#) *Caso as universidades*: Carta de H. P., 8 de maio de 1942, VBC Records.
- [147](#) *coletas de última hora*: Ver, em geral, Publicity 1942, Commencement Day Book Collections, VBC Records, Box 4, Folder 119.
- [148](#) “*Fome, trabalhos forçados*”: “Feast of the Book-Burners”, *New York Times*, 10 de maio de 1942.
- [149](#) *Famoso por*: “Winner for Novel Long in Business”, *New York Times*, 2 de maio de 1944.
- [150](#) *Nos quatro anos seguintes*: “Radio Today”, *New York Times*, 10 de maio de 1946.
- [151](#) “*Dê razão ao inimigo*”: Stephen Vincent Benét, “They Burned the Books”, *Saturday Review of Literature*, 8 de maio de 1943.
- [152](#) “*Lorelei*”: A. Z. Foreman, “Heinrich Heine: The Lorelei (From German),” disponível em

<http://poemsintranslation.blogspot.com/2009/11/heinrich-heine-lorelei-from-german.html>.

[153](#) “*com cortesia totalitária*”: Benét, “They Burned the Books”.

[154](#) “*Essa batalha não*”: Benét, “They Burned the Books”.

[155](#) “*Saibam*”: Carta do soldado raso S. C. para a ALA, 11 de dezembro de 1942, VBC Records.

[156](#) “*e posso garantir*”: Carta do primeiro-tenente S. F. S. para John Connor, 24 de maio de 1943, VBC Records.

[157](#) *um capitão relatou*: Carta do capitão S. B. para G. S., 3 de junho de 1943, VBC Records.

[158](#) “*a pior ofensa*”: Carta de Isabel DuBois para John Connor, 25 de agosto de 1942, VBC Records.

[159](#) “*certeza de que não*”: Carta de Charles Taft para Althea Warren, 9 de fevereiro de 1942, VBC Records.

[160](#) *Entre 1870*: Joanne E. Passet, “Men in a Feminized Profession: The Male Librarian, 1887-1921”, *Libraries & Culture* 28, no. 4 (Fall 1993), 386.

[161](#) “*a número 1 no campo*”: Memorando, “USO for National Defense, Inc”, VBC Records (grifo da autora).

[162](#) “*De novo, Taft começou*”: Carta de John Connor para Althea Warren, 14 de agosto de 1942, Althea B. Warren Papers, Record Series 2/1/24-1, “Victory Book Campaign 1942,” American Library Association Archives, University of Illinois.

[163](#) “*Como fico feliz*”: Carta de Althea Warren para John Connor, de 30 de julho de 1942, VBC Records.

[164](#) “*qualquer assunto*”: Memorando para o coronel Corderman, 28 de dezembro de 1942, VBC Records.

[165](#) “*recorreu às editoras*”: Doações de editores para a Victory Book Campaign, Box 2, Folder 2, VBC Records.

[166](#) *Apesar dos contratemplos iniciais*: Jamieson, *Books for the Army*, 128-29.

[167](#) “*atrasadas e amassadas*”: Bill Mauldin, *Up Front* (Cleveland, Ohio: World Publishing, 1945), 18.

[168](#) *Em 1942, a reestrutura*: Jamieson, *Books for the Army*, 130-35, 141.

[169](#) “*após mais alguns*”: Sargento Sanderson Vanderbilt, “Tough Shipment Ticket”, *Yank, the Army Weekly* (British ed.), 1o de outubro de 1944, 9.

[170](#) “*Mesmo com boa*”: Jamieson, *Books for the Army*, 132-33.

[171](#) *os correspondentes de guerra*: “A Message from the Editor of *The Saturday Evening Post*”, *Post Yarns* 5, no. 3 (1944).

CAPÍTULO 4

Novas armas na guerra de ideias

Nos dois primeiro¹⁷² dias no mar, nosso navio parecia circular sem destino. Então, paramos completamente e ficamos ancorados por um dia. Mas, finalmente, tivemos nosso encontro com os outros navios e, ao anoitecer – cinco dias depois de partirmos de Londres – navegamos lentamente numa formação pré-definida, como peças flutuantes de um quebra-cabeça levadas juntas pela corrente para formar uma imagem. Na escuridão, o navio balançava, e os mais fracos começaram a ficar enjoados...

Depois de certo tempo, o mar acalmou... Os soldados eram acordados às seis e meia da manhã, e às dez da manhã, todos os dias, tinham de ser passados em revista e fazer treinos militares por uma hora. Fora isso, tinham pouco para fazer e passavam o tempo deitados lendo ou andando pelo convés.

– ERNIE PYLE, *CONVOY TO AFRICA*, 1942

EM MAIO DE 1943, o *New York Sun* revelou que o Exército e a Marinha já não precisavam dos livros doados pela VBC. Pela primeira vez, as Forças Armadas planejavam adquirir milhões de livros mensalmente com a ajuda de uma organização chamada Conselho sobre Livros em Tempo de Guerra. “Muitas pessoas¹⁷³ viram a campanha de doação como uma oportunidade de se livrar de livros que ninguém queria”, afirmou o *Sun*. No dia seguinte, o *New York Herald Tribune* deu a seguinte manchete: “Campanha pública fracassa; Exército comprará livros.” O artigo dizia que “os soldados norte-americanos¹⁷⁴ terão livros que o próprio Exército comprará”.

Os voluntários da UBC, que acreditavam que uma campanha em 1944¹⁷⁵ era provável, ficaram decepcionados ao saber que seu trabalho fora considerado um fracasso. Dias depois da publicação dos artigos do *Sun* e do *Tribune*, as United Service Organizations (USO) informaram à VBC que não forneceria recursos financeiros para uma campanha em 1944. A VBC não teve escolha e, assim, fechou as portas. Com dor no coração e após discussões prolongadas, os funcionários da ALA votaram pela suspensão da campanha em 1º de outubro de 1943. Os voluntários de todos os Estados Unidos receberam uma carta da VBC, que dizia que o próprio Departamento de Guerra planejava adquirir

livros, e que a VBC interromperia sua campanha, pois já não era necessária. Bibliotecários indignados expressaram suas opiniões. Uma bibliotecária escreveu para a VBC pedindo uma explicação para o encerramento da campanha quando os livros eram altamente necessários, e “o depósito¹⁷⁶ deles estava quase vazio”. “Se os bibliotecários¹⁷⁷ vão abdicar de suas responsabilidades e da oportunidade de ajudar na guerra, já podem esperar ser tratados com ainda maior indiferença”, afirmou um bibliotecário indignado de Cleveland. “Sem dúvida, a necessidade¹⁷⁸ que motivou a criação da campanha não foi plenamente satisfeita; na realidade, foi apenas diminuída”, escreveu um bibliotecário exasperado da Associação de Bibliotecas da Marinha Mercante Americana.

No entanto, a decisão era difícil de contestar. Havia um limite para a quantidade e a utilidade dos livros doados e era o momento de uma iniciativa de maior escala: imprimir novos livros, escolhidos e produzidos especialmente para os norte-americanos em guerra. O projeto gráfico era tão importante quanto a seleção de títulos. O cartunista Bill Mauldin, que documentou a vida militar na França, na Itália e na Birmânia, procurou explicar ao front interno a dureza diária enfrentada pelos soldados de infantaria. Ele sugeriu:

Cave um buraco¹⁷⁹ em seu quintal durante uma chuva. Sente-se no buraco até a água subir até a altura dos tornozelos. Despeje lama fria por dentro da gola do seu casaco. Fique sentado ali durante 48 horas e, assim, não há risco de você cochilar. Imagine que há alguém à espreita, esperando uma chance para golpear sua cabeça ou colocar fogo na sua casa.

Saia do buraco, encha uma mala com pedras, levante-a com uma das mãos, pegue uma escopeta com a outra mão e percorra o caminho mais lamacento que puder encontrar. Caia de cara no chão em intervalos regulares, pois você acha que grandes meteoros estão caindo sobre seu corpo.

Depois de quinze ou vinte quilômetros (lembre-se: você ainda está carregando a escopeta e a mala), comece a andar furtivamente pelo mato úmido. Imagine que alguém pôs armadilhas explosivas no seu caminho, que inclui cascavéis que o picarão se você pisar nelas. Dê um rifle para um amigo, que, de vez em quando, lançará rajadas em sua direção.

Bisbilhote ao redor até achar um touro. Procure descobrir uma maneira de se esconder do animal, sem deixar que ele o veja. Se ele o vir, corra a toda a velocidade de volta ao buraco no quintal, largue a mala e a escopeta e pule para dentro dele.

Se repetir esse exercício a cada três dias, durante meses, você poderá começar a entender por que um soldado de infantaria fica sem fôlego de vez em quando. Mas você ainda não entenderá como ele se sente quando as coisas ficam difíceis.

As exigências físicas impostas a um soldado de infantaria, ou a qualquer um que estivesse combatendo perto das linhas de frente, requeriam que todos os itens supérfluos fossem removidos da mochila dele. “Você olha tudo e tenta

achar algo que pode jogar fora, para deixar a carga um pouco mais leve sobre os pés cheios de bolhas”, disse Mauldin. Até máscaras contra gases eram usualmente descartadas, pois os homens se desesperavam para aliviar o peso que carregavam. É compreensível que um livro de capa dura não sobrevivesse ao corte final. Como o sargento Ralph Thompson afirmou com sarcasmo: “Se você visse¹⁸⁰ a bagagem usual de um soldado de infantaria, compreenderia por que ele não sai correndo e compra dois romances históricos de mil páginas para completar a carga.”

No entanto, eles ansiavam por leituras. As publicações do Exército, como *Stars and Stripes* e *Yank, the Army Weekly*, eram muito procuradas. Quando as revistas populares chegavam, eram agarradas, lidas com atenção e passadas para o próximo companheiro da fila. Mauldin afirmou que “no front, os soldados¹⁸¹ liam os rótulos dos suprimentos, apenas para ler alguma coisa”. Livros eram procurados, mas não os de capa dura. Aquilo de que o Exército e a Marinha precisavam eram exemplares leves e de tamanho adequado.

Embora os livros de bolso parecessem uma solução óbvia, esse tipo de publicação ainda não fora adotado por todas as editoras. A guerra (e, mais precisamente, o racionamento) desencadeara uma nova tendência, que deixava de lado os livros de capa dura e priorizava os livros de bolso de capa mole e formato menor, predominantemente fornecidos por novas editoras. A mudança foi total. Em 1939, menos de 200 mil brochuras¹⁸² foram vendidas nos Estados Unidos, enquanto em 1943 esse número crescera para mais de 40 milhões de unidades. Antes da década de 1940, a indústria editorial e as livrarias desprezavam os livros de capa mole. Os livreiros se recusavam a expor esses exemplares, deselegantes e inferiores, na vitrine de suas livrarias, que eram quase todas dedicadas a livros de capa dura, imponentes e resistentes. A margem de lucro de um livro de capa dura, com um preço aproximadamente dez vezes maior que um de capa mole, era um obstáculo significativo para fazer os editores cogitarem algo diferente daquele formato. No entanto, a tendência¹⁸³ começou a mudar quando o acesso dos editores ao papel foi reduzido pelo racionamento, e restrições foram impostas a respeito do consumo de tecido de algodão utilizado na encadernação do livro de capa dura (o governo precisava desse tecido para produzir redes de camuflagem). Quando cada editora enfrentou a questão de produzir livros com apenas uma fração do papel e do tecido de algodão que normalmente usavam, conformaram-se com a ideia de que não seriam capazes de produzir livros de capa dura na quantidade e qualidade habituais se seguissem empregando os métodos usuais.

A Pocket Books, a primeira editora norte-americana a produzir livros de bolso em massa, demonstrou que podia obter lucros robustos com a venda de livros em drogarias e lojas de \$ 1,99 (como a Woolworth's) em vez de nas livrarias tradicionais. Como o nome sugere, a Pocket Books publicava exemplares de formato menor, que utilizavam menos papel. Mesmo os defensores mais obstinados dos livros de capa dura tiveram de admitir que os livros de capa mole eram bastante apropriados para superar as restrições do tempo de guerra. O que emergiu então foi uma revolução na indústria do livro norte-americana. A revista *Time* declarou que, com o próspero negócio dos livros de capa mole e as vendas de livros além das expectativas, 1943 “foi o ano mais notável¹⁸⁴ na história de 150 anos do setor editorial norte-americano”.

A ideia do¹⁸⁵ Conselho sobre Livros em Tempo de Guerra foi concebida num fatídico dia de fevereiro de 1942, quando Clarence Boutell, diretor de propaganda da G. P. Putnam's Sons, almoçou com George Oakes, do *New York Times*. Oakes mencionou que o *Times* havia recentemente reformado e renovado o Times Hall, um teatro localizado na 44th Street, em Manhattan, tornando-o apto a receber eventos de interesse público. Boutell, que acreditava que os livros eram uma arma fundamental para desenvolver o moral e enfrentar a guerra de ideias, sugeriu que os editores se reunissem no Times Hall para discutir sobre como os livros poderiam ser utilizados para ganhar a guerra. “Os homens de letras dividiam a responsabilidade com os fabricantes de armas e quem as usava” para assegurar a vitória e uma paz duradoura, afirmou Boutell. Os dois concordaram em consultar seus colegas a respeito do interesse num evento desse tipo.

De volta ao seu escritório, Boutell apresentou a ideia a Melville Minton, presidente da Putnam, que se interessou o suficiente para sugerir que eles se encontrassem com Malcolm Johnson, da Doubleday, Doran & Co., para discutir o assunto mais detalhadamente. A profissão de editor era uma segunda¹⁸⁶ carreira para Johnson, que se formara em engenharia química no MIT e depois passara sete anos na Standard Oil Company, num projeto na China. No entanto, logo que descobriu o setor editorial, Johnson soube que tinha achado sua verdadeira vocação. Começou como editor-geral da revista *Atlantic Monthly* e, em seguida, conseguiu um emprego na Doubleday. Johnson trabalhou no ramo editorial pelo resto de sua vida. Tornou-se figura proeminente do setor, e sua opinião sobre a ideia de Boutell era fundamental. Felizmente, ele a adorou.



Sabendo que os livros de capa dura eram inadequados para os homens nas linhas de frente, Malcolm Johnson, da Doubleday, Doran & Co., ajudou a desenvolver livros feitos para os soldados e revolucionou o processo da indústria editorial.

Representantes de diversas editoras grandes e figuras importantes do setor editorial formaram uma comissão. Boutell foi eleito presidente do grupo. Além de Johnson, os outros membros da comissão eram Donald S. Klopfer, da Random House; Frederic G. Melcher, editor da *Publishers Weekly*; William Warder Norton, presidente da W. W. Norton; Robert M. Coles, da American Booksellers Association; George Oakes e Ivan Veit, do *New York Times*; e Stanley P. Hunnewell, do Escritório de Editores de Livros, principal organização empresarial do setor. Em março de 1942, numa reunião, esse grupo votou a favor da criação do Conselho sobre Livros em Tempo de Guerra, com o objetivo de estudar como os livros poderiam servir ao país durante a guerra. Uma semana depois, outra reunião foi realizada, e Norton sugeriu que o slogan do conselho fosse: “Livros são armas¹⁸⁷ na guerra de ideias.” Foi adotado imediatamente. O conselho cresceu rapidamente com a adesão de mais de setenta representantes do mercado editorial.

Nos primeiros meses de existência, o conselho parecia ser “um comitê em busca de¹⁸⁸ um projeto”. Todos concordavam que os livros desempenhavam papel decisivo na guerra, mas como eles podiam ser mobilizados para a ação?

Na primavera de 1942, no Times Hall, o conselho organizou uma reunião de profissionais do ramo editorial para discutir essa questão. Para estimular a discussão, cada participante convidado recebeu com antecedência um artigo escrito pelos membros do conselho, intitulado “Os livros e a guerra”. O artigo começava¹⁸⁹ observando que uma guerra total estava em andamento, com combates não só “em terra, no mar e no ar”, mas também no “âmbito das ideias”. Afirmava: “A arma individual mais poderosa que essa guerra já empregou não foi um avião, uma bomba ou um rolo compressor de tanques, mas sim o livro *Mein Kampf*. Esse livro, sozinho, fez uma nação culta queimar os grandes livros que mantinham a liberdade viva nos corações dos homens. Se o objetivo dos Estados Unidos for a vitória e a paz mundial, todos nós teremos de pensar melhor e saber mais do que os nossos inimigos pensam e sabem”, observou o conselho. “Essa guerra é uma guerra de livros (...) Os livros são as nossas armas.” Essa mensagem, escrita, gerou exatamente o que o conselho esperava. A conversação fluiu conforme os escritores e os editores consideravam seu papel na guerra especial. O interesse em participar dos encontros no Times Hall aumentou. Foram recebidos tantos pedidos de ingressos para o evento que muitos tiveram de ser recusados.

Em 12 de maio de 1942, o Times Hall ficou lotado de escritores, jornalistas, editores, importantes figuras do governo, e todos aqueles que tinham interesse na liberdade para publicar a palavra escrita. Durante duas noites, o mundo do livro se uniu para examinar os temas que haviam sido levantados no artigo. O orador principal, o secretário de Estado assistente Adolf A. Berle Jr., iniciou o evento pedindo que “todos os que tenham¹⁹⁰ alguma ligação com os livros (...) cuidem para que eles mereçam o lugar que é digno deles”. Hitler havia iniciado a guerra contra as ideias, disse Berle, e “se os escritores ainda podiam escrever, se os editores ainda podiam publicar, se as universidades ainda podiam ensinar, é porque, e só porque, muitos e muitos homens, por pura fé, estão prontos a dar sua vida e a de seus filhos, e tudo o que possuem, pela defesa desses direitos”. Anne O’Hare McCormick, colunista do *New York Times*, assumiu a tribuna a seguir. Ela falou da existência de três pontos prementes do tempo de guerra que só os livros podiam aplacar: os norte-americanos precisavam de livros capazes de esclarecer as questões envolvidas na guerra, capazes de provar que os problemas que pareciam insolúveis podiam ser solucionados, e livros destinados a fortalecer a determinação e ajudar as pessoas a suportar as adversidades. “O livro escrito¹⁹¹ para expressar e inspirar grandes pensamentos, grandes sonhos, os propósitos maduros e resolutos da América, um livro

escrito para a dimensão da América disparará milhões de armas e lançará mil navios”, ecoou a voz de McCormick, enquanto o fragor dos aplausos a engolfavam.

Depois da convenção no Times Hall¹⁹², o conselho cuidou de diversos projetos, dois dos quais, os mais importantes, envolviam programas de rádio e a indicação de livros interessantes para o público. Inicialmente, apostou-se nos programas de rádio. Enfocando o próprio país, o front doméstico, o conselho produziu programas que falavam de livros que esclareciam os valores em jogo na guerra e promoviam discussão sobre a razão da entrada dos Estados Unidos na guerra e como a paz poderia ser alcançada. Esses programas – *Books Are Bullets; Fighting Words; Mightier than the Sword*; e *Words at War* – consistiam em entrevistas com escritores e discussões e dramatizações baseadas nos livros. Dos cem episódios transmitidos, o que mais agradou foi a adaptação do livro *Assignment: USA*, de Selden Menefee, transmitida no programa *Words at War*. Em vez de focar a maneira com que a guerra unificara o país em torno de um objetivo comum, Menefee expôs corajosamente a hipocrisia de travar uma guerra pela democracia e liberdade enquanto a desigualdade e o conflito social preponderavam domesticamente. A dramatização radiofônica de *Assignment: USA* levou os ouvintes a uma viagem de trem pelos Estados Unidos, enquanto um narrador comentava os problemas que Menefee testemunhou em diversas cidades. Nada foi ignorado: direitos trabalhistas, isolacionismo, preconceitos, racismo, antissemitismo. Foi um dos programas de rádio mais polêmicos da década.

Em 22 de fevereiro de 1944, às 23h30 (um horário tão tarde que os produtores pensavam que ninguém ouviria o programa), *Assignment: USA* foi transmitido pela primeira vez¹⁹³. No início, um narrador explicou que os ouvintes ouviriam os atores reencenando as experiências de Menefee e as conversas com cidadãos de todo o país. A primeira cidade visitada foi Brattleboro, em Vermont, onde um pai furioso recusava-se a permitir que sua filha se casasse com um irlandês. Então, o narrador comentou: “Na Nova Inglaterra, você encontrará uma hierarquia social bem estabelecida; um sistema de castas sem paralelo nos Estados Unidos, exceto a relação entre brancos e negros no sul.” O trem se deslocou para Boston, onde Menefee encontraria um pôster patriótico adulterado, com a palavra “United” trocada por “Jewnited”. “O isolacionismo, o antissemitismo [e] o pró-apaziguamento são mais desenfreados em Boston do que em qualquer cidade do país”, disse o narrador. Descrevendo os folhetos antissemitas distribuídos no metrô e a violência

dirigida contra os judeus, o narrador disse que esperaria testemunhar tais cenas na Alemanha nazista, e não nos Estados Unidos.

No sul dos Estados Unidos, o trem fez uma parada em Mobile, no Alabama, onde o narrador observou estaleiros prósperos, garotas de programa nas ruas e gangues de jovens roubando lojas e bebendo. Com a falta de moradias e a expansão da cidade, com famílias desamparadas procurando emprego, um morador local contou ao narrador que, “assim que a guerra acabar, seremos dispensados dos estaleiros, seremos mandados embora da cidade e voltaremos aos campos de ervilhas e pântanos de onde viemos!”. Enquanto o trem passava por Mississippi e Louisiana, o narrador observou que “grandes parcelas da população estão mais interessadas em manter o negro em seu lugar do que em manter Hitler e Tojo em seus lugares”. “A discórdia em vigor deve agradar bastante o Dr. Goebbels”, concluiu ele. Perguntado a respeito da “questão racial”, um político local insistiu que não havia nenhuma. “Há a supremacia branca, e sempre haverá a supremacia branca. Não temos paciência com os companheiros de Washington, com seus projetos de lei antilinchamento, seus projetos de lei antitaxa cobrada dos eleitores negros, e suas cláusulas antidiscriminação em contratos de guerra”, disse ele.

Enquanto o trem atravessava o Meio-Oeste, o narrador comentou que o mercado negro crescia em Chicago; os conflitos raciais em Detroit eram “piores que a maioria dos conflitos que o sul já tinha visto”; e Minneapolis fervilhava de antissemitismo. Na costa oeste, os moradores da Califórnia, de Oregon e Washington se queixavam da falta de alimentos e moradias, do absenteísmo, da rotatividade de mão de obra e das greves. O narrador discorreu sobre o baixo moral que atormentava as fábricas da indústria bélica, pois a gerência culpava os operários por serem indolentes e dissolutos, enquanto estes responsabilizavam a gerência pelas longas jornadas e duras condições de trabalho. Todos culpavam o governo pela falta de moradias, de assistência à infância e de instalações comunitárias.

No entanto, depois desse relato crítico a respeito da divisão nos Estados Unidos, o narrador pediu a Menefee que compartilhasse sua impressão geral a respeito do país. Ele terminou o programa com uma pitada de otimismo. “As pessoas estão fazendo um trabalho maravilhoso travando essa guerra, apesar dos erros que alguns estão cometendo”, disse Menefee. As pesquisas de opinião pública mostravam que os norte-americanos sabiam o motivo pelo qual estavam lutando, que estavam determinados a ganhar a guerra e conquistar uma paz duradoura. Menefee concluiu que os norte-americanos em geral

concordavam com o curso que o país estava seguindo na guerra e estavam dispostos a lutar pela paz e pela liberdade.

Assignment: USA gerou muita discussão. Alguns norte-americanos se sentiram ofendidos com as caracterizações e os comentários ásperos de Menefee, ao passo que outros acharam que o episódio discutiu os problemas do país com uma dose revigorante de honestidade. As revistas e os jornais aproveitaram a oportunidade para comentar o polêmico programa. A revista *Variety* relatou¹⁹⁴ que, se *Assignment: USA* fosse transmitido mais cedo, as “ligações telefônicas teriam queimado os fios da NBC”. O conteúdo do programa “chamuscou o ar e fez nossos ouvidos queimarem”; era exatamente o tipo de programa de que o país precisava. O *New York Times* considerou “o programa mais ousado e de maior impacto, mais difícil de rebater” do ano. Com a repercussão, a NBC foi pressionada a transmitir novamente o programa num horário não muito tarde, quando mais ouvintes poderiam acompanhá-lo. A NBC concordou,¹⁹⁵ e quando o programa foi reprisado, algumas cidades – como Boston, Springfield, em Massachusetts, e Mobile, no Alabama – recusaram-se a transmiti-lo. De acordo com a revista *Time*, “Boston não ficou satisfeita” com a retransmissão e já tinha “ouvido tudo o que queria ouvir (...) quando o programa foi transmitido pela primeira vez”. A transmissão ajudou no esforço de guerra? Certamente exibiu o rigor de uma imprensa livre e o direito de divergir e apresentar uma opinião crítica. O conselho ficou satisfeito com a audiência alcançada pelo episódio e se sentiu realizado por produzir um programa que desencadeou discussões a respeito de questões que incomodavam o país. Alcançou exatamente aquilo que o conselho esperava.

Embora os programas radiofônicos do conselho desfrutassem de grande audiência, seus membros estavam preocupados com o fato de que a quantidade de livros recomendados a cada semana pudesse saturar o público. Assim, o conselho decidiu iniciar um novo projeto, para promover somente aqueles títulos considerados extraordinários, que esclarecessem os motivos pelos quais o país estava em guerra, que valores estavam em jogo, e sob que termos a guerra deveria ser encerrada. Um Painel do Livro de Guerra foi criado para indicar e escolher os títulos que poderiam ser publicados com o selo de aprovação do conselho. Entre os membros do grupo incluíam-se Irita Van Doren, editora do *New York Herald Tribune*; Amy Loveman, editora associada da *Saturday Review of Literature*; o tenente-coronel Joseph L. Greene, editor do *Infantry Journal*; o almirante Harry E. Yarnell, aposentado; e Donald

Adams, editor do *New York Times Book Review*. O grupo se reunia periodicamente para discutir títulos e votar a respeito daqueles que receberiam o endosso oficial. Os livros selecionados eram reimpressos e recebiam etiquetas com a palavra “*Imperative*” (Fundamental) e capas adornadas com um grande “I”. Todos os membros do conselho eram obrigados a divulgar esses livros como leitura obrigatória, mesmo aqueles publicados pelas editoras concorrentes. Embora certamente se beneficiassem financeiramente promovendo a venda dos livros, nunca antes os editores tinham colaborado tão cordialmente¹⁹⁶ para anunciar livros publicados pelos concorrentes. Os cartazes eram expostos em bibliotecas e livrarias para ajudar a divulgar o novo programa de livros *Imperative* e os títulos selecionados.

O primeiro livro *Imperative* foi *They were expendable* (*Eles eram descartáveis*), de W. L. White, que foi escolhido em novembro de 1942. O livro contava¹⁹⁷ a história de um marinheiro que tripulava um barco torpedeiro nas Filipinas, quando os norte-americanos sofreram um ataque japonês. Narrado pela perspectiva de quatro sobreviventes (entre sessenta tripulantes), o livro não se esquivava da ideia expressa no título: aqueles homens eram considerados descartáveis, e eles sabiam disso. “Suponha que você seja um sargento metralhador, e sua tropa está em retirada e o inimigo está avançando”, um dos sobreviventes sugeriu. Ele continuou: O capitão o leva até uma metralhadora que protege o caminho. “Você fica aqui e mantém a posição”, diz ele para você. “Por quanto tempo?”, pergunta você. “Não importa. Simplesmente, mantenha a posição”, responde ele. Então, você sabe que é descartável. Numa guerra, tudo pode ser descartável: dinheiro, gasolina, equipamentos ou, mais geralmente, homens... Esperam que você fique ali e dê rajadas de metralhadora até ser morto ou capturado, detendo o inimigo por alguns minutos ou até mesmo preciosos quinze minutos.

As resenhas consideraram o livro a experiência pessoal de guerra mais significativa já publicada. Era merecedor da “Medalha de Serviços Relevantes¹⁹⁸”, o ‘I’ de *Imperative*”, afirmou um jornal.

Cerca de quatro meses depois, o conselho anunciou que *Into the Valley*, de John Hersey, seria o próximo título *Imperative*. Nesse livro, Hersey relatava¹⁹⁹ sua experiência como correspondente de guerra em Guadalcanal, onde acompanhou os fuzileiros navais numa missão para tomar o rio Matanikau dos japoneses, em outubro de 1942. De acordo com Hersey, após uma longa caminhada por uma mata fechada, atiradores inimigos abriram fogo, as metralhadoras japonesas matraquearam e os morteiros dispararam projéteis –

seus assobios estridentes eram uma advertência breve e apavorante de que bombas estavam prestes a explodir. Hersey observou como os soldados norte-americanos eram incapazes de montar suas metralhadoras rápido o suficiente e foram forçados a retroceder ao acampamento, carregando homens feridos e mortos. *Into the valley* apresentava um relato realista de uma batalha, descrevendo atos de heroísmo por parte dos fuzileiros, sem romancear demais a experiência.

Em maio de 1943²⁰⁰, o terceiro livro *Imperative* foi selecionado: *One world*, de Wendell Willkie, que narra a excursão de Willkie pelos países Aliados no outono de 1942 enquanto embaixador itinerante norte-americano, e registrava suas impressões a respeito dos líderes e das pessoas que conhecera. Willkie encorajava os norte-americanos a se livrar de suas tendências isolacionistas e a reconhecer que os países precisavam cooperar entre si para alcançar a paz e mantê-la após a guerra. O quarto título *Imperative*, anunciado em julho de 1943, foi *U.S. Foreign Police*, de Walter Lippman. O livro sustentava²⁰¹ que o fracasso dos Estados Unidos em reajustar sua política externa para explicar a aquisição das Filipinas, em 1898, e a agressão alemã durante a Primeira Guerra Mundial deixaram o país norte-americano completamente despreparado para a guerra de 1941 e ameaçaram sua capacidade de fazer a paz. Lippman apresentou uma breve história das relações diplomáticas e das guerras dos Estados Unidos, desafiou o apego norte-americano pelo isolacionismo e incitou os norte-americanos a reconhecer seus compromissos para com o mundo. O livro foi elogiado por tornar a política externa acessível para as massas e ampliou a área de discussão de pequenos grupos de intelectuais para centenas de milhares de pessoas.

O quinto livro²⁰² da coleção *Imperative* foi *A bell for Adano*, outra obra de John Hersey, que foi o único livro de ficção aprovado pelo programa. Essa obra desafiava a propaganda de Hitler, segundo a qual a heterogeneidade dos Estados Unidos era sua fraqueza. (Em setembro de 1941, Goebbels havia declarado que os “Estados Unidos de hoje²⁰³ jamais serão um perigo para nós. Nada será mais fácil do que produzir uma revolução sangrenta nos Estados Unidos. Nenhum outro país tem tantas tensões sociais e raciais. Seremos capazes de mexer muitos pauzinhos ali”.) O protagonista da história de Hersey é um soldado ítalo-americano que participa da invasão da Sicília e conquista a confiança dos italianos locais por causa de suas origens comuns. Hersey desenvolveu a ideia de que as Forças Armadas norte-americanas tinham uma vantagem na guerra porque representavam uma mistura de culturas e etnias.

O sexto²⁰⁴ e, ao que se revelou, último livro *Imperative*, foi escolhido em setembro de 1944: *People on Our Side*, de Edgar Snow. Snow, correspondente²⁰⁵ de guerra da *Saturday Evening Post*, realizou uma excursão por dezessete países entre abril de 1942 e o verão de 1943. Concentrando suas experiências na Rússia, na China e na Índia, ele descreveu os problemas políticos, econômicos e sociais que assolavam aqueles países.

Não é totalmente claro o motivo pelo qual a coleção *Imperative* chegou ao fim. A reunião para a seleção de um²⁰⁶ sétimo livro foi iniciada, mas a votação dos membros do Painel do Livro de Guerra acabou em empate de dois livros, e parece que esse resultado criou um impasse. Na primavera de 1945, o painel escolheu *The battle is the payoff*, de Ralph Ingersoll, mas esse título já havia se tornado um best-seller; e não tinha sentido coroar como *Imperative* um livro já lido por milhões de pessoas. E, naquela altura, o fim da guerra estava à vista.

Apesar de sua modesta quantidade de títulos, a coleção *Imperative* foi um sucesso. De fato, assim como para Hollywood e para a indústria cinematográfica, a guerra foi boa para a leitura e a indústria do livro. Os norte-americanos compraram²⁰⁷ cerca de 25% de livros a mais em 1943 do que em 1942. O novo formato, de bolso e capa mole, foi um sucesso, pois os norte-americanos ansiavam por prazeres simples em tempos de perigo. O aumento da venda de livros indicava um mercado de leitores em expansão. Como a revista *Time* observou, em 1943, “a leitura e a compra de livros saíram dos restritos guetos dos intelectuais e se tornaram o negócio de toda uma vasta população letrada dos Estados Unidos”. Os livros já não estavam vinculados à riqueza e ao status: tornaram-se passatempo universal e símbolo apropriado da democracia.

Os programas de rádio e a coleção *Imperative* não foram as maiores realizações do conselho. Em 1943, o conselho voltou sua atenção para as necessidades de livros por parte dos militares norte-americanos. Os editores sabiam que os soldados, os marinheiros e os fuzileiros navais ansiavam por livros, mas odiavam os volumosos livros de capa dura da VBC. Embora o conselho tivesse se aproximado da VBC para oferecer ajuda para suprir a demanda de livros pelos militares, o relacionamento dessas duas organizações nunca prosperou. De fato, em dezembro de 1942, quando os membros do conselho Richard Simon (da Simon & Schuster) e John Farrar (da Farrar & Rinehart) se encontraram com os membros da VBC, Farrar descreveu enigmaticamente o encontro como “bastante complicado e inconclusivo”, e, em seguida,

acrescentou: “Tinha ouvido uma versão melhor²⁰⁸.” As duas organizações jamais trabalharam juntas de forma significativa.

No início de 1943, não existia nenhum livro que satisfazia as necessidades específicas dos soldados posicionados nas linhas de frente. Ele teria de ser inventado. Enquanto os editores tratavam de decifrar como produzir economicamente livros de capa mole de formato pequeno, alguns homens trabalhavam num projeto que revolucionaria a indústria. Depois de consultar²⁰⁹ o tenente-coronel Trautman e o artista gráfico H. Stahley Thompson, Malcolm Johnson apresentou uma proposta ao conselho para reformatar o conceito de livro: por dentro e por fora. Embora os conselheiros saíssem da reunião com mais perguntas do que respostas, o plano recebeu aprovação unânime: nascia a Armed Services Edition (ASE).

Nos anos seguintes, a produção desses livros enfrentaria diversos desafios. No entanto, com a cooperação de todas as editoras importantes dos Estados Unidos, do Departamento da Marinha e do Departamento de Guerra, o conselho promoveu o projeto mais importante da história editorial do país. Finalmente, a organização, que tanto buscava um projeto, tinha encontrado um que poderia ser duradouro.

[172](#) “*Nos dois primeiros*”: Pyle, *Here Is Your War*, 4-5.

[173](#) “*Muitas pessoas*”: “Army to Purchase Books for Troops”, *New York Sun*, 12 de maio de 1943.

[174](#) “*Os soldados norte-americanos*”: “Public Campaign Fails, Army Will Buy Books”, *New York Herald Tribune*, 13 de maio de 1943.

[175](#) *campanha em 1944*: Atas para reunião, 19 de maio de 1943, VBC Records.

[176](#) “*o nosso depósito*”: Carta de M. R. G. para Neola Carew, VBC Records.

[177](#) “*Se os bibliotecários*”: Carta de “Ward”, assistente da bibliotecária da Cleveland Public Library para Neola Carew, 8 de setembro de 1943, VBC Records.

[178](#) “*Sem dúvida, a necessidade*”: Carta para a diretoria da Victory Book Campaign de L. C. B., 2 de setembro de 1943, VBC Records.

[179](#) “*Cave um buraco*”: Mauldin, *Up Front*, 143-44.

[180](#) “*Se você visse*”: Sargento Ralph Thompson, “A Report on Reading Overseas”, *New York Times Book Review*, 15 de agosto de 1943.

[181](#) “*No front, os soldados*”: Mauldin, *Up Front*, 25.

[182](#) *menos de 200 mil*: Loss, “Reading Between Enemy Lines”, 821.

- [183](#) *No entanto, a tendência*: Frank Adams, “Rationing Cuts Down Greatest Book Sales in History”, *New York Times Book Review*, 8 de agosto de 1943.
- [184](#) “foi o ano mais notável”: “Books”, *Time* (Pony Ed.), 20 de dezembro de 1943, 33.
- [185](#) *A ideia do*: Robert A. Ballou e Irene Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime, 1942-1943* (Nova York: Country Life Press, 1946), 1-3.
- [186](#) *A profissão de editor era uma segunda*: “Johnson, Ex-Head of Book Council”, *New York Times*, 28 de fevereiro de 1958.
- [187](#) “Livros são armas”: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 1-5.
- [188](#) “um comitê em busca de”: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 1-5.
- [189](#) *O artigo começava*: “Books and the War”, rascunho do artigo, Council Records.
- [190](#) “todos os que tenham”: “The Literature of Power”, discurso do ilustre Adolf A. Berle Jr., 12 de maio de 1945, New York Public Library.
- [191](#) “O livro escrito”: “U.S. Urged to Train Boys to Be Officers”, *New York Times*, 13 de maio de 1942.
- [192](#) *Depois da convenção no Times Hall*: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 34-35.
- [193](#) *Assignment: USA foi transmitido pela primeira vez*: Roteiro de “Assignment: USA.”, Council Records.
- [194](#) *A revista Variety relatou*: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 36.
- [195](#) *A NBC concordou*: “NBC v. Boston”, *Time* (Pony Ed.), 17 de abril de 1944, 26.
- [196](#) *colaborado tão cordialmente*: “Publishers to Back War Books Jointly”, *New York Times*, 10 de dezembro de 1942.
- [197](#) *O livro contava*: W. L. White, *They Were Expendable* (New York: Harcourt, Brace, 1942), v, 3-4.
- [198](#) “Serviços Relevantes”: Orville Prescott, “Books of the Times”, *New York Times*, 18 de dezembro de 1942.
- [199](#) *Hersey relatava*: John Hersey, *Into the Valley* (Nova York: Pocket Books, 1943), 66-71, 75.
- [200](#) *Em maio de 1943*: “Willkie’s Book Held ‘Imperative’”, *New York Times*, 7 de maio de 1943.
- [201](#) *O livro sustentava*: Walter Lippmann, *U.S. Foreign Policy*, sem data, Council Records; Lippmann, *U.S. Foreign Policy* (Nova York: Armed Services Editions, No. C-73 [1943]).
- [202](#) *O quinto livro*: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 48.
- [203](#) “Estados Unidos de hoje”: Lisa Sergio, “The Importance of Interpreting America”, *American Library Association Bulletin* 35, no. 9 (October 1941), 487.

[204](#) *O sexto*: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 48.

[205](#) *Snow, correspondente*: Edgar Snow, *People on Our Side* (Nova York: Random House, 1944).

[206](#) *A seleção de um*: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 48.

[207](#) *Os norte-americanos compraram*: “The Year in Books”, *Time* (Pony Ed.), 20 de dezembro de 1943, 33.

[208](#) *Tinha ouvido uma versão melhor*: 8 de dezembro de 1942, reunião executiva do conselho, relatório do vice-presidente (John Farrar), Council Records.

[209](#) *Depois de consultar*: Loss, “Reading Between Enemy Lines”, 826.

CAPÍTULO 5

Pegue um livro, soldado, e siga em frente

Prezados senhores,

Gostaríamos de agradecer²¹⁰ muitíssimo a um dos melhores programas do Exército: o Armed Services Editions. Sempre que os livros chegam, são tão bem-vindos quanto as cartas de casa. São tão populares quantos as pin-ups, principalmente aqui onde, se não fossem suas edições, não acharíamos livros com facilidade.

– SOLDADO W. R. W E SUA TURMA

OS EDITORES ESTAVAM diante de uma tarefa muito difícil: criar um novo conceito de livro, adequado para produção em massa e, ao mesmo tempo, sujeito às restrições do tempo de guerra. Em primeiro lugar, havia o racionamento de papel. Em 1943²¹¹, os editores recebiam apenas 37,5% do papel que utilizaram em 1939. Muitos consideravam essa limitação exasperante no momento em que o país estava no meio de uma guerra de ideias. Como um colunista do *Chicago Daily News* afirmou: “Não queimamos²¹² livros nos Estados Unidos; simplesmente cortamos a distribuição de papel. Os motivos são muito diferentes, mas alguns dos resultados são os mesmos.” Mas o governo²¹³ considerou os livros como um dos equipamentos necessários; da mesma forma que o alumínio e a borracha eram canalizados para as fábricas de aviões, o governo concordou em fornecer novecentas toneladas de papel por trimestre para a produção dos livros da Armed Services Editions.

Para maximizar a quantidade de livros impressos com essa oferta de papel, e para assegurar que os livros da ASE se adaptassem às circunstâncias militares, o conselho recorreu a formatos e técnicas de produção inéditos. Naturalmente, o conselho se baseou nos livros de capa mole. O novo método reduziu espaço e peso e os livros ganharam maleabilidade, de modo que pudessem ser guardados com mais facilidade num bolso ou numa mochila cheia. Além disso, o tamanho de cada livro tinha de ser reduzido. Na década de 1940, o tamanho do livro de capa dura padrão era de 20,3 por 12,7 centímetros e podia ter até 5 centímetros de lombada. Os livros da ASE seriam produzidos em dois tamanhos: o maior

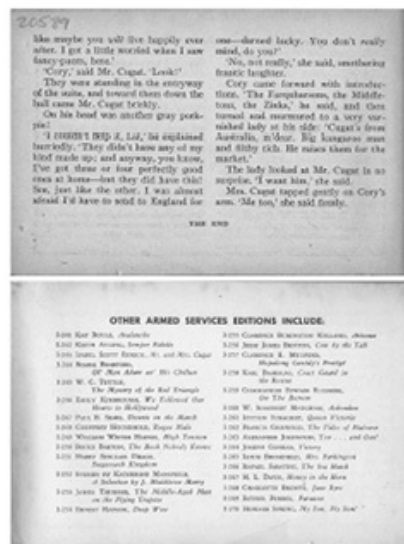
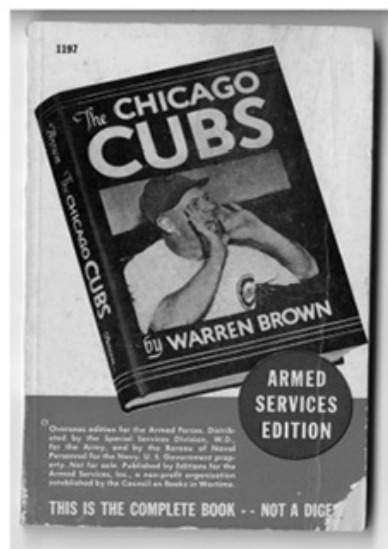
mediria 16,4 por 11,4 centímetros – similar aos de capa mole destinados ao mercado comum – e o menor, 14 por 8,5 centímetros. O livro maior teria uma lombada de apenas 1,9 centímetros e o menor, menos de 0,3 centímetros. Essas medidas não eram arbitrárias. O conselho pesquisou as dimensões dos bolsos dos uniformes militares padrão para assegurar que o maior livro da ASE coubesse no bolso da calça de um soldado e o menor, no bolso interno do paletó militar. Mesmo o livro mais volumoso²¹⁴ da ASE, de 512 páginas, podia caber no bolso traseiro da calça. Os livros menores tinham basicamente o tamanho de uma carteira. Até os soldados que lutavam nas linhas de frente podiam guardar ou tirar o livro do bolso a qualquer hora.

Não havia nenhuma impressora²¹⁵ capaz de imprimir exemplares tão pequenos. O conselho solucionou o problema recorrendo a impressoras de revistas. Muitos benefícios advieram dessa decisão. Talvez o mais importante fosse que essas máquinas utilizavam papel mais fino do que o normalmente usado para os livros de capa dura. Isso ajudou a manter os livros da ASE muito leves e finos. Graças à capa mole,²¹⁶ ao formato pequeno e ao papel de baixa gramatura, os livros da ASE pesavam um quinto ou menos do que os de capa dura.

Como as impressoras de revistas não eram projetadas para produzir publicações do tamanho de um bolso, o conselho imprimia dois livros em cada folha²¹⁷, um acima do outro, que eram depois separados por um corte horizontal. As máquinas que imprimiam a *Reader's Digest* eram utilizadas para produzir os livros menores, e os maiores eram feitos em impressoras de revistas populares. Uma desvantagem²¹⁸ desse método de impressão é que forçava o conselho a juntar um livro com outro, ou seja, duas páginas de livros diferentes em uma folha, uma acima da outra, exigindo que os membros da equipe contassem páginas, palavras e caracteres a fim de que os dois livros tivessem o mesmo volume. Era uma tarefa demorada e tediosa. Se livros de número diferente de páginas fossem emparelhados, o mais curto teria páginas em branco – um sacrilégio numa época de racionamento de papel. De fato, quando o Exército notou páginas em branco em alguns dos primeiros exemplares da ASE, insistiu com o conselho para que preenchesse aquelas páginas com biografias, quebra-cabeças *etc.* O conselho atendeu ao pedido e passou a incluir²¹⁹ uma biografia do autor quando o espaço permitia. Durante o emparelhamento dos livros, o conselho esforçava-se ao máximo para assegurar que não fossem alterados para alcançar uma contagem de palavras ou um tamanho desejado. Se o livro fosse condensado, a capa sempre incluía um

aviso.

Sabendo que as condições de combate²²⁰ eram estressantes e que a iluminação não era a ideal para leitura, o conselho concentrou-se em criar livros confortáveis para os olhos dos leitores. Os livros de capa dura tradicionais tinham de 10 a 13 centímetros de texto por linha, e sua altura era maior que a largura. Para os livros da ASE, o conselho encadernou os livros pelo lado curto, tornando-os mais largos do que altos, para que cada página pudesse acomodar duas colunas de 6,4 a 7,6 centímetros de texto por linha. Acreditava-se que os soldados, cansados por causa dos combates, achariam as linhas mais curtas do texto mais cômodas de ler. Outro benefício desse formato de duas colunas era que uma página podia comportar 12% a mais de palavras. O protótipo acabado era “pequeno, leve²²¹ e atraente... e bem legível mesmo sob condições difíceis de luz e movimento”, esclareceu o conselho num memorando sobre o projeto.



Durante a guerra, os livros da ASE foram encadernados pelo lado mais curto, e cada página comportava duas colunas de texto. Depois do Dia da Vitória sobre o Japão, os livros da ASE, como *The Chicago cubs*, foram impressos no formato tradicional. A capa de cada livro da ASE reproduzia uma imagem em miniatura da edição original de capa dura, a quarta capa descrevia o conteúdo do livro e a parte interna da quarta capa trazia a lista dos títulos do mês.

O conselho visou tornar o exterior dos livros da ASE o mais atraente e funcional possível. Em vez de comprimir a imagem da sobrecapa da edição de capa dura para o formato menor, as capas dos livros²²² foram recriadas. Uma imagem em miniatura da sobrecapa original aparecia na capa, e o título e o nome do autor do livro eram exibidos de forma destacada. As capas eram impressas em papel resistente e de alta gramatura, em cores vibrantes. Para chamar a atenção dos leitores para outros títulos disponíveis no lote de livros

daquele mês, a parte interna da quarta capa informava os últimos lançamentos. A quarta capa de cada livro da ASE apresentava uma breve descrição do seu conteúdo.

As capas dos livros eram impressas por uma única gráfica, a Commanday-Roth Company, e distribuídas para as diversas gráficas que reproduziam as páginas do miolo. Em seguida, os livros eram montados e encadernados, e os livros pareados eram cortados em dois. Embora os livros de capa dura fossem normalmente colados e costurados, os primeiros livros da ASE foram encadernados por meio de grampos. (De acordo com um jornal, os grampos eram mais adequados²²³, pois muitos soldados estavam baseados em locais onde insetos se deleitariam com a cola, ou a umidade das matas e outros ambientes úmidos fariam a cola se soltar ou dissolver.) Assim que a produção era concluída, os livros da ASE eram expedidos para centros de distribuição selecionados pelo Exército e pela Marinha.

Além de terem tamanho e peso convenientes, os livros precisavam ser o mais financeiramente viável possível para atender às limitações orçamentárias do Exército e da Marinha. O conselho concordou em vender os livros da ASE ao governo a preço de custo, mais um *royalty* de um cent, que era dividido entre o autor e a editora original. De acordo com o conselho, “os custos²²⁴ de produção dos livros da ASE são provavelmente os mais baixos já conseguidos nos Estados Unidos em relação a livros similares”. Inicialmente, o custo médio²²⁵ de cada livro era pouco superior a sete centavos de dólar por exemplar. Os livros fizeram tanto sucesso que surgiu a demanda de uma tiragem de milhões de livros adicionais por ano, reduzindo o custo médio de produção para 5,9 centavos de dólar por exemplar²²⁶.

No início do projeto²²⁷, o Exército e a Marinha pediram ao conselho que fornecesse 50 mil exemplares de cada um dos 50 títulos – ou seja, 2,5 milhões de livros – por mês. Oitenta por cento seriam distribuídos para o Exército, e o restante para a Marinha (o que era proporcional à quantidade de homens de cada corporação). Em julho de 1943, no momento²²⁸ em que o conselho assinou contrato com as Forças Armadas, o objetivo inicial foi reduzido de 50 para 30 títulos por mês, pois os desafios editoriais e de produção eram hercúleos.

Um processo de três etapas²²⁹ era utilizado na seleção dos títulos. Inicialmente, os editores consultavam seu catálogo para verificar quais livros seriam atraentes para os militares. Depois, a equipe de leitores do conselho, isto é, um grupo de pessoas de fora da indústria editorial, que emitia suas opiniões a

respeito do mérito de cada livro, reduzia a seleção. A terceira etapa consistia em buscar a aprovação do governo, a partir do tenente-coronel Trautman, em nome do Exército, e de Isabel DuBois, chefe da seção de bibliotecas da Marinha. Em qualquer momento, porém, o Exército e a Marinha podiam solicitar ao conselho que imprimisse determinados títulos, e os comentários dos soldados eram sempre bem-vindos. O principal critério²³⁰ levado em conta na seleção dos livros era a variedade. O objetivo era que cada série abarcasse uma grande variedade de títulos, para que sempre houvesse um livro que satisfizesse o gosto de cada homem. O gênero mais popular era a ficção contemporânea (quase 20% dos livros da ASE se encaixavam nessa categoria), seguido por romances históricos e livros de suspense, humor e faroeste. Entre outras categorias, estavam aventura, biografias, caricaturas, clássicos, atualidades, fantasia, história, música, natureza, poesia, ciência, histórias marítimas e navais, autoajuda, livros inspiradores, contos e viagem.

Entre os aspectos²³¹ mais notáveis das iniciativas do conselho, podiam-se citar a definição de referências amplas e o trabalho de evitar que se censurasse a leitura dos soldados. Isso não quer dizer que o conselho tinha permissão para publicar qualquer livro, independentemente do conteúdo. Depois que os editores e o conselho reduziam a lista de possíveis livros da ASE, os leitores do conselho assinalavam os trechos que podiam ser ofensivos aos aliados norte-americanos, que ajudavam e consolavam os inimigos, conflitavam com os espírito da democracia norte-americana ou eram ofensivos a quaisquer grupos religiosos ou raciais, negócios ou profissões. Essas diretrizes²³² eram interpretadas de forma liberal, mas impediam a publicação de certos livros. Por exemplo, embora aprovado pela análise crítica do Exército e da Marinha, o conselho recomendou a não publicação de *Persons and Places*, de George Santayana, pois o livro manifestava uma visão considerada “ambígua quanto à democracia”. Quando *Riders of the Purple Sage*, de Zane Grey (uma história de faroeste, cuja heroína favorece caubóis que a encorajam a se libertar dos males da igreja dos mórmons), estava prestes a ser imprimido, um leitor impediu a impressão, por causa de seu “duro ataque aos mórmons”.

Os dois livros foram rejeitados. Em geral, o conselho acreditava que era melhor não publicar um livro do que fazer cortes nele, para eliminar palavras ou trechos ofensivos. Isso cheirava à censura, e o conselho não queria distorcer a intenção ou determinada descrição do autor. Como o governo estava financiando o projeto em nome de uma elevação do moral, é compreensível que o conselho evitasse livros que fossem discriminatórios ou sujeitos a

objeções por certos grupos.

No entanto, no cômputo geral, os livros da ASE causaram grande sensação. John Jamieson, especialista em publicações durante a Segunda Guerra Mundial, afirmou que os livros da ASE consistiam de “quase tudo²³³... exceto didáticos e livros técnicos, e os gêneros juvenil e feminino”. Foram publicados clássicos (*David Copperfield*, de Charles Dickens, poesia de Shakespeare), clássicos modernos (*A Tree Grows in Brooklyn*, *O grande Gatsby*), histórias de faroeste (*Sunset Pass*, *Six Gun Showdown*), histórias de suspense e mistério (*Harvard Has a Homicide*, *The Murder That Had Everything*), biografias (*The Story of George Gershwin*, *Benjamin Franklin*), livros de arte e histórias em quadrinhos (*Soldier Art*, *Cartoons for Fighters* e *The Sad Sack*) e livros de esportes (*The Brooklyn Dodgers*, *The Best Sports Stories of 1944*). Além disso, havia livros sobre matemática (*Mathematics and the Imagination*), ciências (*Your Servant*, *The Molecule*), história (*The Republic*) e atualidades (*U. S. Foreign Policy*). Havia livros para alegrar os soldados (*Laugh It off*, *Happy Stories Just to Laugh at*), e outros que abordavam questionamentos dos homens. (*Is Sex Necessary?*, *Where do People Take Their Troubles?*). Havia sempre alguma coisa para todo e qualquer indivíduo. Ao final da missão, o conselho tinha publicado cerca de 1.200 títulos.

Os autores cujos títulos eram selecionados para integrar a coleção da ASE eram recompensados com um fiel público leitor de milhões de homens. As notícias acerca dos títulos favoritos se espalhavam rapidamente, até mesmo dentro do país. *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald²³⁴, escrito em 1925, foi considerado um fracasso enquanto o autor era vivo. No entanto, em outubro de 1945, quando foi lançado como livro da ASE, conquistou o coração dos soldados. Os elogios ecoaram até os Estados Unidos, e a obra foi resgatada da obscuridade e, desde então, é um clássico da literatura norte-americana.

Para os autores, saber²³⁵ que suas obras tinham sido selecionadas para integrar a coleção da ASE era uma grande honra. Emily Kimbrough, que escreveu *Our Hearts Were Young and Gay* com Cornelia Otis Skinner, afirmou que ela e sua coautora se sentiram “mais orgulhosas dessa qualificação do que quando a obra foi apontada como Livro do Mês”. Certa vez, David Ewen, autor de *The Story of George Gershwin* e *Men of Popular Music*, revelou que a publicação dos seus dois livros pela ASE teve um “significado especial”. Na ocasião em que “serviu no Exército, sabia muito bem o conforto que os livros podiam proporcionar aos homens cansados e solitários, instalados em lugares distantes”. Quando David Lavender tomou conhecimento de que *One Man's*

West, seu primeiro romance adulto, fora escolhido como livro da ASE, ficou imensamente grato. “Cinquenta e três mil exemplares! Mal podia acreditar nesse número... E tendo a acreditar que o fato de esses 53 mil exemplares terem se difundido em todos os lugares deu ao livro um impulso para três edições de capa dura e, depois, uma reedição em brochura”. O livro é encontrado em livrarias até hoje.

Os livros escolhidos²³⁶ para publicação a cada mês eram coletivamente batizados de “série”. As primeiras séries eram designadas por letras, e os livros, por números. Por exemplo, os títulos do primeiro mês constituíam a série A, numerados de um a trinta: A-1, A-2, e assim por diante. A partir da série J, 32 títulos eram impressos a cada mês. A série Q marcou o início de quarenta títulos por série. A série T foi a última a designar os livros por uma combinação de letra e número (embora os registros do conselho continuassem a designação com letra e número; após a série Z, vieram as séries AA, BB, e assim por diante); depois, começando com o número 665, cada livro era designado apenas por um número. Ao longo do tempo, a tiragem para cada série cresceu constantemente; 125 mil exemplares de cada título foram impressos a partir da série Q, e incríveis 155 mil exemplares de cada título da série W à Z.

Philip Van Doren Stern administrava a produção²³⁷ dos livros da ASE. Ex-editor executivo da Pocket Books, Stern tinha bastante experiência com livros de capa mole e já era familiarizado com os aspectos editoriais e de produção. A tarefa de Stern era árdua. Como diretor do ramo da Armed Services Editions presente no conselho, Stern tinha de manter relações constantes com cinco escritórios do Exército e da Marinha, uma empresa de papel (Bulkley Dunton) e suas fábricas, cinco gráficas, uma dúzia ou mais de tipografias (editoração), todos os membros do conselho (tanto individualmente enquanto editores, como coletivamente por meio do comitê de gestão do conselho), e o comitê de consultoria de seleção de livros. Mesmo com a ajuda de uma equipe de dez funcionários, a magnitude do projeto e a quantidade de atividades supervisionadas por Stern eram surpreendentes. Os livros eram escolhidos, impressos e distribuídos, tudo isso ao mesmo tempo, todo mês: era uma prova da dedicação de todas as partes envolvidas. Certamente, o projeto não estava livre de dores de cabeça.

Por exemplo, após se reunir com uma dúzia de gráficas importantes para solicitar o orçamento da impressão, o conselho decidiu trabalhar com cinco empresas que prometeram um bom desconto: Cuneo Press, Street & Smith, W.

S. Hall Company, Rumford Press e Western Printing & Lithographing Company. No entanto, em novembro de 1943, a Western Printing começou a reclamar do acordo e até ameaçou desistir dele. Representantes do Exército conversaram com os representantes da Western, tentando convencer a gráfica a continuar imprimindo os livros da ASE. Um coronel frustrado²³⁸ recomendou ao conselho evitar tais episódios declarando que os livros da ASE eram essenciais para o governo. No fim, Stern foi obrigado a negociar um aumento de 10% no pagamento para a Western Printing, a fim de assegurar que a empresa não interrompesse o serviço. Ao longo do projeto, Stern enfrentaria obstáculos similares, que ameaçaram a produção pontual dos livros. Ele se tornou um expert em superá-los.

Em setembro de 1943, a série A foi entregue ao Exército e à Marinha, totalizando 1,5 milhão dos menores livros de capa mole já produzidos em massa nos Estados Unidos. Em apenas sete meses, a ideia foi incubada, “planejada, organizada²³⁹ e posta em operação efetiva”; contratos foram redigidos, firmados e executados, e os livros foram produzidos e entregues. A iniciativa entrou para a história como um dos programas de produção mais bem coordenados de toda a guerra.

Como os órgãos de comunicação norte-americanos acompanharam de perto as VBCs de 1942 e 1943, a curiosidade cercou o plano da ASE. Afinal, milhões de norte-americanos tinham contribuído para a VBC e queriam saber mais a respeito da organização que a substituíra. A revista *New Republic* foi uma das primeiras publicações a comparar a troca de guarda. Começou explicando que o apetite dos soldados por leitura provou ser maior do que a VBC era capaz de atender; portanto, o conselho estava imprimindo livros especiais exclusivamente para os militares. A revista relatou ainda que, todos os meses, o conselho faria 50 mil reimpressões em miniatura de 25 ou mais títulos. Até 35 milhões de livros da ASE seriam impressos num único ano. Apesar desse feito impressionante, a *New Republic* estava depreciando o trabalho do conselho. “Os livros²⁴⁰ são concebidos levando em conta o baixo custo, a conveniência e a relação desgaste-durabilidade”, afirmou o artigo. Ao imprimir os livros em “papel-jornal fino”, eles pesariam menos que os de capa dura, mas o autor do artigo, Malcolm Cowley, duvidava que eles durariam muito tempo. “Minha impressão, ao manusear uma das provas impressas, é que cairia aos pedaços após duas ou três leituras”, escreveu Cowley.

O conselho tinha trabalhado durante meses, criado um conceito de livro

diferente de qualquer outro e posto essa inovação literária nas linhas de produção em tempo recorde. Compreensivelmente, seus membros ficaram decepcionados com aquela descrição desdenhosa. Archibald Ogden, diretor-executivo do conselho, escreveu uma carta para o editor da *New Republic* em defesa dos livros da ASE. Descrevendo o artigo como “um pouco injusto²⁴¹”, Ogden prosseguiu esclarecendo o assunto. Em primeiro lugar, os livros da ASE não eram impressos em papel-jornal fino. “O papel selecionado para a Armed Services Editions está dois níveis acima do papel do jornal, e é mais caro; porém, mais durável”, retrucou Ogden. Com respeito à afirmação do artigo de que os livros cairiam aos pedaços após algumas leituras, Ogden estimou que cada livro sobreviveria a seis leituras (e possivelmente a uma quantidade maior de vezes se não fosse manuseado rudemente). Ogden explicou que aquelas “edições eram²⁴², sem dúvida nenhuma, mais fortes do que qualquer edição de tamanho comparável no mercado”. Finalmente, quanto à “descartabilidade” dos livros, Ogden afirmou que os livros da ASE eram produzidos com baixo custo para que milhões de bons livros pudessem ser fornecidos aos homens situados em todo o mundo, num formato apropriado às circunstâncias. Um soldado seria capaz de escolher qualquer livro que lhe interessasse, levá-lo aonde quer que suas missões o enviassem e passá-lo para alguém quando terminasse de lê-lo. Todos os meses, novos lotes chegariam para suplementar o estoque dos livros em boas condições e substituir aqueles já desgastados pelo uso.

No final das contas, a *New Republic* ficou sozinha no questionamento a respeito dos livros da ASE. Segundo todas as outras opiniões, o projeto era um sucesso incontestável. Meses depois do artigo de Malcolm Cowley, o *New York Times Book Review* veiculou um artigo sobre os livros da ASE, relatando que “montanhas de livros²⁴³ – boas obras, incluindo clássicos, best-sellers atuais, livros de história, biografias, livros de ciência e de poesia – sendo distribuídos entre nossos soldados no exterior por meio de uma parceria original entre os editores de livro norte-americanos e o Exército e a Marinha (...) Fardos com esses livros foram transportados para a cabeça de praia de Anzio por aviões. Outros foram distribuídos para os fuzileiros navais em Tarawa pouco dias depois da destruição da última resistência japonesa naquele atol. Foram lançados de paraquedas para os militares em postos avançados em ilhas solitárias do Pacífico, distribuídos em grandes lotes para os hospitais situados atrás das zonas de combate em todos os pontos do mundo e entregues aos soldados no embarque para missões no exterior”.

O relato do *New York Times Book Review* foi confirmado por diversas cartas, enviadas de locais exóticos, para os autores dos livros da ASE. Por exemplo, Leo Rosten, cuja obra *The Education of H*Y*M*A*N K*A*P*L*A*N* (publicada sob o pseudônimo de Leonard Q. Ross) foi o primeiro livro da ASE a ser impresso (lote A-1), recebeu inúmeras cartas “comoventes, até de partir o coração²⁴⁴” dos homens das Forças Armadas. Uma delas, que ficou em sua mente, mesmo quarenta anos após a impressão do seu livro da ASE, dizia:

Print the complete address in plain letters in the panel below, and your return address in the space provided on the right. Use typewriter, dark ink, or dark pencil. Faint or small writing is not suitable for photographing.

FROM

TO: COUNCIL OF BOOKS IN WARTIME 5/SGT. EDGAR SHOLUND
 400 MADISON AVENUE 3744829E, Hq 12th Port
 NEW YORK, NY APO 562, % Postmaster
 New York, N.Y.
 (Sender's complete address above)

(CENSOR'S STAMP) SEE INSTRUCTION NO. 2

10 February 1945
 (FRANCE)

Gentlemen:
 This is merely a letter of appreciation. I do not know who you are or how your organization was ever started. However, I want to thank you for providing so many books in such a handy form for all of us in the service. It would have been impossible to present such excellent libraries to the forces scattered over this world by merely relying on the collection of old books from the people back home. I think that I am quite a discriminating reader but I never see a group of Council books without finding something very new which captures my interest or a worthwhile classic which I have long wanted to read. I have spent many a pleasant hour reading books which it would have been difficult to obtain under the present circumstances. All I can say is, "Thanks ever so much." Keep up the good work!

Sincerely yours,
 Edgar Sholund

HAVE YOU FILLED IN COMPLETE ADDRESS AT TOP? V-MAIL HAVE YOU FILLED IN COMPLETE ADDRESS AT TOP?
 GPO © U. S. GOVERNMENT PRINTING OFFICE: 1943 16-20148-8

Os editores e os autores recebiam malotes de correspondência de soldados agradecidos. Os livros da ASE eram a forma mais confiável de divertimento. Eles ajudaram uma geração a atravessar a guerra.

Gostaria de agradecer-lhe profundamente, por mim mesmo e, de modo mais importante, pelos homens aqui, nesse lugar esquecido do mundo. Fritamos durante o dia e congelamos à noite. Estamos perto do Golfo Pérsico (...) ninguém sabe. Tudo o que temos para recreação é uma mesa de pingue-pongue, com

apenas uma raquete.

Na semana passada, recebemos seu livro sobre o sr. K*A*P*L*A*N. Li e simplesmente morri de rir. Experimentei ler em voz alta uma noite na fogueira do acampamento. Os homens urravam. Não ouvia risadas assim há meses. Agora, o que eles mais querem é que eu leia uma história por noite: é a cota de prazer deles. Li as histórias fazendo um sotaque; espero que o senhor aprove.

Em setembro de 1943, quando o Exército e a Marinha receberam o primeiro carregamento de livros da ASE, a resposta dos oficiais de alta patente foi incrivelmente positiva. Imediatamente, o Exército²⁴⁵ pediu que o conselho aumentasse a quantidade de livros publicados por mês. Como o projeto estava dando seus primeiros passos e a produção de trinta títulos demonstrou ser um encargo significativo, o conselho não podia dar uma resposta imediata. No entanto, quando a série B de trinta livros ficou pronta para expedição, em meados de outubro, o tenente-coronel Trautman pediu ao conselho que aumentasse a tiragem de cada título de 50 mil para 60 mil exemplares. Mas, o conselho não assumiu nenhum compromisso. Em janeiro de 1944, Trautman compareceu a uma reunião do conselho e relatou que os livros da ASE faziam sucesso até nos locais mais remotos: Guadalcanal, Bora Bora e diversas ilhotas do Pacífico sul. Trautman alardeou o sucesso do programa e pediu mais livros. Ou melhor, exigiu. O conselho foi ordenado a aumentar a quantidade de livros da ASE de 50 mil exemplares de cada título por mês para 75 mil. Depois, a tiragem de cada livro deveria ser aumentada em 3 mil unidades a cada mês.

O conselho ansiava por saber o que os homens das Forças Armadas achavam das novas edições. Embora os autores dos livros da ASE começassem a receber cartas dos soldados, o próprio conselho havia recebido poucos comentários. Considerando a enormidade do projeto, o montante de recursos necessários para produzir livros naquelas quantidades e a cooperação sem precedentes entre empresas concorrentes para viabilizar aquele objetivo comum, muitos torciam para que o trabalho do conselho não fosse em vão. Existiam muitas perguntas. Haviam sido publicadas muitas histórias de faroeste? As biografias e os livros de história eram realmente desejados? Algum gênero tinha sido negligenciado pelo conselho? Os livros da ASE resistiam aos rigores da guerra e às múltiplas leituras? Os membros do conselho só podiam esperar que os livros de literatura, humor, biografia, poemas, não ficção e contos estivessem sendo recebidos com o mesmo entusiasmo com que haviam sido produzidos.

Nem todos os membros do conselho esperaram pacientemente os comentários vindos do exterior. Stanley Rinehart, da Farrar & Rinehart, enviou um bilhete para o seu amigo Charles Rawlings, correspondente de guerra do *Saturday Evening Post*, perguntando se ele podia lhe dar alguma ideia de como

o programa estava se saindo no front. Em junho de 1944, Rawlings respondeu de um posto avançado na Austrália – ou seja, quase nove meses depois do primeiro lote de livros da ASE ter sido enviado para o Exército e Marinha –, mostrando-se surpreso que o conselho não soubesse de nada a respeito das suas iniciativas. “Que diabos²⁴⁶, Stanley!”, exclamou Rawlings no início de sua carta. “Quer dizer que vocês, editores, não foram informados a respeito do que essas reimpressões moles, alongadas e pequenas estão fazendo? Caramba! Vocês deviam receber medalhas de serviços relevantes.”

Cheios de orelhas, mofados e moles por causa da umidade, esses livros encheram de entusiasmo a tropa. Porque são o que são, porque podem ser guardados no bolso de trás da calça ou enfiados numa mochila, os homens estão lendo onde nunca leram antes, ou seja, nesse teatro no sudoeste do Pacífico. Vi recrutas com eles... três dias depois da cabeça de praia, em Hollandia. Os rapazes estavam famintos (...) Rações de emergência e logo estavam de pé avançando naquela lama de Hollandia, mas estavam ali, guardando um avião japonês capturado de caçadores de suvenires, deitados em sacos de dormir no acampamento da praia ou vagueando (...) atrás de comida, lendo um livro.

Rawlings contou como, certo dia, enquanto guiava um jipe, percebeu uma grande aglomeração de soldados do lado de fora de uma cooperativa militar e quis saber a razão daquele tumulto. “Até o balcão de distribuição de sorvetes estava deserto”, disse ele. Como houvera o boato de que isqueiros esperados havia muito tempo estavam para chegar, Rawlings concluiu que “nada mais poderia ter causado aquele furor, e eu precisava de um para mim”. Assim, ele pisou no freio e se juntou à confusão. A principal atração não eram os isqueiros – “eram os livros de vocês”. “Tinham chegado aqueles pacotes de papel pardo amarrados, que pareciam protegê-los muito bem, e a cooperativa abriu os pacotes e jogou tudo numa grande caixa”, contou Rawlings. Uma fila se formou rapidamente, e os homens apressavam uns aos outros. “Não é hora de fazer compras nem de procurar títulos. Pegue um livro, soldado, e siga em frente. Você pode trocar depois”, gritavam os homens. Quanto ao soldado sortudo que agarrou *A Tree Grows in Brooklyn*, Rawlings revelou que “o rapaz gritou de alegria”. Com um livro popular como aquele, vinha a grande responsabilidade de lê-lo rapidamente e repassá-lo. “Ele tinha de dormir em cima dele para conseguir terminá-lo”, disse Rawlings. Os livros não eram só apreciados em terra. O navio que o levou para a Austrália tinha dois pacotes de livros da ASE, continuou Rawlings, e “lemos aqueles livros durante 25 dias abençoados”. Não havia nada mais para fazer, e todos ficaram agradecidos por tê-los. Com convicção total, ele garantiu ao conselho que quaisquer preocupações ou aflições a respeito dos livros eram infundadas. Rawlings

concluiu sua carta incitando os editores a nunca desistirem, visto que 20 milhões de livros nem de longe eram suficientes. Ele também pediu aos editores que não “ficassem chateados – como eu estou – com o fato de que ninguém jamais valorizar um bom trabalho”.

Outros correspondentes de guerra escreveram relatos espontâneos a respeito do maravilhoso trabalho do conselho, registrando a popularidade dos livros em seus artigos e também nas cartas escritas diretamente aos membros do conselho. Lewis Gannett²⁴⁷, cuja coluna “Books and Things” foi publicada no *Herald Tribune* de 1930 a 1956, sentiu-se instigado a escrever ao conselho assim que viu o programa de livros da ASE em ação. Apaixonado por livros de capa dura e jornalista muito respeitado, Gannett já havia feito críticas de cerca de 8 mil livros ao longo da carreira. Sua opinião sobre o programa de livros era importante.

O conselho ficou satisfeito ao saber que tinha ganhado os elogios e o respeito de Gannett. “Nos hospitais²⁴⁸ da Inglaterra, nas unidades de serviço de negros da Normandia, e (...) entre as tropas que sitiavam cercado Brest, os livros da ASE estão em todos os lugares – nas linhas de frente e nas retaguardas, nos jipes, nas casamatas, nos aviões e nas bases”, afirmou Gannett. Eram muito populares entre os soldados. Os homens liam em qualquer lugar e sempre que tinham tempo livre. Gannett relatou que tinha “até visto um piloto de um Piper Cub, entediado com uma missão rotineira de Rennes a Charbourg, pegar um livro e, ao mesmo tempo, deixar seu avião voar um pouco sozinho”. Ele também se recordou de “uma divisão onde os subalternos e os soldados rasos, atrás da barraca do general, estavam todos lendo e discutindo constantemente; eles tinham muito tempo quando estavam simplesmente de plantão, com nada para fazer exceto estar de plantão, queriam bons livros”. Gannett disse que existiam “inúmeros rapazes no Exército ávidos por boa leitura” e “muitos solitários aqui com muito tempo à disposição”. Ao expressar sua impressão geral a respeito da maneira como os livros da ASE foram recebidos, Gannett disse: “O coração de vocês ficaria feliz se vocês vissem os rapazes devorar seus livros. É um grande trabalho.”

Gretta Palmer foi outra jornalista que avaliou o trabalho do conselho. Palmer começou²⁴⁹ sua carreira jornalística na revista *New Yorker* e também escreveu para o *Sunday World* e o *World-Telegram*. Conhecida por expressar suas ideias a respeito de assuntos polêmicos, Palmer não moderava suas opiniões fortes, independentemente de quão controversas ou impopulares fossem. Como correspondente de guerra, passou muitos meses no teatro do Mediterrâneo,

escrevendo alguns artigos depreciativos, criticando o que observara. Em suas próprias palavras, tinha publicado “artigos mal-humorados²⁵⁰, dizendo a diversas organizações militares e civis o que achava que estava errado”. Quando o conselho recebeu uma carta de Palmer, os editores presumiram que provavelmente receberiam uma avaliação furiosa.

Encontraram o oposto. Em consideração aos seus ensaios críticos acerca de outras organizações associadas à guerra, Palmer escreveu que era “justo depositar uma coroa de orquídeas sobre o conselho que está, acredito sinceramente, realizando o melhor trabalho de qualquer grupo que se esforçou para a tornar a vida dos soldados suportável”, afirmou ela. Palmer admirou-se que um soldado tivesse “permissão de pegar um livro da ASE num hotel em Casablanca e levá-lo com ele a bordo de um avião, deixando-o para outro soldado lê-lo num hospital em Marselha”. Ela observou que o formato dos livros era “excelente para pacientes de hospital: são os únicos livros que vi que um paciente pode ler com conforto enquanto está deitado”. Tendo sido hospitalizada duas vezes em missões, Palmer pôde pessoalmente apreciar a distração que os livros da ASE proporcionavam enquanto convalescia. Ela afirmou que os títulos não podiam ser melhores. “Se não fosse tão ridiculamente impertinente, gostaria de agradecer a vocês em nome dos soldados, mas posso, no mínimo, agradecer-lhes as horas de prazer que vocês me proporcionaram”, escreveu ela.

Durante a guerra, a capacidade dos livros da ASE de sustentar o moral dos soldados exaustos, desgostosos e esgotados seria testada muitas vezes – e os homens que contavam com eles raramente ficavam decepcionados. Com a aproximação do verão de 1944, a missão do conselho seria testada como nunca antes. Os Aliados estavam prontos para lançar um dos ataques mais complicados e esperados da guerra.

²¹⁰ “*Gostaríamos de agradecer*”: Carta para o Council on Books in Wartime de “Pvt. W. R. W. & gang”, Council Records.

²¹¹ Em 1943: Austin Stevens, “Notes on Books and Authors”, *New York Times Book Review*, 17 de janeiro de 1943.

²¹² “*Não queimamos*”: “Praise the Lord and Pass the Ammunition; A Plea for Book Paper”, *Chicago Daily News*, 26 de maio de 1943.

²¹³ *Mas o governo*: “Council on Books in Wartime: Armed Services Editions”, memorando de 11 de abril de 1943, p. 3, Council Archives.

[214](#) *Mesmo o livro mais volumoso*: Frank D. Adams, “As Popular as Pin-Up Girls”, *New York Times Book Review*, 30 de abril de 1944.

[215](#) *Não havia nenhuma impressora*: “Council on Books in Wartime: Armed Services Editions”, memorando de 11 de abril de 1943, Council Records.

[216](#) *Graças à capa mole*: “35,000,000 Books to Be Printed in Year in New Pocket Form for Forces Overseas”, *New York Times*, 18 de maio de 1943.

[217](#) *“dois livros em cada folha”*: Jamieson, *Books for the Army*, 147.

[218](#) *Uma desvantagem*: Loss, “Reading Between Enemy Lines”, 828.

[219](#) *O conselho atendeu ao pedido*: Atas do comitê executivo, 14 de setembro de 1943, Council Records.

[220](#) *Sabendo que as condições de combate*: “Reading Between Enemy Lines”, 828.

[221](#) *“pequeno, leve”*: Memorando do “Council on Books in Wartime: Armed Services Editions”, Council Records.

[222](#) *as capas dos livros*: Jamieson, *Books for the Army*, 151.

[223](#) *os grampos eram mais adequados*: Adams, “As Popular as Pin-Up Girls”.

[224](#) *“Os custos”*: Richard L. Simon, S. Spencer Scott e Malcolm Johnson, relatório de “Armed Services Edition”, 1o de setembro de 1943, Council Records.

[225](#) *o custo médio*: Adams, “As Popular as Pin-Up Girls”.

[226](#) *5,9 centavos de dólar por exemplar*: Jamieson, *Books for the Army*, 142, 293, n. 1.

[227](#) *No início do projeto*: Atas da diretoria executiva, 31 de março de 1943, Council Records.

[228](#) *no momento*: Jamieson, *Books for the Army*, 148-49; Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 74.

[229](#) *Um processo de três etapas*: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 73-74.

[230](#) *O principal critério*: Jamieson, *Books for the Army*, 152-53 (Table III).

[231](#) *Entre os aspectos*: Carta de Archibald G. Ogden ao Senador Robert A. Taft, 8 de julho de 1944, Council Records.

[232](#) *Essas diretrizes*: William M. Leary Jr., “Books, Soldiers and Censorship During the Second World War”, *American Quarterly* 20, no. 2, part 1 (Summer 1968), 238.

[233](#) *“quase tudo”*: John Jamieson, “Armed Services Editions and G.I. Fan Mail”, *Publishers Weekly*, 12 de julho de 1947, p. 148.

[234](#) *F. Scott Fitzgerald*: Michael Merschel, “BookExpo America: Maureen Corrigan on How One Great Book Was Almost Forgotten”, *Artsblog*, *Dallas Morning News*,

<http://artsblog.dallasnews.com/2014/05/bookexpo-america-maureen-corrigan-on-how-one-great-book-was-almost-forgotten.html/>.

[235](#) *Para os autores, saber*: “Armed Services Editions: Excerpts from Letters Received by the Center for the Book from Authors of Armed Services Editions”, Library of Congress (artigo preparado para o 40o aniversário da série Armed Services Editions, em 17 de fevereiro de 1983).

[236](#) *Os livros escolhidos*: Jamieson, *Books for the Army*, 155-56.

[237](#) *administrava a produção*: *Ibid.*, 147, 150.

[238](#) *Um coronel frustrado*: Atas do comitê executivo, 24 de novembro e 1o de dezembro de 1943, Council Records.

[239](#) *“planejada, organizada”*: Jamieson, *Books for the Army*, 149.

[240](#) *“Os livros”*: Malcolm Cowley, “Books by the Millions”, *New Republic*, 11 de outubro de 1943, pp. 483-84.

[241](#) *“um pouco injusto”*: Carta para Malcolm Cowley de Archibald Ogden, 18 de outubro de 1943, Council Records.

[242](#) *“edições eram”*: “Letters to the Editor,” “The Armed Services Editions”, *New Republic*, 22 de novembro de 1943, p. 720.

[243](#) *“montanhas de livros”*: Adams, “As Popular as Pin-Up Girls”.

[244](#) *“comoventes, até de partir o coração”*: “Armed Services Editions: Excerpts from Letters”, Library of Congress.

[245](#) *Imediatamente, o Exército*: Atas das reuniões do comitê executivo, 14 de setembro de 1943; 6 de outubro de 1943; 12 de janeiro de 1944; 27 de janeiro de 1944, Council Records.

[246](#) *“Que diabos”*: Carta de Charles Rawlings para Stanley Rinehart, 5 de junho de 1944, Council Records.

[247](#) *Lewis Gannett*: “Lewis Gannett, Book Critic, Dies”, *New York Times*, 4 de fevereiro de 1966.

[248](#) *“Nos hospitais”*: Carta de Lewis Gannett para Philip Van Doren Stern (sem data), Council Records.

[249](#) *Palmer começou*: “Gretta Palmer, Author, 46, Dead”, *New York Times*, 16 de agosto de 1953.

[250](#) *“artigos mal-humorados”*: Carta de Gretta Palmer para o conselho editorial, 30 de novembro de 1944, Council Records.

CAPÍTULO 6

Coragem, heroísmo e bravura extrema

Acabaram de me dizer²⁵¹ que mais de 3 mil rapazes norte-americanos morreram nos primeiros onze dias da invasão da França.

Quem morreu? Vou dizer quem morreu.

Não muitos anos atrás, havia um menino que dormia em seu berço. À noite, trovejou e relampejou. Ele acordou e gritou de medo. Sua mãe apareceu, ajeitou os cobertores e disse: “Não chore. Nada irá machucá-lo.”

Ele morreu...

Havia outro menino com uma bicicleta nova. Quando passava pela sua casa, tirava as mãos do guidão, dobrava o jornal e o arremessava em direção à porta. Você costumava se assustar quando ouvia a pancada. Você dizia: “Algum dia, vou dar um boa bronca nesse menino.” Ele morreu.

Então, havia dois meninos. Um disse para o outro: “Pode deixar, eu falo. Só quero que você venha comigo para me dar coragem.” Eles apareceram na sua porta. Aquele que prometera falar disse: “O senhor gostaria que sua grama fosse cortada?”

Os dois morreram juntos. Eles encorajaram um ao outro...

Todos morreram.

E não sei como qualquer um de nós aqui em casa consegue dormir em paz hoje à noite, a menos que tenhamos certeza em nosso coração de que fizemos nossa parte em cada momento.

– BETTY SMITH, “WHO DIED?”, 9 DE JULHO DE 1944.

NO FINAL DE 1943, a questão não era se os Aliados lançariam um ataque na Europa Ocidental, mas onde e quando isso aconteceria. A Alemanha enfrentava²⁵² a guerra em três frentes e tinha um território imenso para defender. O front oriental, que abrangia a Rússia, tinha quase 2 mil quilômetros. O do Mediterrâneo, que se estendia pela África e Europa, quase 3 mil quilômetros. E na Europa Ocidental as tropas alemãs tinham um front de 6 mil quilômetros para proteger. Enquanto milhares de norte-americanos se preparavam para essa aventura extrema, guardavam livros da ASE no bolso interno do casaco e no bolso de trás da calça.

Enquanto isso, Hitler preparava-se para a invasão direcionando sua máquina de propaganda contra os soldados norte-americanos. Uma das principais armas alemãs tinha a forma de uma voz norte-americana. Mildred Gillars, a quem os soldados referiam-se afetuosamente como Axis Sally ou Berlin Bitch (Cadela

de Berlim), era uma expatriada nascida no Maine que morava em Berlim. Quando a guerra começou, ela se tornou apresentadora da Reichsradio e logo conquistou popularidade entre os soldados norte-americanos; eles gostavam do seu sotaque norte-americano, do tom sedutor e da música que ela tocava. No entanto, por trás de sua voz e da música havia um programa elaborado para desencorajar os ouvintes. “Oi, pessoal²⁵³. Aqui é Midge falando hoje à noite para as Forças Expedicionárias Americanas nos quatro cantos do mundo”, dizia ela, abrindo o programa. Brincando com o nome de uma música popular, ela dizia: “Bem, rapazes, vocês sabem que eu gostaria de dizer a vocês: ‘*Pack up your troubles in your old kit-bag*’ (Guardem seus problemas em sua mochila velha),²⁵⁴ mas sei que essa mochila velha é muito pequena para guardar todos os problemas que vocês, rapazes, têm (...) E não contém a solução para acabar com os alemães”. Embora o programa fosse entremeado de propaganda, era geralmente bastante transparente para fazer os soldados rirem. No entanto, Axis Sally, de vez em quando, divulgava informações secretas que inquietavam até os ouvintes mais inabaláveis. Certa noite, ela disse: “Olá, homens²⁵⁵ da Companhia E, do 506º Regimento de Infantaria Paraquedista, da 101ª Divisão A/B, em Aldbourne. Espero que vocês tenham aproveitado suas licenças em Londres no último fim de semana. Ah, a propósito, digam aos funcionários municipais que o relógio da igreja está três minutos atrasado.” Quando dava informações, ela acertava na mosca. Por mais que os norte-americanos gostassem da música de Sally, estavam ansiosos para pôr um fim às zombarias dela.

Os detalhes da²⁵⁶ invasão da França foram estabelecidos na primavera de 1944. A batalha começaria à noite, com um ataque aéreo e naval dos Aliados para destruir as posições alemãs ao longo da costa francesa e, ao mesmo tempo, criando crateras nas praias que a infantaria utilizaria depois para proteção. Os paraquedistas norte-americanos e britânicos saltariam atrás da zona de bombardeio e tomariam diversas pontes e pontos de referência para facilitar a maciça invasão terrestre que ocorreria mais tarde, naquela manhã. Os tiros de canhão dos navios da Marinha dirigidos às praias e fortificações parariam cinco minutos antes que uma frota de navios de assalto anfíbios avançasse em direção às praias, transportando tanques, todos os tipos de armas e os soldados. Os engenheiros do Exército e a artilharia leve acompanhariam a primeira leva da infantaria, e seriam seguidos por grupos adicionais de homens e suprimentos. Cada segmento do ataque era ensaiado e cronometrado. O plano requeria cooperação completa dos países Aliados participantes, bem como das

forças navais, aéreas e terrestres, de modo que cada fase fosse executada no tempo determinado para que a seguinte começasse.

A probabilidade de sobrevivência parecia diminuir à medida que os homens recebiam mais informações a respeito dos perigos que enfrentariam. Um soldado raso recordou²⁵⁷ que, quando sua companhia foi instruída a respeito da invasão, os homens foram informados de que a primeira leva poderia ter 30% de baixas, e “nós estávamos naquela primeira leva!”. Considerando os perigos esperados, muitos acreditavam que as baixas seriam ainda maiores. Como um historiador explicou: “Para alcançar terra firme na primeira leva, na praia de Omaha, os recrutas²⁵⁸ teriam de atravessar o canal da Mancha minado sem que seus navios de assalto anfíbios explodissem. Em seguida, teriam de desembarcar do navio para a praia (...) resistindo ao ataque da artilharia inimiga. Depois, deveriam atravessar uma zona de entremarés de cerca de 150 metros cheia de obstáculos, sob rajadas de metralhadoras, tiros de fuzis, assobio de bombas e explosões de morteiros. Posteriormente, “enfrentariam um triplo fogo cruzado: rajadas de metralhadoras e artilharia pesada das laterais, tiros de armas leves vindos da frente e morteiros caindo do alto.” Arame farpado e minas (os alemães instalaram 6,5 milhões de minas nas praias e escarpas) esperavam os recrutas que sobrevivessem ao desembarque e atravessassem a praia. Os homens precisariam de nervos de aço e imensa coragem.

Sob a liderança do general Dwight D. Eisenhower, os planos para o Dia D começaram a ser colocados em prática em 31 de maio de 1944, com a expectativa de que a invasão ocorresse em 5 de junho. Nos dias que antecederam o embarque nos navios de assalto, os homens se prepararam. Eles encheram²⁵⁹ suas mochilas com quilos de munição, mantimentos, armas extras e outras necessidades. Embora a recomendação fosse que cada homem não levasse mais de 20 quilos de equipamento, alguns soldados, segundo as estimativas, pesavam pelo menos 135 quilos enquanto caminhavam com dificuldade sob o peso das mochilas.

Como a invasão só poderia ocorrer com tempo bom, uma data exata só foi definida na véspera da batalha. Sabendo que alguns soldados teriam uma longa espera entre a chegada à Inglaterra e o início da invasão, a Divisão de Serviços Especiais do Exército se preocupou bastante em manter elevado o moral dos soldados. Pelo menos inicialmente, muitos homens mantiveram o bom humor enquanto esperavam pela ação. Mesmo quando souberam que teriam de passar

graxa com um cheiro fétido nos uniformes, impermeável a um possível ataque de gás mostarda, os homens aceitaram com facilidade. Um correspondente de guerra da revista *New Yorker* relatou que, quando um marinheiro percebeu que estava sendo observado enquanto engraxava os sapatos, ele, jocosamente, disse: “Essa é a primeira vez²⁶⁰ que tento engravidar um par de sapatos, senhor.”

“Sem dúvida, você tentou isso apesar de tudo o mais”, replicou um marinheiro enquanto ele também engraxava os sapatos. Com a aproximação da invasão, os momentos de frivolidades eram fugazes.

O general Eisenhower se preocupava muito com o moral de suas tropas. Como ele observou em sua autobiografia, “o moral, dada²⁶¹ a igualdade aproximada das outras coisas, é supremo no campo de batalha”. Eisenhower era conhecido²⁶² por ler histórias de faroeste para relaxar e aliviar o estresse, e os homens que participariam dos combates também mereciam isso. Prevendo o tempo que levaria para reunir todos os homens necessários para a missão, e o tédio e a ansiedade da espera, a equipe do general Eisenhower aprovou uma recomendação para que a Divisão de Serviços Especiais distribuísse livros da ASE nas áreas de preparação para a invasão: um livro por soldado. Quando as séries C²⁶³ e D foram enviadas para o Exército e a Marinha, aproximadamente 8 mil conjuntos de cada série foram reservados especificamente para aqueles que participariam da invasão do Dia D. Entre os livros dessas duas séries, havia *The Selected Short Stories of Stephen Vincent Benét*; *Unlocking Adventure*, de Charles Courtney; o best-seller *The Robe*, de Lloyd C. Douglas; *Paul Revere and The World He Lived in*, de Esther Forbes; *So Little Time*, de John P. Marquand; *McSorley’s Wonderful Saloon*, de Joseph Mitchell; *Cross Creek*, de Marjorie Kinnan Rawlings; *A Tree Grows in Brooklyn*, de Betty Smith; *Love at First Flight*, de Charles Spalding e Otis Carney; *Penrod*, de Booth Tarkington; e *As aventuras de Tom Sawyer* e *As aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain. Dezenas de outros títulos chegaram aos homens nas praias do canal da Mancha.

Como todos os detalhes do ataque do Dia D eram mantidos em segredo, o conselho não tinha conhecimento do plano da Divisão de Serviços Especiais de encher as áreas de preparação para a invasão com livros da ASE. De fato, no final de maio de 1944, o conselho estava preocupado com o fato de que os livros estavam “se acumulando²⁶⁴ nos depósitos e a remessa para o Exército e Marinha estava atrasada”. Alguns membros do conselho pensavam que aquele acúmulo de livros indicava uma falta de interesse pelos livros da ASE.

Posteriormente, o conselho sentiu grande alívio quando soube que a invasão iminente da Normandia era a explicação, e que o Exército tinha, na realidade, considerado os livros tão importantes para o moral que havia destinado quase 1 milhão para os homens que estavam prestes a embarcar nos navios.

Antes da invasão, a Divisão de Serviços Especiais cobriu as praias da Grã-Bretanha com alguns dos itens favoritos dos soldados. Maços de cigarros eram enfiados nos bolsos, barras de chocolate recheadas, entregues aos montes, mas, entre todas as coisas, os livros da ASE eram os itens mais procurados. Como um oficial da Divisão de Serviços Especiais lembrou, uma tensão tangível crescia nas áreas de preparação, e os livros eram a única coisa disponível que “fornecia distração necessária para muitos soldados”. Quando o embarque finalmente começou, muitos homens, percebendo o peso que estavam carregando, pararam para descarregar alguns itens desnecessários perto da área de atracação. O chão ficou cheio de diversos objetos, mas, entre as pilhas de objetos descartados, “muito poucos livros²⁶⁵ da ASE foram encontrados pelas equipes de limpeza que posteriormente passaram pelas áreas”. Pesando apenas alguns gramas, cada livro da ASE era a arma mais leve que os homens podiam carregar.

Depois que todos estavam a bordo, os navios não tinham para onde ir – as tropas esperariam ordens do general Eisenhower, que queria ter certeza de que o tempo, a lua, a maré²⁶⁶ e o horário do nascer do sol estavam alinhados em favor dos Aliados antes de anunciar o ataque. Enquanto isso, os homens tinham pouco a fazer, exceto temer, rezar ou ler. O silêncio oprimia. Rosários podiam ser vistos em muitas mãos. De acordo com um homem: “Os padres estavam no auge²⁶⁷. Vi até judeus pedindo comunhão. Todos estavam mortos de medo.” De nada ajudava também quando os homens sintonizavam outra transmissão de Axis Sally e ela lhes assegurava: “Estamos esperando por vocês.” Quase todos estavam ansiosos para se pôr logo em movimento.

Na manhã de 4 de junho, as primeiras embarcações começaram a se mover pelo Canal da Mancha. No entanto, o tempo logo piorou, e a garoa virou chuva fria e pesada. Os navios de assalto anfíbios²⁶⁸ e as barcaças de desembarque não ofereciam abrigo; os homens a bordo sofriam enquanto seus uniformes ficavam encharcados e o mar, mais agitado. As coisas só pioraram para as tropas quando o general Eisenhower foi forçado a adiar a invasão por um dia por causa do mau tempo. Uma cobertura impenetrável de nuvens impossibilitou uma operação de bombardeio das forças aéreas. Mantendo suas posições, os transportes navais de fundo chato balançavam nas águas agitadas;

muitos homens ficavam cada vez mais enjoados com o passar do tempo. (Quando finalmente alcançaram as praias francesas e observaram os cadáveres daqueles que haviam chegado antes deles, um homem não se conteve e disse: “Esses bastardos sortudos²⁶⁹: eles não vão mais enjoar”). Outros ficaram ancorados em portos ou rios; ninguém teve permissão de deixar o navio de transporte lotado. Os soldados simplesmente praguejavam, vomitavam e esperavam.

As condições pioravam a bordo das barcas de desembarque. Mesmo anos depois, muitos homens se lembravam da combinação nauseante do cheiro de óleo diesel, das privadas entupidas e do vômito que boiava pelos conveses. Alguns homens ouviam rádio para tentar passar o tempo, mas quando sintonizavam outra transmissão de Axis Sally preferiam o silêncio. Ela tomara a liberdade de refazer a letra da popular canção “I double dare²⁷⁰ you” (Eu lanço um desafio duplo a você), transformando-a numa ameaça arrepiante à invasão: “Eu lanço um desafio duplo para você vir aqui. Eu lanço um desafio duplo para você ousar chegar tão perto. Dispa-se da sua arrogância e se livre da fanfarrice. Deixe de papo furado e fique calmo. Você não consegue aceitar um desafio?”

Graças a Deus, havia os livros da ASE. De acordo com um segundo-tenente, “muitos ficaram²⁷¹ indiferentes ao desconforto por causa do interesse no que estavam lendo”. A. J. Liebling, correspondente de guerra da *New Yorker*, observou como os livros da ASE aliviavam o tédio e a ansiedade dos homens que esperavam pela ação. Ele viu membros da Primeira Divisão “espalhados em toda²⁷² a barca de desembarque, a maioria deles lendo livros da ASE”. Os homens da Primeira Divisão estavam tão calmos que Liebling comentou que eles pareciam estar indo para outro exercício, e não para uma invasão mortal. Como um soldado da infantaria disse a Liebling: “Esses livrinhos são uma grande coisa. Eles te levam para longe.”

Quando finalmente chegou a informação de que a invasão começaria durante as primeiras horas da manhã de 6 de junho, essa notícia trouxe um grande alívio. Enquanto os membros das forças aerotransportadas se preparavam para a missão, Axis Sally lançou um golpe final antes do ataque contra o Exército alemão. “Boa noite²⁷³, 82ª Divisão Aerotransportada”, saudou ela saudou pessoalmente. “Amanhã de manhã, o sangue de suas vísceras lubrificará as rodas de nossos tanques.” Embora alguns homens ficassem incomodados com os comentários de Sally, outros simplesmente os ignoravam. Afinal, ela fizera insultos parecidos durante dias. Enquanto a Marinha, o Exército e a Força

Aérea se preparavam para bombardear as casamatas e as fortificações costeiras alemãs, eles ficavam confortados de saber que estavam tomando a iniciativa importante de acabar com as ameaças de Axis Sally.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, o presidente Roosevelt, na noite de 5 de junho, fez um importante pronunciamento no rádio. Ele anunciou que Roma foi a primeira capital do Eixo a cair e afirmou que era um grande feito no processo de conquista total do inimigo. Roosevelt foi perspicaz ao reconhecer que havia “uma luta muito maior²⁷⁴ (...) antes que o Eixo seja derrotado”. “Teremos um período longo de maior esforço e luta ainda mais feroz antes de derrotar a Alemanha”, afirmou ele. “A vitória ainda está a alguma distância”, mas Roosevelt assegurou aos norte-americanos que a essa distância “seria vencida no devido tempo. Não tenham medo disso”. Após parabenizar e agradecer a todos os envolvidos na operação na Itália, o presidente concluiu seu discurso: “Que Deus os abençoe, cuide deles e de todos os nossos valentes combatentes.” Embora os ouvintes não suspeitassem, o presidente sabia que, enquanto ele proferia aquelas palavras, a invasão da França já havia começado.

Na manhã de 6 de junho, Roosevelt passou as primeiras horas redigindo uma oração referente à vitória dos Aliados na França. Com as cortinas fechadas, o presidente permaneceu em vigília.²⁷⁵ Relatórios detalhados da invasão chegavam aos poucos à Casa Branca, informando Roosevelt da saída dos primeiros navios e, depois, do desembarque das primeiras forças aliadas. Na manhã do dia seguinte, ele enviou uma cópia de sua oração ao Congresso, e ela foi lida na Câmara e no Senado. O discurso também foi divulgado pelos jornais de todo os Estados Unidos, para que o país pudesse recitar as palavras junto com o presidente durante seu discurso no rádio naquela noite:

Deus Todo-Poderoso²⁷⁶: nossos filhos, orgulho de nossa nação, hoje empreenderam um esforço imenso, uma luta para preservar nossa República, nossa religião e nossa civilização, e para libertar uma humanidade que sofre.

Conduza-os bem e corretamente; dê forças aos seus braços, firmeza aos seus corações e constância em sua fé.

Eles precisarão de Sua bênção. O caminho deles será longo e árduo, pois o inimigo é forte. Ele pode rechaçar nossas forças. O sucesso pode não vir com rapidez, mas voltaremos repetidas vezes; e sabemos que por Sua graça, e pela justiça de nossa causa, nossos filhos triunfarão...

Alguns jamais retornarão. Acolha-os, Pai, e receba-os, Seus servos heroicos, em Seu Reino.

E nós, em casa – pais, mães, filhos, mulheres, irmãs e irmãos dos corajosos homens no exterior, cujos pensamentos e orações estão sempre com eles –, ajude-nos, Deus Todo-Poderoso, a nos dedicar

novamente em renovada fé ao Senhor, nessa hora de grande sacrifício...

Também nos dê força; força em nossas tarefas diárias, para redobrar as contribuições que fazemos em apoio físico e material às nossas Forças Armadas.

E deixe nossos corações ficarem fortes, para esperar o longo e árduo trabalho, para suportar as tristezas que podem vir, para transmitir nossa coragem aos nossos filhos onde quer que eles possam estar...

Conduza-nos para a salvação de nosso país, e com nossas nações irmãs, numa unidade mundial que resultará numa paz segura (...) uma paz que deixará todos os homens viverem em liberdade, colhendo as justas recompensas de seu trabalho honesto.

Seja feita a Sua vontade, Deus Todo-Poderoso.

Amém.

Os norte-americanos que tomaram as praias de Utah e Omaha tiveram experiências muito distintas. A Quarta Divisão desembarcou na praia de Utah, encontrando muito pouca resistência. Na realidade, alguns homens ficaram um pouco decepcionados com o anticlímax que foi o desembarque. Eles o descreveram como se tivesse sido apenas outro exercício²⁷⁷ de invasão. Em contrapartida, as primeiras tropas que desembarcaram na praia de Omaha encararam uma morte quase certa.²⁷⁸ Assim que as barcas baixaram as rampas, os homens que desembarcaram foram alcançados pela linha de fogo. As rajadas de metralhadoras alemãs atingiram as barcas, matando instantaneamente os desafortunados soldados norte-americanos que as ocupavam. Para a primeira leva de barcas que alcançaram a praia de Omaha, o índice de mortalidade foi quase de 100%; nenhum homem chegou à praia. As levas posteriores de tropas enfrentaram perdas pesadas na praia. Traumatizados, muitos homens simplesmente ficaram paralisados, incapazes de se mover em busca de proteção. Outros, que passaram pela barreira de tiros e das explosões de morteiros e alcançaram a proteção dos penhascos no topo da praia, sofreram ferimentos ao longo do caminho. Incapazes de ir além, caíram na areia e ficaram esperando a chegada dos primeiros socorros. Naquele dia, muitos homens que²⁷⁹ desembarcaram na praia mais tarde nunca se esqueceram da visão dos soldados gravemente feridos apoiados contra a base dos penhascos, lendo.

Nas primeiras²⁸⁰ 24 horas da invasão, 1.465 norte-americanos perderam a vida, 3.184 ficaram feridos, 1.928 desapareceram e 26 foram capturados. Esses

números cresciam à medida que a batalha avançava para longe do mar. Após onze dias²⁸¹, 3.283 norte-americanos tinham morrido e 12.600 haviam ficado feridos.

Durante a guerra, as notícias da imprensa a respeito da quantidade cada vez maior de baixas de recrutas perturbavam aqueles que ainda estavam lutando. Muitos homens desaprovavam o anonimato transmitido pelo termo “GI”. “Quando pensamos²⁸² em GI pensamos em termos de números, mas não somos números”, explicou o sargento Frank Turman. “Quando vemos nossos companheiros mortos, não nos referimos a eles como GIs mortos. E, quando voltamos para casa e vemos os entes queridos dos nossos companheiros, não somos capazes de dizer: ‘Seu filho teve uma morte de GI’”. “Qualquer um pode ser um GI”, afirmou o sargento Turman, “mas só um homem pode ser um soldado, um marinheiro ou um fuzileiro naval”. Para aqueles que lutavam nas linhas de frente, a morte não era anônima ou impessoal. A guerra demandava homens que eles conheciam e amavam, e era um tormento. O piloto que manobrava seu avião por entre ataques de artilharia antiaérea conhecia o tripulante mortalmente atingido; quando os fuzileiros navais alcançavam uma praia num desembarque anfíbio e os atiradores de tocaia dos inimigos abriam fogo contra eles, sabiam quais amigos tinham tombado; e quando os pilotos japoneses jogavam seus aviões contra os navios dos Aliados, danificando-os e destruindo-os, os marinheiros sobreviventes sabiam quem tinha morrido. Para os homens na guerra, a morte era dolorosamente pessoal. Mas eles raramente falavam sobre isso.

No desenrolar dos combates, muitas coisas não eram mencionadas. Os soldados conheciam a brutalidade da experiência de guerra; isso não precisava ser discutido. Todo homem que passava por uma batalha sentia o terror que ela causava. A bagagem mental e emocional se acumulava ao longo do tempo, mas existiam poucas saídas que ajudassem os homens a lidar com os fardos que carregavam. Raramente os homens abriam seus corações para a família. Todas cartas enviadas para casa eram lidas por um censor, para assegurar que nenhuma informação confidencial fosse divulgada, caso a carta caísse em mãos inimigas. Como toda carta era lida por outro soldado, muitos homens preferiam não aproveitar a oportunidade de dizer aos entes queridos como estavam infelizes; além disso, eles não queriam preocupar os familiares com a verdade de sua infelicidade e seu estresse. Incapazes de descrever as batalhas que travavam ou de compartilhar as emoções que sentiam, a maioria das cartas reduzia-se a boletins meteorológicos e gracejos vagos.

Os livros, porém, eram uma catarse para muitos homens. Essa resposta intangível tornou-se evidente pelas reações dos soldados a certos livros. De modo improvável, Katherine Anne Porter foi uma autora que conquistou grande apelo. Seus contos expunham de maneira delicada experiências e emoções profundamente pessoais, que tendiam a dar aos leitores a impressão de que ela entendia seus pensamentos e sentimentos mais íntimos. Centenas de homens escreveram para Porter após a leitura do seu livro da ASE: alguns descreviam como tinham se identificado com determinado personagem, outros sentiam como se uma camada de solidão e isolamento tivesse sido removida por sua prosa. Ao escrever para a pessoa que tocou seu coração, os soldados davam vida à relação que tinham com as páginas que liam. Frequentemente, essas cartas detalhavam experiências e sentimentos bastante pessoais; na realidade, detalhes que muitas vezes não haviam sido revelados nem mesmo aos entes queridos foram confidenciados aos autores.

Um homem apreciara tanto *Selected Short Stories*, de Porter, que carregou seu exemplar durante toda a guerra e o guardou quando voltou para casa. “Avançando lentamente para o leste,²⁸³ passando pela grande devastação do Pacífico, rumo à desmobilização e indo para casa, tive a oportunidade mais uma vez de ler alguns de seus contos, no exemplar da Armed Services Edition. Podemos ler melhor, com tempo livre e a perspectiva da longa ausência, sob essas condições; assim, apreciei seu trabalho ainda mais do que antes”, afirmou ele. O que o atraiu nos contos de Porter foi a capacidade da autora de “colocar coisinhas confusas, que eram você e eu, de novo em seu lugar no mundo”, e captar “emoções assustadoras que todos nós (...) já vivemos: perdidos quando rejeitados; contentes quando amados; transformados em animaizinhos maltratados quando abusados”.

Um outro homem também encontrara grande conforto na obra de Porter e escreveu para dizer isso a ela. Ele ficou radiante ao receber uma resposta de Porter, que perguntou a ele se estava hospitalizado e revelou preocupação pelo sobrinho dela, que também servia no 9º Regimento de Artilharia de Campanha. Imediatamente, aquele homem escreveu de volta, admitindo que se sentia “quase alegre de poder dizer²⁸⁴ que sou um paciente”, se aquilo pudesse induzir Porter a manter uma correspondência com ele. Ele passara os últimos quatro meses hospitalizado com icterícia e estava grato por ter livros, como o de Porter, para ler. A referência de Porter ao sobrinho abriu uma fonte de ansiedade contida que aquele homem sentia pelo amigo. “Preocupo-me com ele mais do que comigo. Ele é um homem bom, e desde o desembarque na África,

muito tempo atrás, passou por episódios muito desagradáveis. Seus companheiros foram mortos diante dos seus olhos repetidas vezes; em janeiro, cinco homens do seu grupo – seus melhores amigos – foram mortos e ele foi atingido. Penso comigo mesmo: ‘Meu Deus! Como um homem pode aguentar tudo isso! Mas mesmo assim ele segue adiante.’” Aquele homem admitiu que se sentira “envergonhado de escrever para [seu amigo] antes de ser internado no hospital”, pois, enquanto seu amigo encarou a morte, ele tinha passeado na Itália, assistido a concertos e óperas, visitado palácios, e, em seguida, ficou baseado a cerca de 50 quilômetros atrás das linhas de frente, sempre fora da zona de perigo. Em comparação com seu amigo, ele não se sentia um soldado de verdade. Depois de limpar sua consciência para Porter, ele se sentiu muito melhor.

Após o fim da guerra, Porter refletiu sobre o papel que desempenhou ajudando alguns homens ao longo da guerra. “Tive três soldados²⁸⁵ em minha própria família, e mais de seiscentas cartas dos soldados”, revelou Porter, “e espero que possa ser perdoada se senti, com base na evidência daquelas cartas, que aquele era um Exército muito superior. Nem todos escreviam para elogiar. Com orgulho e prazer, menciono que ao menos alguns recrutas achavam que eu os entendia muito bem”.

A Tree Grows in Brooklyn, de Betty Smith, foi talvez o livro mais popular da ASE. Fornecia um relato tão vívido da infância que muitos soldados achavam que Smith estava escrevendo sobre eles mesmos. Quando se espalhou a notícia de que Smith publicara um ensaio, intitulado “Who died?”, que personalizava os milhares de baixas na Normandia, os soldados escreveram para ela pedindo um exemplar. Smith recebeu um fluxo constante de cartas de soldados baseados em todo o mundo, agradecendo o efeito de sua obra neles.

“Quando abri seu livro pela primeira vez,²⁸⁶ estava deprimido, de baixo-astral, como os rapazes dizem”, revelou um sargento a Smith. No entanto, ao longo da leitura, “meu moral subiu, até que no fim me peguei dando risada de muitos personagens divertidos”. O sargento precisava do estímulo que *A Tree Grows in Brooklyn* lhe dera. Durante meses, ele se sentira deprimido e solitário, e nada lhe aliviava esses sentimentos, até a leitura do livro de Smith. “Não tinha dado tanta risada desde minha chegada aqui, oito meses atrás”, afirmou. Um homem da Força Aérea do Exército disse que o livro de Smith “fizera-o sentir²⁸⁷ saudades de casa” e que era “a primeira vez que ele sentia saudades de casa na vida”. Ele ficou impressionado de quão habilmente as palavras de Smith o transportaram para o que era a vida no país; uma vida de que ele sentia

muita falta e para onde esperava retornar. No entanto, ele não escreveu para se queixar. “Após estar no Exército apenas há pouco tempo e ler todos os tipos de romances e clássicos, posso sinceramente dizer, depois de ler *A Tree Grows in Brooklyn*: meu cálice transborda.” Diversas cartas escritas para Smith ecoavam esses sentimentos. Um homem do 716ª Esquadrilha de Bombardeio sentiu uma ligação tão intensa com os personagens de Smith que comparou *A Tree Grows in Brooklyn* com “uma boa carta²⁸⁸ de casa”.

De um hospital, um homem escreveu que *A Tree Grows in Brooklyn* era uma “fonte interminável de prazer” para ele, pois trazia sua própria infância no Brooklyn à memória. “Para mim”, afirmou ele, o livro foi como “viver minha vida²⁸⁹ de novo”. Outro homem escreveu com a esperança de que Smith pudesse estar “nutrindo outra muda literária²⁹⁰, para convertê-la numa árvore”. O editor de Smith recebeu um bilhete de um soldado que antes não se importava com²⁹¹ livros: “Porém, pela primeira vez achei um livro que realmente gostei de ler, e é o romance de Betty Smith intitulado *A Tree Grows in Brooklyn*.” Ele queria saber se ela tinha escrito outros livros. Graças a Smith, “os livros são um dos nossos raros prazeres”, afirmou ele.

Assim como outros livros, *A Tree Grows in Brooklyn* também ajudou a eclipsar algumas irritações cotidianas capazes de afetar os nervos dos soldados. Em uma carta vivaz de R. H., Betty Smith tomou conhecimento de uma reclamação dele a respeito de um colega de alojamento importuno. R. H. morava com o despreocupado Gus, que, certo dia, agitou um exemplar de *A Tree Grows in Brooklyn* diante dele e declarou: “Esse é um livro legal.²⁹²” “Gus acha tudo legal”, se queixou R. H. “Ele parece não conhecer nenhum outro adjetivo, e usa a palavra de modo indiscriminado. Sua garota é uma garota legal. *Dragon seed* é um filme legal, seu amigo é um cara legal, um B-29 é um avião legal, aquele é um dia legal; a maioria das vezes que ele abre a maldita boca é para dizer a palavra ‘legal’”, afirmou R. H. “Eu cerro os dentes e rezo.” R. H. brincou que um dia ele talvez fosse levado ao ponto de bater no pobre Gus, mas isso não ia valer de nada. “Posso vê-lo agora, levantando-se do chão, rindo (incapaz de acreditar que estou realmente zangado) e dizendo: ‘Puxa, você me derrubou no chão com um soco legal, amigo’.” Indo ao ponto principal, R. H. afirmou que começou a ler *A Tree Grows in Brooklyn*, e isso fez sua irritação com Gus desaparecer. “Não tenho o poder de lhe contar, como gostaria, como isso me afetou”, revelou R. H. “Mas sei de uma coisa: de agora em diante, não quero me aborrecer quando Gus fala de algo e diz que aquilo é legal.”



Os soldados escreviam cartas sinceras para Betty Smith, creditando ao seu livro uma injeção de senso de propósito, uma ajuda para sobreviver às batalhas e também simplesmente um conforto. Smith respondia à maioria das cartas dos seus admiradores, enviando até fotos autografadas, quando lhe pediam.

Certa vez, Smith estimou que recebia cerca de quatro cartas por dia dos soldados, ou cerca de 1.500 por ano. Ela respondia quase todas. Os soldados se surpreendiam quando recebiam um bilhete dela, às vezes acompanhado de uma foto autografada (um pedido comum). Invariavelmente, essas lembranças se tornavam posses estimadas. De um hospital, um homem escreveu para Smith: “Obrigado. Obrigado por sua carta²⁹³.” Tinha chegado no momento perfeito, pois ele tinha “uma semana difícil pela frente. Todos os médicos do lugar queriam operá-lo. Não sei o que eles farão com o que restar de mim após os cortes. Despejar molho em mim e pôr uma maçã na minha boca, suponho”. A carta de Smith lhe daria coragem para enfrentar as cirurgias.

“Ao receber [sua] carta²⁹⁴”, um homem escreveu a Smith, “pensei, bem, Betty enviou um cartão de Natal como as celebridades normais, que achavam que estavam fazendo algo pelos rapazes, mas, pasmem, é a Betty Smith mesmo! Ainda estou me gabando disso. Disse aos colegas que era minha

primeira mulher, porque eles não estão tão familiarizados com o retrato dela como eu”. Depois de carregar a foto de Smith com ele, da Alemanha para a Bélgica, o mesmo homem, que manteve uma correspondência regular com a escritora, foi obrigado a pedir uma nova. “Vou precisar de outra,²⁹⁵ pois carreguei essa sob a neve, sob a chuva, na lama e em combate, até parecer que ela passou pela guerra”, afirmou ele. Outro homem que escrevia regularmente para Smith também achou grande conforto na foto dela. “Você ajudou a me inspirar²⁹⁶ nos dias mais difíceis da batalha, e durante a fadiga do combate e a depressão. Sua foto ajudou a me lembrar da mulher que amo [referindo-se à esposa] e me inspirou a prosseguir em favor das melhores coisas da vida pelas quais estava lutando.” Ele acrescentou: “Seu pequeno retrato me deu a alegria e a felicidade verdadeiras de que precisava enquanto estava no que talvez fosse o último momento da vida”. Alguns meses mais tarde²⁹⁷, depois que aquele homem se feriu numa batalha, ele escreveu a Smith durante sua convalescença numa unidade médica, insistindo novamente na diferença que ela fizera na sua vida. Ele e a mulher planejavam ter um filho depois do retorno dele para casa e, se fosse uma menina, a batizariam com o nome de Betty Smith.

Smith e o conselho receberam tantas cartas a respeito de *A Tree Grows in Brooklyn* que se decidiu reeditar o livro. “Acho maravilhoso²⁹⁸ que o livro esteja indo para uma segunda edição”, disse Smith a um amigo. “A maior parte da correspondência é de soldados no exterior, e, sem exceção, afirmam que tudo parece tão verdadeiro que não é como ler um livro, mas sim como estar em casa de novo, no Brooklyn.” “Algumas cartas provocam lágrimas”, admitiu ela. “Fico muito comovida com o fato de que os soldados longe de casa pensem tanto no livro. Acho que fiz algo de bom nesse mundo.”

Chicken Every Sunday, de Rosemary Taylor, foi outro livro que teve um sucesso imprevisto entre os homens. A narradora da obra é uma adolescente que faz um divertido relato da experiência de sua mãe na administração de uma pensão movimentada, servindo uma longa lista de personagens burlescos e preparando jantares apetitosos todas as noites. Sua sagacidade captou os acontecimentos diários com tanta sensibilidade que muitos soldados não conseguiam se conter e ficavam emocionados.

Um primeiro-tenente escreveu para Taylor para manifestar a “gratidão pela alegria²⁹⁹ que você proporcionou a mim, e a muitos outros oficiais e soldados aqui em Nova Guiné”. Ele afirmou que *Chicken Every Sunday* deu a eles “a consciência reconfortante de que o estilo de vida que deixamos temporariamente para trás é uma tradição rica e prazerosa, que aguarda o nosso

retorno”. Outro homem escreveu da China para Taylor, pois *Chicken Every Sunday* era seu livro favorito, e a descrição dela da arte culinária da mãe o fez lembrar-se da própria mãe, “a cozinha desmedida³⁰⁰, o tempero, o ritmo”. Trouxe de volta algumas memórias saborosas da sua própria casa, fazendo-o comparar a leitura do livro com tirar uma licença do serviço. “Levou-me para a casa por algumas horas. Aliviou minhas saudades de casa. Realmente, me esqueci da guerra, ri e voltei a viver por um curto período naquela casa maravilhosa, com todas aquelas pessoas admiráveis.” Sua única queixa foi que as “descrições vívidas, irresistíveis, de Taylor, das batatas assadas, das vagens partidas, das saladas, das sobremesas da mãe [dela], eram mais do que a carne humana pode resistir. Até a menção à água gelada já é suficiente para deixar todos salivando aqui”, brincou ele. Terminou a carta pedindo a Taylor que escrevesse mais livros como *Chicken Every Sunday*, pois “precisamos deles”.

Das ilhas Aleutas, um soldado escreveu para Taylor dizendo que não foi capaz de “resistir à tentação³⁰¹ de escrever para a senhora, para revelar como *Chicken Ever Sunday* está sendo lido e apreciado por um público para o qual, com toda a certeza, seu livro não era destinado”. Na realidade, afirmou, ele “não estava falando de *um* ou *dois* quando disse que é um livro para soldados, pois o vi passando de beliche em beliche em minha própria barraca e ouvi a explosão de risadas que provocava até dores abdominais, seguida por trechos lidos em voz alta para todo o grupo”. E ouviram-se “ecos das barracas vizinhas, dos dois lados”. Esse soldado recordou que, quando alguém “levava *Chicken* para o trabalho”, ele “mal conseguia conter seu entusiasmo quando aquele homem voltava à noite”. O livro era o produto mais desejado da guarnição. Como a leitura era uma das poucas formas de recreação disponíveis para os recrutas baseados nas Aleutas, esse soldado revelou que ele e seus amigos tinham se tornado bastante seletivos nos gostos de leitura. Ele explicou que o motivo pelo qual *Chicken Every Sunday* dialogou com ele e com os homens próximos dele era o fato de os personagens do livro serem “pessoas familiares, e todo recruta que lê a respeito delas se recorda nostalgicamente de seus semelhantes que ficaram no país”. “Em nome de muitos de nós, quero agradecer-lhe as muitas horas de ótima diversão”, afirmou ele. “Todos nós esperamos que lancem mais livros de Rosemary Taylor.” E lançaram. O conselho publicou *Ridin’ the Rainbow*.

Como esses primeiros testemunhos revelam, os livros desempenharam papel especial na guerra. Consolaram corações e mentes perturbados e conseguiram

isso em áreas onde outros passatempos fracassaram. Eles eram a redenção para inúmeros combatentes, como confirmado por relatos de todos os fronts. Como um estudioso sobre papel dos livros em tempo de guerra observou, os homens recorriam com gratidão aos livros, pois “traziam lembranças³⁰² de casa ou expressavam seus próprios estados de espírito e pensamentos, que tinham, em geral, de permanecer ligados, nas rotinas ruidosas e na promiscuidade da vida dos alojamentos”. O papel terapêutico que os livros desempenharam, permitindo que os homens processassem suas próprias circunstâncias através da leitura de histórias a respeito de outras pessoas, fazia-os querer ler cada vez mais. Os livros de humor os faziam rir quando não havia nada divertido em sua situação. As histórias de vida familiar transportavam-nos para os lugares de que sentiam falta e que esperavam rever. Na leitura, os homens recebiam a coisa mais próxima de um alívio. Como um soldado raso escreveu, da França: “Muitas vezes, os livros³⁰³ são a única válvula de escape dos recrutas”, e “vi muitos homens, que nunca antes haviam tido paciência ou vontade de ler um livro pegarem um, ficarem absorvido e pedirem outros”.

O tenente-coronel Trautman tentou explicar por que os livros eram tão populares entre os soldados. Ele observou que, na Segunda Guerra Mundial, o soldado médio era um cidadão que tinha ensino médio completo e cuja relação anterior com os livros estava em grande medida limitada aos trabalhos escolares obrigatórios. A maioria dos soldados não ia à biblioteca de suas comunidades, e seus hábitos de leitura resumiam-se a “material impresso³⁰⁴ equivalente a um livro de trezentas páginas por semana”, entre as quais histórias em quadrinhos, jornais e artigos de revistas. Com a guerra, esses homens foram enviados a todas as regiões do mundo, incluindo diversos lugares onde não havia nada para ler em inglês; onde não existiam jornais e cada revista e livro tinha de ser transportado por milhares de quilômetros. Além das cartas de casa, esses livros e revistas eram estimados, pois permitiam que os homens se conectassem com a vida que tinham deixado para trás, nos Estados Unidos. Alguns homens sentiram tanto bem-estar ao ver um livro em inglês ou uma revista conhecida que se transformaram em leitores para o resto da vida.

Se existia alguma dúvida em relação ao valor dos livros da ASE, o verão de 1944 pôs fim a isso. Enquanto os soldados norte-americanos avançavam pela França, rumo a Paris, e saltavam de uma ilha do Pacífico para outra, estavam rodeados apenas pela guerra, e só sentiram algum conforto nos seus livros.

²⁵¹ “Acabaram de me dizer”: Betty Smith, “Who Died?” *New York Times Magazine*, 9 de julho de 1944.

[252](#) *A Alemanha enfrentava*: Stephen E. Ambrose, *D-Day, June 6, 1944: The Climactic Battle of World War II* (Nova York: Simon & Schuster Paperbacks, 1994), 30.

[253](#) “Oi, pessoal”: Lucas, *Axis Sally*, 12, 73, 131.

[254](#) Título de uma marcha da Primeira Guerra Mundial, escrita em 1915.

[255](#) “Olá, homens”: Ambrose, *D-Day*, 55.

[256](#) *Os detalhes da*: *Ibid.*, 120-21.

[257](#) *Um soldado raso recordou*: *Ibid.*, 140.

[258](#) “os recrutas”: *Ibid.*, 111.

[259](#) *Eles encheram*: Cornelius Ryan, *The Longest Day: June 6, 1944* (Nova York: Simon & Schuster Paperbacks, 1959), 180.

[260](#) “Essa é a primeira vez”: A. J. Liebling, “A Reporter at Large, Cross-Channel Trip – I”, *New Yorker*, 10 de julho de 1944, pp. 39-40.

[261](#) “o moral, dada”: Eisenhower, *Crusade in Europe*, 238.

[262](#) *Eisenhower era conhecido*: Ryan, *The Longest Day*, 254.

[263](#) *Quando as séries C*: Jamieson, *Books for the Army*, 158.

[264](#) “se acumulando”: Atas do comitê executivo, 24 de maio e 25 de outubro de 1944, Council Records.

[265](#) “muito poucos livros”: Jamieson, *Books for the Army*, 158.

[266](#) *a lua, a maré*: Eisenhower, *Crusade in Europe*, 239.

[267](#) “Os padres estavam no auge”: Ambrose, *D-Day*, 167, 170, 172, 182.

[268](#) *Os navios de assalto anfíbios*: *Ibid.*, 183.

[269](#) “Esses bastardos sortudos”: Ryan, *The Longest Day*, 193.

[270](#) “I Double Dare”: *Ibid.*, 42, 71.

[271](#) “muitos ficaram”: Carta do segundo-tenente R. R. R. ao Council on Books in Wartime, Council Records.

[272](#) “espalhados em toda”: Liebling, “A Reporter at Large: Cross-Channel Trip”, 42.

[273](#) “Boa noite”: Ambrose, *D-Day*, 192.

[274](#) “luta muito maior”: “Text of Roosevelt Talk on Rome”, *New York Times*, 6 de junho de 1944.

[275](#) *presidente permaneceu em vigília*: “President Kept Vigil on the News”, *New York Times*, 7 de junho de

1944; Lawrence Resner, “Country in Prayer”, *New York Times*, 7 de junho de 1944.

[276](#) “Deus Todo-Poderoso”: “Let Our Hearts Be Stout”, *New York Times*, 7 de junho de 1944.

[277](#) apenas outro exercício: Ryan, *The Longest Day*, 203-4.

[278](#) morte quase certa: Ambrose, *D-Day*, 326-27.

[279](#) muitos homens que: Ryan, *The Longest Day*, 199, 203-4, 227.

[280](#) Nas primeiras: “3,283 Killed and 12,600 Wounded U.S. Toll in Invasion, Bradley Says”, *New York Times*, 18 de junho de 1944; Ryan, *The Longest Day*, “A Note on Casualties”.

[281](#) onze dias: “3,283 Killed and 12,600 Wounded.”

[282](#) “Quando pensamos”: Sargento Frank K. Turman, “Soldiers and Gis”, *Yank, the Army Weekly* (British ed.), 11 de fevereiro de 1945, p. 18.

[283](#) “Avançando lentamente para o leste”: Carta de R. S. para Katherine Anne Porter, 11 de outubro de 1945, Katherine Anne Porter Papers, Special Collections, University of Maryland Libraries (doravante, Katherine Anne Porter Papers).

[284](#) “quase alegre de poder dizer”: Carta de B. V. para Katherine Anne Porter, 6 de maio de 1945, Katherine Anne Porter Papers.

[285](#) “Tive três soldados”: Carta para Joseph A. Barry de Katherine Anne Porter, 17 de janeiro de 1948, Katherine Anne Porter Papers, c/o The Permissions Company, Inc., em nome da Katherine Anne Porter Foundation.

[286](#) “Quando abri seu livro pela primeira vez”: Carta do sargento T. D. para Betty Smith, Betty Smith Papers, #03837, Southern Historical Collection, Wilson Library, University of North Carolina at Chapel Hill (doravante Betty Smith Papers).

[287](#) “fizera-o sentir”: Carta de B. P. C. para Betty Smith, 20 de outubro de 1944, Betty Smith Papers.

[288](#) “uma boa carta”: Carta para “Francis,” de R. L. L., 21 de agosto de 1944, Betty Smith Papers.

[289](#) “viver minha vida”: Carta do capelão M. M. to “Sirs”, 12 de maio de 1944, Council Records.

[290](#) “nutrindo outra muda”: Carta de F. S., Jr. para Betty Smith, 19 de março de 1945, Betty Smith Papers.

[291](#) não se importava com: Carta de L. M. para “Sirs,” 15 de março de 1945, Betty Smith Papers.

[292](#) “Esse é um livro legal”: Carta de R. H. R. para Betty Smith, 20 de agosto de 1944, Betty Smith Papers. *Certa vez, Smith avaliou*: Carta de Betty Smith para “Elizabeth,” 5 de maio de 1944, Betty Smith Papers.

[293](#) “Obrigado. Obrigado por sua carta”: Carta de “Robinson” para Betty Smith, 10 de dezembro de 1944, Betty Smith Papers.

[294](#) “Ao receber [sua] carta”: Carta de L. W. para “Betty,” sem data, Betty Smith Papers.

- [295](#) “*Vou precisar de outra*”: Carta de L. W. para “Betty,” 18 de fevereiro de 1945, Betty Smith Papers.
- [296](#) “*Você ajudou a me inspirar*”: Carta de J. W. P. para Betty Smith, 11 de abril de 1945, Betty Smith Papers.
- [297](#) *Alguns meses mais tarde*: Carta de J. W. P. para Betty Smith, 27 de junho de 1945, Betty Smith Papers.
- [298](#) “*Acho maravilhoso*”: Carta para “Elizabeth” de Betty Smith, 5 de maio de 1944, Betty Smith Papers.
- [299](#) “*gradidão pela alegria*”: Carta de J. C. E. para Rosemary Taylor, sem data, “em algum lugar de Nova Guiné,” Council Records.
- [300](#) “*a cozinha desmedida*”: Carta do capitão E. B. para Rosemary Taylor, 17 de julho de 1944, Council Records.
- [301](#) “*resistir à tentação*”: Carta de B. B. para Rosemary Taylor, 19 de janeiro de 1944, Council Records.
- [302](#) “*traziam lembranças*”: Jamieson, “Armed Services Editions and GI Fan Mail”, 149.
- [303](#) “*Muitas vezes, os livros*”: Carta de H. V. A. para Archibald Ogden, 10 de dezembro de 1944, Council Records.
- [304](#) “*material impresso*”: Tenente-coronel Raymond L. Trautman, “Books and the Soldier”, in *Books and Libraries in Wartime*, edited by Pierce Butler (Chicago: University of Chicago Press, 1945), 53.

CAPÍTULO 7

Como chuva no deserto

Durante dias, busquei³⁰⁵ em nosso centro de recreação, perturbei a Cruz Vermelha, vasculhei as estantes da nossa biblioteca e procurei incansavelmente nos alojamentos, o quê???? G-183! G-183! G-183!

– SARGENTO B. S.

CONFORME OS ALIADOS avançavam rumo a Paris, uma guerra muito diferente estava sendo travada no Pacífico. Começando no norte da Austrália e se deslocando na direção da costa do Japão, os Aliados progrediam lentamente, capturando dos japoneses uma ilha após outra. Designados para o que talvez fosse o teatro mais mortífero da guerra, os norte-americanos baseados no Pacífico enfrentavam uma sucessão de ataques suicidas. O moral afundava continuamente quando esses homens, afortunados por terem sobrevivido a uma invasão anfíbia, eram enviados à outra ilha para outra invasão, sabendo muito bem o que estava para acontecer. Ao longo do tempo, o Pacífico adquiriu má reputação devido à brutalidade da luta e às terríveis condições de vida nas ilhas. Os homens admitiam ter uma horrível sensação de solidão e isolamento enquanto combatiam por ilhas que pareciam insignificantes e inabitáveis. Era difícil para eles compreender por que algum país tinha interesse em um território tão indesejável quanto algumas das ilhas que invadiam.

Se havia um lugar onde as tropas precisavam de ajuda emocional era nessas ilhas, comparadas ao inferno. Para compensar a barbaridade das condições e da guerra, artigos recreativos e divertimentos eram fundamentais. Nos primeiros dias de uma invasão, os livros eram uma das poucas diversões pequenas o suficiente a ser transportadas pelos homens sem que prejudicassem. E refugiar-se num livro, mesmo que apenas por alguns minutos, podia fazer milagres pelo bem-estar. Fizesse chuva ou sol, os oficiais dos Serviços Especiais faziam o que podiam para levar livros para essas ilhas o mais rápido possível.

Uma das primeiras batalhas que colocaram os norte-americanos na guerra em ilhas foi a de Guadalcanal, que veio em consequência da vitória dos Aliados em Midway. A ilha de Guadalcanal era descrita por um correspondente de guerra como “um ‘inferno verde’ nebuloso e malárico³⁰⁶”, sem “nenhum valor”, com exceção de uma pista de aviação estratégica, defendida ferozmente pelos japoneses. As condições na ilha eram extremas. Depois de um longo dia de

combate duro, dormir era quase impossível. Os bombardeios incessantes³⁰⁷ e os ataques noturnos faziam os fuzileiros navais rolarem dos sacos de dormir para trincheiras, e vice-versa, como se estivessem no vaivém de uma maré desfigurada. A chuva tropical encharcava as roupas de cama e os mosquitos perseguiram os norte-americanos com quase tanto vigor quanto os japoneses. Os atiradores de tocaia eram muitos após o pôr do sol, mantendo os fuzileiros navais em alerta o tempo todo. Quando um homem tentava tirar uma soneca enquanto um amigo mantinha a vigilância, ele era embalado pelo zumbido incessante de insetos pestilentos, pontuado pelo som de tiros e morteiros. “As noites são passadas³⁰⁸ com desconforto e frio úmido e os dias, com lama e na imundície”, contou um homem. De acordo com um correspondente de guerra, “o maior prazer em Guadalcanal é... continuar vivo”.

Enquanto os fuzileiros navais sofriam na ilha, os marinheiros norte-americanos não estavam muito melhor em alto-mar. Naquela que foi descrita como a “pior derrota já sofrida numa luta justa³⁰⁹”, a Marinha Imperial japonesa afundou quatro cruzadores e perseguiu um quinto em meros 32 minutos, em 9 de agosto de 1942, na Batalha da Ilha Savo, sofrendo apenas danos mínimos. Nos meses seguintes, a Marinha norte-americana continuou a sofrer perdas pesadas. Em fevereiro de 1943, quando a Batalha de Guadalcanal terminou, foram tantos os navios torpedeados, danificados e afundados que a extensão de água situada entre Guadalcanal, Savo e as ilhas Florida ganhou o apelido de Ironbottom Sound (Estreito do Fundo de Ferro).

Cada batalha que se seguiu à de Guadalcanal se mostrava mais mortífera que a anterior. Em junho de 1944, os soldados que sobreviveram a alguns dos combates mais violentos do Pacífico³¹⁰ estavam prontos para invadir Saipan. As primeiras tropas que chegaram encararam uma torrente de morte. Os japoneses criaram a falsa impressão de que a invasão seria fácil, segurando pacientemente a reação até os tratores anfíbios dos fuzileiros navais terem avançado quase 1 quilômetro, e, então, desencadearam uma avalanche de fogo sobre os norte-americanos. Homens mortos e feridos cobriram a praia. Aqueles que sobreviveram ao violento desembarque experimentaram uma brutalidade inconcebível. No segundo dia da invasão, os tanques japoneses romperam as linhas norte-americanas e passaram a se movimentar de um lado para outro sobre as trincheiras dos fuzileiros navais. “Tive de manter³¹¹ a cabeça abaixada enquanto os tanques japoneses passavam sobre as trincheiras e os fossos, ultrapassando minha posição, em vez de ficar movendo as esteiras sobre meu buraco”, contou um fuzileiro naval. “Um tanque passou por cima da minha

trincheira”, relatou um sargento estupefato. Depois da passagem do tanque, ele “acendeu um estopim e atirou um estoque completo de cargas de demolição sobre a torre da maldita coisa”. As baixas cresceram com feroz velocidade. Mais de 1.500³¹² fuzileiros navais ficaram feridos, perderam a vida ou desapareceram no final de um mês de combates, tornando Saipan a batalha mais sangrenta do Pacífico, até aquele momento.

Para abrandar o estresse da batalha e fornecer uma válvula de escape contra a morte que cercava os homens, os períodos de recreação e descanso eram fundamentais. A Divisão de Serviços Especiais fez milagres para tentar manter o moral, enviando equipamentos para cada ilha em tempo recorde. Quatro dias depois³¹³ do primeiro desembarque norte-americano em Saipan, os fuzileiros navais receberam um carregamento de livros. Três dias depois, uma biblioteca foi criada. Mesmo se conseguissem só tirar um pouco de tempo para si mesmos – para ler um trecho de um livro de humor ou uma história de faroeste –, uma breve distração podia fazer toda a diferença. Quando os livros da ASE chegavam, eram agarrados avidamente, guardados e levados para a batalha. Alguns nunca eram lidos. Como um fuzileiro naval em Saipan revelou ao conselho:

Na manhã seguinte³¹⁴ de uma noite particularmente difícil, de pesado fogo de morteiro do inimigo, estava caminhando quando vi alguns dos mortos sendo carregados com cuidado na parte traseira de diversos caminhões que foram mobilizados para levar os corpos para o cemitério da divisão. Eu queria ver se reconhecia algum dos fuzileiros mortos. Havia meia dúzia deles estendidos, alguns deitados de costas, e outros de bruços. Um destes últimos era um soldado jovem, loiro, que tinha chegado recentemente como substituição, orgulhoso de finalmente ser um fuzileiro titular no front de batalha. Quando o observei, vi algo que acho que jamais esquecerei. Saindo pelo bolso de trás da calça, havia uma edição amarela de um livro que ele, evidentemente, estivera lendo em seus momentos de folga. Apenas o título era visível: *Our Hearts Were Young and Gay*.

Depois de mais de um ano de programa e de ter distribuído nove carregamentos mensais de livros entre as Forças Armadas, o conselho procurou saber através de mais soldados como os livros da ASE estavam sendo recebidos. Recorrendo ao *Stars*³¹⁵ *and Stripes*, um jornal do Exército, publicou um pequeno anúncio com o título *Mail Call*, pedindo comentários e sugestões dos próprios homens. O conselho estava enviando a seleção apropriada de títulos? Que livros os soldados gostariam de ver nas futuras edições? Os livros da ASE eram resistentes?

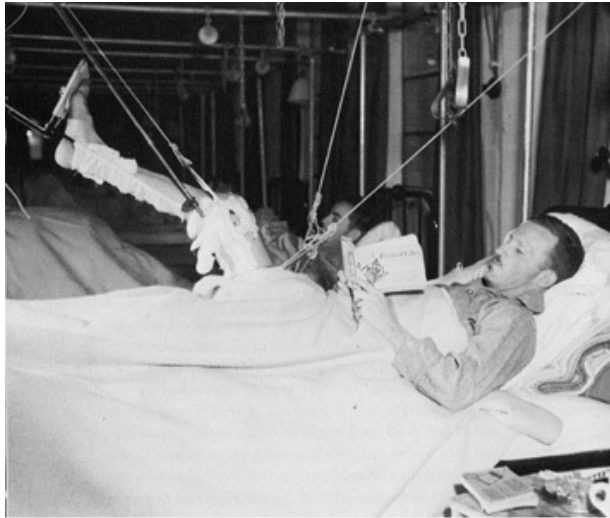
Os soldados gostaram do fato de que suas opiniões fossem solicitadas. De acordo com o rígido estilo de vida militar, os soldados raramente recebiam perguntas a respeito do que pensavam; em geral, eram comunicados a respeito

do que fazer e seguiam ordens. Eles se sentiram um pouco como civis de novo com a oportunidade de terem suas opiniões ouvidas. Malotes de correspondência foram entregues ao conselho, com cartas que elogiavam seus esforços, solicitavam títulos específicos, contavam histórias ousadas de leituras sob fogo inimigo ou reclamavam amargamente a respeito de determinado livro. Todas as cartas eram lidas, e a maioria era respondida.

Cartas entusiásticas manifestavam a onipresença e a popularidade dos livros da ASE entre os soldados. Um diretor de campo da Cruz Vermelha afirmou que “não era uma visão incomum³¹⁶ a de homens em longas filas para pegar comida lendo uma das edições. Eles levavam os livros para o cinema e liam antes do início da sessão; liam nas folgas; liam para aproveitar os poucos minutos antes do toque de recolher; liam enquanto esperavam na enfermaria para tratamento; ou liam na barbearia”. Um major no Pacífico sul relatou que um livro da ASE era enfiado em cada bolso. “Os soldados carregavam seus livros³¹⁷ e os liam em jipes, veículos anfíbios e veículos com lagartas, e também em navios de assalto anfíbio e barcaças de desembarque, e enquanto esperavam o café ficar pronto nas tréguas, em postos de comando”, afirmou ele. A bordo do *USS Independence*, um marinheiro escreveu que os livros da ASE eram “tão populares que³¹⁸ um homem parecia estar sem uniforme se um livro não estivesse visível no bolso traseiro da calça”. Outro soldado ponderou de um leito de hospital, na Inglaterra: “Desde a infantaria aerotransportada³¹⁹ das linhas de frente até o Corpo de Finanças da retaguarda, você encontrava rapazes lendo como jamais tinham lido antes.”



Nos hospitais, pacientes liam avidamente para passar o tempo. Aqui, uma integrante da Unidade Militar Feminina exhibe uma estante de livros para um americano ferido na campanha italiana, e ele escolhe um exemplar.



Para os pacientes hospitalizados, os livros conseguiam quebrar a monotonia dos dias passados na cama. Os livros de bolso tinham grande demanda, pois podiam ser segurados confortavelmente durante horas enquanto o soldado estava deitado de costas, convalescendo.

Inúmeras cartas saudavam os livros da ASE como o melhor recurso da vida militar. “Afiml, eles provam³²⁰”, declarou um segundo-tenente, “que existem, apesar do treinamento e do deslocamento para o exterior, apesar da mulher e da garota que você deixou para trás e da estridência da arregimentação, vantagens na vida do soldado. Não estou falando de cigarros ou barras de chocolate”, afirmou ele, “e sim da edição emocionante dos seus livros de bolso – os livros da Armed Services Editions, que, por meio da generosidade, senso de humor e também da avaliação de alguém sobre os diversos gostos dos soldados, são simplesmente (mas imaginativamente) esplêndidos”. Outro soldado escreveu: “Não sei quem³²¹ são vocês ou como sua organização começou... No entanto, quero lhes agradecer por fornecer tantos livros de forma tão conveniente para todos nós do Exército.” Na Índia, um tenente manifestou “agradecimentos sinceros³²²” pela publicação de “tudo, de Zane Grey a Platão”. Da Itália, um soldado norte-americano comentou que enviar livros aos soldados era como fazer “chover no deserto³²³”. “Muitas vezes, o único lazer, relaxamento e estímulo mental é ler; assim, vocês podem entender como são bem-vindos os livros da ASE”, afirmou ele.

Qualquer um que tivesse feito uma longa viagem marítima sabia a diferença que uma caixa de livros da ASE podia fazer. Um marinheiro que embarcou na

Califórnia para Pearl Harbor escreveu que os oitocentos homens a bordo do navio tinham “seis longos dias enfadonhos³²⁴ no mar pela frente”, mas, quando a biblioteca apresentou uma caixa de livros da ASE, os marinheiros “agarraram os livros como crianças que pegam uma caixa de chocolates”. “Os livros deixaram muitos marinheiros felizes e os entretiveram durante os muitos dias de viagem”, disse ele. Outro marinheiro escreveu: “Desde que estou³²⁵ servindo na Marinha não vi nenhuma outra coisa que valesse mais a pena (ou fosse comparável, em qualquer outro aspecto) que os livros da Armed Services Editions.”

Muitos apreciavam a seleção eclética de títulos do conselho, pois sempre havia uma variedade de assuntos e gêneros nos fornecimentos de cada mês. Um soldado de infantaria cético, que receara que os livros da ASE se limitariam a ofertas básicas, como os livros de faroeste de Zane Grey ou as histórias de Tarzan, escreveu para o conselho dizendo que ficou “agradavelmente surpreso³²⁶ com o fato de que vocês tenham evitado essas monstruosidades”. (No final, o conselho publicou diversos livros de faroeste de Grey e dois livros de Tarzan.) Outro homem afirmou que os selecionadores de livros do conselho “mereciam medalhas³²⁷”, com base na convicção que demonstravam na “curiosidade intelectual do soldado médio”.

Quando os soldados tomavam conhecimento de que a obra de um autor favorito deles fora impressa no formato do livro da ASE, faziam quase qualquer coisa para localizar um exemplar. Como a parte interna da quarta capa de cada livro da ASE informava todos os títulos publicados naquele mês, os homens podiam verificar os livros que queriam ler e vasculhar sua unidade para achá-los. “Durante dias, busquei³²⁸ em nosso centro de recreação, perturbei a Cruz Vermelha, vasculhei as estantes da nossa biblioteca e procurei incansavelmente nos alojamentos, o quê? G-183! G-183! G-183!”, exclamou um homem. “Sim, o G-183”, continuou ele, *Low Man on a Totem Pole*, de H. Allen Smith. Smith era o autor favorito desse sargento, e ele pediu ao conselho que lhe enviasse um exemplar; ele até se ofereceu para pagar por um. Um homem baseado na Inglaterra pediu exemplares de *The Robe* e *A Tree Grows in Brooklyn*; ele já tinha procurado em todos os cantos e perturbado a Divisão de Serviços Especiais, mas nenhum exemplar foi encontrado. Ele acrescentou: “Vocês não têm ideia³²⁹ de quantas horas de prazer seus livros nos dão.”

Quando o conselho pediu sugestões de livros, desencadeou um turbilhão de ideias nos homens ansiosos em encontrar autores favoritos e títulos populares.

Pessoas de todos os estilos de vida e de gostos totalmente opostos escreveram para pedir mais livros. Uma amostra dessas cartas revela que o conselho não erraria desde que continuasse a incluir diversos tipos de livro em cada série.

Um homem escreveu que muitos soldados “gostariam de pôr as mãos³³⁰ em *Ana Karênina* (literalmente)”, e também nos romances de Dumas e Balzac. No entanto, ele pediu uma “redução na publicação de romances históricos”, e afirmou que “talvez não prejudicasse publicar um clássico por mês”. Uma carta em forma de petição, assinada por toda uma unidade, pediu dois livros: um dicionário³³¹ e *Tad Potter*, de Asa Wilgus. *Tad Potter* relatava a história de um jovem obrigado a escolher entre viver na fazenda de sua família, na Nova Inglaterra, e se mudar para a cidade grande com a mulher que amava. No hospital de uma base militar, nas ilhas Ryukyu, um bibliotecário apoiou o pedido de *Tad Potter*. Esse livro “requer pouco ‘argumentação de venda’³³²”, disse o bibliotecário. “Para fazer um recruta ler o livro, você só tem de ir à primeira página, que fala a respeito de um garoto voltando para casa na primavera.” De outro hospital veio um pedido por mais livros de peças teatrais³³³: Shakespeare, George Bernard Shaw e comédias da Broadway. O gosto de um homem por clássicos podia ser o pesadelo de outro homem. “Há apenas uma pequena³³⁴ crítica que desejo fazer”, disse um sargento após elogiar a maior parte do trabalho do conselho. “Acredito que a maioria dos companheiros prefere ficção, sobretudo do gênero moderno”, afirmou ele. Outro homem escreveu comentando que sua única queixa era que não existiam bastantes livros de esporte³³⁵. “Minha preferência pessoal³³⁶ inclui livros de história e biografias, mas sei, por observação, que nenhuma das suas seleções é negligenciada ou desconsiderada”, escreveu um engenheiro.

Diversos soldados estavam interessados em ler a respeito dos países envolvidos na guerra. Um cabo escreveu do Pacífico, onde estivera baseado por algum tempo, para dizer que estava estarecido com o fato de quão pouco sabiam os norte-americanos a respeito da história daquela região do mundo. Ele pediu para o conselho que os ajudasse imprimindo livros a respeito da cultura e da história do Extremo Oriente. Da Nova Caledônia, um segundo-cabo escreveu que, embora o conselho tivesse publicado a história da Grã-Bretanha e do norte da África, estava decepcionado por não ver publicadas obras a respeito da França, Rússia, China e Índia. Além de pedir livros de história desses países, encorajou o conselho a publicar títulos sobre a “história recente e os povos³³⁷ do Eixo”, para melhorar “a compreensão dos soldados e marinheiros a respeito de nossa política externa, e qual deveria ser”.

O entusiasmo pelos livros do conselho e os pedidos especiais por certos títulos apareciam nas cartas que os homens escreviam para seus entes queridos. Alguns elogiavam tanto o trabalho do conselho, que mães, esposas, irmãs e namoradas ansiosas escreviam para ver se conseguiam comprar livros da ASE para uma ocasião especial ou para suplementar o próximo pacote. A mulher de um prisioneiro de guerra norte-americano³³⁸ na Alemanha pediu ao conselho que lhe enviasse um livro que falasse sobre todas as restrições que a Alemanha impunha sobre os livros. Uma enfermeira da Marinha³³⁹ escreveu ao conselho revelando o entusiasmo com que os livros da ASE eram recebidos por seus pacientes. No entanto, seu irmão, que estava no Exército, havia se queixado numa carta que não tinha bastante material de leitura, e ela queria que o conselho enviasse livros para ele. Uma irmã atenciosa escreveu ao conselho a respeito do seu irmão, que falara para ela tudo sobre os livros em miniatura que estavam circulando onde ele estava baseado. Havia três títulos que ele estava ansioso para ler, mas não conseguia encontrar, e pediu ajuda à irmã. “Ele disse que eu não podia³⁴⁰ mandar um presente mais legal do que aqueles três livrinhos”, contou ela.

Em resposta à maioria das cartas que pediam livros da ASE, o conselho informava à Divisão de Serviços Especiais que os livros eram necessários num teatro de operações específico ou numa unidade específica. Embora os funcionários do conselho quisessem satisfazer os pedidos de determinados livros da ASE, eram obrigados contratualmente³⁴¹ a fornecer ao Exército e à Marinha todos os livros que eram publicados. O conselho até recusou um pedido do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos de quinhentos conjuntos de livros da ASE a serem enviados para a Austrália conforme um acordo de empréstimo e arrendamento.

No entanto, o conselho violou as regras numa ocasião. Na Holanda, um cidadão holandês que alojava soldados norte-americanos em sua casa escreveu para o conselho a respeito de um oficial norte-americano que estava morando com ele havia algumas semanas. A paixão do oficial pela leitura era inegável: ele tinha uma grande coleção de livros da ASE, mas sentia falta do seu livro favorito, *Tarzan of the Apes*. “No próximo mês³⁴², ele fará aniversário, e eu gostaria de dar esse livro de presente para ele”, escreveu o anfitrião holandês do oficial. O único problema era que ele não conseguia comprar uma edição em inglês do livro na Holanda. Embora ele soubesse que não era “hábito do conselho enviar livros para civis”, quis saber se o conselho não podia abrir uma exceção.

Outro pedido do exterior veio de um soldado das forças australianas, que topou com a edição da ASE de *Lou Gehrig* por ocasião de uma missão conjunta com uma unidade norte-americana. “Jogador de beisebol fanático que sou³⁴³”, disse ele, a descoberta daquele “livro maravilhoso me emocionou de maneira indescritível”. Embora tenha conseguido folhear o livro antes da partida das tropas norte-americanas, ele ficou louco para ler todo o livro. “Sei que os soldados de vocês têm todos os direitos”, afirmou ele, mas implorou ao conselho que “cedesse um exemplar para mim, pelo qual ficaria extremamente grato”.

Embora apelos como esse fossem usualmente rejeitados pelo conselho, abriam-se algumas exceções:³⁴⁴ um exemplar de *Tarzan* foi enviado para a Holanda, e o soldado australiano recebeu um pacote contendo diversos livros sobre beisebol.

Quando se espalhava a notícia de que certo livro era muito bom, listas de espera eram criadas para identificar qual soldado seria o próximo a ter o privilégio de lê-lo. Aqueles que não conseguiam esperar sua vez praticavam suborno para furar a fila (com maços de cigarro, dinheiro ou barras de chocolate). O conselho recebia uma quantidade enorme de cartas pedindo mais exemplares de títulos que os homens estavam desesperados para ler.

Embora os pedidos por clássicos, histórias de esporte, ficção moderna e livros de história não causassem grande discussão, algumas sugestões incitavam divergências no interior do conselho. Um pedido assim veio de um soldado que servia na Costa do Ouro, na África ocidental. Esse soldado dizia que livros como *Forever Amber*, *Strange Fruit* e *Os três mosqueteiros* (versão de Tiffany Thayer) eram os que os homens realmente queriam. “Os livros mais³⁴⁵ lidos são os que têm ao menos uma essência de – para falar sem rodeios – sexo e um monte disso”, disse ele. Embora essa unidade tivesse a sorte de ter exemplares de *Forever Amber* e *Strange Fruit* (muito provavelmente porque alguém pediu a um parente que os enviasse), os dois livros estavam excessivamente usados, com *Forever Amber* liderando uma lista de espera de, no mínimo, trinta homens, e com *Strange Fruit* em uma lista quase tão longa quanto aquela. Evidentemente, precisavam de mais exemplares, preferivelmente no formato ASE. Muitos homens ecoaram esses pedidos dos títulos. Das ilhas Aleutas, relatou-se que os “companheiros têm muita vontade³⁴⁶ de ler o romance *Forever Amber*, de Kathleen Winsor”. “Se você já viu livros³⁴⁷ completamente gastos pelo uso, eram exemplares de *Forever*

Amber”, disse outro homem.

Os pedidos por títulos como aqueles criaram certa agitação entre os leitores do conselho. Em primeiro lugar, *Forever Amber* e *Strange Fruit* eram considerados tão indecentes que a cidade de Boston os proibiu³⁴⁸. (Para um capitão, aquilo já vendia o peixe. “Todos nós estamos ansiosos³⁴⁹ por *Forever Amber*, pois parece ter provocado alguma excitação no país”, disse ele. “Ficamos curiosos a respeito de todos os livros que são proibidos em Boston. E quem não ficaria?”) No entanto, similarmente, *Strange Fruit*, de Lillian Smith, era um best-seller no front doméstico; até Eleanor Roosevelt tinha elogiado³⁵⁰ o livro por tratar de forma comovente questões sociais delicadas. Ele contava a história de um casal inter-racial, cuja relação amorosa resultou em gravidez. O casal não podia se casar porque era proibido por lei; o pai da criança é assassinado, e um homem inocente é linchado pelo assassinato. Longe de ser pura obscenidade, *Strange Fruit* apresentava aspectos de desigualdade e da hipocrisia de viver sob uma forma democrática de governo que não concedia os mesmos direitos para todos seus cidadãos. Também apresentava descrições estimulantes de sedução, incluindo partes do corpo e roupas arrancadas. Embora *Forever Amber*³⁵¹ também fosse um best-seller, narrava a história dissoluta da ascensão de uma jovem, Amber, na sociedade inglesa, dormindo com homens ricos e poderosos e/ou casando com eles. Amber tornou-se a amante favorita de Carlos II, mas, ao mesmo tempo, desejava ardentemente outro homem. Eleanor Roosevelt jamais elogiou esse livro.

Os soldados estavam sexualmente frustrados, mas a ideia de fornecer esses livros para atender a interesses lascivos perturbava parte do pessoal do conselho. A controvérsia cresceu tanto que Philip Van Doren Stern foi forçado a tocar no assunto numa reunião da diretoria executiva do conselho, na qual ele revelou que alguns membros do comitê editorial “fizeram objeções de dar³⁵² sua aprovação a alguns livros que consideram de natureza vulgar”. A diretoria executiva não se importava com aquilo que o comitê editorial pensava: “Esses livros devem atender a um propósito, independentemente de que tipo são.” As atas da reunião da diretoria executiva ainda registraram: “Se esses livros oferecem aos rapazes no exterior o tipo de alívio da tensão que estão procurando, então o comitê deve ter o máximo prazer em dar sua aprovação a esses livros.” Como o conselho fazia frequentemente, acabou pendendo para continuar fornecendo uma grande variedade de material de leitura, em vez de limitar os tipos de livros enviados aos soldados. Como o Exército norte-americano lutava para preservar a liberdade, o conselho enfatizou a

necessidade de fornecer acesso irrestrito a um conjunto diverso de títulos – até mesmo os de ficção barata.

No devido tempo, o conselho assegurou aos soldados que “*Forever Amber* e *Strange Fruit*³⁵³ serão publicados pela Armed Services Editions”, atendendo aos pedidos deles. Os militares espalhados por todo o mundo ficaram gratos com a decisão do conselho. A independência do conselho em selecionar livros e a disposição de publicar títulos polêmicos conquistaram o respeito de inúmeros soldados. Alguns até escreveram cartas incentivando o conselho a resistir às pressões de organizações religiosas ou de outros grupos que talvez tentassem influenciar os membros contra a publicação de determinados livros. “Não deem atenção³⁵⁴, absolutamente nenhuma atenção, a qualquer organização que tente influenciar a seleção dos livros”, incitou um soldado de infantaria. “Se a legião da decência aproximar-se, por favor, tratem-na da maneira mais ofensiva possível e falem para ela se danar”, concluiu ele. Na realidade, os soldados não precisavam se preocupar. Pois até os títulos proibidos seriam publicados, já que os livros da ASE pareciam empolgar sobretudo o diretor do conselho, Archibald Ogden, que conseguia tripudiar tanto quanto um jornal de Boston. Sob a manchete “Filhos de Boston no serviço militar leem esses livros terríveis”, uma fala supostamente sua foi citada: “Está começando a parecer³⁵⁵ que tudo o que um autor tem de fazer para entrar na coleção de livros das Forças Armadas é ser proibido em Boston.”

Algumas das cartas mais vívidas recebidas pelo conselho descreviam até que ponto a leitura estava entrelaçada com a batalha. Um homem escreveu³⁵⁶ de Luxemburgo para relatar que “literalmente rastejava para fora da minha trincheira rasa, úmida e lamacenta, que chamamos de toca da raposa, para respirar ar fresco não americano, sabendo que, em alguns minutos, teria de mergulhar de volta para ela dando um salto-mortal, para me proteger daquela chuva de morte que [os alemães] com bastante frequência lançavam”. Ele passou diversos dias naquele jogo de gato e rato. Anteriormente, quando disparos de artilharia estavam sendo dados em sua direção, ele se refugiou em sua “fortaleza coberta e profundamente escavada, e, depois de rezar fervorosamente, comecei a ler a edição da Armed Services Edition de *C/O postmaster*, do cabo Thomas R. St. George, com a ajuda de uma lanterna de um recruta”. A “experiência do cabo me deixou de bom humor”, disse ele, apesar dos sons da morte que enchiam o ar.

Um coronel sentiu a obrigação de compartilhar como *A Tree Grows in*

Brooklyn ajudou tanto a ele como a um grupo dos seus homens a manter a capacidade mental durante um ataque. Esse coronel comandava um “batalhão de defesa antiaérea³⁵⁷” que ele definiu como “antiaérea, antitanque e antipessoal”. Ele explicou: Há pouco tempo, eu inspecionava uma das minhas baterias antiaéreas, numa posição bastante difícil, e estava num fosso de canhão, quando alguns [alemães] começaram a nos atacar com obuses de 88 milímetros. Não era muito agradável esperar os obuses chegarem após seus assobios soarem e esperá-los explodirem (em outro lugar, é pelo que você torce). Enfim, percebi que havia um recruta lendo entre as explosões. Perguntei-lhe o que ele estava lendo, e ele respondeu: “*A Tree Grows in Brooklyn*”. Ele começou a ler para nós um trecho bastante engraçado e rimos muito entre as explosões.

Todos sobreviveram ao ataque alemão, e esse coronel decidiu ler o livro. Ele correu atrás de um exemplar e, quando finalmente conseguiu um e começou a lê-lo, sua unidade novamente sofreu um ataque. “Nossa coluna foi atacada por um batalhão alemão, escondido num bosque. Alcançamos as trincheiras e travamos um combate feroz.” O coronel admitiu que ficou tentado a “ler um pouco mais enquanto os alemães nos mantinham imobilizados, mas tive de me levantar e dar algumas ordens”. O combate continuou ao longo do dia, e, embora no final ele tenha sofrido ferimentos, continuaram passando em sua cabeça pensamentos a respeito de Francie Nolan, a protagonista do livro, e do Brooklyn e de Nova York. “Eu estava pensando naquele livro mesmo sob fogo intenso”, revelou ele. “Foi bastante interessante.” Embora ele não fosse muito dado à leitura antes da guerra (a título de antecedentes, ele afirmou que tinha cursado a United States Military Academy, e “jamais esteve na biblioteca de West Point, exceto sob ordens”), gostou de *A Tree Grows in Brooklyn*. “Estou aqui, entrincheirado numa barraca escura do posto de comando, no front, em algum lugar, e escrevo isso em agradecimento”, afirmou ele.

Outra descrição da leitura nas linhas de frente veio de um soldado raso, que explicou que, pouco antes de ele ter ido para a batalha, suprimentos essenciais tinham chegado em sua unidade: cigarros e livros. Ele pegou um exemplar de *Queen Victoria*, de Lytton Strachey, leu alguns capítulos, e, então, sua unidade foi subitamente convocada para a ação. Lentamente, avançaram através do fogo de artilharia pesada³⁵⁸ e ficaram “imobilizados num campo por causa da explosão dos morteiros e das rajadas de metralhadoras”. Enquanto as balas passavam zunindo, esse soldado raso começou a entrar em pânico, pois não viu nenhum lugar onde pudesse se abrigar. Num gesto de desespero, dirigiu-se a

“algo que parecia ser uma sólida barreira de arbustos e moitas”, que cederam ao seu peso, fazendo-o aterrissar numa vala profunda. Na queda, ele se feriu e mal conseguia se mexer dentro do buraco apertado. Enquanto ele sacudia seus membros, sentiu “uma protuberância em seu bolso, que era o exemplar de *Queen Victoria*”. Sabendo que estava “bastante ‘quente’ lá em cima” – já que, “de vez em quando, uma bomba explodia” nas proximidades – ele não podia fazer nada, exceto esperar que o bombardeio terminasse e a ajuda chegasse.

Ele começou a ler. “Não era o caso de esquentar a cabeça e me atormentar; as coisas estavam completamente fora do meu controle”, disse o soldado. Quando ele ouviu uma bomba explodir a menos de 8 metros dele, sentiu como se a bomba “também pudesse ter caído sobre mim, mas nenhuma ação minha poderia alterar o resultado”. Em vez disso, ele “simplesmente se conformou em ficar completamente à mercê do acaso” e se evadiu dos arredores virando página após página de *Queen Victoria*. O livro o acalmou e ocupou sua mente até que o bombardeio terminou, e ele pôde ser levado a um hospital. Dias depois, acamado, ele acabou de ler o livro.

Embora a maioria das cartas dos soldados elogiasse o conselho, também havia críticas. Talvez até mais do que as notas de elogios, as cartas de reclamações revelavam como os livros eram fundamentais para a qualidade de vida dos combatentes no exterior. Um fator que prejudicava diversos livros da ASE derivava do processo de impressão de duas páginas de dois livros diferentes em cada folha, uma acima da outra. Durante a montagem dos livros, de vez em quando ocorriam problemas de paginação. Um dilema envolvia páginas faltantes; às vezes, mais de vinte páginas podiam estar inexplicavelmente ausentes em um livro da ASE. Um cabo reclamou que tinha começado a ler *We Cannot Escape History*, de John T. Whitaker, até “simplesmente descobrir³⁵⁹ que as páginas 26 a 59 estão faltando, enquanto as páginas 59 a 90 estão impressas duas vezes”.

Outro homem, que investira muito tempo na leitura de um livro, escreveu ao conselho: “Se a missão de vocês³⁶⁰ na guerra é incentivar a vida dos membros das Forças Armadas por meio dos livros da Armed Services Editions, vocês podem se considerar um fracasso, no que depender de mim. Em resumo, estou muito descontente, para não dizer coisa pior”, disse ele. Esse sargento frustrado explicou que a causa de sua “grande raiva” era que ele tinha acabado de chegar à “parte mais empolgante do romance *The Gaunt Woman*, quando “no mínimo, 25 páginas estavam faltando”. Ele esclareceu: “Não foram arrancadas, veja

bem; elas jamais foram inseridas no livro durante a impressão.” O livro narrava a história repleta de suspense de um capitão de Gloucester, cujo navio, o *Gaunt Woman*, tinha de navegar por entre submarinos nazistas, a fim de transportar sua pesca para a costa, enquanto um romance acontece. Quando esse sargento notou as páginas faltantes, ficou tão furioso que “jogou fora o livro”, sem saber se o “protagonista ‘conquistou a garota’ ou ‘conquistou tudo o que tinha direito’”. Para pôr as coisas em perspectiva, ele afirmou que jamais foi alguém de escrever uma carta de reclamação, mas “num momento como esse, quando bons livros são difíceis de conseguir, acho que vocês devem receber a opinião de um soldado desgostoso”. Ele implorou que as gráficas do conselho tomassem mais cuidado no futuro, para garantir que tais contratemplos não ocorressem, pois, ao menos para ele, aquilo era motivo de grande “angústia mental”.

Em menos de um mês, o mesmo homem escreveu uma carta para Philip Van Doren Stern, agradecendo pelo exemplar completo de *The Gaunt Woman* enviado a ele pelo conselho. O sargento admitiu se sentir envergonhado em relação à sua carta furiosa. Ele explicou que “aqui, o tempo passa³⁶¹ lentamente para nós, homens que estamos sofrendo esse lado da guerra”. Os livros da ASE estavam fazendo muito bem para ele e para aqueles ao redor dele. Aquele homem achava que, graças aos livros da ASE, ele e seus amigos estavam “mais bem informados [e ficariam] mais inteligentes... depois da guerra”.

Outro problema derivado do processo de impressão de dois livros aos pares, um acima do outro, era que as páginas de um título podiam se misturar aqui e ali com as de outro. Um segundo-cabo escreveu ao conselho a respeito de um exemplo. Recentemente, sua unidade tinha recebido um pacote de livros da ASE, o que era com frequência fonte de “muitas horas felizes³⁶² de leitura”. Depois de dedicar algum tempo à seleção de um livro, pois havia muitos títulos atraentes disponíveis, ele começou a ler *The Strange Woman*, de Ben Ames Williams. O livro contava a história instigante de uma jovem manipuladora que tramava contra amigos e amantes, se beneficiando à custa deles, até ela cair em suas próprias armadilhas. Assim que esse soldado começou a ler o livro, “difícilmente conseguia largá-lo”; “eu fiquei absorto”, disse ele. No entanto, “para minha total decepção, dezesseis páginas inteiras estavam faltando”, e, em seu lugar, havia “dezesseis do livro *The Education of Henry Adams*”. Como ele estava esperando cada palavra, procurou desesperadamente por um exemplar de *The Education of Henry Adams* para ver se as páginas faltantes de *The Strange Woman* estavam colocadas por engano dentro dele. Não estavam.

“Estou escrevendo”, disse ele, “na grande esperança de que sua organização corrija essa questão aparentemente insignificante”. O livro, “nessa condição em que está agora, é imprestável”.

Quando erros de impressão eram motivo de reclamações, o conselho trabalhava para tranquilizar os soldados frustrados o quanto antes. Apesar de sua política de não enviar livros para pessoas individualmente, o conselho sempre abria uma exceção quando se tratava de livros defeituosos, e um exemplar perfeito era prontamente enviado, junto com um pedido de desculpas.

Embora corrigir um livro com páginas faltantes fosse relativamente fácil, reclamações mais subjetivas eram difíceis de remediar. Isso era especialmente verdadeiro em relação às críticas referentes ao tema de certos livros. Apesar das precauções que o conselho tomava para assegurar que os títulos publicados fossem condizentes com o contexto de uma guerra em andamento, alguns soldados manifestavam seu espanto por alguns livros da ASE terem permissão de ser enviados para as linhas de frente. Um soldado raso enfurecido explicou que acabara de ler *North Africa* e estava tentando “descobrir os nomes³⁶³ dos quinta-colunas do conselho”. Ele se opôs “violentamente” à inclusão do livro, e ficou tão abalado que pediu esclarecimentos ao conselho: “Estamos lutando pelo quê?” “Que desculpa o conselho pode dar, usando papel valioso, para publicar, para a orientação de um soldado americano, um livro como esse?”, perguntou ele. “Se o conselho não encontrou nada melhor, o mais recomendável era que não publicasse nada”, afirmou ele. A parte principal de *North Africa* descreve a geografia, a economia e a história do norte da África; o trecho que esse soldado achou tão ofensivo trata a expansão francesa no norte da África, na década de 1880, de um modo positivo (ele talvez tenha achado isso muito parecido com o objetivo alemão de expansão na Europa).

William Sloane respondeu a essa carta em nome do conselho, assegurando ao soldado que “não há nenhuma questão³⁶⁴ de quinta-coluna em nosso grupo, e a sua reclamação é a única que recebemos a respeito do livro por essas razões, até onde sei”. Sloane prometeu que o pessoal do conselho “seria mais meticoloso no futuro” e manifestou sua esperança de que o soldado acreditasse que os demais livros do conselho fossem aceitáveis. Embora a maior parte da carta do soldado criticasse o conselho, Sloane admitiu sentir alguma satisfação no fato de que os livros da ASE tivessem “conseguido algo que era nossa expectativa, ou seja, manter o interesse intelectual do soldado americano vivo e crescente”.

Uma carta mais moderada de reprovação foi recebida pelo conselho com

respeito ao livro *The Iron Trail*, história de faroeste de Max Brand. Nesse livro, um fora da lei decide levar uma vida honesta quando um criminoso local pratica um roubo de joias, deixando pistas que apontam o ex-fora da lei como autor do furto. Embora o livro não tivesse uma mensagem pró-alemã evidente, o conselho recebeu uma carta perguntando: “Vocês não acham³⁶⁵ que poderia ser uma seleção alemã do Livro do Mês?” Embora os livros da ASE fossem “uma das maiores contribuições educacionais – provavelmente a maior – dessa guerra”, esse soldado queria saber se havia “algum membro responsável do conselho” que tivesse lido *The Iron Trail* antes de publicá-lo.

Uma omissão notável em relação ao anúncio publicado no *Star and Stripes* pelo conselho, que solicitava comentários, envolveu a opinião das mulheres que serviam na Unidade Militar Feminina (WAC) e na unidade denominada Mulheres Aceitas para Serviço Voluntário de Urgência (WAVES), da Marinha. Embora publicações especiais fossem distribuídas para a WAC e a WAVES, consistindo em periódicos de orientação feminina, como *Good Housekeeping* e *Ladies' Home Journal*, a ausência de cartas das mulheres em serviço ao conselho confirma que os livros da ASE eram fornecidos somente aos homens. Como os livros destinavam-se a atender às necessidades do moral daqueles que encaravam os horrores da batalha, o Exército e a Marinha não concebiam a necessidade de fornecer livros de bolso para as mulheres que serviam em posições de não combate. Além disso, essas mulheres podiam ser atendidas por bibliotecas fixas, que tinham livros de capa dura. É de se questionar quais títulos teriam sido adicionados aos 1.200 da ASE se uma grande quantidade de mulheres tivesse participado dos combates na Segunda Guerra Mundial.

Em geral, o conselho não teve necessidade de se preocupar com o sentimento dos soldados quanto aos livros da ASE. Como um oficial médico do Exército escreveu: “Depois da penicilina³⁶⁶, os livros da Armed Services Editions são o maior aperfeiçoamento da técnica do Exército desde a Batalha do Marne.” As cartas recebidas de todo o mundo provavam que os livros faziam exatamente o que deviam fazer: aliviavam o tédio, elevavam os espíritos, estimulavam as risadas, renovavam a esperança e proporcionavam uma válvula de escape. Havia um livro para cada gosto, quer um homem preferisse histórias em quadrinhos de *Sad Sack*, quer preferisse Platão. E todos liam. Como um homem declarou: “Apostei latas de carne³⁶⁷ que metade dos homens nunca tinha aberto um livro antes.” No entanto, ele observou homens lendo até as páginas de todos os livros ficarem “tão sujas que não dava para ver as letras”.

Mesmo quando as condições se deterioravam, os homens conservavam seus preciosos livros. “Jogar um livro no lixo é como bater na sua avó”, disse ele.

[305](#) “*Durante dias, busquei*”: Sargento B. S. para Armed Services Editions, Inc. (sem data), Council Records.

[306](#) “*nebuloso e malárico*”: “Pacific Attack”, *New York Times*, 4 de julho de 1943.

[307](#) *bombardeios incessantes*: “Guadalcanal: A Crucial Battle”, *New York Times*, 18 de outubro de 1942.

[308](#) “*As noites são passadas*”: T. Tillman Durdin, “It’s Never Dull on Guadalcanal”, *New York Times*, 18 de setembro de 1942.

[309](#) “*pior derrota já sofrida numa luta justa*”: Almirante Samuel Eliot Morison, “Guadalcanal – 1942”, in *Battle: True Stories of Combat in World War II* (Nova York: Curtis Books, 1965), 181, 183-88.

[310](#) *mais violentos do Pacífico*: Sargento Larry McManus, “Saipan Was Worse Than Tarawa”, *Yank, the Army Weekly*, 6 de agosto de 1944, p. 22.

[311](#) “*Tive de manter*”: “We Take Saipan,” *New York Times*, 10 de julho de 1944.

[312](#) *Mais de 1.500*: “American Losses on Saipan 15,053”, *New York Times*, 13 de julho de 1944.

[313](#) *Quatro dias depois*: “Books March in Army’s Front Lines – Even to Tiny Atolls of Pacific”, *Christian Science Monitor*, 13 de março de 1945.

[314](#) “*Na manhã seguinte*”: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 82-83.

[315](#) *Recorrendo ao Stars*: “Mail Call”, *Stars and Stripes*, 14 de julho de 1944.

[316](#) “*não era uma visão incomum*”: Carta do diretor de campo para a Cruz Vermelha norte-americana, de “terça-feira, dia 23”, Council Records.

[317](#) “*Os soldados carregavam seus livros*”: Carta de “um major no Pacífico sul,” Council Records.

[318](#) “*tão populares que*”: B. T. C. para “Armed Services Editions,” 17 de outubro de 1944, Council Records.

[319](#) “*Desde a infantaria aerotransportada*”: Carta “De um hospital do Exército, na Inglaterra,” Council Records.

[320](#) “*Afinal, eles provam*”: Carta do segundo-tenente R. R. R. ao Council on Books in Wartime, 30 de janeiro de 1945, Council Records.

[321](#) “*Não sei quem*”: Carta do sargento E. S. ao Council on Books in Wartime (sem data), Council Records.

[322](#) “*agradecimentos sinceros*”: Carta de T. C. para o Council on Books in Wartime (sem data), Council Records.

[323](#) “*chover no deserto*”: Carta de S. F. para Armed Services Editions, 17 de julho de 1944, Council

Records.

[324](#) “*seis longos dias tediosos*”: Carta de J. C. para “Gentleman”, sem data, Council Records

[325](#) “*Desde que estou*”: Carta de J. B. para o presidente, 4 de janeiro de 1945, Council Records.

[326](#) “*agradavelmente surpreso*”: Carta de R. W. W. para Armed Services Editions, 21 de julho de 1944, Council Records.

[327](#) “*mereciam medalhas*”: Carta de S. F. para Armed Services Editions, 17 de julho de 1944, Council Records.

[328](#) “*Durante dias, busquei*”: Carta do sargento B. S. para Armed Services Editions, Inc. (sem data), Council Records.

[329](#) “*Vocês não têm ideia*”: Carta do segundo cabo J. M. N. para “Sirs”, 8 de julho de 1944, Council Records.

[330](#) “*gostariam de pôr as mãos*”: Carta de J. B. para o presidente do Council on Books in Wartime, 4 de janeiro de 1945, Council Record.

[331](#) *um dicionário*: “Editions for the Armed Services, Inc.”, assinada por toda a unidade (sem data), Council Records.

[332](#) “*requer pouca ‘argumentação de venda’*”: Carta do sargento G. F. para Editions for the Armed Services, Inc., 13 de agosto de 1945, Council Records.

[333](#) *um pedido por mais livros de peças teatrais*: Carta de D. B. para “Sirs”, 4 de agosto de 1945, Council Records.

[334](#) “*Há apenas uma pequena*”: Carta do sargento H. H. para Editions for the Armed Forces, 21 de dezembro de 1944, Council Records.

[335](#) *não existiam bastantes livros de esporte*: Carta do capelão W. C. G., 9 de julho de 1944, Council Records.

[336](#) “*Minha preferência pessoal*”: Carta de R. A. B. para Editions for the Armed Services, Inc. (sem data), Council Records.

[337](#) “*história recente e os povos*”: Carta do segundo cabo D. M. L. para Philip Van Doren Stern, 23 de agosto de 1944, Council Records.

[338](#) *A mulher de um prisioneiro de guerra norte-americano*: Carta de H. E. A. para Editions for the Armed Services, Inc., 25 de setembro de 1944, Council Records.

[339](#) *Uma enfermeira da Marinha*: Carta de E. G. para Editions for the Armed Services, Inc. (sem data), Council Records.

[340](#) “*Ele disse que eu não podia*”: Carta do doutor A. C. K. para o Council on Books in Wartime, 26 de fevereiro de 1946, Council Records.

[341](#) *obrigados contratualmente*: Carta para M. P. S. de Philip Van Doren Stern, 15 de agosto de 1944; atas da reunião do comitê executivo, 24 de janeiro de 1945, 1945, Council Records.

[342](#) “*No próximo mês*”: Carta de W. A. para Editions for the Armed Services, Inc., 16 de setembro de 1945, Council Records.

[343](#) “*Jogador de beisebol fanático que sou*”: Carta de K. W. R. para o secretário de Editions for the Armed Services, Inc., 14 de fevereiro de 1946, Council Records.

[344](#) *abriam-se algumas exceções*: Bilhete para “Phil”, assinado (ilegível), (sem data), Council Records.

[345](#) “*Os livros mais*”: Carta do soldado raso D. S. para Editions for the Armed Services, Inc., 23 de março de 1945, Council Archives.

[346](#) “*companheiros têm muita vontade*”: Carta de B. N. para Editions for the Armed Services, Inc., 7 de setembro de 1945, Council Archives.

[347](#) “*Se você já viu livros*”: Paul Fussell, *Wartime*, 107.

[348](#) *Boston os proibiu*: Neil Miller, *Banned in Boston: The Watch and Ward Society’s Crusade Against Books, Burlesque, and the Social Evil* (Boston: Beacon Press, 2010).

[349](#) “*Todos nós estamos ansiosos*”: Trecho da carta do capitão M. C., 23 de dezembro de 1944, Council Records.

[350](#) *Eleanor Roosevelt tinha elogiado*: “Boston Bans a Novel”, *New York Times*, 21 de março 1944.

[351](#) *Embora Forever Amber*: Kathleen Winsor, *Forever Amber* (New York: Armed Services Editions, No. T-39 [1945]).

[352](#) “*fizeram objeções de dar*”: Atas da reunião do comitê executivo, 11 de outubro de 1944, Council Records.

[353](#) “*Forever Amber e Strange Fruit*”: Carta para o soldado raso D. S. de Philip Van Doren Stern, abril de 1945, Council Records.

[354](#) “*Não deem atenção*”: Carta de R. W. W. para Armed Services Editions, 21 de julho de 1944, Council Records.

[355](#) “*Está começando a parecer*”: “Boston’s Sons in Service Reading Those Awful Books”, *Boston Traveler*, 12 de janeiro de 1945.

[356](#) *Um homem escreveu*: Carta do soldado raso G. G. para Thomas Y. Crowell, Co., 20 de setembro de 1944, Council Records.

[357](#) “*batalhão de defesa antiaérea*”: Carta de F. M. E. para Harper and Bros., 21 de setembro de 1944, Council Records.

[358](#) *através do fogo de artilharia pesada*: Carta de L. D. J. para o Council on Books in Wartime (citando uma carta de 10 de setembro de 1944 para L.D. J. do soldado raso C. T. J.). Council Records.

- [359](#) “*simplesmente descobrir*”: Carta do capelão R. C. J. para The Macmillan Company, 11 de março de 1945, Council Records.
- [360](#) “*Se a missão de vocês*”: Carta de M. S. T. para “Gentlemen”, 27 de agosto de 1944, Council Records.
- [361](#) “*aqui, o tempo passa*”: Carta de M. S. T. para “Mr. Stern”, 27 de setembro, Council Records.
- [362](#) “*muitas horas felizes*”: Carta de B. A. para Editions for the Armed Services, Inc., 26 de junho de 1945, Council Records.
- [363](#) “*descobrir os nomes*”: Carta de H. A. B. para o “Council on Books in Wartime (or whatever!)”, 11 de maio de 1944, Council Records.
- [364](#) “*não há nenhuma questão*”: Carta de William Sloane para o soldado raso H. A. B., 18 de julho de 1944, Council Records.
- [365](#) “*Vocês não acham*”: Carta de E. J. para o Council on Books in Wartime, 12 de março de 1945, Council Records.
- [366](#) “*Depois da penicilina*”: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 81.
- [367](#) “*Apostei latas de carne*”: Carta de “Sidney” de “algum lugar no mar” (sem data), Council Records.

CAPÍTULO 8

Censura e o quarto mandato de Roosevelt *Se fosse deixada³⁶⁸ para o general-ajudante a tarefa de decidir o que o Exército tem permissão de ler, então poderíamos nos juntar aos nazistas e parar de combatê-los.*

– LYNCHBURG (VIRGINIA) DAILY ADVANCE, 1944

N O VERÃO DE 1944, enquanto os elogios³⁶⁹ aos livros da Armed Services Editions eram abundante, o Conselho sobre Livros em Tempo de Guerra travava uma batalha à parte: lutava contra a censura. Embora o conselho utilizasse certos critérios para orientar sua seleção (evitando livros que pudessem dar apoio ao inimigo, por exemplo, ou que professassem atitudes discriminatórias), visava publicar uma variedade de títulos, sob diversas perspectivas. De vez em quando, essa abertura a novas ideias entrava em conflito com o governo. Em 1943, o conselho virara alvo de ataques por publicar *The Native's Return*, de Louis Adamic. O problema era que a primeira edição desse livro, publicada anos antes, continha trechos considerados simpáticos ao comunismo. Quando George A. Dondero, deputado do Michigan pelo Partido Republicano, soube que o conselho estava fornecendo esse livro aos soldados, denunciou a escolha e questionou os motivos do conselho de enviar um livro que criticava a democracia aos soldados norte-americanos em guerra. Como se constatou mais tarde, os trechos polêmicos foram suprimidos numa edição posterior e foi essa edição que a ASE reeditou. A oposição ao título cessou quando as coisas foram esclarecidas.

A luta contra a censura travada em 1944 foi incitada pela revisão pelo Congresso da Lei de Votação para o Soldado. Depois que a lei original³⁷⁰ teve grande fracasso ao tornar o voto por correspondência disponível para os soldados na eleição de 1942 (pois somente 28 mil soldados, entre milhões, votaram naquele ano), o Congresso comprometeu-se a elaborar uma nova lei, a

fim de facilitar a votação em tempo de guerra para aqueles que serviam nas Forças Armadas, e também para todos os outros cuja função na guerra requeria ausência do local de residência (por exemplo, voluntários da Cruz Vermelha). Em vez de cada Estado fixar regras individuais, e possivelmente conflitantes para a votação, a lei federal procurava fornecer um método único para permitir o voto. Como uma carta conjunta para o Congresso assinada por Frank Knox, secretário da Marinha, e Henry Stimson, secretário de Guerra, afirmava: “As Forças Armadas são incapazes³⁷¹ de administrar de maneira efetiva os diversos procedimentos de 48 Estados em relação a 11 milhões de militares, em todas as partes do mundo, em eleições primárias, especiais e gerais.”

No final de 1943, o Congresso debateu o texto para a nova lei de votação. À medida que essa legislação começava³⁷² a tomar forma, Robert A. Taft, senador por Ohio, irmão de Charles P. Taft e político poderoso, afirmou que alguma salvaguarda era necessária para impedir o governo liderado pelos democratas de manipular a eleição, distribuindo literatura favorável ao Partido Democrata para os milhões de soldados. De forma ferrenha, Taft opunha-se a um quarto mandato para Roosevelt e desconfiava do Partido Democrata, acreditando que este difundiria propaganda política aos soldados, a menos que fosse expressamente proibido de fazer isso. Taft propôs uma emenda à Lei de Votação do Soldado, de 1944, conhecida como “*Title V*”. Essa disposição impunha restrições a respeito dos divertimentos distribuídos aos soldados, incluindo livros, se fossem fornecidos pelo governo e fizessem alguma referência à política. Da mesma forma que Charles Taft quase fez a VBC entrar em colapso em 1943 com suas ameaças de suspender o financiamento, a emenda do seu irmão à Lei de Votação do Soldado bloquearia a seleção de títulos do conselho e desafiaria as diversas liberdades em jogo na guerra. Trata-se de uma coincidência notável o fato de que a maior ameaça aos programas de livros da Segunda Guerra Mundial tenha vindo de dois irmãos.

No inverno de 1944, a Lei de Votação do Soldado passou por revisões e voltou para o Senado e para a Câmara em março de 1944 para votação. Sem nenhuma discussão a respeito da emenda de Taft, o Senado aprovou o projeto de lei. Reconhecendo que³⁷³ não era a legislação mais eficaz, os senadores concordaram que, em geral, aumentava as chances dos que estavam nas Forças Armadas poderem votar. Em 15 de março, a Câmara começou a debater o projeto de lei, que acabou numa violenta discussão partidária.

Era do conhecimento geral que a grande maioria dos norte-americanos das Forças Armadas planejava votar em Roosevelt na próxima eleição. Em

fevereiro de 1944, uma pesquisa de opinião³⁷⁴ entre os militares baseados no Pacífico sul revelou que 69% dos soldados, marinheiros e fuzileiros navais votariam a favor de um quarto mandato para Roosevelt, e 77% preferiam voltar aos Estados Unidos sob “a forma atual de governo”. Portanto, havia um incentivo político para que os republicanos complicassem os procedimentos da votação no exterior, enquanto os democratas se esforçavam para simplificá-los. Em março de 1944, quando o projeto de lei chegou à Câmara para discussão, já não parecia envolver um problema de votação, mas sim de dois partidos manipulando a eleição.

Na Câmara, a discussão do projeto de lei acabou em injúrias. Os democratas acusavam os republicanos de dificultar o voto dos soldados intencionalmente. Os republicanos atacavam os democratas por estes insistirem em que os eleitores fora do seu domicílio eleitoral utilizassem uma cédula especial³⁷⁵ (em vez de registrar os nomes de todos os candidatos que concorriam aos cargos, como nas cédulas do país, a cédula especial requeria que os eleitores escrevessem o nome de cada candidato em que estavam votando ao lado de cada cargo em disputa na eleição: presidente, vice-presidente, senado etc.). De acordo com os republicanos, depois de doze anos no cargo, qualquer um era capaz de nomear o candidato democrata à presidência, e, portanto, a cédula especial favoreceria Roosevelt. Os representantes dos dois partidos criticaram o projeto de lei por ele ter se tornado muito complicado. Daniel Hoch, representante democrata, afirmou: “Para poder votar³⁷⁶, um soldado deve prestar três juramentos distintos. Então, depois de todos esses juramentos, se o voto alcançar seu domicílio a tempo, e se for satisfatório para o governador do Estado, ele será contado.” “Se eu fosse um soldado”, disse Hoch, “acho que, por indignação, eu abriria mão e não votaria”. Leland Ford, representante republicano, discursou a seguir: “De todas as matérias confusas que já apareceram nessa casa para resolução final, esse suposto projeto de lei de voto para o soldado é insuperável.” O projeto de lei, afirmou ele, era “claro como lama”.

Apesar da discussão acalorada, a Câmara votou o projeto de lei e o aprovou. Embora não vetasse a lei, o presidente Roosevelt a criticou, considerando-a “totalmente inadequada³⁷⁷” e “confusa”. No fim, se aqueles que estavam no serviço militar quisessem votar,³⁷⁸ teriam de usar a cédula especial, e cada Estado tinha de fornecer uma lista de candidatos aos secretários de Guerra e da Marinha para distribuição no exterior.

Perdida em meio a todo o bate-boca, totalmente despercebida passou a

emenda do senador Taft ao projeto de lei: a *Title V*. Esse dispositivo proibia o governo de fornecer qualquer “revista... jornal, filme, literatura ou outro material, pago, total ou parcialmente, com recursos governamentais... que contenha discussão política ou propaganda política de qualquer tipo, elaborada ou calculada para influenciar o resultado de qualquer eleição (federal)”. Parecia simples, mas o que seria considerado propaganda? Qualquer obra de não ficção com opinião política? Se a lei fosse violada, a pessoa poderia ser criminalmente acusada e condenada. A punição incluía uma multa de até mil dólares, um ano de prisão, ou ambos.

Imediatamente, o Departamento de Guerra notificou o conselho de que os livros da ASE seriam afetados pela lei. A *Title V* “utiliza os termos mais amplos³⁷⁹ (‘literatura ou material’), que incluem todos os meios de informação e entretenimento”, advertiu o departamento. E a cláusula “‘discussão política ou propaganda política de qualquer tipo, elaborada ou calculada para influenciar o resultado’ de uma eleição federal é semelhantemente ampla em abrangência”, acrescentou. Em consideração à pena para a violação da lei, o Departamento de Guerra aconselhou que qualquer “dúvida razoável quanto a se o material... é ‘elaborado ou calculado para influenciar o resultado de qualquer eleição’ deve ser solucionada em favor da proibição”. Se um livro tocasse num tema político, o conselho era instado a não publicá-lo. Naturalmente, os membros do conselho não gostariam de passar um tempo na prisão, mas também se recusaram a cumprir uma legislação que restringia a liberdade de leitura dos soldados.

Philip Van Doren Stern tentou contornar a restrição, pedindo aos editores que concedessem ao conselho permissão geral para excluir quaisquer frases ou parágrafos que fizessem referência à política dos livros da ASE propostos para publicação, para evitar a violação da *Title V*. Ele redigiu uma carta afirmando que a “lei é bastante clara³⁸⁰” e que o conselho teria de se adaptar à *Title V*. “Não é uma questão de escolha, mas de necessidade”, afirmou Stern. Essa carta foi enviada para diversos editores e para os departamentos de Guerra e da Marinha e, em seguida, para todos os membros do conselho. Imediatamente, a proposta de Stern foi desqualificada. “Não esperava que você mandasse³⁸¹ uma carta assim”, respondeu Richard Simon, da Simon & Schuster. Não só seu tom era “bastante apologético e amedrontado”, mas “essa lei não é clara”. As “palavras ‘propaganda política de qualquer tipo, elaborada ou calculada para influenciar o resultado de qualquer eleição para cargos federais mencionada acima’ são, em minha opinião, bastante confusas e imprecisas”, disse Simon.

Repercutindo a desaprovação de Simon, o Exército e a Marinha se opuseram a editar³⁸² livros a fim de torná-los aceitáveis de acordo com a lei. Segundo a Marinha, quaisquer exclusões “quase certamente resultariam³⁸³ em disfarçar a intenção do autor”, e, talvez, de modo mais importante, “esse procedimento, sem dúvida, resultaria na acusação de que os departamentos de Guerra e da Marinha (...) estão apresentando ‘meias verdades’ para as Forças Armadas”, que teria “o efeito moral mais indesejável, se não perigoso, pois envolve um dos princípios pelos quais estamos lutando”. Era melhor omitir um livro do que editá-lo.

Naquela mesma primavera, uma série preocupante de incidentes fez os membros do conselho se perguntarem se o governo estava tão disposto a preservar a liberdade quanto professava. O primeiro incidente envolveu a publicação de *Strange Fruit*, de Lillian Smith. Embora muitos críticos³⁸⁴ e resenhistas elogiassem o tratamento corajoso e pungente do livro, cuja trama abordava importantes questões sociais e culturais, *Strange Fruit* foi logo proibido em Boston e Detroit por sua obscenidade. Boston não tratou essa proibição com condescendência. Abraham Isenstadt, livreiro de Massachusetts, que ignorou a proibição e vendeu *Strange Fruit* em sua livraria, foi preso, acusado e condenado por violar a lei estadual, “vendendo literatura que contém³⁸⁵ ‘linguagem indecente, impura, tendendo manifestamente a corromper a moral dos jovens’”. Na apelação, sua condenação foi confirmada. A Suprema Corte Judicial de Massachusetts explicou que as “quatro cenas de relação sexual³⁸⁶” do livro, duas das quais apresentavam “conotações intensamente eróticas”, tendiam a “promover pensamentos lascivos e despertar desejos luxuriosos nas mentes” daqueles que liam o livro.

A proibição do livro em Boston tornou-se assunto de discussão nacional, pois parecia incompatível com a guerra pela preservação da liberdade que estava sendo travada. Para enfrentar a guerra de ideias, os norte-americanos foram aconselhados a ler quaisquer livros que quisessem, a fim de exercer sua liberdade e protestar contra a destruição de livros comandada por Hitler. Mas não aquele livro, naquela cidade. No entanto, as restrições contra os livros não começaram nem terminaram em Boston. Pouco depois da proibição do livro em Boston, o governo federal se comprometeu a vigiar e até mesmo expandir as restrições em relação a *Strange Fruit*. Em maio de 1944³⁸⁷, o Departamento de Correios norte-americano impediu o despacho de *Strange Fruit* e avisou a editora, Reynal & Hitchcock, que, se continuasse a distribuir o livro pelo correio, os responsáveis correriam o risco de ser processados de acordo com

um estatuto federal que proibia o envio por correio de livros libertinos. A Reynal & Hitchcock desafiou as restrições do Departamento de Correios e afirmou que estava disposta a correr o risco. Porém, em seguida, o diretor-geral dos Correios ampliou sua posição, anunciando que qualquer publicação que contivesse propaganda de *Strange Fruit* não poderia ser enviada pelo correio. Jornais e revistas importantes, como *New York Herald Tribune* e *Saturday Review of Literature*, foram individualmente advertidos pelo diretor-geral dos Correios a parar de veicular anúncios. Norman Cousins, editor da *Saturday Review of Literature*, reprovou publicamente as ações do diretor-geral dos Correios, afirmando que ele tinha toda a intenção de continuar a vender espaço publicitário para promover *Strange Fruit*. “Censura não é uma questão trivial. No que diz respeito aos norte-americanos, envolve suas próprias tradições. Quem na agência de correio é o responsável por ver se essas tradições são postas de lado de maneira banal e ignorante?” “Não só protestamos a respeito de sua ordem, mas também nos recusamos a segui-la sem o devido processo legal”, acrescentou Cousins de modo desafiador.

À medida que o fiasco relativo à proibição de *Strange Fruit* se desenrolava, o comitê executivo do conselho realizou uma reunião de emergência na Morgan Library, em Manhattan, para elaborar uma resolução enfatizando a importância da literatura livre em tempo de guerra e rejeitando a “crescente tendência por parte³⁸⁸ do governo de ameaçar essa liberdade”. Entre a proibição, associada à *Title V*, dos livros da ASE que contivessem até mesmo uma referência casual à política nacional ou à história política norte-americana e a posição do Departamento de Correios a respeito do envio de *Strange Fruit*, o conselho registrou “sua inquietação relativa a essas manifestações de intolerância por parte do governo”. O conselho acusou o Departamento de Correios de lançar mão de meios próprios de um “tribunal de exceção para negar o uso do correio para obras que lidam de maneira honesta e corajosa com problemas básicos de nossa democracia”.

“A censura de questões que não afetam a segurança em tempo de guerra não pode ser relegada à vontade arbitrária dos indivíduos, mesmo se legalmente autorizados, sem grave risco à liberdade democrática de imprensa”, afirmou o conselho. Depois de aprovada, essa resolução foi enviada ao presidente Roosevelt, ao diretor-geral dos Correios, aos secretários de Guerra e da Marinha, ao presidente da Câmara e ao presidente do Senado.

Em seguida, o conselho preparou um comunicado à imprensa³⁸⁹ mencionando os livros que era forçado a rejeitar para publicação devido à *Title*

V: o best-seller *Yankee from Olympus*, biografia do presidente Holmes da Suprema Corte, de Catherine Drinker Bowen; *The Republic*, a aclamada história da política norte-americana, de Charles Beard; *Tell the Folks Back Home*, relato anedótico do senador James Mead sobre a vida dos soldados no exterior; *Slogum House*, romance de Mari Sandoz sobre uma família de Nebraska; e *One Man's Meat*, compilação de artigos previamente publicados em revistas, de E. B. White. O comunicado à imprensa explicou que, sob circunstâncias normais, 85 mil exemplares desses livros teriam sido publicados como livros da ASE; no entanto, por causa da recente legislação, o conselho já não podia fornecer aos soldados esses ou quaisquer outros títulos que pudessem infringir a lei.

Diversos autores expressaram sua satisfação com a decisão do conselho de desafiar a lei. A autora censurada Mari Sandoz agradeceu ao conselho por seus “vigorosos esforços em favor³⁹⁰ dos livros proibidos”. Sandoz afirmou que acreditava que a lei não passava de uma peça alarmante de natureza política, pois não proporcionava um mecanismo eficaz para aperfeiçoar a votação por correspondência, e a questão da distribuição dos livros parecia deixar clara a verdadeira natureza da lei. “Mesmo a violação temporária da liberdade estabelece precedentes perigosos”, disse ela. A *Title V* trouxe à memória de Sandoz uma conferência de que ela participou em 1938, quando encontrou Friedrich Schöenemann, da Universidade de Berlim. Na ocasião, ela não acreditou quando Schöenemann disse que “os nazistas não precisarão estabelecer uma proibição governamental a respeito dos livros que subvertam seus ideais nos Estados Unidos. Os próprios norte-americanos farão isso para eles”. Naquele momento, para horror de Sandoz, ele parecia razão.

*

O conselho decidiu que era seu dever travar uma luta pela revogação da *Title V*. Do ponto de vista financeiro, não fazia diferença para o conselho se um livro fosse desqualificado para publicação, pois outro tomaria seu lugar. No entanto, o conselho não podia tolerar a censura dos materiais de leitura dos soldados, nem o precedente fixado pela legislação. Como Archibald Ogden, diretor executivo do conselho, lamentou: “É como se³⁹¹ de agora a novembro só pudéssemos publicar livros infantis, como *Elsie Dinsmore* e *The Bobbsey Twins*.”

No final de maio de 1944,³⁹² o conselho começou uma campanha para pressionar o Congresso a revogar a lei. Uma carta foi enviada aos editores de

cada jornal e revista dos Estados Unidos, explicando o programa de livros da ASE e os efeitos da Lei de Votação do Soldado. O conselho pediu aos jornais e às revistas, que certamente valorizavam a liberdade de imprensa, que publicassem artigos que alertassem o público a respeito da violação das liberdades básicas dos soldados por parte do governo.

O grau de cooperação da mídia foi extraordinário. Em junho e julho de 1944, artigos críticos foram publicados, lamentando o drama do conselho para publicar uma variedade de livros, enquanto o governo trabalhava para censurar suas seleções. “A censura por motivos políticos³⁹³ é um recurso fascista, que não tem lugar nos Estados Unidos”, declarou o *Syracuse Post-Standard*. É “ridículo colocar as Forças Armadas como uma classe à parte dos civis em relação ao controle do material de leitura”. Um artigo publicado em Columbia, na Carolina do Sul, explicava que “como cada eleitor³⁹⁴, exceto aqueles que cegamente seguem uma linha partidária, toma suas decisões com base no pensamento político, econômico e social, isso só pode ser interpretado pelas autoridades do Exército e da Marinha como significando um banimento das bibliotecas, das salas de leitura e cinemas para os soldados, de tudo que inspira, por mais que indiretamente, os pensamentos social, econômico e político”. Era difícil acreditar que as bibliotecas e salas de leitura norte-americanas estivessem sendo sujeitas a um “expurgo à maneira de Goebbels” por causa de uma lei federal, concluiu o artigo. O *Lynchburg Daily Advance*, da Virgínia, lamentou que, de acordo com a lei, “quase todos os livros, exceto³⁹⁵ os de receitas, contos de fadas ou livros escolares de assuntos como astronomia e matemática, seriam proibidos”. “Se fosse deixado para o general-ajudante decidir o que o Exército tem permissão de ler, então poderíamos nos juntar aos nazistas e parar de combatê-los.” Um artigo do *San Antonio News* afirmou: “Achamos que³⁹⁶ os homens que travam as batalhas do país são bastante capazes de decidir por si mesmos o que eles gostariam de ler” e que “talvez eles preferissem não votar esse ano a ter seu material de leitura censurado”.

O *Chicago Sun* sugeriu que o público não se iludisse com a verdadeira natureza da lei e da *Title V*: era uma jogada dos republicanos para privar Roosevelt de um quarto mandato. “O Congresso, do alto de sua sabedoria³⁹⁷, decretou que os combatentes devem ficar protegidos da ‘propaganda’ política. A ideia era proteger esses jovens inocentes das tentativas nefandas de influenciá-los quanto à possibilidade de um quarto mandato.” Depois de levar em consideração os livros que estavam sendo proibidos conforme a *Title V*, o *Chicago Sun* observou que nenhum deles tinha “nenhuma ligação remota com

o quarto mandato” e que, se tinham algum conteúdo político, era “no mesmo sentido que a Constituição ou a história dos Estados Unidos podiam ter”. Todo o episódio parecia bastante absurdo, e o jornal ainda afirmou que o conselho “fez bem em protestar nos termos mais vigorosos contra essa estúpida proibição”.

Uma das repercussões mais irritantes a respeito da *Title V* era o fato de que os livros mais vendidos, sem agenda política evidente, eram atingidos pela proibição. Que *Yankee from Olympus*, de Catherine Drinker Bowen; *The Republic*, de Charles Beard; e *One Man’s Meat*, de E. B. White fossem de algum modo influenciar a eleição presidencial vindoura era absurdo. Depois que o *Rochester Times Union* analisou atentamente cada página do *Yankee from Olympus*, concluiu que a única parte do livro que poderia ter desencadeado a proibição era a descrição de um diálogo entre o presidente da Suprema Corte e o presidente Roosevelt, que estava confinada a uma única página e não ia além de uma troca de gracejos. “Se isso é ‘propaganda política’³⁹⁸, então o *World Almanac* também é”, afirmou o *Rochester Times Union*. Da mesma forma, um jornal de Michigan analisou *The Republic*, de Charles Beard, não encontrando nenhum partidatismo político; o livro, porém, continha uma “discussão excelente de como³⁹⁹ os princípios fundamentais do governo norte-americano evoluíram a partir da Convenção Constitucional”. Uma das aberrações preferidas apontadas pelos jornais era a proibição de *One Man’s Meat*, uma coletânea de ensaios irônicos a respeito da vida na Nova Inglaterra, que apareceram originalmente na *New Yorker* e em outras publicações. Os mesmos ensaios já estavam automaticamente disponíveis aos combatentes nas revistas recebidas por eles. (O próprio White admitiu certa vez que nunca entendeu o motivo pelo qual *One Man’s Meat* foi proibido, mas que gostou do fato. “Revela que alguém⁴⁰⁰ leu o livro”, disse ele.) A campanha midiática do conselho gerou uma avalanche de cartas aos editores dos jornais e artigos de opinião criticando duramente a Lei de Votação do Soldado e exigindo sua revogação. A democracia no próprio país estava indo bem: as pessoas estavam dizendo o que pensavam e criticando o governo. A reação adversa à *Title V* também demonstrou que o público entendia que os livros não eram meras histórias: continham informações fundamentais, que ajudavam os soldados a entender o motivo pelo qual estavam lutando e arriscando suas vidas. Os livros intrinsecamente ligados aos valores em jogo na guerra, e os norte-americanos não tolerariam nenhuma restrição em relação aos seus materiais de leitura.

Num 4 de julho carregado de simbolismo, o Departamento de Guerra fez

uma declaração que, devido à Lei de Votação do Soldado, era obrigado a retirar diversos livros didáticos usados nos cursos do Exército. Esses livros didáticos⁴⁰¹, que tinham sido utilizados durante anos no ensino de história e economia aos soldados, ficaram desacreditados porque faziam alguns comentários ligeiros a respeito de política ou do governo. Alguns dias depois⁴⁰², a revista *Time* relatou que o *Stars and Stripes*, jornal do Exército, foi obrigado a censurar seus artigos, para evitar violar a *Title V*. Por exemplo, quando a edição de Roma de *Stars and Stripes* publicou um artigo acerca do candidato republicano à presidência, Thomas E. Dewey, foi forçada a omitir a crítica de Dewey ao governo de Roosevelt. Outro relato afirmou que a edição mediterrânea de *Stars and Stripes* foi proibida de publicar os artigos da Associated Press sobre política. O Instituto da Força Aérea dos Estados Unidos foi obrigado a interromper a oferta de quatro cursos por correspondência, pois certos livros didáticos se enquadravam na proibição. O *Time* comentou que essas obras “provavelmente só se salvariam⁴⁰³ da queima de livros promovida pelo Congresso se fossem usados na campanha de recuperação de papel usado”. Parecia incompreensível que essas ações estivessem sendo adotadas para cumprir a legislação norte-americana. A *Saturday Review of Literature* diagnosticou o Congresso como vítima de um caso grave de “censurite” – o único remédio conhecido era a revogação da *Title V*.

Em 3 e 5 de julho⁴⁰⁴ de 1944, o conselho se reuniu com o Conselho de Guerra dos Escritores para traçar uma estratégia para a próxima ação. As duas organizações concordaram que entrariam em contato com o senador Robert Taft, o responsável pela *Title V*, para pressioná-lo a corrigir ou revogar a lei. Um comitê especial de membros do conselho juntou-se aos membros do Conselho de Guerra dos Escritores, da Associação dos Escritores e da PEN,⁴⁰⁵ para elaborar uma carta formal ao senador Taft. A carta começava mencionando a notoriedade recente alcançada pela *Title V*, observando que “toda ela era simpática⁴⁰⁶ ao nosso ponto de vista”. Buscando um tom conciliatório, a carta insistia que ninguém acreditava que a intenção de Taft era impedir a distribuição de livros que se enquadravam na interpretação literal da lei. No entanto, livros de grande vendagem, que não continham propaganda política, estavam sujeitos à proibição. O conselho advertiu que usaria a imprensa e o rádio, no país e no exterior, para informar ao público e aos soldados a respeito da *Title V*, e sua “implicação de que os homens no exterior não podiam ser confiáveis se tivessem em mãos o mesmo material de leitura disponível no país”. A alternativa: Taft podia se reunir com o conselho para

propor uma solução.

O tenente-coronel Trautman logo informou⁴⁰⁷ ao conselho que, após uma reunião recente com cinco generais do Exército, decidiu-se que a lei seria interpretada ainda mais rigorosamente do que antes, fazendo com que outros livros se enquadrassem no escopo da proibição. Efetivamente, a posição do Exército era redobrar seu apoio ao ataque do conselho contra a lei. Um esboço das atas da reunião do conselho revela que Philip Van Doren Stern “relatou que o Exército⁴⁰⁸ disse-lhe extraoficialmente que continuaria a interpretar a lei literalmente, esperando que isso force uma revogação ou revisão” da *Title V*. O comentário de Stern foi omitido da versão final das atas do conselho.

O senador Taft, descendente da poderosa família Taft de Ohio, filho de um ex-presidente e concorrente permanente à Casa Branca, não estava inclinado a evitar batalhas. Dias depois de receber a carta do conselho pedindo a alteração da *Title V*, o senador enviou uma resposta obstinada, insistindo em que o conselho parecia não ter entendido a lei. Após observar que qualquer livro podia ser comprado particularmente e enviado para aqueles que estavam no serviço militar, Taft enfatizou que apenas os livros comprados com recursos públicos eram afetados. Presunçosamente, mencionou ainda que “ninguém pode questionar⁴⁰⁹ a sabedoria da disposição que proíbe o gasto do dinheiro público para publicar e distribuir livros que contenham discussão política e propaganda política pouco antes da eleição de 1944”. Taft culpou o Exército por interpretar a lei tão rigorosamente e acrescentou que não achava que *The Republic* e *Yankee from Olympus* contivessem discussão ou propaganda política. No entanto, o senador concordava em viajar para Nova York para discutir a legislação e possíveis revisões dela.

Em 20 de julho, o senador Taft⁴¹⁰ encontrou-se com diversos membros do conselho, o tenente-coronel Trautman, outros representantes do Exército, Norman Cousins, da *Saturday Review of Literature*, e Carl Carmer, do Conselho de Guerra dos Escritores. O grupo se reuniu⁴¹¹ no Rockefeller Lunch Club, em Manhattan, onde Taft falou por cerca de quinze minutos, explicando que não era intenção do Congresso, nem era seu propósito, limitar a oferta de material impresso para aqueles que travavam a guerra. Manifestou disposição de pleitear emendas à lei⁴¹² que atenuassem os problemas surgidos. Em resposta, o conselho e seus apoiadores ofereceram ao senador três opções: revogação, retirada da cláusula de punição criminal (tornando a violação da lei praticamente sem sentido) ou emenda à lei, para proibir apenas os livros que, quando considerados em sua totalidade, eram evidente propaganda política.

Um representante do Exército falou a seguir, observando como a *Title V* tinha dificultado o gigantesco programa de informação e educação do Exército. Para não violar a lei, o Exército adotara o lema “Em caso de dúvida, deixe de fora⁴¹³”. Os cursos educacionais foram desmantelados, e livros individuais removidos das estantes das bibliotecas. “Acreditamos que o melhor soldado é um soldado informado”, afirmou um porta-voz do Exército. “Acreditamos que somos capazes de travar uma guerra melhor e terminá-la mais cedo com homens que sabem o que está acontecendo no mundo.” No entanto, as recentes limitações referentes a livros e cursos educacionais tinham prejudicado os objetivos do Exército.

Apesar de sua tenacidade, o senador Taft estava numa posição política delicada. Ele não queria ser visto como alguém que apoiava a censura dos materiais de leitura dos membros das Forças Armadas, nem queria ser desafiado a retroceder em relação à sua própria legislação. Portanto, após a reunião com o conselho, Taft emitiu uma declaração, reiterando sua crença duradoura de que “o princípio geral⁴¹⁴ de proibir recursos públicos para propaganda política é admitido por todos, mas as disposições da lei são um tanto rigorosas e dificultam muito a administração pelo Exército”. Abertamente, ele criticou a interpretação da lei pelo Exército, mas cedeu, afirmando que pleitearia emendas à lei, a fim de aumentar sua flexibilidade.

Antes de o Congresso começar a agir, a situação só ficou pior para o senador Taft. Um grupo de respeitadas jornalistas, que cobriram a reunião de 20 de julho, tinham ouvido por acaso Taft afirmar que 75% dos soldados votariam em Roosevelt se tivessem oportunidade, e que ele era contra que os soldados votarem porque aqueles que serviam no exterior “não tinham contato⁴¹⁵ com o país, carecendo de conhecimento das questões e dos candidatos, e, naturalmente, votariam no comandante-em-chefe”. Os jornalistas que ouviram esses comentários os publicaram. Quando a notícia se espalhou, os colegas de Taft começaram a se distanciar dele. Por exemplo, Scott Lucas, senador por Illinois, afirmou: “Aparentemente, o senador Taft⁴¹⁶ ainda não percebeu que é uma guerra mundial, e que nossos homens, combatendo e voando em todo o mundo, podem ter uma melhor ideia do que nós, no país, quanto a quais serão as questões reais para a América na eleição de 1944.”

O Exército continuou a divulgar⁴¹⁷ as consequências estúpidas da *Title V*. Em 9 de agosto, veiculou-se a notícia de que ainda mais censura estava por vir para os soldados quando o Departamento de Guerra anunciou que os soldados estavam proibidos de ver o filme *Wilson*, biografia do falecido presidente, e o

filme *Heavenly days*, comédia acerca de um casal que visita Washington, estrelado pela dupla do popular programa de rádio *Fibber McGee e Molly* (um filme anódino, esquecido há muito tempo). O Departamento de Guerra também confirmou o boato de que os jornais britânicos foram proibidos de circular entre as tropas norte-americanas, pois eles, indubitavelmente, tomavam partido na eleição. Dois dias depois, o Exército cravou o último prego no caixão da *Title V*, quando revelou que foi forçado a proibir a venda e distribuição do *Official Guide to the Army Air Force*, pois continha uma foto do presidente Roosevelt com a legenda “comandante-em-chefe”. Era um Exército que sabia como ganhar guerras em casa. O Congresso não teve outra opção, a não ser agir imediatamente.

Em 15 de agosto, o senador Theodore Green, do Comitê do Senado sobre Privilégios e Eleições, apresentou um relatório afirmando que a alteração da *Title V* era fundamental, pois os membros das Forças Armadas precisavam de acesso a uma variedade de materiais de leitura, para manter o moral e contrabalançar a propaganda do inimigo. De acordo com Green, a intenção da lei “não era excluir dos membros⁴¹⁸ do Exército e da marinha as notícias e as informações acessíveis em geral aos cidadãos dos Estados Unidos”. Numa referência à inclinação do senador Taft de responsabilizar o Exército pela interpretação muito rigorosa da lei, o senador Green disse que “certamente a solução para a situação é não fazer as Forças Armadas interpretarem a lei de maneira imprecisa”; em vez disso, o Congresso tinha a obrigação de ele mesmo corrigir a lei em si. O senador Green recomendou que o Congresso eliminasse a proibição prevista pela *Title V* dos materiais que contivessem referências à política, e emendasse a lei, para permitir a distribuição de livros, revistas e jornais que estavam em geral disponíveis no próprio país. De acordo com a lei emendada, a única limitação aceitável em relação à distribuição de materiais de leitura seria se “dificuldade de transporte ou outras exigências da guerra” impedissem os livros de chegar aos diversos fronts. Não era apenas uma emenda – era, sim, um recuo completo.

Com rapidez atípica,⁴¹⁹ a emenda proposta à Lei de Votação do Soldado foi aprovada por unanimidade pelo Senado em 15 de agosto de 1944. No dia seguinte, a Câmara aprovou a emenda e enviou o projeto de lei final para sanção presidencial. Em 24 de agosto de 1944⁴²⁰, o conselho anunciou orgulhosamente que três livros que foram previamente proibidos de acordo com a *Title V* seriam publicados no formato da ASE: *Yankee from Olympus*, de Catherine Drinker Bowen; *The Republic*, de Charles Beard; e *One Man's Meat*,

de E. B. White. O conselho também publicou *Slogum House* e *Strange Fruit*, apesar do lobby de Boston.

A vitória do conselho na batalha contra a *Title V* foi um dos seus maiores feitos. Ao estimular a mídia a reportar a questão e inspirar os norte-americanos a exercerem sua liberdade de expressão para criticar uma lei absurda, o país provou seu vigor democrático. De acordo com Archibald Ogden, diretor executivo do conselho, “é um exemplo revigorante⁴²¹ de democracia em ação provocar uma reviravolta completa tanto no Senado quanto na Câmara no espaço de menos de dois meses”.

Talvez a multidão de soldados que votaram em Roosevelt na eleição de 1944 tenha feito isso porque ele era o único candidato cujo nome eles conseguiam lembrar e registrar em suas cédulas especiais. Talvez o fiasco da *Title V* tenha deixado um gosto residual tão amargo que inúmeros norte-americanos foram levados a tomar o partido de Roosevelt, em vez de ficarem ao lado dos republicanos que promoveram a censura. Ou talvez o país se sentisse mais confiante com o homem que o liderara por doze anos, e as tropas apoiaram seu comandante. Independentemente dos motivos, em novembro de 1944 os eleitores elegeram Roosevelt para um quarto mandato como presidente, com uma margem relativamente estreita⁴²² de cerca de 3 milhões de votos. Estimados 3,4 milhões de votos foram enviados por correspondência, de acordo com o mecanismo provido pela Lei de Votação do Soldado, e isso certamente fez diferença. Em 1944, quando a Universidade de Harvard publicou o livro dos ex-alunos, relatou de maneira seca: “Franklin D. Roosevelt, turma de 03-04. Sem mudança de endereço.⁴²³”

³⁶⁸ “*Se fosse deixada*”: “Army Censor”, *Lynchburg (VA) Daily Advance*, 22 de junho de 1944.

³⁶⁹ *enquanto os elogios*: Jamieson, *Books for the Army*, 213.

³⁷⁰ *Depois que a lei original*: C. P. Trussell, “Both Sides Press Bids for 1944 Service Vote”, *New York Times*, 21 de novembro de 1943.

³⁷¹ “*As Forças Armadas são incapazes*”: “The Nation: Votes for Soldiers”, *Time* (Pony Ed.), 17 de janeiro de 1944, p. 1.

³⁷² *À medida que essa legislação começava*: Leary, “Books, Soldiers and Censorship”; William S. White, *The Taft Story* (New York: Harper & Row, 1954), 43–45; Joseph B. Treaster, “Charles P. Taft, Former Mayor of Cincinnati”, *New York Times*, 25 de junho de 1983.

³⁷³ *Reconhecendo que*: 90 Cong. Rec. 2404-2410 (1944).

[374](#) *Em fevereiro de 1944, uma pesquisa de opinião: “What They Think”, Time (Pony Ed.), 7 de fevereiro de 1944, p. 25.*

[375](#) *“cédula especial”*: 90 Cong. Rec. 2621–22 (1944).

[376](#) *“Para poder votar”*: Ibid., 2637-38.

[377](#) *“totalmente inadequada”*: Leary, “Books, Soldiers and Censorship”, 240.

[378](#) *se aqueles que estavam no serviço militar quisessem votar*: 58 Stat. 141 (Title III at Sec. 303(a) [“Official War Ballot”]); Title III at Sec. 306 (desde que os Estados fornecessem as listas de candidatos).

[379](#) *“utiliza os termos mais amplos”*: Memorando do Departamento de Guerra, 27 de abril de 1944, “Subject: Restrictions in new ‘Federal Voting Law’ on dissemination to members of the armed forces of political argument or political propaganda”, 3, Council Records.

[380](#) *“lei é bastante clara”*: “Draft Letter to Be Sent to Publishers”, 28 de abril de 1944, Council Records.

[381](#) *“Não esperava que você mandasse”*: Carta para Philip Van Doren Stern de “Dick”, Simon & Schuster, 1o de maio de 1944, Council Records.

[382](#) *se opuseram a editar*: Carta para Philip Van Doren Stern de Ray Trautman, 7 de junho de 1944, Council Records.

[383](#) *“quase certamente resultariam”*: Carta para Philip Van Doren Stern de Randall Jacobs, 7 de junho de 1944, Council Records.

[384](#) *Embora muitos críticos*: Rose Gladney, “A Letter from Lillian Smith: ‘Old Seeds Bearing a Heavy Crop’”, *Southern Changes* 12, no. 4 (1990).

[385](#) *“vendendo literatura que contém”*: “Book Ban Is Put to Test”, *New York Times*, 7 de abril de 1944.

[386](#) *“quatro cenas de relação sexual”*: Commonwealth v. Isenstadt, 318 Mass. 543-47 (September 17, 1943).

[387](#) *Em maio de 1944*: “‘Strange Fruit’ Barred by Mails Then Admitted at Sender’s Risk”, *New York Times*, 16 de maio de 1944.

[388](#) *“crescente tendência que apresenta”*: “Resolution Proposed and Passed at Meeting of Executive Committee Meeting, May 24, 1944”, Council Records.

[389](#) *o conselho preparou um comunicado à imprensa*: “For Immediate Release” (undated), first sentence beginning: “The Council on Books in Wartime, in a resolution sent today to the President, Postmaster-General, Secretaries of War and the Navy, Speaker of the House of Representatives, and the President of the Senate, protested the restriction on book distribution to the armed forces under the Soldiers’ Vote Act” (Para divulgação imediata [sem data], primeira sentença começando: “O Conselho sobre Livros em Tempo de Guerra, numa resolução enviada hoje ao presidente, ao diretor-geral dos Correios, aos secretários da Guerra e da Marinha, ao presidente da Câmara dos Representantes e ao presidente do Senado, protestou contra a restrição de distribuição de livros para as Forças Armadas de acordo com a Lei de Votação do Soldado”), Council Records.

[390](#) “*vigorosos esforços em favor*”: Carta ao Council on Books in Wartime de Mari Sandoz, 27 de junho de 1944, Council Records.

[391](#) “*É como se*”: Leary, “Books, Soldiers and Censorship”, 241.

[392](#) *No final de maio de 1944*: Carta ao “Editor” de Archibald G. Ogden, 15 de junho de 1944, Council Records.

[393](#) “*A censura por motivos políticos*”: “A Silly Censorship”, *Syracuse (NY) Post-Standard*, 20 de junho de 1944.

[394](#) “*como cada eleitor*”: Dorothy Thompson, “Amendment by Taft Deprives Soldiers of Some of Best Books”, *Columbia (SC) State*, 16 de julho de 1944.

[395](#) “*quase todos os livros, exceto*”: “Army Censor”, *Lynchburg (VA) Daily Advance*, 22 de junho de 1944.

[396](#) “*Achamos que*”: “Books in Wartime: Unwarranted Censorship Is Practiced”, *San Antonio (TX) News*, 22 de junho de 1944.

[397](#) “*O Congresso, do alto de sua sabedoria*”: “Insulating Servicemen”, *Chicago Sun*, 23 de junho de 1944.

[398](#) “*Se isso é ‘propaganda política’*”: “Book Censors See Shadows”, *Rochester (NY) Times Union*, 18 de julho de 1944.

[399](#) “*discussão excelente de como*”: “Queer Censorship”, *Monroe (MI) News*, 23 de junho de 1944.

[400](#) “*Revela que alguém*”: “Armed Services Editions, Excerpts from Letters Received by the Center for the Book from Authors”, Library of Congress.

[401](#) *Esses livros didáticos*: “Army Withdraws 6 History Texts”, *New York Times*, 5 de julho de 1944.

[402](#) *Alguns dias depois*: “The Next Forty Years”, *Time*, 10 de julho de 1944, p. 32.

[403](#) “*provavelmente só se salvariam*”: Norman Cousins, “Censoritis”, *Saturday Review of Literature*, 1º de julho de 1944, p. 12.

[404](#) *Em 3 e 5 de julho*: Cartas de Archibald Ogden para Alfred McIntyre, 10 de julho de 1944; Archibald Ogden para Bernard De Veto, 12 de julho de 1944, Council Records.

[405](#) Abreviação, em inglês, de *Poets, Essayists and Novelists*, a PEN é uma associação internacional de escritores fundada em Londres em 1921.

[406](#) “*toda ela era simpática*”: Carta de Archibald Ogden para o senador Robert A. Taft, 8 de julho de 1944, Council Records.

[407](#) *Trautman logo informou*: Carta de Archibald Ogden para Alfred McIntyre, 10 de julho de 1944, Council Records.

[408](#) “*relatou que o Exército*”: Rascunho das atas da reunião do comitê executivo, 19 de julho de 1944, Council Records.

[409](#) “ninguém pode questionar”: Carta do senador Robert A. Taft para Archibald Ogden, 14 de julho de 1944, Council Records.

[410](#) *Em 20 de julho, o senador Taft*: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 23-24.

[411](#) *O grupo se reuniu*: “Note to City Desks”, Council Records.

[412](#) *pleitear emendas à lei*: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 24.

[413](#) “*Em caso de dúvida, deixe de fora*”: “Note to City Desks”, Council Records.

[414](#) “*o princípio geral*”: “Statement by Senator Robert A. Taft of Ohio”, Council Records.

[415](#) “*não tinham contato*”: Carta para Radio Commentators de Alan Green, 3 de agosto de 1944, Council Records.

[416](#) “*Aparentemente, o senador Taft*”: Declaração de “Lucas Headquarters” para “Immediate Release,” Council Records.

[417](#) *O Exército continuou a divulgar*: “Books, Soldiers and Censorship”, 243-44.

[418](#) “*não era excluir dos membros*”: “Dissemination of Information to the Armed Forces”, um relatório do senhor Green, 15 de agosto de 1944, Council Records.

[419](#) *Com rapidez atípica*: C. P. Trussell, “Senate Acts to Kill Army Reading Curb”, *New York Times*, 16 de agosto de 1944; “The Day in Washington”, *New York Times*, 17 de agosto de 1944.

[420](#) *Em 24 de agosto de 1944*: “For Immediate Release”, 24 de agosto de 1944, Council Records.

[421](#) “*É um exemplo revigorante*”: Carta de Archibald G. Ogden para Mari Sandoz, 21 de agosto de 1944, Council Records.

[422](#) *margem relativamente estreita*: “About the Election”, *Yank, the Army Weekly* (British ed.), 19 de novembro de 1944, p. 3; “Franklin D. Roosevelt”, *Yank, the Army Weekly* (British ed.), 27 de abril de 1945, p. 10.

[423](#) “*Sem mudança de endereço*”: “The Presidency”, *Time* (Pony Ed.), 11 de dezembro de 1944, p. 5.

Rendição alemã e as ilhas desoladas

Havia quem⁴²⁴ gostasse dele e quem não, e aqueles que não o odiavam estavam no exterior para pegá-lo... Mas não podiam tocá-lo... pois ele era Tarzan, Mandrake, Flash Gordon. Ele era Bill Shakespeare. Era Caim, Ulisses, o Holandês Voador; era Lot em Sodoma, Deirdre das Mágoas, Sweeney nos rouxinóis entre as árvores.

– JOSEPH HELLER, *ARDIL 22*

NA EUROPA, EM 1945, enquanto os norte-americanos escarneciam da morte e marchavam para a vitória, carregavam dezenas de milhares de exemplares de obras que eram proibidas nas terras por onde passavam. Inúmeros autores proscritos pelos alemães apareciam por meio dos livros da ASE. Os soldados norte-americanos transportavam *Selected Short Stories*, de Ernest Hemingway; *O lobo do mar*, *Caninos brancos*, *The Cruise of the Snark* e *O chamado selvagem*, de Jack London; e *Cândido*, de Voltaire. Entre as edições posteriores dos livros da ASE, incluíam-se *Seleções de contos*, de Thomas Mann; *The Royal Game*, de Stefan Zweig; *A máquina do tempo*, *A ilha do Dr. Moreau*, *A guerra dos mundos* e *O alimento dos deuses*, de H. G. Wells; e *Arco do Triunfo*, de Erich Maria Remarque. Que armas podiam ser mais apropriadas para a libertação de um continente onde os próprios livros foram proibidos e queimados?

No entanto, o conselho não encerrou seu trabalho de distribuição de centenas de milhares de livros da ASE na Europa ocupada. Também considerou que papel podia desempenhar na reintrodução dos livros proibidos nos países europeus, que foram tolhidos pelas restrições nazistas sobre suas gráficas e livrarias. Durante anos, os livros que se enquadravam na proibição alemã eram confiscados e destruídos, sem nenhuma remuneração para os editores ou livreiros. As estantes de livros eram esvaziadas de todas as obras consideradas hostis à Alemanha. As bibliotecas eram expurgadas, e livros muito estimados desapareciam. Os nazistas assumiram o controle das gráficas europeias e monitoravam cuidadosamente o que estava sendo impresso. A venda ou

distribuição de livros publicados nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha eram proibidas. Em 1944, na Europa, uma indústria editorial independente era praticamente inexistente – ou, de acordo com o OWI, Office of War Information (Escritório de Informação de Guerra), dos Estados Unidos, estava “em ruínas⁴²⁵”.

Sabendo da difícil condição⁴²⁶ das editoras e do mercado de livros na Europa, o conselho considerou a necessidade de publicar livros para regiões que foram privadas de livros norte-americanos desde 1939. Em 1944, os membros do conselho Stanley Rinehart, da Farrar & Rinehart, William Sloane, da Henry Holt & Co., e Marshall Best, da Viking Press, consultaram o OWI para saber se ele tinha interesse em financiar um projeto para traduzir livros norte-americanos e distribuí-los na Europa assim que os países se libertassem do controle nazista. O OWI foi receptivo a colaborar nesse projeto, e o conselho elaborou uma lista de cem títulos dos livros da ASE que tinham apelo universal. Como o OWI forneceria financiamento especial para a criação dessas “edições no exterior”, o projeto teve de ser mantido completamente separado dos livros da ASE. Portanto, um novo departamento do conselho foi criado: Overseas Editions, Inc. (OEI).

As OEs tiveram um começo acidentado. Em primeiro lugar, embora o OWI aprovasse em teoria as edições no exterior, não pôde garantir o financiamento, e, assim, o projeto se arrastou por meses. Em agosto de 1944, quando os recursos financeiros foram disponibilizados, o projeto só afundou ainda mais, agora numa complicação logística. Muitos livros precisavam ser traduzidos para o francês e o italiano: uma etapa da produção que se revelou extremamente lenta. Além disso, para manter o mínimo de custo de produção, toda a série tinha de ser impressa de uma vez só. Portanto, a impressão de todo o projeto só podia começar quando todas as traduções estivessem concluídas. Quando os originais ficaram finalmente prontos para ser impressos, outro problema surgiu, dessa vez com respeito aos direitos de publicação: os editores não tinham certeza se os contratos com os autores incluíam o direito de publicar os livros para uso no exterior. No último momento, contratos individuais foram ajustados para contemplar a distribuição no exterior.

Finalmente, em fevereiro de 1945, o primeiro lote de OEs foi enviado para a Europa. Os livros eram compactos (mediam 12 por 16,2 centímetros, quase o mesmo formato dos livros maiores da ASE) e tinham uma aparência bastante insossa, mas alimentavam uma Europa privada de livros. O OWI ficou tão satisfeito com o primeiro lote de OEs que, em março de 1945, solicitou que o

conselho publicasse títulos adicionais em alemão, chinês e japonês. Novamente, os problemas de financiamento atormentaram o projeto, resultando na falta de traduções para o chinês e o japonês. Por fim, porém, 72 títulos foram publicados e vendidos, incluindo 22 em inglês, 22 em francês, 23 em alemão e 5 em italiano. Os títulos tendiam a se concentrar na perspectiva norte-americana: *America*, de Stephen Vincent Bénéét; *Yankee from Olympus*, de Catherine Drinker Bowen; e *How America Lives*, de J. C. Furnas, estavam entre os livros publicados.

Um total de 3.636.074 OEs foram distribuídas na França, Bélgica, Holanda, Noruega, Dinamarca, Romênia, Tchecoslováquia, Polônia, Iugoslávia, Hungria, Itália, no norte da África, na Síria, Turquia, Áustria e Grécia. Embora 3,6 milhões de exemplares fossem uma gota no oceano em comparação com a destruição estimada de mais de 100 milhões de exemplares na Europa, a produção de OEs ao menos deu início à reintrodução de livros norte-americanos nos países que haviam sido privados deles por anos.

Não só os países que caíram sob o domínio nazista sofreram carência de livros. A indústria editorial britânica fora dizimada pela guerra, resultando em escassez de livros, que mantinha vazias as estantes das livrarias e impossibilitou a distribuição de material de leitura gratuito para os membros do Exército e da Marinha. Como seus colegas ianques, os soldados britânicos ansiavam por livros. Como recorda um tenente do Exército norte-americano, quando sua unidade embarcou num veículo de transporte de tropas britânico e os norte-americanos levaram sua biblioteca a bordo – “um engradado de livros da ASE colocado⁴²⁷ sobre dois barris de petróleo” –, os soldados britânicos olharam embasbacados para os livros e imploraram pelo privilégio de lê-los. A unidade do tenente compartilhou seus livros, e “muitos dos companheiros ingleses balançaram a cabeça e se maravilharam com como o soldado norte-americano é bem tratado”. Muitos soldados britânicos ficaram se perguntando: por que seu governo não cuida do moral fornecendo livros de bolso?

Os dois maiores culpados foram primeiro, o bombardeio da indústria editorial britânica e, depois, o rigoroso racionamento de papel. Os dois fatos sufocaram a capacidade de produção editorial britânica. Em 1940 e 1941, a Alemanha bombardeou a Grã-Bretanha por completo: bairros residenciais, terras cultivadas, distritos empresariais... nenhum lugar ficou imune. Em 29 de dezembro de 1940, quando os aviões alemães voaram sobre Londres, lançaram bombas sobre os depósitos e os escritórios das editoras britânicas, que ficavam juntos, “lado a lado⁴²⁸, numa pequena área da cidade, com a Paternoster Row

em seu centro”. Dezessete editoras ficaram completamente destruídas. Mais de 1 milhão de livros serviram como combustível para as chamas que arderam insistentemente durante horas. De um dia para outro, o mundo londrino dos livros foi destruído.

Em seguida, o racionamento de papel⁴²⁹ sufocou ainda mais os editores, reduzindo a alocação de papel a 37,5% do que eles tinham usado em 1938. A oferta de livros afundou enquanto a demanda disparava. As livrarias não conseguiam manter livros em estoque. De modo frenético, os editores alteravam os formatos tradicionais, os tamanhos das margens, a gramatura do papel, a tipografia e a encadernação: os livros eram reconstruídos, para exigir menor quantidade de materiais. Apesar dessas medidas, os editores britânicos não eram capazes de publicar livros suficientes para saciar a fome do público. O motivo pelo qual o Exército e a Marinha britânicos careciam de livros era porque não havia uma quantidade suficiente deles para circular. Embora os britânicos organizassem⁴³⁰ campanhas de doação de livros similares à VBC, coletaram uma quantidade inadequada de livros de capa dura que eram impróprios para os militares baseados no exterior.

Os livros da ASE deixaram uma impressão profunda nos soldados britânicos que os encontraram. Um membro da Força Aérea Real relatou que o melhor período de seu serviço militar prolongado fora quando ele estava baseado com um esquadrão de caça norte-americano. Todas as noites, ele “dava uma volta pelo refeitório⁴³¹, tinha uma ou duas conversas agradáveis, e, é claro, saía com um ou dois livros ‘fantásticos’ da ASE no bolso, dados por um ou três dos meus amigos americanos, com o conselho de repassá-los para os ‘rapazes’ quando eu terminasse”. Os livros da ASE eram uma das únicas coisas que davam para sua unidade “muitas horas de profunda satisfação e prazer”, disse ele. Ele se admirava com o “esplêndido trabalho de publicação e distribuição do conselho; uma coisa, que, até onde sei, depois de estar no exterior por quase três anos, não existe em nosso próprio lado”.

Os hospitais que cuidavam de soldados norte-americanos e britânicos eram viveiros da generosidade relativa aos livros da ASE. Um soldado britânico ferido sofreu de depressão e incerteza enquanto convalesceu num hospital de campanha na Birmânia: “O humor era sempre⁴³² escasso naqueles dias sombrios”, disse ele. Em sua ala, diversos Merrill’s Marauders (membros da unidade de operações especiais do Exército norte-americano) feridos, atentando para seu espírito melancólico, repassaram *The Feather Merchants*, de Max Schulman, para seu leito e o encorajaram a lê-lo. O protagonista do livro volta

para seu país, esperando uma recepção de herói, mas é conduzido para casa num carro abastecido com gasolina adulterada e recebe uma refeição de alimentos acumulados às escondidas. Ainda pior, seu trabalho administrativo não o tornou um “herói real” aos olhos de sua namorada. O livro conta uma história hilariante em que tudo dá errado. O soldado britânico não conseguiu se conter, gargalhando e dando risada enquanto lia o livro.

Os soldados britânicos estavam desesperados pelos livros da ASE, e as editoras britânicas ouviram boatos sobre a popularidade dos livros de bolso norte-americanos. Já se esforçando para produzir grandes quantidades de livros, os editores acharam atraente a ideia de publicar livros em miniatura como os da ASE. Eles não seriam distribuídos gratuitamente para os combatentes britânicos, mas, em 1945, os editores britânicos começaram a vender livros de capa mole que tinham grande semelhança com o formato dos livros da ASE. Custando apenas dois *pence*, a Bear, Hudson, Ltd., de Londres, publicou a série Bear Pocket Books, e a W. H. Allen Company of London, a série Allen Super Hurricanes. À primeira vista, os livros da Bear Pocket Books e da Allen Super Hurricanes podiam facilmente ser confundidos com os da ASE: tinham o mesmo formato, as capas possuíam uma imagem em miniatura da arte de capa original, eram encadernados com grampos, as páginas do miolo apresentavam duas colunas de texto, e eram impressos em papel de baixa gramatura. Enquanto os livros da Bear Pocket Books eram destinados ao público britânico, e seu tamanho em miniatura era atribuído ao racionamento e à escassez de oferta, os da Allen Super Hurricanes apregoavam sua adequação para “aqueles que estavam no serviço militar⁴³³, pois são bem produzidos, convenientes em tamanho”, e eram “desenhados com o objetivo de caber no bolso do leitor, em todos os sentidos”. O conselho se sentiu gratificado que seu modelo tenha ajudado o mercado do livro britânico em apuros a se recuperar. Na Grã-Bretanha, o racionamento de papel só terminaria em 1949⁴³⁴.

Na primavera de 1945, os Aliados chegaram mais perto de Berlim e o moral se elevou nos Estados Unidos quando a vitória na Europa enfim parecia uma certeza. No entanto, em 12 de abril de 1945⁴³⁵, Franklin Delano Roosevelt morreu após um grave declínio de seu estado de saúde, que foi em grande medida ocultado do conhecimento público. A perda foi sentida em todo o mundo. Como o cabo Frank Slechta, armeiro da Força Aérea, afirmou: “Não era como⁴³⁶ outra morte qualquer de político; era como perder um amigo.” “Perdemos um grande líder”, confirmou o cabo Louis F. Schier, de uma

unidade de artilharia de campanha, “e eu sei o que é isso por causa do combate”. Ele explicou: “Quando eu estava na França, havia um major no comando da força-tarefa que todos nós respeitávamos e seguíamos. Eu estava a apenas cem metros de distância quando ele foi morto por uma pistola automática. Depois disso, foi bem difícil nos organizarmos. É o mesmo caso com FDR.” O soldado Morris Kravitz, carabineiro da 28ª Divisão, disse: “Vi homens morrendo no front, e aquilo não me afetou tanto quanto isso.” Enquanto eles faziam o luto, a tragédia inspirou uma noção de resiliência e propósito. De acordo com o primeiro-tenente Walter J. Hinton, “suponho que os nazistas ficaram felizes em saber de sua morte, mas combateremos de maneira ainda mais dura, para mostrar a eles como nos sentimos a respeito disso”.

Na sequência da morte de FDR, chegou a notícia de que Joseph Goebbels e Adolf Hitler tinham se suicidado. Apesar do colapso⁴³⁷ de sua liderança e da destruição das suas cidades com o intenso bombardeio dos Aliados, os soldados alemães continuaram lutando. Só depois de muitos dias o presidente Harry S. Truman foi capaz de anunciar, em 8 de maio de 1945, que a Alemanha tinha oficialmente se rendido, e as “bandeiras da liberdade tremulam⁴³⁸ em toda a Europa”. No entanto, ele lembrou aos norte-americanos que a vitória era apenas meia vitória, pois, embora o “Ocidente estivesse livre... O Oriente ainda está sob a servidão da tirania traiçoeira dos japoneses”.

Embora parecesse óbvio que os soldados dos Aliados na Europa seriam enviados ao Pacífico depois da rendição alemã, muitos norte-americanos que serviam na Europa tinham a ilusão de que seriam dispensados após o Dia da Vitória. Em 1944, veículos como *Yank*, *the Army Weekly* publicaram artigos discutindo os planos de desmobilização pós-vitória do Exército e da Marinha. Esses artigos criaram a falsa⁴³⁹ esperança de um iminente regresso ao lar. A dura realidade foi que grande parte do Exército na Europa só voltaria para casa depois de fazer uma visita aos japoneses. Em vez da desmobilização, as Forças Armadas na Europa encararam uma realocação.

Em 10 de maio, o Exército⁴⁴⁰ anunciou que, de seus 3,5 milhões de homens na Europa, 3,1 milhões seguiriam para o Pacífico, e os demais 400 mil permaneceriam no continente europeu como forças de reocupação. Só uma minoria⁴⁴¹ daqueles que serviam no Exército seriam dispensados. A Marinha anunciou que não esperava praticamente nenhuma redução dos efetivos. Como um porta-voz do Exército explicou, a dispensa dos soldados que lutaram na

Europa, em vez de realocá-los no Pacífico, seria como combater com uma mão só. Para derrotar o Japão, os Aliados precisariam enviar todas as suas forças para o Pacífico, para lançar um golpe decisivo, final.

O Exército e a Marinha tentaram suavizar a notícia de realocação, oferecendo períodos de descanso no Pacífico ou licenças nos Estados Unidos entre os combates, mas essas promessas tiveram pouco impacto sobre os sentimentos amargos que muitos soldados guardavam no coração. Como o segundo-cabo Justin Gray explicou em *Yank*: “Os períodos de descanso no Pacífico⁴⁴² significavam pouco mais do que invadir uma ilha desolada, longe de qualquer coisa que se assemelhe à civilização ocidental.” De fato, ele teve conhecimento de uma unidade desafortunada, que foi enviada a um “campo de repouso” e, ali, só encontrou “coqueiros, barracas e tábuas” e ordens para construir a área de repouso. Eles não concluíram a construção, pois foram convocados de volta ao front. “Exatamente como aquele velho favorito⁴⁴³ nosso, ‘Sad Sack’, só esperamos descansar depois que voltarmos para as nossas trincheiras”, reclamou um sargento. Nos Estados Unidos, compartilhava-se uma perspectiva sombria a respeito da realocação. “Aqueles que eram⁴⁴⁴ enviados diretamente para o Pacífico não gostavam da ideia”, relatou um jornal. “Eles tinham lutado numa guerra; achavam que seu trabalho tinha acabado.” Os soldados que tiveram permissão para voltar para casa antes de serem realocados não se sentiram melhor. Eles desfrutavam de um feliz regresso ao lar, mas, duas ou três semanas depois, eram afastados da família para prestar outro período de serviço militar. Além disso, tendo escapado da morte uma vez na Europa, muitos perdiam a esperança de terem sorte o bastante de isso acontecer de novo, sobretudo no Pacífico.

Na Europa, ao ler nos jornais e revistas sobre a guerra nas ilhas, os soldados norte-americanos ficaram bem informados a respeito da má reputação das batalhas no Pacífico. Quando a campanha dos Aliados, que saltavam de ilha em ilha, chegou mais perto do Japão, a luta pareceu ficar ainda mais violenta. Preferindo morrer a se render, os soldados japoneses lutavam até o último homem. Isso prolongava até as batalhas mais inúteis e levava às alturas o número de baixas. A batalha de Iwo Jima, que acabou pouco antes da rendição alemã, foi descrita como a mais amarga⁴⁴⁵ da história do Corpo de Fuzileiros Navais; e um dos comandantes, o tenente-general Holland M. Smith, afirmou que, jamais na história de 168 anos dos fuzileiros navais, o lema deles, *Semper fidelis* [“Sempre fiel”], “fora testado ou desafiado daquela forma”. Foi a única

batalha travada pelos fuzileiros navais em que as baixas norte-americanas superaram⁴⁴⁶ as dos japoneses. Com o aumento da realocação, a luta por Okinawa se alastrou. Envolvidos numa “luta corpo a corpo⁴⁴⁷, explodindo os japoneses dentro das cavernas com granadas ou queimando-os com lança-chamas”, o “avanço era difícil e lento”, relatou o *New York Times*. Enquanto os norte-americanos adotavam mantras rimados para quando esperavam retornar para casa, aqueles que serviam no Pacífico adiavam a data de volta. “Em casa, vivo, em 45⁴⁴⁸” virou “Na roça, em 46” e, em seguida, “Do inferno para o céu, em 47”, e, finalmente, “Golden Gate, em 48”. Outros não eram tão esperançosos e pensavam que jamais voltariam para casa.

Embora o moral fosse bastante desafiado nas batalhas pelas ilhas, o teatro do Pacífico, sobretudo nos últimos anos da guerra, não era desprovido de divertimentos para aqueles situados na linha de fogo. Poucos jornais e revistas dão crédito ao importante trabalho realizado pela Divisão de Serviços Especiais em favor dos soldados baseados nessas regiões remotas. Depois que uma área estava protegida, os soldados, na medida do possível, tinham ampla liberdade de ação para americanizar as ilhas. Construía quadras de beisebol, “instaladas em clareiras na mata⁴⁴⁹, conforme as especificações de Abner Doubleday”, e placas eram colocadas perto de lagoas ou lagos usados para natação, indicando “Jones Beach” ou “Old Swimmin’ Hole”. Em 1944, Guadalcanal estava irreconhecível⁴⁵⁰ para aqueles que desembarcaram ali em 1942: hortas brotavam em antigos campos de batalha, uma fábrica de sorvete produzia duzentos litros de sorvete por dia, centenas de instrumentos musicais estavam disponíveis, 150 cinemas (consistindo em assentos de “toras de coqueiros ou barris de petróleo diante de uma tela ao ar livre”) apresentavam filmes de qualidade artística duvidosa, e espaços esportivos abrigavam lutas de boxe e outras competições. Nas ilhas Marianas⁴⁵¹, palcos de teatro foram construídos, quadras de voleibol e basquete, instaladas, ringues de boxe, montados, e milhares de aparelhos de rádio, distribuídos.

No entanto, os aparelhos de rádio eram uma faca de dois gumes. Os soldados podiam ouvir suas músicas favoritas e as notícias, mas, da mesma forma que a Europa tinha Axis Sally, o Pacífico tinha sua propagandista favorita: Tokyo Rose⁴⁵², personagem atribuída a Iva Toguri, cidadã norte-americana que vivia no Japão. Raramente as transmissões de Rose tinham a qualidade da assombrosamente precisa Axis Sally e a dimensão das suas afirmações perturbadoras, mas ela tinha seus momentos de destaque. Sempre parecia ter informações confiáveis a respeito das baixas norte-americanas, e sua maneira

de dar essa notícia era cruel. “Bem, rapazes que estão em Moresby⁴⁵³, o que vocês acharam do fogo antiaéreo sobre Rabaul ontem à noite?”, perguntou ela durante uma transmissão. “Seu comunicado oficial não disse nada a respeito da perda daquelas duas fortalezas voadoras, disse? Mas seus companheiros sabem, não é? Vocês sabem quem não voltou”, provocou ela.

Independentemente de os soldados estarem baseados em ilhas seguras ou lutando pela conquista da ilha seguinte, todos recorriam aos livros e às revistas. Mesmo nas ilhas mais remotas, eles podiam contar com o recebimento de sua cota de leitura. Os correspondentes de guerra que relatavam o teatro do Pacífico ficavam muitas vezes surpresos com o entusiasmo dos soldados pela leitura. “Nessas ilhas e águas dos mares do sul⁴⁵⁴, conhecidas principalmente pelos norte-americanos a partir dos livros de Melville e Stevenson, parece que a leitura é o passatempo universal de todos os que prestam serviço militar”, relatou o major Frederick Simpich Jr. num artigo para a revista *National Geographic*. “O que e quanto eles leem são limitados somente pela pilha de livros e revistas disponíveis”, afirmou ele. Presos em ilhas com pouco para fazer⁴⁵⁵, os homens sem ter o hábito de ler na vida mergulhavam na leitura de qualquer coisa em que pudessem pôr as mãos. Quando um hesitante fuzileiro naval recebeu *Typee*, de Herman Melville, começou a ler de modo relutante, movido por puro tédio. Assim que iniciou a leitura, ficou cativado. Sua resenha: “Ótimo! O sujeito escreveu a respeito de três ilhas em que estive!”

*

À medida que o descontentamento com realocação se espalhava por todo o serviço militar, o Exército e a Marinha recorreram ao conselho em busca de ajuda. O moral das tropas passava por uma crise de graves proporções, e havia apenas uma maneira infalível de lidar com aquilo: através dos livros.

Em 1945, o tenente-coronel Trautman compareceu à reunião anual do conselho e enfatizou a necessidade urgente do envio de maior quantidade de livros. Embora estivesse grato pelo aumento da produção de livros da ASE em relação ao ano anterior – de 20 para 50 milhões de exemplares –, Trautman insistiu que ainda não era suficiente. “Deveria haver cinco vezes mais para realmente funcionar”, afirmou ele. “Num momento em que um soldado com um soldo mensal⁴⁵⁶ de 55 dólares está disposto a pagar 500 francos ou 10 dólares pelo privilégio de ser o próximo da fila a ler um determinado livro, a quantidade é bastante escassa.”

Para dar seu recado, Trautman descreveu suas experiências na Europa. Uma

coisa que o impressionou era a rapidez com que os livros da ASE se desfaziam sob condições de combate. “Um soldado lê um livro que se desintegra muito rápido na chuva ou na neve, sem abrigo algum para manter as páginas secas.” Quando havia mais homens do que livros da ASE, “não era incomum um homem arrancar a parte do livro que tinha terminado e entregá-la para o próximo homem que não tinha nada para ler, dizendo: ‘Vou guardar minhas páginas para você’”. Trautman tinha planejado trazer exemplos de livros num “estado de exaustão pós-combate” para apresentar ao conselho, mas os soldados resistiram. “Você não vai levar nossos livros embora, vai? Ainda podemos lê-los”, garantiram os homens a Trautman. “Assim, não trouxe nenhum exemplar para mostrar a vocês”, disse Trautman aos membros do conselho sem nenhum constrangimento.

Durante sua excursão pelo teatro europeu, Trautman viu os livros da ASE em todos os lugares. No dia de Natal, num hospital belga, notou um livro no chão da sala de cirurgia; tinha sangue sobre a capa e manchas vermelhas em quase todas as páginas. Numa visita a um pelotão de engenheiros militares que tinha ficado separado do resto da sua companhia, Trautman viu uma pilha de cerca de dez livros: eram todos os que a unidade possuía. Eram considerados tão valiosos que o comandante do pelotão ordenara que os homens lessem em grupos, para reduzir o desgaste provocado por múltiplos manuseios. Em campos de prisioneiros nazistas, Trautman viu quando os livros foram distribuídos pela Associação Cristã de Moços internacional; era um dos itens mais importantes para tornar a vida dos prisioneiros suportável, contou ele. Numa viagem pela Holanda, Trautman estacionou seu veículo perto de um distrito policial militar como medida de precaução. Mesmo assim, durante a noite, o carro foi arrombado. De todos os objetos de valor que estavam em seu interior, a única coisa levada foi uma caixa com 32 livros. Embora parecesse que os livros tinham chegado às unidades militares de todos os cantos do mundo, e eram estimados pelos homens que os liam, Trautman disse que havia uma reclamação inequívoca: “Simplesmente, não há uma quantidade suficiente deles.”

Juntando-se aos apelos de Trautman por mais livros, estavam os soldados baseados no Pacífico. Por exemplo, em maio de 1945, um soldado da infantaria escreveu ao conselho, revelando que os livros da ASE tinham proporcionado “muitas horas de precioso⁴⁵⁷ relaxamento, não facilmente alcançável pelos soldados baseados numa unidade militar num país estrangeiro”. No momento em que escrevia, estava “aproveitando uma pequena folga antes de mergulhar

de novo na rotina da guerra”. No entanto, “nessas ocasiões, os prazeres continuam sendo um problema pessoal do soldado individual”, afirmou ele. Sob tais circunstâncias, os homens ansiavam por livros e outros materiais de leitura. “Nosso apetite é insaciável”, declarou ele. “Nossa dificuldade recreativa é, no momento, extraordinário”, e se o conselho achar certo “responder a esse pedido com um suprimento de livros, prometo que serão distribuídos equitativamente em toda a companhia, em cujo nome estou escrevendo”.

A Divisão de Serviços Especiais era outra parte que pressionava por mais livros. Com a responsabilidade de fornecer material de leitura capaz de erguer o moral dos norte-americanos baseados em todo o mundo, os oficiais dos Serviços Especiais receavam que não seriam capazes de satisfazer a demanda por livros a tempo enquanto os soldados encaravam a realocação. Em 1945, numa reunião⁴⁵⁸ de duzentos oficiais dos Serviços Especiais, estimou-se que mais livros eram necessários, numa escala de um novo livro por homem e por mês, nas zonas de combate. De acordo com o general Joseph Byron, que comandava a divisão, os livros da ASE eram “o trabalho mais importante⁴⁵⁹ relativo ao moral realizado pela Divisão de Serviços Especiais”. Um oficial dos Serviços Especiais que trabalhara com tropas de combate por dois anos ficou tão preocupado com os homens que supria que escreveu ao conselho pedindo mais livros. Ele insistiu que “jamais parecem ser suficientes⁴⁶⁰”, e que as tropas de combate estavam “SEDENTAS” por livros de Thorne Smith, Ernest Hemingway, John Steinbeck, H. Allen Smith, Tiffany Thayer, Sinclair Lewis e Lloyd Douglas. Os soldados também não paravam de perguntar por *A Tree Grows in Brooklyn*, *Chicken Every Sunday*, *Forever Amber* e *Strange Fruit*.



Alguns soldados ansiavam por ler *Strange Fruit* e *Forever Amber*, pois esses dois livros continham cenas de sexo consideradas tão indecentes que foram proibidos em Boston. “Se você já viu livros completamente gastos pelo uso, eram exemplares de *Forever Amber*”, afirmou um soldado.



A Tree Grows in Brooklyn, de Betty Smith, e *Chicken Every Sunday*, de Rosemary Taylor, eram livros adorados por causa de seus relatos autênticos da vida norte-americana. Eram comparados a tirar uma licença ou receber uma boa carta de casa.

Mesmo as cartas dos familiares dos soldados destacavam que as tropas no Pacífico precisavam de livros mais do que nunca. Em uma carta especialmente sincera, uma mulher pedia ao conselho que ajudasse seu irmão e toda a sua unidade; a sanidade mental deles estava em risco. Seu irmão e seu batalhão de fuzileiros navais tinham acabado de participar de um combate feroz, e uma carta recente dele enfatizava o desespero de todos por bons livros. “Meu irmão caçula⁴⁶¹ combateu durante catorze meses... e, nesse momento, as coisas estão se acalmando para eles.” No entanto, “eles acabaram de receber a má notícia de que devem passar de 24 a 30 meses no Pacífico antes de poderem ser substituídos. Parece que os rapazes estão bastante deprimidos e clamando por algum bom material de leitura”. Ela encerrou a carta da seguinte maneira:

“P.S.: Se vocês têm o costume de enviar livros diferentes em intervalos regulares, mantenham esses rapazes na lista de correio. Esses fuzileiros estão lutando não só contra os japoneses, mas também contra as condições climáticas e as doenças, e acreditem em mim, se eles não receberem algo para desanuviar a mente do ambiente, certamente a maioria entrará em colapso.”

No início de 1945⁴⁶², Philip Van Doren Stern se encontrou com oficiais do Exército para uma troca de ideias. Como uma maior quantidade de livros podia ser produzida? Stern trouxe a informação para o conselho de que o Exército estava considerando pedir ao War Production Board que obrigasse as gráficas a produzir livros da ASE. Embora o governo fosse contratualmente obrigado a fornecer ao conselho o papel para os livros da ASE, quando Stern teve a oportunidade de comprar 141 toneladas de papel além da quantidade fornecida pelo governo, o comitê executivo o autorizou a fazer a compra. O Exército e a Divisão de Serviços Especiais também trabalharam para angariar recursos, assegurando que uma quantidade máxima de livros pudesse ser produzida.

Apesar desses esforços, havia um ingrediente em falta para reforçar a produção: dinheiro. Em maio de 1945, o tenente-coronel Trautman relatou que o Exército não tinha recursos financeiros para bancar custo adicional algum de produção dos livros do conselho; a única maneira de publicar mais livros da ASE seria reduzir de alguma maneira o custo de cada livro. “Se recursos financeiros suficientes estivessem⁴⁶³ disponíveis”, disse Trautman ao comitê executivo do conselho, “o Exército poderia aumentar seu pedido por livros da ASE em cerca de um terço, ou seja, de cerca de 160 mil para 175 mil livros” por mês. No entanto, Trautman não tinha ideia de como assegurar os fundos de que precisava. Depois que ele saiu da reunião, o comitê executivo teve uma discussão a respeito de cortar qualquer desperdício no custo de produção, incluindo o controverso direito autoral de 1% incluído no preço de cada livro da ASE. Desde o início, alguns autores e algumas editoras se opuseram a receber direitos autorais pelos livros da ASE, mas o conselho insistiu em manter a uniformidade dos seus contratos, colocando todos os autores e editoras em condições idênticas, para evitar a elaboração de centenas de contratos individuais ajustados aos caprichos e preferência de cada parte. Naquele momento, com a necessidade de livros da ASE maior do que nunca, o conselho mudou de ideia, argumentando que os benefícios resultantes da eliminação do direito autoral sobrepujavam a necessidade de contratos uniformes. Os autores e as editoras teriam a opção de desistir do direito de 1% de direitos autorais.

No entanto, havia um problema adicional do lado da oferta. O comitê editorial do conselho queixou-se para Philip Van Doren Stern de que estava “raspando o fundo⁴⁶⁴ do tacho para assegurar novos títulos”. Eles queriam reduzir a quantidade de títulos em cada série – de 40 para 28 –, para evitar a recomendação de livros medíocres. Embora Stern se opusesse a essa ideia, foi receptivo ao dilema do comitê. Por causa da guerra, o número de títulos publicados para o mercado civil tinha declinado a cada ano. Em 1942, houve um declínio de 10%, em comparação com 1941, e o número continuou a cair nos anos seguintes. Ao mesmo tempo, a quantidade de originais apresentados às editoras caiu drasticamente. Muitos autores consagrados e aspirantes tinham se juntado ao serviço militar ou se dedicado ao trabalho associado à guerra; eles não estavam escrevendo novos livros. Como um jornal comentou, “mesmo se o adágio⁴⁶⁵ a respeito dos poderes comparativos de pena e espada ainda seja verdadeiro, as juntas de recrutamento não encontram nada a esse respeito em suas regras de procedimento”.

No final, Stern ofereceu uma solução conciliatória⁴⁶⁶. Numa reunião do comitê executivo, ele propôs que o conselho aumentasse a quantidade de reedições a cada mês. O comitê apoiou o plano de Stern; recomendou-se que 28 dos títulos de cada mês fossem novos (ou seja, nunca antes publicados como livros da ASE); os demais títulos podiam ser compostos de reedições ou livros “fabricados” (estes últimos referiam-se a compilações de histórias, roteiros de rádio, poemas e afins produzidos pelo conselho). No fim, 99 títulos foram reeditados e 73 livros produzidos, o que ajudou a diminuir o fardo do comitê editorial. Entre os exemplos de livros impressos pelo conselho, incluíam-se *The New Yorker Reporter at Large*, *Five Western Stories*, *The Dunwich Horror and Other Weird Tales*, *Love Poems*, *Selected Plays*, de Eugene O’Neill, e *Lyrics and Sonnets*, de Edna St. Vincent Millay.

Mesmo enquanto travava suas batalhas contra a economia e a oferta e demanda na linha de frente, Stern encarou uma ação de retaguarda de uma aliada temível: Isabel DuBois, chefe da seção de bibliotecas da Marinha. Da mesma forma que tinha feito com a VBC, DuBois tinha opiniões enfáticas a respeito do trabalho do conselho e jamais deixava de manifestá-las. Ao longo de junho de 1945, ela enviou inúmeras cartas para o “caro senhor Stern”, queixando-se de diversas questões triviais relativas aos livros da ASE. Detestava títulos⁴⁶⁷ que começavam com a palavra “*Selected*”; ou seja, “*Contos selecionados de* ou *Poemas selecionados de*”. DuBois achava que soavam desinteressantes. Também reclamou da série T de livros da ASE, pois

“nenhum deles tem⁴⁶⁸ grampos nas capas”; as capas tinham sido coladas. Num memorando particular, os membros do conselho manifestaram crescente aborrecimento com DuBois. Como um editor afirmou, ela tinha um dom incrível de transformar “uma trivialidade⁴⁶⁹, com que ninguém mais se incomodou, num problema imenso”.

Stern, cuja maior virtude deve ter sido a paciência, respondeu a cada uma das preocupações de DuBois. Ela recebeu a garantia de que o conselho procuraria evitar o uso da palavra⁴⁷⁰ “*selected*” nos títulos das próximas edições. Na questão grampos *versus* cola, Stern explicou para DuBois que, no início, quando as tiragens eram de apenas 50 mil exemplares por título, o grampeamento era possível. No entanto, quando o projeto alcançou tiragens de 155 mil exemplares por título, as gráficas ficaram excessivamente sobrecarregadas, e a adição de grampos se tornara impossível. Stern acrescentou que o conselho “não recebera nenhuma queixa do exterior após a distribuição de mais de 50 milhões de livros”, sugerindo que “a cola à prova d’água usada nas capas devia estar funcionando de maneira satisfatória”. A audácia de Stern foi um erro tático. DuBois fazia questão de ter a última palavra. Ela esclareceu que sua carta anterior “devia ser considerada uma reclamação⁴⁷¹”, e acreditava que as capas dos livros da ASE estavam propensas a se descolar, e que “medidas deviam ser adotadas para tornar as capas... mais seguras”.

Mesmo as gráficas do conselho pareciam se incomodar em trabalhar com a Marinha. Quando o conselho foi forçado a mudar o empacotamento dos livros da ASE por necessidade, alguns inspetores navais se enfureceram e despejaram sua frustração sobre as gráficas que forneceram esses pacotes. Na gráfica Street & Smith, a situação chegou a tal ponto que seu gerente ameaçou “não imprimir mais nenhum livro⁴⁷² para a Marinha por causa da atitude” de um inspetor irritado. O conselho teve de intervir para apaziguar as partes envolvidas. Por meio do profissionalismo de Stern, essas dores de cabeça e reclamações jamais retardaram a produção dos livros da ASE.

Conforme o conselho intensificava seus esforços para imprimir livros para o Pacífico, os livros continuavam a provocar impacto na Europa. No verão e no outono de 1945 foram realizados preparativos para o julgamento de dezenas dos líderes políticos e militares mais proeminentes da Alemanha nazista, em Nuremberg. Eles eram acusados de conspirar contra a paz, planejar e empreender uma guerra de agressão e cometer crimes de guerra e contra a

humanidade. Entre os homens acusados destacavam-se Hermann Göring, oficial nazista graduado, e Joachim von Ribbentrop, ministro das Relações Exteriores da Alemanha nazista.

Após passar diversas semanas interrogando criminosos de guerra, com um exemplar de *Country Editor*, de Henry Hough, enfiado no bolso, um major veterano das duas guerras mundiais finalmente teve uma chance de escrever para Hough em setembro de 1945. Sempre que tinha uma oportunidade, o major lia algumas páginas a respeito da vida de Hough como editor e colaborador de um pequeno jornal de Martha's Vineyard. Ele amava cada página. “Quando alguém está longe de casa⁴⁷³ e de um passado que guardava uma infância numa velha cidade de Massachusetts, os anos recuam com facilidade e um mero fechar de olhos traz tudo para perto de novo.” Ele apreciou especialmente ser lembrado de uma época mais simples, considerando a tarefa histórica que acabara de cumprir.

Há apenas duas semanas, em Nuremberg, onde estava interrogando alguns dos homens que causaram sofrimentos a milhões de pessoas inocentes, Von Ribbentrop perguntou se eu tinha terminado. Aqueles homens estão lendo livros do tipo que a Cruz Vermelha dá a eles. Gostaria que todos eles lessem *Country Editor*. Conta com mais eloquência do que uma declamação a respeito dos pontos fortes e da grandeza dos Estados Unidos; a fórmula simples que nos tornou o país mais invejado do mundo. O homem obeso e impaciente numa cela simples, em contraste marcante com suas antigas casas, estava lendo a Bíblia. Como Göring usava óculos, um guarda estava em sua cela para pegá-los quando ele terminasse a leitura.

Refletindo sobre suas experiências na guerra e, em seguida, em Nuremberg, esse major se viu fazendo a pergunta: “O que torna os Estados Unidos um grande país?” Ele deu sua resposta a Hough: “O fato de existirem pessoas como aquelas que o senhor descreve em *Country Editor*.”

⁴²⁴ “*Havia quem*”: Joseph Heller, *Catch-22* (Nova York: Simon & Schuster, 2011), 19-20.

⁴²⁵ “*em ruínas*”: John B. Hench, *Books as Weapons* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 2010), 29-31.

⁴²⁶ *Sabendo da difícil condição*: Ballou e Rakosky, *A History of the Council on Books in Wartime*, 83-93, Appendix D (registra os livros publicados na Overseas Editions).

⁴²⁷ “*um caixote de livros da ASE colocado*”: Carta de T. C. para o Council (sem data), Council Records.

⁴²⁸ “*lado a lado*”: Valerie Holman, *Print for Victory* (Londres: British Library, 2008), 30.

⁴²⁹ *o racionamento de papel*: Iain Stevenson, *Book Makers* (Londres: British Library, 2010), 115-18.

⁴³⁰ *Embora os britânicos organizassem*: Holman, *Print for Victory*, 42-43.

- [431](#) “*dava uma volta pelo refeitório*”: Carta de B. F. D. para o Council, 20 de dezembro de 1944, Council Records.
- [432](#) “*O humor era sempre*”: Carta de W. G. J. para “Sirs”, 25 de abril de 1944, Council Records.
- [433](#) “*aqueles que estavam no serviço militar*”: Louis Golding, *Store of Ladies* (Londres: Bear, Hudson Ltd., 1946) (Bear Pocket Book), parte interna da capa.
- [434](#) *só terminaria em 1949*: Stevenson, *Book Makers*, 117.
- [435](#) *No entanto, em 12 de abril de 1945*: Arthur Krock, “End Comes Suddenly at Warm Springs”, *New York Times*, 13 de abril de 1945.
- [436](#) “*Não era como*”: Gene Currivan, “Generals and GI’s Mourn Late Chief”, *New York Times*, 14 de abril de 1945.
- [437](#) *Apesar do colapso*: Sargento Mack Morriss, “Berlin Death Battle”, *Yank, the Army Weekly*, 15 de junho de 1945.
- [438](#) “*bandeiras da liberdade tremulam*”: “The Messages, Here and at Home, Proclaiming the End of the War in Europe: President Truman”, *Yank, The Army Weekly* (British ed.), 18 de maio de 1945.
- [439](#) *Esses artigos criaram a falsa*: “News from Home”, *Yank, the Army Weekly* (British ed.), 10 de setembro de 1944; “News from Home”, *Yank, the Army Weekly* (British ed.), 27 de agosto de 1944.
- [440](#) *Em 10 de maio, o Exército*: Sidney Shalett, “Army to Return 3,100,000 in Year; 400,000 Will Remain in Europe”, *New York Times*, 10 de maio de 1945.
- [441](#) *Só uma minoria*: Hanson W. Baldwin, “Army Shift to Pacific Next Big War Problem”, *New York Times*, 6 de maio de 1945.
- [442](#) “*Os períodos de descanso no Pacífico*”: Segundo cabo Justin Gray, “Pacific Combat”, *Yank, the Army Weekly* (British ed.), 15 de junho de 1945.
- [443](#) “*Exatamente como aquele velho favorito*”: Sargento Jas. V. Coon, “So-Called Rest”, *Yank, the Army Weekly* (British ed.), 17 de dezembro de 1944.
- [444](#) “*Aqueles que eram*”: Ibid.
- [445](#) *como a mais amarga*: “4,000 Marine[s] Dead on Iwo Indicated”, *New York Times*, March 16, 1945.
- [446](#) *baixas norte-americanas superaram*: Cyril J. O’Brien, “Iwo Jima Retrospective”, disponível em http://www.military.com/NewContent/0,13190,NI_Iwo_Jima2,00.html,160
- [447](#) “*luta corpo a corpo*”: Warren Moscow, “Marines and 77th Division Drive Near Naha and Shuri”, *New York Times*, 12 de maio de 1945.
- [448](#) “*Em casa, vivo, em 45*”: Fussell, *Wartime*, 257.
- [449](#) “*instaladas em clareiras na mata*”: Major Frederick Simpich Jr., AUS, “At Ease in the South Seas”, *National Geographic* (January 1944), 79.

[450](#) *Guadalcanal estava irreconhecível*: Sargento Barrett McGurn, “Guadalcanal Goes Garrison”, *Yank, the Army Weekly*, 27 de agosto de 1944.

[451](#) *Nas Ilhas Marianas*: Ernie Pyle, *Last Chapter* (Nova York: Henry Holt, 1946), 18.

[452](#) *Tokyo Rose*: Russell Warren Howe, *The Hunt for ‘Tokyo Rose’* (Lanham,

[453](#) “*Bem, rapazes que estão em Moresby*”: “By Any Other Name”, *Time* (Pony Ed.) 10 de abril de 1944, 31.

[454](#) “*Nessas ilhas e águas dos mares do sul*”: Major Simpich, “At Ease in the South Seas”, 80.

[455](#) “*com pouco para fazer*”: “Boston’s Sons in Service Reading Those Awful Books”, *Boston Traveler*, 12 de janeiro de 1945.

[456](#) “*um soldado com um soldo mensal*”: Discurso do tenente-coronel Trautman, 1º de fevereiro de 1945, Council Records.

[457](#) “*muitas horas de precioso*”: Carta de N. J. P. para Editions for the Armed Services, Inc., 27 de maio de 1945, Council Records.

[458](#) *Em 1945, numa reunião*: Atas do comitê executivo, 11 de janeiro de 1945, Council Records.

[459](#) “*o trabalho mais importante*”: Atas do comitê executivo, 24 de janeiro de 1945 (grifo da autora), Council Records.

[460](#) “*jamais parecem ser suficientes*”: Carta de R. A. L. “To Those Who Can Do It”, anexada à carta de Isabel Dubois de 19 de abril de 1945, Council Records.

[461](#) “*Meu irmão caçula*”: Carta de V. B. T. para “Sirs,” Council Records.

[462](#) *No início de 1945*: Atas do comitê executivo, 11 de janeiro de 1945, Council Records.

[463](#) “*Se recursos financeiros suficientes estivessem*”: Atas do comitê executivo, 2 de maio de 1945, 20 de junho de 1945, Council Records.

[464](#) “*raspando o fundo*”: Atas do comitê executivo, 13 de dezembro de 1944, Council Records.

[465](#) “*Mesmo se o adágio*”: Austin Stevens, “Books and Authors”, *New York Times Book Review*, 13 de dezembro de 1942; Austin Stevens, “Notes on Books and Authors”, *New York Times Book Review*, 17 de janeiro de 1943.

[466](#) *Stern ofereceu uma solução conciliatória*: Atas do comitê executivo, 13 de dezembro de 1944, Council Records.

[467](#) *Detestava títulos*: Carta de Isabel DuBois para o senhor Stern, 9 de junho de 1945, Council Records.

[468](#) “*nenhum deles tem*”: Carta de Isabel DuBois para o senhor Stern, 12 de junho de 1945, Council Records.

[469](#) “*uma trivialidade*”: Memorando para P. V. D. S. de L. U., 11 de junho de 1945, Council Records.

[470](#) “*evitar o uso da palavra*”: Carta de Philip Van Doren Stern para Isabel DuBois, 19 de junho de 1945, Council Records.

[471](#) “*devia ser considerada uma reclamação*”: Carta de Isabel DuBois para o senhor Stern, 29 de junho de 1945, Council Records.

[472](#) “*não imprimir mais nenhum livro*”: Carta para o Bureau of Navy Personnel de H. Stahley Thompson, 15 de fevereiro de 1946; Carta para a senhorita Du Bois de H. Stahley Thompson, 15 de fevereiro de 1946, Council Records.

[473](#) “*Quando alguém está longe de casa*”: Cópia da carta do Major E. V. P. para Henry Hough, 14 de setembro de 1945, Council Records.

CAPÍTULO 10

Enfim, a paz *Minha antiga divisão*⁴⁷⁴ *era uma das muitas onde só parecia ter descanso quando se estava esperando os barcos que nos transportavam para outras terras, onde a língua era diferente, mas a guerra era a mesma. Essas criaturas anfíbias tinham visto tanta ação que, quando regressarem aos Estados Unidos, apenas pela força do hábito, desembarcarão atirando e estabelecerão uma cabeça de ponte perto de Coney Island. Ali, provavelmente se entrincheirão e lutarão até a desmobilização reduzir seu efetivo e permitir que os guerrilheiros locais empurrem os sobreviventes de volta para o mar.*

– BILL MAULDIN

COM O COLAPSO de um front e a força total dos Aliados se abatendo sobre o Japão, aqueles que serviam nas Forças Armadas começaram a pensar no futuro. Ao longo do tempo, a guerra tirara deles a capacidade de saber detalhes sobre os Estados Unidos, e alguns homens se perguntavam se o país estaria à altura dos ideais que projetaram sobre ele. Como um soldado explicou: “O país se desvanecera⁴⁷⁵ para nós. Virara uma irreabilidade, uma recordação indistinta, onde os nomes, os rostos e as vozes, exceto dos mais próximos e queridos, estavam perdidos. Isso era tirado de nós por meio de armas, aviões, minas e bombas.” O único lugar que devia parecer familiar não parecia. Onde eles viveriam depois da guerra? Como estaria o país? Seria difícil se tornar um civil de novo?

Encontrar emprego era a principal preocupação. Quando eles ingressaram no Exército ou na Marinha, a economia ainda não tinha se recuperado totalmente da Grande Depressão. Ainda em 1940⁴⁷⁶, o desemprego permanecia na casa dos 15% da população. Além disso, durante a guerra, as mulheres e as minorias tinham ingressado no mercado de trabalho, ocupando empregos que eram tradicionalmente preenchidos por homens brancos. Havia a preocupação de que, se esses novos trabalhadores permanecessem empregados, haveria menos empregos para os veteranos de regresso ao país. Alguns soldados também se perguntavam se poderiam achar empregos que utilizavam as habilidades desenvolvidas durante a guerra. Durante o treinamento, muitos soldados se matricularam em cursos educacionais e passaram muitas horas estudando matemática, ciências e livros técnicos para passar nas provas e ascender hierarquicamente. Não queriam que esse conhecimento fosse desperdiçado.

Para os soldados preocupados com o seu futuro, o conselho começou a incluir livros de não ficção prática em cada série mensal. Diversos títulos selecionados com esse propósito foram publicados após o fim da guerra. *Twenty Careers of Tomorrow*, de Darrel e Frances Huff, discutia como a guerra afetou o mercado de trabalho e fornecia informações⁴⁷⁷ sobre diversas profissões, incluindo o trabalho nos setores têxtil, editorial, automobilístico, de plásticos, reciclagem, aviação, refrigeração, televisão e rádio, educação, medicina e pesquisa de mercado. Outro título útil publicado a pedido do Exército foi *You and Your Future Job*, de William G. Campbell e James H. Bedford. Esse livro fornecia informações a respeito de como escolher uma profissão,⁴⁷⁸ com conselhos específicos para aqueles que ficaram inválidos durante a guerra, para pessoas que tinham mais de 40 anos e para mulheres. Para aqueles que procuravam conselhos de como ganhar dinheiro, independentemente da profissão escolhida, havia *The Theory and Practice of Earning a Living*, de John Wharton.

Quase todos os soldados que estavam nas linhas de frente tinham consciência dos avanços alcançados no campo da medicina. A sulfanilamida, substância⁴⁷⁹ que podia ser borrifada nos ferimentos e consumida para impedir infecções, era carregada por todos os homens. Existiam inúmeras histórias de homens gravemente feridos que foram salvos porque usaram sua “sulfa”. Livros da ASE, tais como *The Story of Penicillin*, *Miracles of Military Medicine* e *Burma Surgeon* inspiraram alguns homens a cogitar uma carreira médica.

Outros sonhavam em se tornar advogados. O livro da ASE de Arthur Train a respeito do advogado fictício Ephraim Tutt – que sempre salvava clientes das

garras de uma encrenca legal com algum plano novo – inspirou muitos soldados⁴⁸⁰ a ingressar na faculdade de Direito. Outros decidiram praticar a advocacia após a leitura de *Country Lawyer*, de Bellamy Partridge, que romanceou um advogado simpático que exercitava a advocacia numa pequena cidade. Para aqueles que queriam combater o crime, em vez de processar ou defender criminosos, *Inside the FBI*, de John Floherty, era um livro digno de ser lido.

Os homens que estudaram ciências e matemática (como os engenheiros militares) podiam apreciar *A Treasury of Science*, *Science Remakes the World*, *This Chemical Age* e *Mathematics and the Imagination*, para mencionar alguns títulos. Aqueles que tinham espírito empreendedor e sonhavam em criar uma empresa podiam consultar *A Small Store & Independence: a Guide to Retailing*. Para aqueles interessados em ganhar a vida com a agricultura, *Five Acres and Independence: Selecting and Managing the Small Farm*, de M. G. Kains, era indispensável, pois fornecia conselhos que variavam desde como selecionar terras férteis até detalhes sobre como criar abelhas produtoras de mel. A história de Meyer Berger de um correspondente de Nova York em *The Eight Million*, os livros de Ernie Pyle sobre suas experiências como correspondente de guerra, e *AP: the Story of News*, de Oliver Gramling, eram apenas alguns dos títulos para os homens que levavam em consideração carreiras no jornalismo.

Não é exagero afirmar que os livros da ASE ajudaram a criar um público totalmente novo de leitores. No entanto, o outro lado da moeda é que quase todos eles achavam que podiam ser escritores. Ironicamente, os editores do conselho logo foram assediados com propostas de livros de inúmeros homens que expressavam o desejo de publicar suas histórias de guerra. Um desses homens escreveu uma carta vívida, transbordante de entusiasmo, falando do seu desejo de publicar um livro sobre suas experiências como soldado da infantaria. Ele descreveu sua vida no front como um tumulto de “morte, além de chuva,⁴⁸¹ besouros, moscas, lama e mosquitos”, e brincou que seu ofício (administrar uma loja de chapéus femininos em Connecticut) não o tinha preparado para a vida na artilharia. No entanto, insistiu que havia humor e beleza nas adversidades enfrentadas por ele, mesmo na monotonia de cavar sua trincheira de número 1.054 (de onde ele declarava estar escrevendo). Inspirado pelos livros que leu de Ernie Pyle da ASE, esse soldado esperava escrever sobre suas experiências ao estilo do autor: “Descritivo, franco e humano, temperado com um toque de compaixão e emoção, e apimentado com

humanidade.” Com seu “bloco de anotações todo molhado”, ele escreveu a carta sobre folhas cortadas de embalagens de papel⁴⁸²; teve de “vaporizar” seu pacote de envelopes para secar um deles para enviar a carta. “A guerra é um inferno, não?”, afirmou ele.

O verão de 1945 trouxe “a campanha de bombardeio mais intensiva⁴⁸³ da história da guerra”. Com toda a dedicação voltada para destruir um único inimigo, os Aliados desferiam golpes após golpes contra a Marinha e as cidades japonesas. Naquele momento, as bases aliadas de Guam, Saipan e das ilhas Marianas podiam ser utilizadas em total proveito. De 800 a 1.000 bombardeiros B-29 ficavam a postos somente nas Marianas. Apesar da destruição provocada por esses aviões (segundo as estimativas, em junho de 1945, 50% de Tóquio fora destruída, e diversos centros industriais japoneses foram neutralizados pelas bombas dos Aliados), parte significativa da indústria bélica do Japão permanecia incólume.

Além das bombas, os B-29 norte-americanos despejavam diariamente⁴⁸⁴ 750 mil panfletos sobre as cidades japonesas, incitando um fim para o conflito e a rendição incondicional do Japão. No começo de junho, desafiadoramente, o primeiro-ministro Kantaro Suzuki declarou que os japoneses iriam lutar até o fim, e, com confiança, previu que o Japão “esmagará o inimigo⁴⁸⁵ numa batalha decisiva em nosso próprio país, que será bem diferente das batalhas pelas ilhas”. No entanto, em 9 de junho, o domínio japonês sobre as Filipinas⁴⁸⁶ chegou ao fim, e o Congresso filipino se reuniu para sua primeira sessão desde 1941.

No fim, Okinawa foi a última batalha importante na guerra do Pacífico. Embora já existissem planos para invadir o território japonês, e as unidades de fuzileiros navais já estivessem se preparando para o que certamente seria um combate mortal, em 6 de agosto de 1945 um B-29 norte-americano se aproximou de Hiroshima, importante centro militar e porto japonês, e soltou uma bomba atômica de 180 quilos. Despreparados em relação à potência dessa nova arma, os tripulantes do B-29 mal conseguiram acreditar na fúria liberada. Um deles recordou: “Houve um clarão tremendo⁴⁸⁷, mesmo durante o dia... E dois golpes violentos contra o avião”, e, em seguida, fumaça branca se juntou numa nuvem em forma de cogumelo, que alcançou 6 mil metros de altura. Mais de 10 quilômetros quadrados⁴⁸⁸, ou 60% da cidade, ficaram completamente arrasados; casas e outros edifícios fora desse raio ficaram

danificados e sem concerto.

Pouco depois do bombardeio de Hiroshima, o presidente Truman advertiu que, se os líderes japoneses não aceitassem imediatamente os termos de rendição dos Aliados, “poderiam esperar uma chuva⁴⁸⁹ de destruição cair pelo ar, semelhante a nada antes visto neste planeta”. No entanto, o Japão continuou sem se amedrontar. Sua agência de notícias oficial, a Domei, fez uma transmissão radiofônica para os Estados Unidos, afirmando que o “desejo norte-americano de uma conclusão precipitada⁴⁹⁰ da presente guerra da Ásia Oriental é mera autoilusão”. Setenta e cinco horas⁴⁹¹ após o caos despejado sobre Hiroshima, uma segunda bomba atômica foi jogada. Essa arma destruiu totalmente 30% de Nagasaki e deixou grandes áreas da cidade em ruínas. Em 10 de agosto, o presidente Truman voltou a advertir o Japão; se o país não se render, “usaremos a bomba atômica⁴⁹² incessantemente” e “as bombas terão de ser jogadas sobre as indústrias bélicas e, infelizmente, milhares de vidas de civis serão perdidas”. Após uma espera angustiante de cinco dias⁴⁹³, um anúncio oficial foi feito às 7 horas e 3 minutos (horário da costa leste dos Estados Unidos), em 14 de agosto, declarando que o Japão tinha se rendido incondicionalmente. Afinal, a guerra tinha terminado. O Dia da Vitória sobre o Japão havia chegado.

Em todo o mundo,⁴⁹⁴ as comemorações irromperam. Em Nova York, na Times Square, placas divulgaram a notícia, e um “rugido de vitória” tomou a cidade e continuou por mais de vinte minutos, enquanto emoções explodiam “com força atômica”. De acordo com o *New York Times*, “a moderação foi deixada de lado. As multidões nas ruas lançavam chapéus, caixas e bandeiras ao ar. Aqueles inclinados perigosamente para fora das janelas dos prédios de escritório e hotéis despejaram uma chuva de papéis, confetes e serpentinas. Os homens e as mulheres se abraçavam. Ninguém era estranho entre si.” Em Londres, os soldados norte-americanos e britânicos formaram uma fila de conga que serpenteava pela cidade; eles agarravam uma parceira e dançavam e celebravam durante horas. Em Paris, soldados e mulheres das WACs correram pelas ruas, apertando as mãos dos franceses e formando um desfile improvisado na Champs-Élysées. Um motorista de caminhão preso na confusão saiu para entregar o *Stars and Stripes*, jornal do Exército; a manchete dizia: “Stimson declara que vai fazer novos cálculos para ver se o Exército pode sofrer cortes.” “Ele fez melhor”, gritou o motorista. Em Berlim, um correspondente de guerra relatou que os recrutas ali estavam exultantes, pois a paz no Pacífico os salvaria de mais combates e poderia acelerar a

desmobilização. Em Okinawa, os recrutas que acreditaram que levariam anos para voltar para casa “deram tapas nas costas uns dos outros, dançaram, aplaudiram e gritaram: ‘Para o inferno com Golden Gate, em 1948; vamos estar em casa em 8 de setembro’”. Em Tinian, onde os pilotos dos B-29 estavam sendo instruídos a respeito de sua 35ª missão – a última antes de voltarem para casa –, um líder de grupo interrompeu a reunião e informou aos homens que a missão deles estava cancelada. Uma alegria pura e sincera irrompeu entre os trezentos homens que estavam prestes a arriscar a vida numa perigosa missão à luz do dia. Em Guam, a notícia gerou gritos e o disparo de todos os tipos de arma para o ar, em comemoração; garrafas de uísque, recolhidas de esconderijos, eram passadas enquanto os homens brindavam a paz. No Havaí, onde as primeiras bombas lançadas contra os Estados Unidos tinham ceifado milhares de vidas de jovens, os pedestres tiraram o chapéu enquanto aviões B-29 os sobrevoavam em baixa altitude. Em 2 de setembro de 1945⁴⁹⁵, o Japão assinou os documentos oficiais de rendição a bordo do *USS Missouri*.

O conselho, como muitas outras organizações do tempo de guerra, começou a perder o ritmo. Em agosto de 1945, numa reunião do comitê executivo, alguns membros insistiram em que a associação se dissolvesse imediatamente; outros acharam que haveria uma necessidade contínua por livros da ASE durante a desmobilização e que o conselho deveria continuar seu trabalho por um breve período. O Exército avaliou⁴⁹⁶ que a desmobilização de um contingente previsto de 6 milhões de homens só seria concluída em 1º de julho de 1946, ou depois. Além disso, anunciou que as forças de ocupação eram necessárias ao custo considerável de 500 mil homens na Europa, 900 mil no Pacífico e outros 600 mil para supervisionar o primeiro ano de paz. O conselho e o Departamento de Guerra decidiram que os livros da ASE ainda⁴⁹⁷ eram necessários. A produção de livros prosseguiu ao longo do primeiro semestre de 1946, num padrão de 110 mil exemplares por título; a partir de junho de 1946, a produção foi reduzida para 80 mil exemplares por título a cada mês.

Muitos editores demonstraram alívio ao saber que o conselho ainda não seria extinto e esperavam manter a iniciativa colaborativa de alguma nova maneira. Como William W. Norton disse em uma reunião do conselho: “Seria falta de visão⁴⁹⁸ dissolver um empreendimento cooperativo tão bem-sucedido da indústria editorial.” Norton até apoiou a ideia de criar uma “organização de livros maior em tempos de paz, para a qual o conselho poderia ajudar na criação da base”.

Em dezembro de 1945⁴⁹⁹, Philip Van Doren Stern deixou o cargo de gerente dos livros da ASE e voltou ao trabalho de período integral na editora Pocket Books. Ele foi sucedido por Stahley Thompson, que ajudou a desenhar os livros da ASE no início do projeto e tinha acabado de voltar aos Estados Unidos após concluir um período de serviço militar no *Yank*. Até aquele momento, o conselho havia previsto que a divisão dos livros da ASE seria liquidada no verão de 1946, pois o último contrato entre o conselho e o governo previa que a publicação dos livros da ASE só continuaria por mais um ano após o fim das hostilidades. No entanto, Paul E. Postell, que tinha sucedido o tenente-coronel Trautman como chefe da seção de bibliotecas do Exército, acreditava que meio milhão de homens ou mais das tropas de ocupação que permaneceriam no exterior após o verão de 1946 ainda precisariam de livros. Em geral, esses homens serviriam em unidades isoladas, que não podiam ser facilmente atendidas pelo serviço regular de bibliotecas. Thompson, recém-chegado de um período de serviço militar no exterior, insistiu que ainda havia um apetite insaciado por materiais de leitura. A guerra podia ter acabado, mas a necessidade de livros do tamanho de um bolso, não. O Exército e a Marinha esperavam que o conselho mantivesse seu trabalho por mais algum tempo.

No entanto, enquanto o Exército e a Marinha⁵⁰⁰ diminuía radicalmente de tamanho, os pedidos por novos livros também caíam. Em dezembro de 1945, o Exército avaliou que suas necessidades mensais de livros consistiam em, no máximo, 12 ou 15 livros, com uma tiragem de 20 mil exemplares por título, e a Marinha esperava assegurar cerca de 5 mil por título. Essa redução abrupta do escopo do projeto (para cerca de 15% da quantidade demandada no auge da produção dos livros da ASE) gerou problemas. Menor quantidade de livros significava preços maiores. O conselho discutiu se o Departamento de Guerra não devia simplesmente comprar edições domésticas de livros de capa mole, pois a Pocket Books e outras editoras os vendiam por apenas 25 centavos de dólar. No entanto, eram ainda muito caros em comparação com os livros da ASE, que custavam apenas 5 centavos de dólar cada um. As negociações entre Postell, Thompson e a gerência dos livros da ASE prosseguiram ao longo dos primeiros meses de 1946, com Thompson propondo algumas ideias para reduzir custos. No fim, ao adotar métodos utilizados pela Pocket Books e diminuindo as despesas de produção por meio do uso de tecnologia moderna de impressão, o conselho foi capaz de produzir tiragens de 25 mil livros ao custo de 18 centavos de dólar por exemplar. O conselho firmou um contrato com o Exército e a Marinha para produzir as séries II a TT, para distribuição de

outubro de 1946 a setembro de 1947. Utilizando a gráfica J. W. Clement Company, de Buffalo, para a impressão, os livros da ASE continuaram a ser produzidos ao ritmo de 12 títulos por mês, ou cerca de 300 mil exemplares.

Ao contrário das séries anteriores, os livros da ASE das séries II a TT assumiram a aparência dos livros de capa mole comuns; eram encadernados na lombada longa e, portanto, a altura era maior que a largura. Em vez de duas colunas de texto por página, tinham uma única coluna. Não havia mais dois tamanhos de livros da ASE; os novos livros de formato vertical tinham todos 16,5 por 11 centímetros. No entanto, algumas características permaneceram as mesmas. A capa de cada livro continuou a exibir uma imagem em miniatura da sobrecapa da edição de capa dura, a quarta capa fornecia um breve resumo do livro, e o lado interno da quarta capa informava os lançamentos do mês para os soldados.

No meio da vigência do contrato⁵⁰¹ firmado para as séries II a TT, o Exército informou ao conselho que seu orçamento fora cortado e que não poderia mais pagar pelos livros da ASE encomendados. A Marinha também enfrentou falta de recursos financeiros para o pagamento dos livros. Tanto o Exército quanto a Marinha insistiram que queriam os livros que haviam requisitado, mas o pagamento era financeiramente impossível. Em janeiro de 1947, numa reunião especial dos diretores do conselho, Malcolm Johnson, aquele que primeiro propusera a criação dos livros da ASE, sugeriu que o conselho examinasse suas finanças e determinasse se os livros ainda poderiam ser publicados. Após descobrir um fundo de recursos financeiros poupados, Johnson sugeriu que o conselho firmasse um novo contrato com o Exército e a Marinha para produzir livros até setembro de 1947 com esse fundo. Os diretores aprovaram uma resolução: o Exército e a Marinha efetuariam cada um o pagamento de 1 dólar, em troca da produção pelo conselho das séries NN a TT: um total de 1,5 milhão de exemplares. O conselho bancaria o resto da despesa.

Finalmente, em setembro de 1947, o programa dos livros da ASE chegou ao fim, quando o lote final de livros foi enviado ao Exército e à Marinha. Entre os títulos incluíam-se *The False Rider* (história de faroeste), de Max Brand; *Strikeout Story* (autobiografia), de Bob Feller; *The Moneyman* (não ficção histórica), de Thomas B. Constain; *The Harder They Fall* (romance sobre o mundo do boxe), de Budd Schulberg; e *Los Angeles Murders* (livro de suspense). O último livro da ASE a ser publicado foi *Home Country*, de Ernie Pyle, uma homenagem ao correspondente de guerra favorito dos Estados

Unidos, que acabou morto por um atirador japonês de tocaia, no Pacífico.

Ao longo da redução das suas atividades, o conselho recebeu inúmeras cartas dos soldados, que perceberam o quanto sentiriam falta da sua cota mensal de livros. De acordo com um capitão, os livros da ASE “me acompanharam nos combates⁵⁰² e, agora, na fase de ocupação. Obviamente, foram um formidável fator moral”. “Eu os estimo tanto que gostaria de tê-los em minha casa, nos meses futuros, quando eu retornar”, disse ele. O conselho respondeu que a produção havia terminado, que não sairiam novos títulos e todos os títulos tinham sido distribuídos. No entanto, os livros da ASE perduraram. Alguns soldados trouxeram um ou dois exemplares para casa, para manter como suvenires de guerra ou para futura leitura. Outros pegaram um único exemplar para trocar com os demais soldados durante a longa viagem de volta aos Estados Unidos. Aqueles militares que permaneceram no exterior como forças de ocupação acumularam pequenas coleções de livros da ASE para suas horas de lazer. Alguns livros permaneceram nas bibliotecas militares no exterior, com código de catálogo em suas lombadas e etiquetas de circulação mantidas neles. Alguns até sobreviveram tempo suficiente para atender os homens que participaram da “guerra esquecida”, ou seja, a Guerra da Coreia. Embora novos livros da ASE não fossem mais publicados, o impacto profundo que eles causaram em todos aqueles que tiveram bastante sorte de experimentá-los não desvaneceu. Quando milhões de veteranos regressaram para casa, muitos trouxeram com eles o amor à leitura, que não tinham quando partiram para a guerra.

E o governo teve mais uma boa ideia: os livros agora ajudariam os veteranos enquanto eles se preparavam para retomar sua vida como civis.

[474](#) “Minha antiga divisão”: Bill Mauldin, *Up Front*, 197.

[475](#) “O país se desvanecera”: Robert Case, “Through to Murmansk”, in *Battle: The True Stories of Combat in World War II* (Nova York: Doubleday & Company, 1965), 38.

[476](#) *Ainda em 1940*: Loss, “The Most Wonderful Thing” 867.

[477](#) *fornecia informações*: Darrell Huff e Frances Huff, *Twenty Careers of Tomorrow* (New York: Armed Services Edition, No. 1002 [1946]); atas do comitê executivo, 25 de abril de 1945, Council Records.

[478](#) *como escolher uma profissão*: William G. Campbell e James H. Bedford, *You and Your Future Job* (New York: Armed Services Edition, no. 1081 [1946]); John F. Wharton, *The Theory and Practice of Earning a Living* (Nova York: Armed Services Edition, No. 1105 [1946]).

[479](#) *A sulfanilamida, substância*: Pyle, *Here Is Your War*, 75.

[480](#) *inspirou muitos soldados*: Carta do coronel L. C. W. para Arthur Train, 29 de fevereiro de 1944, Arthur Train Correspondence 1944-1945, Archives of Charles Scribner's Sons, Author Files I, Box 181, Folder 11; Manuscripts Division, Department of Rare Books and Special Collections, Princeton University Library.

[481](#) *"morte, além de chuva"*: Carta do soldado raso G. G. para Thomas Y. Crowell, Co., 20 de setembro de 1944, Council Records.

[482](#) *folhas cortadas de embalagens de papel*: Carta de R. C. para W. W. Norton, 10 de outubro de 1944, Council Records.

[483](#) *"a campanha de bombardeio mais intensiva"*: Hanson W. Baldwin, "1,000 Plane Blows Daily Is Prospect for Japan", *New York Times*, 3 de junho de 1945.

[484](#) *B-29 norte-americanos despejavam diariamente*: Warren Moscow, "B-29's Rain Pamphlets on Japan; Surrender Talk Seen Taking Root", *New York Times*, 4 de junho de 1945.

[485](#) *"esmagará o inimigo"*: "Premier Sees War Decided in Japan", *New York Times*, 9 de junho de 1945.

[486](#) *domínio japonês sobre as Filipinas*: Lindesay Parrott, "'41 Congress Sits in the Philippines", *New York Times*, 10 de junho de 1945.

[487](#) *"Houve um clarão tremendo"*: "The War Ends", *Life* (Overseas Service ed.), 20 de agosto de 1945, p. 6.

[488](#) *Mais de 10 quilômetros quadrados*: W. H. Lawrence, "Visit to Hiroshima Proves It World's Most-Damaged City", *New York Times*, 5 de setembro de 1945.

[489](#) *"poderiam esperar uma chuva"*: "Text of Statements by Truman, Stimson, on Development of Atomic Bomb", *New York Times*, 7 de agosto de 1945.

[490](#) *"desejo norte-americano de uma conclusão precipitada"*: "Japan Keeps People in Dark on Nature of New Scourge", *New York Times*, 8 de agosto de 1945.

[491](#) *Setenta e cinco horas*: "The War Ends", *Life*, 7.

[492](#) *"usaremos a bomba atômica"*: "The President's Report", *New York Times*, 10 de agosto de 1945.

[493](#) *espera angustiante de cinco dias*: Alexander Feinberg, "All City 'Lets Go'", *New York Times*, 15 de agosto de 1945.

[494](#) *Em todo o mundo*: "Victory Reports Around the World", *Life*, 20 de agosto de 1945, 16B-16C.

[495](#) *Em 2 de setembro de 1945*: "Truman's Nephew in Crew", *New York Times*, 2 de setembro de 1945.

[496](#) *O Exército avaliou*: Joseph A. Loftus, "Says Army Speeds Discharge Rate", *New York Times*, 13 de setembro de 1945.

[497](#) *os livros da ASE ainda*: Atas do comitê executivo, 22 agosto e 12 de setembro de 1945, Council Records.

[498](#) *"Seria falta de visão"*: Atas do comitê executivo, 12 de setembro de 1945, 2, Council Records.

[499](#) *Em dezembro de 1945: Jamieson, Books for the Army*, 156.

[500](#) *No entanto, enquanto o Exército e a Marinha: Ibid.*

[501](#) *No meio da vigência do contrato: “Notice of Special Meeting of Directors of Editions for the Armed Services, Inc”*, 15 de janeiro de 1947, Malcolm Johnson Papers, coleção particular de Molly Guptill Manning.

[502](#) *“me acompanharam nos combates”*: Carta do capitão B. V. B. para o secretário do Council on Books in Wartime, 10 de janeiro de 1946, Council Records.

CAPÍTULO 11

Malditos que elevavam a média *Ensinamos aos nossos jovens*⁵⁰³ *a maneira de travar uma guerra; também devemos ensinar-lhes a maneira de levar vidas úteis e felizes em liberdade, justiça e honestidade.*

– MENSAGEM DO PRESIDENTE ROOSEVELT AO CONGRESSO, 1943

BEM ANTES DO fim da guerra, o governo norte-americano já considerava os prováveis problemas que surgiriam com a desmobilização em massa. Uma preocupação muito importante era o emprego. Era difícil compreender como haveria empregos suficientes para a força de trabalho do tempo de guerra, acrescidas dos 15 milhões de homens e mulheres (mais de 10% da população do país) que estavam voltando para os Estados Unidos depois da conclusão do serviço militar. As autoridades se afligiam com as “consequências políticas⁵⁰⁴ do desemprego em massa, quando bandos de jovens, versados em armas de fogo, começariam a perambular pelas ruas, furiosos com sua incapacidade de recuperar pontos de apoio no mundo civilizado”. Outra preocupação no front doméstico era que os veteranos voltariam para casa com todos os tipos de problemas psicológicos: 2,5 milhões de indivíduos foram dispensados do serviço militar por causa de distúrbios psicológicos. A erradicação de casos de inaptações dos soldados era considerada uma questão premente de segurança nacional⁵⁰⁵. No mínimo, não fazia nenhum bem aos soldados quando ouviam que estavam sendo comparados a assassinos “psicopatas” no país. De acordo com um veterano, “essa tendência prevalecente⁵⁰⁶ de considerar um homem que usou um uniforme militar como um possível lunático criminoso é provavelmente a fase mais deprimente do retorno para casa e dos pensamentos caseiros de um veterano”.

Os soldados sofriam suas próprias ansiedades. O departamento de pesquisa do Exército realizou estudos que revelaram que inúmeros soldados achavam

que teriam “dificuldade em se estabelecer, superar a inquietação, adaptar-se a um emprego fixo, ou superar os efeitos mentais da guerra”. Outros temiam que não se ajustariam facilmente à vida como civis ou que se sentiriam estranhos em relação aos amigos e à família. Aqueles que se lembravam muito bem dos efeitos duradouros da Grande Depressão quando ingressaram no serviço militar perguntavam-se se haveria falta de empregos após regressarem para os Estados Unidos. O departamento de pesquisa descobriu que alguns soldados previam “um futuro de escavação de fossos⁵⁰⁷ e filas de mendigos para receber alimento gratuito”; outros vaticinavam que o país cairia em outra depressão econômica, e outros ainda imaginavam um exército de 11 milhões de vendedores de maçãs batendo pernas para ganhar a vida no pós-guerra.

A preocupação acerca de como a economia doméstica absorveria o incrível influxo de veteranos já havia sido fonte de discussões e controvérsias mesmo antes da rendição do Japão. Um pequeno escândalo irrompeu em torno de uma declaração muito divulgada do general de divisão Lewis B. Hershey, diretor nacional do Serviço Militar Obrigatório, que, em 1944, afirmou que seria “mais barato manter⁵⁰⁸ homens no Exército do que... criar uma agência para tomar conta deles depois que fossem dispensados”. Hershey acrescentou que a economia talvez não fosse capaz de absorver tanto os 11 milhões de homens que serviam nas Forças Armadas quanto os 17 a 18 milhões de norte-americanos que ingressaram no mercado de trabalho para atender à indústria bélica. As declarações de Hershey, que milhões de soldados leram em *Yank*, provocaram grande reação emocional. “Esse plano seria bastante factível⁵⁰⁹ se dissesse respeito a um rebanho bovino”, comentou o sargento Louis Doyle, pois o gado “pode, sem dúvida, ser mantido de modo mais barato como grupo do que com algum grau de liberdade... Porém, gostaria de lembrar aos oficiais de Washington que somos seres humanos, e não gado, e reivindicamos o direito de retornar à sociedade que estamos, no momento, tentando preservar usando todo o nosso esforço”. O governo rejeitou o ponto de vista de Hershey; em vez disso, concentrou-se na preparação das diversas necessidades dos soldados de regresso.

O presidente Roosevelt lançou o *New Deal* para ajudar os Estados Unidos a sair da Grande Depressão. Durante a guerra⁵¹⁰ ele defendeu uma legislação que beneficiasse os veteranos de regresso. Já em 1943, Roosevelt apelou para que o Congresso elaborasse um projeto de lei que assegurasse que membros das Forças Armadas com baixa honrosa voltariam para casa com a promessa de que poderiam cursar o ensino superior ou obter formação profissional às custas

do governo. “Durante a guerra, vimos que eles receberam o melhor treinamento, os melhores equipamentos, a melhor comida, a melhor atenção médica, o melhor abrigo, a melhor proteção, o melhor cuidado, que o planejamento, a inventividade, os recursos físicos e o dinheiro podem fornecer em tempo de guerra”, afirmou Roosevelt, numa mensagem ao Congresso, em 1943. Da mesma forma, ele acreditava que o país tinha a obrigação de fornecer aos seus veteranos o melhor de todos os treinamentos e equipamentos após a guerra.

Roosevelt antevia uma lei que forneceria a cada homem uma recompensa financeira após a desmobilização, dinheiro que os supriria enquanto procuravam emprego e se readaptavam à vida civil. Como alguns membros das Forças Armadas talvez não encontrassem emprego imediatamente, Roosevelt recomendou os benefícios do seguro-desemprego até que eles pudessem ser absorvidos pelo setor privado. Alguns homens e mulheres tinham interrompido sua formação para servir o país, e o presidente Roosevelt pediu ao Congresso que desse aos veteranos a oportunidade de cursar o ensino superior ou requerer formação técnica, após sua dispensa, às custas do governo. Além disso, Roosevelt quis que o Congresso agisse sem demora. Ele afirmou: “Nada seria mais⁵¹¹ útil para a manutenção do moral alto de nossas tropas do que tomar conhecimento de que providências já estão sendo tomadas agora para lhes dar educação e formação técnica após o fim da guerra.”

Na época em que o presidente Roosevelt anunciou esses objetivos, o ensino superior estava, em grande medida, fora do alcance e da realidade da maioria das famílias da classe trabalhadora. Colocar um diploma de curso superior ao alcance de cada veterano habilitado era extraordinário. Em 1940, o trabalhador médio⁵¹² ganhava menos de 1.000 dólares por ano, e o custo anual do ensino superior ficava entre 453 dólares nas universidades estaduais e 979 dólares nas universidades privadas. De acordo com o plano de Roosevelt, a educação superior seria fornecida independentemente da classe social ou condição financeira pela primeira vez na história norte-americana. A democratização da educação para os veteranos era uma conclusão muito pertinente para uma guerra travada em nome da democracia e da liberdade.

A American Legion, organização de veteranos, assumiu a tarefa de elaborar um projeto de lei que contemplasse a visão do presidente Roosevelt. Após meses de discussões, o projeto de lei de ajuda aos veteranos, que se tornou o *Serviceman’s Readjustment Act of 1944* (Lei de Readaptação dos Membros das Forças Armadas de 1944), foi apresentado ao Congresso. Acreditando que esse

título continha “todo o sexo político⁵¹³ de uma mula castrada”, o diretor de publicidade da Legion incitou que a lei fosse chamada simplesmente de *GI Bill of Rights* (Declaração de Direitos do GI). Esse nome mais fácil de lembrar pegou. A GI Bill prometia aos membros de ambos os sexos do Exército e da Marinha acesso aos benefícios da orientação profissional, do seguro-desemprego e aos relativos à invalidez; acesso aos empréstimos com juros baixos para aquisição de moradias e negócios; e acesso a dois anos de curso superior ou formação profissional. Depois que o projeto de lei foi aprovado por unanimidade na Câmara e no Senado, o presidente Roosevelt organizou uma cerimônia pública, em 22 de junho de 1944, para celebrar sua sanção. De acordo com Roosevelt, a *GI Bill* deu “um aviso enfático⁵¹⁴ aos homens e mulheres de nossas Forças Armadas de que o povo norte-americano não pretende desapontá-los”.

Embora os políticos acreditassem que os veteranos tirariam proveito de maneira entusiasmada do arsenal de benefícios previstos pela *GI Bill*, a lei, ao menos a priori, não foi aproveitada plenamente. Embora as autoridades ficassem aliviadas com o fato de que os veteranos não precisaram recorrer ao escopo completo dos benefícios do seguro-desemprego, ficaram desanimados com o aparente fracasso da provisão de educação da *GI Bill*. Em 1º de fevereiro de 1945⁵¹⁵, apenas 12.844 do 1,5 milhão que foram dispensados do serviço militar – ou seja, menos de 1 por cento – procuraram alguma formação educacional. Dizer que os oficiais do Exército ficaram decepcionados foi “a meia verdade da década⁵¹⁶”. A *Saturday Evening Post* investigou, concluindo que o soldado médio “não tinha paciência⁵¹⁷ para livros; ele está ficando cada vez mais farto de arregimentação”. Os homens preferiam conseguir um emprego a obter educação”, afirmou a revista.

A *Saturday Evening Post* estava equivocada. No exterior, os soldados estavam ávidos para se matricular no ensino gratuito, mas muitos simplesmente não se qualificavam para isso. A disposição mais problemática da lei era a exigência de idade: apenas aqueles de menos de 25 anos podiam receber mais de um ano de educação. Milhares de membros das Forças Armadas foram excluídos automaticamente. “Preferia que a lei⁵¹⁸ não tivesse sido aprovada”, disse um soldado de mais de 25 anos. “As supostas garantias da generosidade do nosso país constantemente ressoavam em nossos ouvidos... tornavam-se repugnantes depois de um tempo, quando percebíamos os efeitos reais (e débeis) que a lei terá.”

O governo federal tomou conhecimento tanto do baixo número de pedidos de

matrícula quanto das reclamações a respeito da exclusão pela lei de grande quantidade de veteranos que queriam formação educacional. No final de 1945, com a guerra finalmente terminada, o Congresso aprimorou a lei⁵¹⁹ de forma significativa. O período máximo de tempo de estudo pago pelo governo passou de dois para quatro anos, as restrições que impediam a facilidade de os soldados se qualificarem para a formação educacional foram abolidas, e as ajudas de custo aumentadas para ajudar no pagamento das despesas além da mensalidade universitária, como mantimentos, moradia e livros. A limitação dos 25 anos, que excluía os veteranos mais velhos, foi revogada. Além disso, os homens receberam mais tempo para começar e concluir sua formação educacional; antes das alterações, havia um limite de sete anos para terminar a vida escolar, mas, após as alterações, esse período foi estendido para nove anos. Diversos folhetos foram produzidos para ajudar a divulgar, em termos fáceis de entender, os benefícios que os soldados poderiam esperar quando voltassem para casa. Cada membro das Forças Armadas recebeu um livreto do tamanho de um bolso⁵²⁰ – similar a um livro-padrão da ASE – intitulado *Going Back to Civilian Life*. Ele fornecia informações a respeito dos lugares onde os veteranos poderiam procurar ajuda para solucionar problemas pessoais resultantes do afastamento do serviço militar, e como poderiam ser realocados num antigo emprego, conseguir um novo emprego, ou trabalhar para o governo. O livreto também fornecia uma explicação geral sobre a *GI Bill*, incluindo informações sobre formação educacional, seguro-desemprego e direito dos veteranos a empréstimos para aquisição de moradias ou abertura de negócios.

De novo, os bibliotecários começaram⁵²¹ a agir, e as bibliotecas domésticas entraram em sua própria fase de readaptação. Da mesma forma que os bibliotecários prepararam e educaram seus usuários quando os Estados Unidos fizeram a transição para um país em guerra (ajudando com tudo, desde quais plantas cresceriam melhor numa horta familiar ou comunitária até a criação de listas de leitura dos livros que promoveriam compreensão do motivo pelo qual o mundo estava em guerra), eles ajudaram o país quando este se desmobilizou. Diversos bibliotecários desenvolveram programas, com a cooperação da Administração de Veteranos e da Cruz Vermelha, para auxiliar os veteranos a aprender mais acerca da *GI Bill*. Os bibliotecários davam conselhos a respeito de tudo, desde recolocação e reabilitação profissional até como um veterano podia conseguir um empréstimo, um seguro ou uma formação educacional. Algumas bibliotecas passavam filmes sobre readaptação e organizavam noites

de cinema. Diversas bibliotecas criaram listas de leitura, que destacavam livros que podiam ajudar famílias a lidar com os problemas trazidos pela desmobilização. Outras bibliotecas ainda ofereciam serviços de orientação, para auxiliar os veteranos a se inscrever nos benefícios oferecidos, e dar informações a respeito de que programas podiam interessá-los.

Entre agosto de 1945⁵²² e janeiro de 1946, 5,4 milhões de norte-americanos que serviram no Exército e na Marinha foram dispensados do serviço. Quando esses veteranos ficaram sabendo dos benefícios disponíveis de acordo com a *GI Bill* emendada, afluíram em massa⁵²³ para se matricular no ensino superior. Em 1948, as matrículas alcançaram seu auge, com 900 mil veteranos se matriculando. Ao longo de⁵²⁴ nove anos, cerca de 7,8 milhões de veteranos procuraram formação acadêmica ou profissional de acordo com a *GI Bill*, com um total de 2,2 milhões se matriculando em cursos de nível superior. De 1947 a 1948, nos Estados Unidos, 50% dos alunos do ensino superior eram veteranos, e a quantidade total de alunos em faculdades e universidades era maior do que em qualquer época anterior. Embora alguns críticos iniciais acreditassem que os veteranos não queriam estudar, não tinham interesse em ler livros, e estavam inclinados a procurar emprego em vez de formação educacional, os veteranos rapidamente adquiriram a reputação de estudantes sérios e maduros; eles frequentavam as aulas, anotavam as matérias meticulosamente, estudavam muito e tiravam notas altas. Os estudantes não veteranos começaram a se ressentir de ter veteranos em suas turmas, pois as altas notas dos ex-soldados causavam estragos na média geral de notas. Os estudantes civis da Universidade da Califórnia começaram a se referir aos estudantes veteranos pela abreviatura DARs (*Damned Average Raisers*⁵²⁵, ou seja, malditos que elevavam a média). “São livros, livros, livros, o tempo todo”, disse um estudante exasperado da Lehigh University, da Pensilvânia, sobre os colegas de classe veteranos. “Eles estudam tanto que temos de ralar muito para não ficar atrás deles.”

Em todo o país, os veteranos superavam em desempenho as expectativas das faculdades. Eles tinham menores taxas de evasão escolar do que os estudantes não veteranos e apresentavam uma ética de trabalho que surpreendia muitos docentes. Como um professor afirmou, os veteranos tinham “uma qualidade inestimável⁵²⁶, que é a resposta a todas as súplicas do professor: eles querem aprender”. Os veteranos não só demonstravam entusiasmo pelas aulas, como também buscavam cursos que exigiam afincos nos estudos, “tendendo

principalmente para administração de empresas, e, na sequência, para campos profissionais como direito, medicina, odontologia e magistério, e depois, em números quase iguais, para engenharia, arquitetura, ciências da natureza, humanidades e ciências sociais. Mesmo opositores iniciais da *GI Bill* foram forçados a admitir que os veteranos se tornaram estudantes excelentes. James Bryant Conant, reitor de Harvard, maravilhou-se com a qualidade dos estudantes que ingressaram nas universidades por meio da *GI Bill*. Em 1946, ele declarou que a legislação era “um sinal encorajador⁵²⁷ de que o processo democrático de mobilidade social está em ação de maneira vigorosa, rompendo as barreiras de classe, que, mesmo nos Estados Unidos, tendiam a manter a educação superior como um privilégio de poucos”. Inúmeros veteranos agradecidos reconheceram abertamente que a *GI Bill* tinha mudado a vida deles.

Infelizmente, nem todos os veteranos tiveram acesso igual a uma formação educacional, mesmo segundo as emendas da *GI Bill*. Embora nenhuma disposição legal impedisse os afro-americanos e as veteranas de obter formação educacional de acordo com a lei, esses homens e mulheres voltaram para um país que ainda endossava escolas segregadas e acreditava em grande medida que o lugar da mulher era em casa. Para os veteranos afro-americanos, as oportunidades educacionais eram limitadas. Segundo o historiador Christopher P. Loss, “a segregação legalizada negava⁵²⁸ à maioria dos veteranos negros o ingresso na elite do país, que está predominantemente em universidades de brancos, e a capacidade insuficiente das escolas só de negros que eles podiam frequentar não conseguia corresponder à demanda dos veteranos negros”. Entre 1940 e 1950, o número de estudantes afro-americanos nas faculdades e universidades norte-americanas triplicou, mas muitos possíveis estudantes eram rejeitados por causa da etnia. Para aqueles afro-americanos que conseguiam um diploma universitário de acordo com a *GI Bill*, a discriminação no mercado de trabalho os impedia de obter empregos condizentes com sua formação. Muitos afro-americanos graduados na faculdade recebiam ofertas de empregos de baixo escalão, que eles poderiam obter sem nenhuma formação acadêmica. Quase uma década se passou entre o Dia da Vitória sobre o Japão e a decisão histórica da Suprema Corte do caso *Brown v. Board of Education*, que acabou com as escolas segregadas. Levaria ainda outra década para que o movimento dos direitos civis fizesse progressos significativos na integração.

Quanto às veteranas, as pressões sociais fizeram muitas mulheres abdicar das oportunidades educacionais e de outras oportunidades previstas pela *GI Bill*,

para se dedicarem a cumprir um papel doméstico tradicional. As autoridades e os sindicatos trabalhistas, que encorajaram resolutamente as mulheres a preencher cargos na indústria bélica enquanto milhões de homens serviam no exterior, mudaram de posição depois da guerra. Enfrentando um movimento que defendia “a volta para a cozinha⁵²⁹”, as mulheres foram instadas a deixar o mercado de trabalho para dar lugar aos veteranos. Surgiam barreiras à medida que os empregadores favoreciam os homens para preencher cargos. Nessas circunstâncias, para as mulheres, assim como para os afro-americanos, a possibilidade de obter formação educacional de acordo com a *GI Bill* representava pouca chance de usar plenamente o diploma universitário. Levaria tempo para as autoridades descobrirem que os veteranos podiam ser absorvidos pelo mercado de trabalho sem levar a economia interna a uma crise. E levaria até os anos 1970 para que a educação superior se tornasse completamente inclusiva.

Se não fosse pelas montanhas de livros que foram enviadas aos campos de treinamento e às unidades no exterior durante a guerra, muitos homens jamais teriam desenvolvido o interesse pela leitura, pelo estudo ou pela retomada de sua formação. Graças ao formato de livro desenvolvido pelo conselho para as tropas e às seleções cuidadosas das cotas de leitura de cada mês, os livros se tornaram um prazer irresistível, até para aqueles que evitavam os livros antes da guerra. Mesmo a *New Republic*, que manifestara dúvidas acerca do programa de livros da ASE em 1943, observou em 1945: “Se os livros da ‘Editions for the Armed Services’⁵³⁰ não fizessem mais do que oferecer bom material de leitura, e muito do mesmo, para aqueles que já tinham o hábito quando ingressaram no Exército, seria uma iniciativa correta e útil. Na realidade, no entanto, foi muito além disso; eles ensinaram literalmente milhões de norte-americanos a ler livros, muitos deles bons livros, pessoas que jamais leram algo além de jornais, e, neles, principalmente, as histórias em quadrinhos.” O conselho e a Victory Book Campaign foram responsáveis por mostrar aos soldados que eles podiam se desenvolver lendo um livro e estudando depois da guerra. Na primavera de 1945, o *New York Post* alardeou que os Estados Unidos tinham “o melhor Exército letrado⁵³¹ do mundo”.

Muitos autores dos livros da ASE testemunharam pessoalmente o impacto do programa no pós-guerra. Wallace Stegner, autor de *The Big Rock Candy Mountain*, recorda a grande quantidade de estudantes soldados que se matricularem nos seus cursos da Universidade de Stanford. “Descobri que

muitos deles⁵³² leram o N-32 no teatro do Pacífico sul ou da Europa.” Ele manteve a humildade diante do fato de que tantos homens tivessem lido seu livro durante a guerra. “O livro gerou um vínculo entre nós”, disse ele. “Fez com que eles sentissem certa confiança em mim, e fez com que eu sentisse muito respeito por eles.” Outros autores mantiveram correspondência com os veteranos e eram atualizados a respeito do progresso deles após a guerra. Helen MacInnes, autora de *While Still We Live*, jamais se esqueceu de um jovem soldado que insistiu que o livro dela “fez com que ele gostasse de literatura”. Esse rapaz começou a ler constantemente e desenvolveu o interesse em cursar a faculdade depois da guerra. Anos depois, quando ele concluiu sua tese de doutorado, enviou uma cópia para MacInnes, pois ele a dedicara a ela: “À escritora do romance que me fez começar a ler.”

Na época que essa geração de veteranos voltou para casa, muitos já tinham lido Platão, Shakespeare e Dickens nas linhas de frente. Outros haviam lido livros de história, administração, matemática, ciências, jornalismo e direito. Quando encararam a oportunidade de obter um diploma universitário, esses homens já tinham provado que podiam investir suas energias numa atividade tão especializada quanto leitura e ter sucesso. Afinal, se eles podiam ler e aprender entocados numa trincheira, entre explosões de bombas, certamente tinham condições de enfrentar um curso universitário numa sala de aula.

Da mesma forma que a *GI Bill* concedeu a todos os veteranos acesso à educação superior, independentemente de classe social e condição financeira, os livros passaram pela mesma democratização durante a guerra, graças à revolução do livro de capa mole. Antes da guerra⁵³³, a Pocket Books e a Penguin Books eram as únicas editoras que atuavam no mercado desse tipo de livro. No fim da guerra, existiam outras, como Avon, Popular Library, Dell, Bantam, Ballantine Books, New American Library *etc.* Essas editoras publicavam clássicos, bem como ficção moderna e não ficção. Quando mais editoras seguiram o exemplo, as vendas dispararam, de 40 milhões de exemplares, em 1943, para 95 milhões, em 1947. Em 1952, as vendas alcançaram 270 milhões de exemplares e, em 1959, as vendas dos livros de capa mole superaram as dos livros de capa dura pela primeira vez na história da indústria editorial norte-americana. Os livros de capa mole já não eram mantidos isolados em drogarias e lojas de preço fixo de cinco e dez centavos de dólar. Eram vendidos em todos os lugares, desde livrarias tradicionais até bancas de jornais, lojas, tabacarias e estações de trem. Os membros das Forças

Armadas já não teriam as edições da Armed Services Editions, mas o florescente negócio dos livros de capa mole assegurava que eles teriam uma oferta ilimitada desse produto.

[503](#) “*Ensinamos aos nossos jovens*”: H. Doc. No. 344, House of Representatives, 78th Con., 1st Sess. (December 13, 1943), 5, “Message from the President of the United States Transmitting Preliminary Report of the Armed Forces Committee on Post-War Educational Opportunities for Service Personnel”, de 27 de outubro de 1943.

[504](#) “*consequências políticas*”: Glenn C. Altschuler e Stuart M. Blumin, *The GI Bill* (Nova York: Oxford University Press, 2009), 43.

[505](#) *questão premente de segurança nacional*: “The Most Wonderful Thin”, 886.

[506](#) “*Essa tendência prevalecente*”: Charles G. Bolte, *The New Veteran* (Nova York: Reynal & Hitchcock, 1945), 140.

[507](#) “*um futuro de escavação de fossos*”: Loss, ““The Most Wonderful Thing”” 887.

[508](#) “*mais barato manter*”: “Hershey Sees a Million or Two Out of Armed Forces After Reich Falls”, *New York Times*, 22 de agosto de 1944.

[509](#) “*Esse plano seria bastante factível*”: “Replies to General Hershey”, *Yank, the Army Weekly* (British ed.), 10 de setembro de 1944, p. 19.

[510](#) “*Durante a guerra*”: H. Doc. No. 361, House of Representatives, 78th Con., 1st Sess., “Message from the President of the United States Transmitting a Request for Passage of Legislation to Grant to All Veterans of Our Armed Forces Mustering-Out Pay, A Uniform System of Allowances for Unemployed Veterans; Also Legislation to Amend the Federal Old-Age Survivors’ Insurance Law to Include All Veterans of the Present War”, 23 de novembro de 1943.

[511](#) “*Nada seria mais*”: H. Doc. No. 344, House of Representatives, 78th Con., 1st Sess., “Message from the President of the United States Transmitting Preliminary Report of the Armed Forces Committee”.

[512](#) *Em 1940, o trabalhador médio*: Goodwin, *No Ordinary Time*, 513.

[513](#) “*o sexo político*”: Altschuler e Blumin, *The GI Bill*, 54, 60.

[514](#) “*um aviso enfático*”: Cong. Rec. Sen. Vol. 153, Pt. 17, at 24453 (September 17, 2007) (mencionando Roosevelt).

[515](#) *Em 1º de fevereiro de 1945*: Stanley Frank, “The G.I.’s Reject Education”, *Saturday Evening Post*, 18 de agosto de 1945, p. 20.

[516](#) “*a meia verdade da década*”: Altschuler e Blumin, *The GI Bill*, 78.

[517](#) “*não tinha paciência*”: Frank, “The G.I.’s Reject Education”, 20, 101-2.

[518](#) “*Preferia que a lei*”: Soldado raso G. H., “Bill of Rights”, in “Mail Call”, *Yank, the Army Weekly*

(British ed.), 18 de fevereiro de 1945, pp. 18-19.

[519](#) *o Congresso aprimorou a lei: “Discharged Veterans”*, *Monthly Labor Review* 62, no. 4 (April 1946), 595.

[520](#) *livreto do tamanho de um bolso: Going Back to Civilian Life*, WD Pamphlet 21-4 (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1945).

[521](#) *De novo, os bibliotecários começaram: Margaret Fulmer, “For the Returning Service Man”*, *American Library Association Bulletin* 39, no. 6 (June 1945), 197-200.

[522](#) *Entre agosto de 1945: Altschuler e Blumin, The GI Bill*, 83, 95.

[523](#) *afluíram em massa: Suzanne Mettler, Soldiers to Citizens* (Nova York: Oxford University Press, 2005), 62.

[524](#) *Ao longo de: Loss, “The Most Wonderful Thing”* 887, 889.

[525](#) *Damned Average Raisers: Altschuler e Blumin, The GI Bill*, 95.

[526](#) *“uma qualidade inestimável”*: Mettler, *Soldiers to Citizens*, 71.

[527](#) *“um sinal encorajador”*: Altschuler e Blumin, *The GI Bill*, 95.

[528](#) *“A segregação legalizada negava”*: Loss, *“The Most Wonderful Thing”* 889.

[529](#) *“a volta para a cozinha”*: Mettler, *Soldiers to Citizens*, 147-48.

[530](#) *“Se os livros da ‘Editions for the Armed Services’”*: Bruce Bliven, *“Books for Soldiers”*, *New Republic*, 9 de abril de 1945.

[531](#) *“o melhor Exército letrado”*: Clip Boutell, *“Authors Are Like People”*, *New York Post*, 19 de abril de 1945.

[532](#) *“Descobri que muitos deles”*: *“Armed Services Editions Excerpts from Letters Received by the Center for the Book from Authors”*, Library of Congress.

[533](#) *Antes da guerra: David Paul Nord, Joan Shelley Rubin e Michael Schudson, eds., A History of the Book in America*, vol. 5 (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2009), 42-45.

EPÍLOGO

ATUALMENTE, UM MEMORIAL instalado na Bebelplatz, em Berlim, relembra a queima de livros realizada pelos nazistas em 1933. Fixada nas pedras da pavimentação da praça, há uma placa de vidro sobre uma sala subterrânea repleta de estantes de livros vazias. Os visitantes podem olhar para baixo e avaliar as dezenas de milhares de exemplares que foram destruídos naquela praça por causa das ideias contidas neles. Nos Estados Unidos, nenhum monumento similar foi construído para celebrar a quantidade de livros coletados e produzidos para combater a guerra de ideias dos nazistas. Talvez este livro possa servir como um memorial para essas iniciativas.

Os livros sempre abrigaram os pensamentos e as ideias mais poderosas do mundo. Mas só na Segunda Guerra Mundial é que esses repositórios de conhecimento foram remodelados e transformados em indômitas armas de guerra. Por um lado, *Mein Kampf* difundiu a ideologia e a propaganda nazista, o ódio e a devastação. Por outro, livros difundiram ideias a despeito de sua própria destruição, estimularam o pensamento acerca dos termos de uma paz duradoura e construíram a compreensão. Enquanto Hitler travava a guerra total, os Estados Unidos responderam não só com homens e balas, mas também com livros. Não obstante os diversos avanços da guerra moderna – desde aviões até a bomba atômica –, os livros provaram ser uma das armas mais formidáveis entre todas elas.

Segundo as estimativas, mais de 100 milhões⁵³⁴ de livros pereceram ao longo da guerra. Esse número inclui livros que foram destruídos por ataques aéreos e bombas, e também por queima. Por meio das iniciativas do Conselho sobre Livros em Tempo de Guerra, mais de 123 milhões de livros da Armed Services Editions foram publicados. A Victory Book Campaign adicionou 18 milhões de livros doados ao número total distribuído às tropas norte-americanas. Mais livros foram dados às Forças Armadas norte-americanas do que a quantidade de livros destruídos por Hitler.

[534](#) *mais de 100 milhões*: Jonathan Rose, *The Holocaust and the Book* (Amherst: University of Massachusetts Press, 2001), 1.

AGRADECIMENTOS

Descobri os livros da Armed Services Editions enquanto examinava os arquivos da editora Charles Scribner's Sons, numa pesquisa para o meu primeiro livro. Ali, encontrei inúmeras cartas de membros das Forças Armadas enviando seus sinceros agradecimentos à editora por sua participação no Conselho sobre Livros em Tempo de Guerra e pelo fornecimento de livros gratuitos para iluminar seus dias na guerra. Imediatamente, fiquei intrigada e fascinada com aquelas cartas, e ansiosa para aprender mais sobre aqueles livros de formato menor. Foi uma descoberta fortuita. Contar a história de como os livros ajudaram os Aliados a ganhar a Segunda Guerra Mundial se tornou uma paixão para mim.

Tive a grande felicidade de contar com a ajuda e o apoio de um grupo maravilhoso de pessoas ao longo do caminho. Escrever um livro é uma tarefa insana, e agradeço a muitos familiares que me encorajaram durante anos, em especial minha mãe, Nancy Anne Guptill, uma fonte constante de apoio. Ela foi um exemplo fora do comum, e sou abençoada por tê-la como referência. Meu marido, Christopher Manning, ajudou-me com ideias, revisou as primeiras versões e acreditou neste livro tanto quanto eu. Sou grata por sua paciência, gentileza e capacidade de saber quando eu precisava de uma dose de incentivo. Tenho sorte de ser casada com ele.

Ilana Drescher e John Mulvaney, meus talentosos colegas, leram diversas versões do original e deram muitos conselhos e ideias de como fazer a história brilhar. Ilana, seu entusiasmo e suas observações pungentes foram muito úteis, e apreciei suas sugestões maravilhosas. John, seus conselhos acertaram na mosca, e nossos almoços discutindo livro foram um ponto alto para mim; seu entusiasmo pelo assunto foi contagiante e suas cuidadosas revisões, bastante úteis.

Minha gratidão especial ao professor Richard Hamm, professor favorito da faculdade, orientador da tese e amigo. Mais de uma década atrás, ele ajudou a selar meu amor pela história na sala de aula, e continuo a aprender com ele hoje. Não há palavras para descrever o quanto aprecio seus conselhos e suas sugestões inestimáveis. Sou muito grata pela ajuda que ele me deu e por seu

estímulo ao longo do processo de criação do livro.

Brian Anderson, especialista em livros da ASE, também me ajudou muito. Não tinha certeza se alguém podia amar os livros da ASE tanto quanto eu, e, então, conheci Brian. Aprendi muito com ele, e apreciei profundamente nossas discussões sobre os livros da ASE e muitas outras inovações da indústria editorial durante a Segunda Guerra Mundial. Agradeço-lhe muitíssimo sua revisão cuidadosa do meu original, sua visão editorial aguçada e suas ideias maravilhosas. Apreciei sobretudo sua capacidade de acrescentar humor em seus comentários à margem. Jamais ri tanto durante a leitura de uma prova alterada.

Um grupo de pesquisadores fantásticos auxiliou na localização de fontes primárias, e sou muito grata pela colaboração deles. Amanda Lawrence me ajudou a entender a personalidade e o humor de Althea Warren graças à sua cuidadosa análise dos Althea Warren Papers, na Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign. Maryellen Tinsley descobriu algumas das minhas cartas favoritas dos soldados nos Betty Smith Papers, na Wilson Library, na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill. E Peggy Ann Brown achou a agulha no palheiro que eu estava procurando nos papéis de Katherine Anne Porter, na Universidade de Maryland, em College Park. Em relação às fontes primárias, também tenho de agradecer a James Dourgarian, o estudioso perfeito, pela localização de documentos e livros da ASE de que precisei para este livro.

Quando achei que o original estava pronto, tive a felicidade de trabalhar com E. J. McCarthy, agente notável. Não tenho palavras para lhe agradecer por ser tão apaixonado por este livro. Tive a felicidade de ter tido sua orientação ao longo do processo de edição e recebi sugestões e conselhos excelentes. Suas revisões meticulosas e seu profundo conhecimento da Segunda Guerra Mundial foram muito úteis. Foi uma alegria imensa trabalhar com ele, e espero que seja o início de uma longa amizade e parceria literária.

Quando conversei pela primeira vez com Bruce Nichols, da Houghton Mifflin Harcourt, soube que meu livro tinha pousado nas mãos certas. Ele deu a impressão de saber exatamente o que eu queria que este livro fosse, e me muito obrigada por suas revisões cuidadosas e ideias inspiradas. Bruce refinou e poliu o original, transformando-o no livro que é hoje. Foi um verdadeiro prazer trabalhar com ele. Também desejo agradecer a Ben Hyman, da Houghton Mifflin Harcourt, por sua disposição de responder às minhas muitas perguntas sobre o processo de edição e por me guiar para cada vez mais perto

da publicação. Também sou grata a Melissa Dobson, que fez a preparação cuidadosa dos meus originais.

APÊNDICE A **Autores proibidos** *Os autores relacionados a seguir, em ordem aleatória, representam uma fração dos dez mil que tiveram seus livros proibidos na Alemanha e em todos os países ocupados pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial.*

Ernest Hemingway

Walter Rathenau
Émile Zola

Thomas Mann

Michael Gold

Helen Keller

Lion Feuchtwanger

Arthur Schnitzler

Heinrich Heine
Émile Vandervelde
Leon Trótski

Karl Marx

Ernst Toller

Henri Barbusse

Georges Duhamel
David Lloyd George Alfred Döblin
Walter Hasenclever Alfred Schirokauer John Dos Passos
H. R. Knickerbocker Nevile Henderson

Arthur Eloesser

Joseph Kallinikov

Ludwig Renn

Kurt Tucholsky

Joseph Roth

Erich Muhsam

Carl Einstein

Rudolf Olden

Arthur Holitscher

Leonhard Frank
Albrecht Schaeffer Hermann Broch

Erika Mann

Bruno Frank

Rudolf Leonhard

Alfred Neumann

Georg Bernhard

Ernst Bloch

Kurt Kersten

Bodo Uhse

Adam Scharrer

Annette Kolb

Erich Weinert

Georg Hermann

Maria Leitner

Franz Weiskopf
Max Raphaël

Bruno Frei

Paul Zech

Heinz Pol

Max Osborn

Sigrid Undset

Franz Werfel

August Bebel

Gina Kaus

Karel Capek

Otto Strasser
H. G. Wells
Maxim Górkí

Alfred Kerr

Heinrich Mann

Stephen Zweig
C. G. Jung

Jakob Wassermann

Albert Einstein

Arnold Zweig

Theodore Dreiser

John Gunther
G. K. Chesterton

Albert Ehrenstein
Heinrich Eduard Jacob Ernst Ottwalt

Upton Sinclair

John Reed

Max Brod

Jaroslav Hašek

Richard Beer-Hofmann Anatoly Lunacharsky Karl Tschuppik

Werner Hegemann

Franz Hessel

Walter Benjamin

Robert Musil

Anna Seghers

Carl Zuckmayer

Alfred Polgar

Arthur Koestler

Klaus Mann
Alfred Wolfenstein Martin Gumpert

Willi Bredel
O. M. Graf

Julius Hay
Fritz Brügel

Hans Sahl

Georg Kaiser

Franz Blei

Leo Lania

Gustav Regler

Wilhelm Herzog

Carl Sternheim

Paul Tillich
Karin Michaëlis

Jules Romains
Geneviève Tabouis

Romain Rolland
Jean-Jacques Rousseau Konrad Heiden

Sholem Asch

Voltaire

Sigmund Freud

Jack London

Benedict Spinoza

Ignazio Silone

Emil Ludwig
Erich Maria Remarque André Malraux

Louis Fischer

Bertolt Brecht

Egon Kisch

Theodore Plievier

Ludwig Renn

Louis Aragon

Vicki Baum

Winston Churchill

Ilya Ehrenburg

Kurt Pinthus

Paul Levy

Otto Bauer
Carl von Ossietzky Theodor Lessing

Ernst Weiss
René Schickele
Hellmut von Gerlach Alfons Goldschmidt Fritz von Unruh

Paul Stefan

Walter Mehring

Balder Olden

Hans Siemsen

Theodor Wolff
Johannes R. Becher Paul Westheim

Hans Marchwiza
Alfred Kantorowicz Friedrich Wolf

Maria Gleit
Alexander Roda Roda Hermynia Zur Mühlen Max Werner
Ferdinand Bruckner Wieland Herzfelde
Martin Andersen Nexø André Maurois
Henri de Kérillis

APÊNDICE B

Armed Services Editions Série A, setembro de 1943

A-1 Leonard Q. Ross, *The Education of Hyman Kaplan* A-2 Joseph C. Grew, *Report from Tokyo* A-3 Ogden Nash, *Good Intentions* A-4 Kathryn Forbes, *Mama's Bank Account* A-5 Robert Carse, *There Go the Ships* A-6 Rose C. Feld, *Sophie Halenczik, American* A-7 Theodore Pratt, *Mr. Winkle Goes to War* A-8 Charles Dickens, *Oliver Twist* A-9 John Steinbeck, *Tortilla Flat* A-10 John R. Tunis, *World Series* A-11 James Thurber, *My World and Welcome to it* A-12 Frank Gruber, *Peace Marshal* A-13 H. L. Mencken, *Heathen Days* A-14 C. S. Forester, *The Ship* A-15 William Saroyan, *The Human Comedy* A-16 Antoine de Saint-Exupéry, *Wind, Sand, and Stars* A-17 John Bartlett Brebner e Allan Nevins, *The Making of Modern Britain* A-18 Philip K. Hitti, *The Arabs* A-19 Howard Fast, *The Unvanquished* A-20 Albert Q. Maisel, *Miracles of Military Medicine* A-21 Herbert Agar, *A Time for Greatness* A-22 Graham Greene, *The Ministry of Fear* A-23 Max Herzberg, Merrill Paine e Austin Works, eds., *Happy Landings* A-24 Herman Melville, *Typee* A-25 Rackham Holt, *George Washington Carver* A-26 Joseph Conrad, *Lord Jim* A-27 Carl Sandburg, *Storm over the Land* A-28 Hervey Allen, *Action at Aquila* A-29 Ethel Vance, *Reprisal* A-30 Jack Goodman, *The Fireside Book of Dog Stories*

Série B, outubro de 1943

B-31 R. W. Lane, *Let the Hurricane Roar* B-32 Fred Herman, *Dynamite Cargo* B-33 Robert Frost, *Come In, and Other Poems* B-34 Edith Wharton, *Ethan Frome* B-35 Mary Lasswell, *Suds in Your Eye* B-36 Peter Field, *Fight for Powder Valley!*

B-37 Cornelia Otis Skinner e Emily Kimbrough, *Our Hearts Were Young and Gay* B-38 MacKinlay Kantor, *Gentle Annie* B-39 R. Benchley, *Benchley Beside Himself* B-40 William Sloane, *To Walk the Night* B-41 Edmund Gilligan, *The Gaunt Woman* B-42 Alan LeMay, *Winter Range* B-43 Arthur Henry Gooden, *Painted Buttes* B-44 Rosemary Taylor, *Chicken Every Sunday* B-45 P. Lowe, *Father and Glorious Descendant* B-46 H. Allen Smith, *Life in a Putty Knife Factory* B-47 Archie Binns, *Lightship* B-48 Hartzell Spence, *Get Thee Behind Me* B-49 Mary O' Hara, *My Friend Flicka* B-50 Henry C. Cassidy, *Moscow Dateline* B-51 Dorothy Macardle, *The Uninvited* B-52 Walter D. Edmonds, *Rome Haul* B-53 Struthers Burt, *Powder River* B-54 Louis Adamic, *The Native's Return* B-55 Majorie Kinnan Rawlings, *The Yearling* B-56 Stefan Heym, *Hostages* B-57 Hubert Herring, *Good Neighbors* B-58 Merrill Denison, *Klondike Mike* B-59 Marcus Goodrich, *Delilah* B-60 Peter Freuchen, *Arctic Adventure*

Série C, novembro de 1943

C-61 Alan H. Brodrick, *North Africa* C-62 Conrad Richter, *The Sea of Grass* C-63 J. H. Robinson, *The Mind in the Making* C-64 Voltaire, *Cândido* C-65 Stewart Edward White, *The Forest* C-66 Nelson C. Nye, *Pistols for Hire* C-67 Max Beerbohm, *Seven Men* C-68 Vereen Bell, *Swamp Water* C-69 Charles Courtney, *Unlocking Adventure* C-70 Booth Tarkington, *Penrod* C-71 W. H. Hudson, *Green Mansions* C-72 Clarence E. Mulford, *Hopalong Cassidy Serves a Writ* C-73 Walter Lippmann, *U.S. Foreign Policy* C-74 DuBose Heyward, *Star Spangled Virgin* C-75 J. B. Priestley, *Black-out in Gretley* C-76

Mark Twain, *As aventuras de Tom Sawyer* C-77 Stephen Vincent Benét, *Short Stories* C-78 Betty Wason, *Miracle in Hellas* C-79 Frank Meier, *Fathoms Below* C-80 Ernestine Hill, *Australian Frontier* C-81 George R. Stewart, *Storm* C-82 Gontran De Poncins, *Kabloona* C-83 Hervey Allen, *The Forest and the Fort* C-84 Herbert Quick, *The Hawkeye* C-85 J. W. Thomason, ... *And a Few Marines* C-86 John Selby, *Starbuck* C-87 Edison Marshall, *Great Smith* C-88 Esther Forbes, *Paul Revere and the World He Lived in* C-89 Manuel Komroff, *Coronet* C-90 John Steinbeck, *The Grapes of Wrath* **Série D, dezembro de 1943**

- D-91 James Hilton, *The Story of dr. Wassell* D-92 Charles Spalding e Otis Carney, *Love at First Flight* D-93 Stewart E. White, *Blazed Trail Stories* D-94 W. C. Tuttle, *Tumbling River Range* D-95 Berry Fleming, *Colonel Effingham's Raid* D-96 Martha Albrand, *Without Orders* D-97 Willa Cather, *Death Comes for the Archbishop* D-98 Conrad Richter, *The Trees* D-99 Mark Van Doren, ed., *The Night of the Summer Solstice* D-100 C. B. Kelland, *Valley of the Sun* D-101 Elizabeth Daly, *Evidence of Things Seen* D-102 Joseph Hergesheimer, *Java Head* D-103 George S. Bryan, *Mystery Ship* D-104 Gordon S. Seagrave, *Burma Surgeon* D-105 Harry Emerson Fosdick, *On Being a Real Person* D-106 Hans Zinsser, *Rats, Lice, and History* D-107 Charles Allen Smart, *R. F. D.*
- D-108 Joseph Mitchell, *McSorley's Wonderful Saloon* D-109 Bellamy Partridge, *Country Lawyer* D-110 Mark Twain, *As aventuras de Huckleberry Finn* D-111 Joseph Shearing, *Blanche Fury* D-112 Marjorie Kinnan Rawlings, *Cross Creek* D-113 A. J. Cronin, *The Keys of the Kingdom* D-114 John T. Whitaker, *We Cannot Escape History* D-115 William Wister Haines, *Slim* D-116 Martha Foley, ed., *The Best American Short Stories, 1942*
- D-117 Betty Smith, *A Tree Grows in Brooklyn* D-118 Lloyd C. Douglas, *The Robe* D-119 F. van Wyck Mason, *Rivers of Glory* D-120 John P. Marquand, *So little time* **Série E, janeiro de 1944**
- E-121 Phil Stong, *State Fair* E-122 Ralph Waldo Emerson, *Seven Essays* E-123 W. C. Tuttle, *Ghost Trails* E-124 Arthur H. Gooden, *The Range Hawk* E-125 Frank H. Spearman, *The Mountain Divide* E-126 Bertha Damon, *A Sense of Humus* E-127 Alexandre Pernikoff, *"Bushido": the Anatomy of Terror* E-128 W. Somerset Maugham, *The Moon and Sixpence* E-129 Ernest Haycox, *Saddle and Ride* E-130 Earl Derr Biggers, *Seven Keys to Baldpate* E-131 J. D. Ratcliff, ed., *Science Yearbook of 1943*
- E-132 Julian Duguid, *Green Hell* E-133 C. S. Forester, *Ship of the Line* E-134 George R. Stewart, *Ordeal by Hunger* E-135 Myron Brinig, *The Gambler Takes a Wife* E-136 Charles Grayson, ed., *Stories for Men* E-137 Daphne du Maurier, *Jamaica Inn* E-138 James Hilton, *Random Harvest* E-139 Mark Twain, *A Connecticut Yankee in King Arthur's Court* E-140 Edna Ferber, *Cimarron* E-141 Osa Johnson, *I married Adventure* E-142 Mary Ellen Chase, *Windswept* E-143 Louise R. Pierson, *Roughly speaking* E-144 Comm. Edward Ellsberg, *Hell on Ice* E-145 James T. Flexner, *Doctors on Horseback* E-146 John P. Marquand, *The Late George Apley* E-147 Stephen Crane, *Short Stories* E-148 David Lavender, *One Man's West* E-149 Walter D. Edmonds, *Drums Along the Mohawk* E-150 Henry Bellamann, *King's Row* **Série F, fevereiro de 1944**
- F-151 Donn Byrne, *Messer Marco Polo* F-152 Antoine de Saint-Exupéry, *Night Flight* F-153 Abraham Lincoln, *The Selected Writings of Abraham Lincoln* F-154 John Vandercook, *Black Majesty* F-155 Negley Farson, *Going Fishing* F-156 Eric Knight, *Lassie Come-Home* F-157 C. S. Forester, *Flying Colours* F-158 Joseph Bromley, *Clear the Tracks* F-159 H. L. Mencken, *Happy Days* F-160 William McLeod Raine, *Border Breed* F-161 William Beebe, *Jungle Peace* F-162 Bret Harte, *Selected Short Stories of Bret Harte* F-163 Clarence E. Mulford, *The Bar 20 Rides Again* F-164 Ernest Haycox, *Border Trumpet* F-165 Edna Ferber, *So Big* F-166 Beryl Markham, *West With the Night* F-167 Agnes Keith, *Land Below the Wind* F-168 Roy Chapman Andrews, *Under a Lucky Star* F-169 A. E. Hertzler, *The Horse and Buggy Doctor* F-170 Ernie Pyle, *Here is Your War* F-171 Stewart Edward White, *The*

Blazed Trail F-172 Ring Lardner, *Round up* F-173 Mari Sandoz, *Old Jules* F-174 Mark Twain, *Life on the Mississippi* F-175 Charles Lamb, *The Essays of Charles Lamb* F-176 E. B. White e K. S. White, *A Subtreasury of American Humor* F-177 Philip Guedalla, *Wellington* F-178 William McFee, *Casuals of the Sea* F-179 James Norman Hall, *Dr. Dogbody's Leg* F-180 Jack London, *O lobo do mar* **Série G, março de 1944**

G-181 Thorne Smith, *The Glorious Pool* G-182 Jack London, *Caninos brancos* G-183 H. Allen Smith, *Low Man on a Totem Pole* G-184 William MacLeod Raine, *Trail's End* G-185 Willa Cather, *My Ántonia* G-186 Alexander Woollcott, *Long, Long Ago* G-187 Eric Knight, *Sam Small Flies Again* G-188 Jesse Stuart, *Taps for Private Tussie* G-189 Homer W. Smith, *Kamongo* G-190 Eugene Manlove Rhodes, *The Trusty Knaves* G-191 W. R. Burnett, *Little Caesar* G-192 Robert Benchley, *Inside Benchley* G-193 Robert H. Thouless, *How to Think Straight* G-194 Joseph Conrad, *The Mirror of the Sea* G-195 Luke Short, *Raiders of the Rimrock* G-196 W. H. Hudson, *A Crystal Age* G-197 Stephen Leacock, *Laugh with Leacock* G-198 Rudyard Kipling, *Kim* G-199 Donald Culross Peattie, *Journey into America* G-200 Gladys Hasty Carroll, *As the Earth Turns* G-201 T. R. Ybarra, *Young Man of Caracas* G-202 MacKinlay Kantor, *Arouse and Beware* G-203 William Haynes, *This Chemical Age* G-204 Mary O'Hara, *Thunderhead* G-205 Carl D. Lane, *The Fleet in the Forest* G-206 Martha Foley, ed., *The Best American Short Stories of 1943*

G-207 Harry Harrison Kroll, *Rogues' Company* G-208 John P. Marquand, *H. M. Pulham, Esq.*

G-209 Herman Melville, *Moby-Dick* G-210 George R. Stewart, *East of the Giants* **Série H, abril de 1944**

H-211 Corporal Thomas R. St. George, *C/O Postmaster* H-212 Eugene Manlove Rhodes, *Beyond the Desert* H-213 C. S. Forester, *Payment Deferred* H-214 Arnold Bennett, *Buried Alive* H-215 Stephen Vincent Benét, *Western Star* H-216 Oliver La Farge, *Laughing Boy* H-217 I. A. Richards, ed., *The Republic of Plato* H-218 Donald Culross Peattie, *Forward the Nation* H-219 Carl Glick, *Three Times I bow* H-220 Cora Jarrett, *Night Over Fitch's Pond* H-221 Jack London, *The Cruise of the Snark* H-222 Eugene Cunningham, *Riders of the Night* H-223 Michael MacDougall, *Danger in the Cards* H-224 Stewart H. Holbrook, *Burning an Empire* H-225 Richard Dempewolf, *Animal Reveille* H-226 Clark McMeekin, *Red Raskall* H-227 Clarence E. Mulford, *Corson of the J. C.*

H-228 Kenneth Roberts, *Captain Caution* H-229 Grace Zaring Stone (Ethel Vance), *The Cold Journey* H-230 Thorne Smith, *The Bishop's Jaegers* H-231 Franklin P. Adams, ed., *Innocent Merriment* H-232 Frank H. Spearman, *Carmen of the Rancho* H-233 Robert W. Chambers, *Cardigan* H-234 Marjorie Barrows e George Eaton, *Box Office* H-235 Felix Risenberg, *The Pacific Ocean* H-236 Manuel Komroff, *The Travels of Marco Polo* H-237 Edmund Gilligan, *The Ringed Horizon* H-238 Charles Nordhoff e James Norman Hall, *Botany Bay* H-239 Richard Llewellyn, *How Green Was my Valley* H-240 Walter D. Edmonds, *Chad Hanna* **Série I, maio de 1944**

I-241 Kay Boyle, *Avalanche* I-242 Keith Ayling, *Semper Fidelis* I-243 Isabel Scott Rorick, *Mr. and Mrs. Cugat* I-244 Roark Bradford, *Ol' Man Adam an' His Chillun* I-245 W. C. Tuttle, *The Mystery of the Red Triangle* I-246 Emily Kimbrough, *We Followed our Hearts to Hollywood* I-247 Paul B. Sears, *Deserts on the March* I-248 Geoffrey Household, *Rogue Male* I-249 William Wister Haines, *High Tension* I-250 Bruce Barton, *The Book Nobody Knows* I-251 Harry Sinclair Drago, *Stagecoach Kingdom* I-252 J. Middleton Murry, ed., *Stories by Katherine Mansfield: a Selection* I-253 James Thurber, *The Middle-Aged man on the Flying Trapeze* I-254 Ernest Haycox, *Deep West* I-255 Clarence Budington Kelland, *Arizona* I-256 Jesse James Benton, *Cow by the Tail* I-257 Clarence E. Mulford, *Hopalong Cassidy's Protégé* I-258 Karl Baarslag, *Coast Guard to the Rescue* I-259 Commander Edward Ellsberg, *On the Bottom* I-260 W. Somerset Maugham, *Ashenden* I-261 Lytton Strachey, *Queen Victoria* I-262 Francis Griswold, *Tides of Malvern* I-263 Alexander Johnston, *Ten . . .*

and Out!

I-264 Joseph Conrad, *Victory* I-265 Louis Bromfield, *Mrs. Parkington* I-266 Rafael Sabatini, *The Sea Hawk* I-267 H. L. Davis, *Honey in the Horn* I-268 Charlotte Brontë, *Jane Eyre* I-269 Esther Forbes, *Paradise* I-270 Howard Spring, *My Son, my Son!*

Série J, junho de 1944

J-271 Eugene Manlove Rhodes, *The Proud Sheriff* J-272 William Saroyan, *My Name Is Aram* J-273 Joseph Conrad, *The Shadow Line* J-274 Bob Davis, *Tree Toad* J-275 Frederick R. Bechdolt, *Riot at Red Water* J-276 Charles J. Finney, *Past the End of The Pavement* J-277 Frank Graham, *Lou Gehrig* J-278 Ring Lardner, *You Know me, Al* J-279 George Agnew Chamberlain, *The Phantom Filly* J-280 Charles Snow, *Sheriff of Yavisa* J-281 Constance Rourke, *Davy Crockett* J-282 Richard Hughes, *A High Wind in Jamaica* J-283 Harvey Smith, *The Gang's all Here* J-284 Thorne Smith, *Skin and Bones* J-285 James Gould Cozzens, *The Last Adam* J-286 Max Brand, *South of Rio Grande* J-287 Ward Morehouse, *George M. Cohan* J-288 Norah Lofts, *The Golden Fleece* J-289 Ward Weaver, *End of Track* J-290 Paul Gallico, *Selected Stories* J-291 Victoria Lincoln, *February Hill* J-292 H. M. Tomlinson, *The Sea and the Jungle* J-293 Agnes Morley Cleaveland, *No Life for a Lady* J-294 Harnett T. Kane, *The Bayous of Louisiana* J-295 Irene D. Paden, *The Wake of the Prairie Schooner* J-296 William Makepeace Thackeray, *Vanity Fair* J-297 Edgar Allan Poe, *Selected Stories* J-298 Walter D. Edmonds, *Young Ames* J-299 Sholem Asch, *The Apostle* J-300 Gene Fowler, *Good Night, Sweet Prince* J-301 Archer Butler Hulbert, *Forty-niners* J-302 Carolyn Thomas Foreman, *Indians Abroad*

Série K, julho de 1944

K-1 Clarence Day, *This Simian World* K-2 Don Marquis, *The Old Soak* K-3 Jack London, *O chamado selvagem* K-4 G. B. Stern, *The Dark Gentleman* K-5 Max Brand, *The Secret of dr. Kildare* K-6 MacKinlay Kantor, *The Noise of their Wings* K-7 Walter Beebe Wilder, *Bounty of the Wayside* K-8 Eugene Manlove Rhodes, *Stepsons of Light* K-9 Ernest Hemingway, *Short Stories* K-10 Robert Bright, *The Life and Death of Little Jo* K-11 Charles H. Snow, *Rebel of Ronde Valley* K-12 Henry Beston, *The St. Lawrence* K-13 Stewart H. Holbrook, *Ethan Allan* K-14 Ernest Haycox, *The Wild Bunch* K-15 Thorne Smith, *The Stray Lamb* K-16 O'Henry, *Short Stories* K-17 Meyer Berger, *The Eight Million* K-18 Willard Robertson, *Moon Tide* K-19 Antonio de Fierro Blanco, *The Journey of the Flame* K-20 T. R. Ybarra, *Young Man of the World* K-21 Mildred Walker, *Winter Wheat* K-22 Henry Seidel Canby, *Walt Whitman* K-23 Marquis James, *Andrew Jackson: the Border Captain* K-24 Sinclair Lewis, *Babbitt* K-25 Arthur Train, *Yankee Lawyer: the Autobiography of Ephraim Tutt* K-26 Herbert Asbury, *Sucker's Progress* K-27 Lloyd C. Douglas, *The Robe* K-28 Betty Smith, *A Tree Grows in Brooklyn* K-29 Oliver Gramling, *AP: The Story of News* K-30 Carl Van Doren, *Benjamin Franklin* K-31 Laurence Sterne, *Tristram Shandy* K-32 Albert Spalding, *Rise to Follow* **Série L, agosto de 1944**

L-1 Rosemary Benét e Stephen Vincent Benét, *A Book of Americans* L-2 James Thurber, *My Life and Hard Times* L-3 Henry G. Lamond, *Kilgour's Mare* L-4 James Stephens, *Etched in Moonlight* L-5 DuBose Heyward, *Porgy* L-6 Louis Untermeyer, ed., *Great Poems from Chaucer to Whitman* L-7 Louis Bromfield, *What Became of Anna Bolton* L-8 Evan Evans, *Montana Rides Again* L-9 William MacLeod Raine, *The Sheriff's Son* L-10 Stephen Leacock, *Happy Stories Just to Laugh at* L-11 Arthur Henry Gooden, *Roaring River Range* L-12 Frances Eisenberg, *There's one in Every Family* L-13 Max Brand, *The King Bird Rides* L-14 Evelyn Eaton, *The Sea is so Wide* L-15 Herman Melville, *Omoo* L-16 George Sessions Perry, *Hackberry Cavalier* L-17 Thorne Smith, *Turnabout* L-18 Carl Crow, *400 Million Customers* L-19 Philip Wylie, *Fish and tin Fish* L-20 Lytton Strachey, *Eminent Victorians* L-

21 Homer Croy, *Country Cured* L-22 George W. Gray, *Science at War* L-23 Hervey Allen, *Bedford Village* L-24 Joseph Shearing, *The Lady and the Arsenic* L-25 Bram Stoker, *Dracula* L-26 John P. Marquand, *Wickford Point* L-27 Robert Graves, *I, Claudius* L-28 Thomas Mann, *Seleções de contos* L-29 Irving Stone, *Lust for Life* L-30 W. Somerset Maugham, *Of Human Bondage* L-31 Archie Binns, *The Land is Bright* L-32 Osa Johnson, *Four Years in Paradise* **Série M, setembro de 1944**

M-1 A. E. Housman, *Selected Poems* M-2 James Thurber e E. B. White, *Is Sex Necessary?*
M-3 Saki (H. H. Munro), *Selected Short Stories* M-4 Robert Benchley, *20,000 Leagues Under the Sea; or, David Copperfield* M-5 Agnes Repplier, *Père Marquette* M-6 Eugene Manlove Rhodes, *Copper Streak Trail* M-7 Edwin Way Teale, *Dune Boy* M-8 James Stevens, *Paul Bunyan* M-9 John D. Ratcliff, ed., *Science Yearbook of 1944*

M-10 Barry Benefield, *The Chicken-Wagon Family* M-11 Philip Wylie, *The Big Ones Get Away* M-12 Angus McDonald, *Old McDonald Had a Farm* M-13 Ernest Haycox, *Action by Night* M-14 Max Brand, *The Border Kid* M-15 Dane Coolidge, *Fighting Men of the West* M-16 Edgar Rice Burroughs, *Tarzan of the Apes* M-17 Harry Bedwell, *The Boomer* M-18 Robert J. Casey, *Such Interesting People* M-19 Eva Bruce, *Call her Rosie* M-20 A. R. Beverly-Giddings, *Larrish Hundred* M-21 Henry B. Hough, *Country Editor* M-22 David Cornel DeJong, *With a Dutch Accent* M-23 Hellman, Thurber; e Nugent, Chodorov e Fields, e Kingsley, *Four Modern American Plays* M-24 M. Lincoln Schuster, ed., *A Treasury of the World's Great Letters* M-25 Christine Weston, *Indigo* M-26 M. R. Werner, *Barnum* M-27 Clark McMeekin, *Show me a Land* M-28 Captain Charles Grayson, ed., *New Stories for Men* M-29 Wilkie Collins, *The Moonstone* M-30 Konrad Heiden, *Der Fuehrer* M-31 F. van Wyck Mason, *Stars on the Sea* M-32 Helen MacInnes, *While Still We Live* **Série N, outubro de 1944**

N-1 Mark Twain, *The Mysterious Stranger* N-2 S. J. Perelman, *The Dream Department* N-3 Stephen Vincent Benét, *America* N-4 Bruce Barton, *The Man Nobody Knows* N-5 James Stephens, *The Crock of Gold* N-6 Carl Sandburg, *Selected Poems* N-7 James Thurber, *Let Your Mind Alone* N-8 E. C. Abbott e Helena Huntington Smith, *We Pointed Them North* N-9 Ernest Haycox, *Rim of the Desert* N-10 Alan LeMay, *Useless Cowboy* N-11 Dorothy B. Hughes, *The Fallen Sparrow* N-12 Donald Hough, *Snow Above Town* N-13 Robert Louis Stevenson, *Kidnapped* N-14 W. Somerset Maugham, *The Summing Up* N-15 Max Brand, *The Iron Trail* N-16 Charles A. Siringo, *Riata and Spurs* N-17 Niven Busch, *Duel in the Sun* N-18 Theodore Pratt, *Thunder Mountain* N-19 Lt. H. E. Riesenberg, *I Dive for Treasure* N-20 Jack Iams, *Prophet by Experience* N-21 Donn Byrne, *Hangman's House* N-22 Clyde Brion Davis, *The Great American Novel* N-23 Constance Robertson, *Fire Bell in the Night* N-24 Robert Standish, *Bonin* N-25 James Newman e Edward Kasner, *Mathematics and the Imagination* N-26 Eric Linklater, *Magnus Merriman* N-27 Leslie T. White, *Look Away, Look Away* N-28 Jack London, *Martin Eden* N-29 Stuart Cloete, *The Turning Wheels* N-30 C. M. Sublette e Harry Harrison Kroll, *Perilous Journey* N-31 Charles Dickens, *David Copperfield* N-32 Wallace Stegner, *The Big Rock Candy Mountain* **Série O, novembro de 1944**

O-1 Percy Bysshe Shelley, *Selected Poems* O-2 Kahlil Gibran, *The Prophet* O-3 John Mulholland, *The Art of Illusion* O-4 Harry Grayson, *They Played the Game* O-5 W. H. Hudson, *Tales of the Pampas* O-6 Edward H. Faulkner, *Plowman's Folly* O-7 Guy Gilpatric, *Mr. Glencannon Ignores the War* O-8 Arthur Kober, *My Dear Bella* O-9 Curt Siodmak, *Donovan's Brain* O-10 Nelson C. Nye, *Wild Horse Shorty* O-11 Cornelia Goodhue, *Journey into the Fog* O-12 C. S. Forester, *The African Queen* O-13 Anne Terry White, *Lost Worlds* O-14 Bob Hope, *I Never Left Home* O-15 Ernest K. Gann, *Island in the Sky* O-16 Charles L. McNichols, *Crazy Weather* O-17 W. R. Burnett, *Nobody Lives Forever* O-18 Damon Runyon, *Runyon à la Carte* O-19 Charles Jackson, *The Lost Weekend* O-20 John Russell, *Selected Short Stories* O-21 Georges Simenon, *On the Danger Line* O-22 Edgar Rice Burroughs, *The*

- Return of Tarzan* O-23 Robert Sturgis, *Men Like Gods* O-24 Joseph Hergesheimer, *The Three Black Pennys* O-25 Frank Spearman, *Selwood of Sleepy Cat* O-26 Constance Helmericks, *We Live in Alaska* O-27 Frances Gaither, *The Red Cock Crows* O-28 M. R. James, *Selected Ghost Stories* O-29 Ben Ames Williams, *Leave Her to Heaven* O-30 Zofia Kossak, *Blessed Are the Meek* O-31 Thomas Wolfe, *Look Homeward, Angel* O-32 Le Grand Cannon, *Look to the Mountain* **Série P, dezembro de 1944**
- P-1 David Garnett, *Lady Into Fox* P-2 Commander William Chambliss, *Boomerang* P-3 John R. Tunis, *Rookie of the Year* P-4 Ludwig Bemelmans, *Hotel Splendide* P-5 James Norman Hall, *Lost Island* P-6 Rex Stout, *Not Quite Dead Enough* P-7 Will Cuppy, *The Great Bustard and Other People* P-8 Max Brand, *The Fighting Four* P-9 Hobert D. Skidmore, *Valley of the Sky* P-10 Benny Goodman e Irving Kolodin, *The Kingdom of Swing* P-11 H. R. Hays, *Lie Down in Darkness* P-12 James Oliver Curwood, *The Valley of Silent Men* P-13 Miriam Young, *Mother Wore Tights* P-14 Frederick Way Jr., *Pilotin' Comes Natural* P-15 Tom Gill, *Starlight Pass* P-16 Ernest Haycox, *Trail Town* P-17 Hilda Lawrence, *Blood Upon the Snow* P-18 Arthur Loveridge, *Many Happy Days I've Squandered* P-19 Erskine Caldwell, *Stories by Erskine Caldwell* P-20 Captain John D. Craig, *Danger is my Business* P-21 William Hazlett Upson, *Botts in War, Botts in Peace* P-22 Irvin S. Cobb, ed., *World's Great Humorous Stories* P-23 Joseph Shearing, *Aunt Beardie* P-24 Clyde Brion Davis, *Rebellion of Leo McGuire* P-25 Herschel Brickell, ed., *O. Henry Memorial Award Prize Short Stories for 1943*
- P-26 E. B. White, *One Man's Meat* P-27 Anya Seton, *Dragonwyck* P-28 Mari Sandoz, *Slogum House* P-29 Charles A. Beard, *The Republic* P-30 Ernie Pyle, *Brave Men* P-31 Harlow Shapley, ed., *A Treasury of Science* P-32 Catherine Drinker Bowen, *Yankee from Olympus* **Série Q, janeiro de 1945**
- Q-1 Cornelia Otis Skinner, *Excuse it, Please!*
- Q-2 James M. Cain, *The Postman Always Rings Twice* Q-3 David Ewen, *The Story of George Gershwin* Q-4 Hugh Gray e Lillian R. Lieber, *The Education of T. C. Mits* Q-5 Max Shulman, *The Feather Merchants* Q-6 Mel Heimer, *The World Ends at Hoboken* Q-7 Mary Lasswell, *High Time* Q-8 John R. Tunis, *Keystone Kids* Q-9 Sherwood Anderson, *Selected Short Stories of Sherwood Anderson* Q-10 A. A. Fair, *Give 'em the Ax* Q-11 E. E. Halleran, *Prairie Guns* Q-12 Theodore Naidish, *Watch out for Willie Carter* Q-13 Thorne Smith, *The Passionate Witch* Q-14 Lord Dunsany, *Guerilla* Q-15 R. A. J. Walling, *The Corpse Without a Clue* Q-16 Ernest Haycox, *Man in the Saddle* Q-17 Frances Crane, *The Amethyst Spectacles* Q-18 C. S. Forester, *Beat to Quarters* Q-19 Zane Grey, *The Heritage of the Desert* Q-20 John Hawkins e Ward Hawkins, *Devil on His Trail* Q-21 Philip Wylie, *Salt Water Daffy* Q-22 Mary Reisner, *The House of Cobwebs* Q-23 Donal Hamilton Haines, *Luck in all Weathers* Q-24 Max Brand, *Happy Jack* Q-25 Mac Gardner, *Mom Counted Six* Q-26 Margaret Case Harriman, *Take Them up Tenderly* Q-27 A. J. Cronin, *The Green Years* Q-28 Ross McLaury Taylor, *The Saddle and the Plow* Q-29 Kenneth Roberts, *The Lively Lady* Q-30 Clark McMeekin, *Reckon with the River* Q-31 W. Somerset Maugham, *The Razor's Edge* Q-32 Lillian Smith, *Strange Fruit* Q-33 Anna Seghers, *The Seventh Cross* Q-34 Louis Bromfield, *Wild Is the River* Q-35 Eugene O'Neill, *Selected Plays of Eugene O'Neill* Q-36 John Jennings, *The Shadow and the Glory* Q-37 Rachel Field, *Time Out of Mind* Q-38 Alexander Laing, *The Sea Witch* Q-39 Ben Ames Williams, *The Strange Woman* Q-40 Henry Adams, *The Education of Henry Adams* **Série R, fevereiro de 1945**
- R-1 G. B. Stern, *The Ugly Dachshund* R-2 John Keats, *Selected Poems of John Keats* R-3 Robert Nathan, *One More Spring* R-4 Dorothy Parker, *Selected Short Stories of Dorothy Parker* R-5 Robert Benchley, *After 1903 — What?*
- R-6 William H. Roberts, *Psychology You Can Use* R-7 Norman Corwin, *Selected Radio Plays of Norman Corwin* R-8 Colonel Stoopnagle, *You wouldn't Know Me From Adam* R-9 Jacland Marmur, *Sea Duty* R-10 Samuel Michael Fuller, *The Dark Page* R-11 Luke Short, *War on the Cimarron* R-12 Roderick

Peattie, *Geography in Human Destiny* R-13 David Garth, *Bermuda Calling* R-14 Sir William Cecil Dampier, *A Shorter History of Science* R-15 George Sanders, *Crime on my Hands* R-16 D. W. Brogan, *The American Character* R-17 Emily Kimbrough e Cornelia Otis Skinner, *Our Hearts Were Young and Gay* R-18 Alan Le May, *Winter Range* R-19 Edmund Gilligan, *The Gaunt Woman* R-20 Arthur Harry Gooden, *Painted Buttes* R-21 Katherine Anne Porter, *Selected Short Stories of Katherine Anne Porter* R-22 Margery Sharp, *Cluny Brown* R-23 Deems Taylor, *Of Men and Music* R-24 Max Brand, *The Long Chance* R-25 Christopher Morley, *Kitty Foyle* R-26 David L. Cohn, *Combustion on Wheels* R-27 Gwethalyn Graham, *Earth and High Heaven* R-28 Herbert Best, *Young 'Un* R-29 Clifford Dowdey, *Gamble's Hundred* R-30 Sigrid Undset, *The Bridal Wreath* R-31 Bennett Cerf, *Try and Stop Me* R-32 Rafael Sabatini, *Captain Blood* R-33 August Derleth, ed., *Sleep No More* R-34 Stefan Heym, *Of Smiling Peace* R-35 Sumner Welles, *The Time for Decision* R-36 Thomas B. Costain, *For my Great Folly* R-37 Lloyd C. Douglas, *Disputed Passage* R-38 W. E. Woodward, *The Way our People Lived* R-39 Henrietta Buckmaster, *Deep River* R-40 Samuel Hopkins Adams, *Canal Town* **Série S, março de 1945**

S-1 Major William A. Aiken, ed., *A Wartime Whitman* S-2 William Saroyan, *Dear Baby* S-3 Ludwig Bemelmans, *I Love You, I Love You, I Love You* S-4 James Gould Cozzens, *Castaway* S-5 James Thurber, *My World and Welcome to It* S-6 Frank Gruber, *Peace Marshal* S-7 Richard Sale, *Not too Narrow, Not too Deep* S-8 Philip Wylie, *Selected Short Stories of Philip Wylie* S-9 Mark Twain, *Selected Short Stories of Mark Twain* S-10 Dorothy Baker, *Young Man With a Horn* S-11 Frank Sullivan, *A pearl in Every Oyster* S-12 Eric Hatch, *Unexpected Uncle* S-13 Thomas Beer, *The Mauve Decade* S-14 Evelyn Eaton, *In What Torn Ship* S-15 Alexander Laing, *Clipper Ship Men* S-16 Virginia Perdue, *Alarum and Excursion* S-17 Donald Hough, *Captain Retread* S-18 William MacLeod Raine, *Guns of the Frontier* S-19 Joe E. Brown, *Your Kids and Mine* S-20 William Irish, *After-Dinner Story* S-21 Erle Stanley Gardner, *The Case of the Black-Eyed Blonde* S-22 H. Allen Smith, *Lost in the Horse Latitudes* S-23 Max Brand, *Hunted Riders* S-24 Walter Van Tilburg Clark, *The Ox-Bow Incident* S-25 Frederick G. Lieb, *The St. Louis Cardinals* S-26 Algernon Blackwood, *Selected Short Stories of Algernon Blackwood* S-27 Donald Culross Peattie, *An Almanac for Moderns* S-28 Thorne Smith, *The Night Life of the Gods* S-29 Edgar Snow, *People on Our Side* S-30 Harlan Hatcher, *The Great Lakes* S-31 Louis Bromfield, *The Farm* S-32 Marguerite F. Bayliss, *The Bolinvars* S-33 Marjorie Kinnan Rawlings, *The Yearling* S-34 Merrill Denison, *Klondike Mike* S-35 William Makepeace Thackeray, *Henry Esmond* S-36 Joseph Stanley Pennell, *The History of Rome Hanks* S-37 Francis Hackett, *Henry the Eighth* S-38 Kenneth Roberts, *Arundel* S-39 Elizabeth Goudge, *Green Dolphin Street* S-40 Jean Stafford, *Boston Adventure* **Série T, abril de 1945**

T-1 Cornelia Otis Skinner, *Dithers and Jitters* T-2 H. G. Wells, *A máquina do tempo* T-3 George Papashvily e Helen Papashvily, *Anything Can Happen* T-4 David Ewen, *Men of Popular Music* T-5 John Steinbeck, *Cannery Row* T-6 Timothy Fuller, *This is Murder, Mr. Jones* T-7 Oscar Levant, *A Smattering of Ignorance* T-8 Louis Untermeyer, ed., *The Fireside Book of Verse* T-9 Ezra Stone e Weldon Melick, *Coming, Major!*
T-10 Charles Nordhoff e James Norman Hall, *Men Against the Sea* T-11 Henry Tetlow, *We Farm for a Hobby and Make it Pay* T-12 Margery Sharp, *The Stone of Chastity* T-13 Robert Benchley, *Benchley Beside Himself* T-14 MacKinlay Kantor, *Gentle Annie* T-15 Robert M. Coates, *The Outlaw Years* T-16 Charles Alden Seltzer, *The Range Boss* T-17 Patrick Quentin, *Puzzle for Puppets* T-18 Henry James, *Daisy Miller and Other Stories* T-19 Rosemary Taylor, *Ridin' The Rainbow* T-20 Eugene Cunningham, *Pistol Passport* T-21 Max Brand, *Riders of the Plain* T-22 David Rame, *Tunnel from Calais* T-23 William Sloane, *The Edge of Running Water* T-24 Frank Graham, *The New York Yankees*

T-25 Burns Mantle, ed., *The Best Plays of 1943–1944*

T-26 Howard Fast, *Freedom Road* T-27 Ben Lucien Burman, *Blow for a Landing* T-28 Foster, Nafziger, Shaw e Ranger, *Wolf Law and Three Other Stories of the West* T-29 Esther Forbes, *The General's Lady* T-30 Carl Carmer, *Genesee Fever* T-31 Commander Walter Karig e Lieutenant Welbourne Kelley, *Battle Report* T-32 Louis Bromfield, *The World We Live In* T-33 A. J. Cronin, *The Citadel* T-34 Maritta M. Wolff, *Whistle Stop* T-35 Iola Fuller, *Loon Feather* T-36 Daphne du Maurier, *Rebecca* T-37 Marcus Goodrich, *Delilah* T-38 Peter Freuchen, *Arctic Adventure* T-39 Kathleen Winsor, *Forever Amber* T-40 Margaret Landon, *Anna and the King of Siam* **Série U, maio de 1945**

655 Robert Nathan, *Portrait of Jenny* 656 George Lowther, *Adventures of Superman* 657 Max Shulman, *Barefoot Boy With Cheek* 658 Alfred Lord Tennyson, *The Charge of the Light Brigade and Other Poems* 659 Joseph Dunninger, *What's on Your Mind?*

660 Henry Beston, *The Outermost House* 661 Roderick Peattie, *Look to the Frontiers* 662 John P. Sousa III, *My Family, Right or Wrong* 663 Brett Halliday, *Murder and the Married Virgin* 664 George Sessions Perry e Israel Leighton, *Where Away* 665 J. B. Priestley, *The Old Dark House* 666 Vera Caspary, *Laura* 667 Ernest Hemingway, *To Have and Have Not* 668 Thomas Beer, *Mrs. Egg and Other Barbarians* 669 Guy de Maupassant, *Mademoiselle Fifi and Other Stories* 670 Luke Short, *Gunman's Chance* 671 Thorne Smith, *The Glorious Pool* 672 Jack London, *White Fang* 673 H. Allen Smith, *Low man on a Totem Pole* 674 William MacLeod Raine, *Trail's End* 675 Dorothy Cameron Disney, *The 17th Letter* 676 Paul Eduard Miller, ed., *Esquire's Jazz Book (1944)* 677 Walter D. Edmonds, *Selected Short Stories* 678 Zane Grey, *Western Union* 679 C. S. Forester, *The Captain From Connecticut* 680 Ellery Queen, *Calamity Town* 681 Elliot Arnold, *Tomorrow Will Sing* 682 James Stokley, *Science Remakes the World* 683 Ernest Haycox, *Bugles in the Afternoon* 684 John J. O'Neill, *Prodigal Genius: the Life and Times of Nikola Tesla* 685 Alexander Laing, *The Cadaver of Gideon Wyck* 686 William Targ, ed., *Western Story Omnibus* 687 Isak Dinesen, *Seven Gothic Tales* 688 Ellen Glasgow, *Barren Ground* 689 Edison Marshall, *Great Smith* 690 John Steinbeck, *The Grapes of Wrath* 691 Charles Dickens, *Pickwick Papers* 692 Douglas Rigby e Elizabeth Rigby, *Lock, Stock and Barrel* 693 Irving Stone, *Immortal Wife* 694 Martin Flavin, *Journey in the Dark* **Série V, junho de 1945**

695 Ruth McKenney, *The McKenneys Carry On* 696 E. B. White, *Quo Vadimus?*

697 Arthur Kober, *Thunder Over the Bronx* 698 H. G. Wells, *A ilha do Dr. Moreau* 699 Sally Benson, *Meet me in St. Louis* 700 Frederic F. Van de Water, *A Home in the Country* 701 Rose Franken, *Another Claudia* 702 Earl Wilson, *I Am Gazing Into my 8-ball* 703 John Steinbeck, *The Pastures of Heaven* 704 Henry Wadsworth Longfellow, *Paul Revere's Ride and Other Poems* 705 James Thurber, *The Middle-Aged Man on the Flying Trapeze* 706 Ernest Haycox, *Deep West* 707 Clarence Budington Kelland, *Arizona* 708 Jesse James Benton, *Cow By the Tail* 709 C. S. Forester, *To the Indies* 710 Barry Benefield, *Eddie and the Archangel Mike* 711 Mignon G. Eberhart, *Wings of Fear* 712 William Colt MacDonald, *The Three Mesquiteers* 713 Vardis Fisher, *The Golden Rooms* 714 Albert Payson Terhune, *Lad: A Dog* 715 Max Brand, *Gunman's Gold* 716 Walter Blair, *Tell Tale America* 717 Webster's New Handy Dictionary 718 Webster's New Handy Dictionary 719 Sgt. George Baker, *The Sad Sack* 720 Edmund Gilligan, *Voyage of the Golden Hind* 721 W. H. Hudson, *The Purple Land* 722 Zane Grey, *Sunset Pass* 723 J. H. Wallis, *The Woman in the Window* 724 Marjorie Kinnan Rawlings, *South Moon Under* 725 Charles Nordhoff e James Norman Hall, *Pitc Airn's Island* 726 Frederic Ramsey Jr. e Charles Edward Smith, *Jazzmen* 727 Ngaio Marsh, *Death and the Dancing Footman* 728 Paul Gallico, *Farewell to Sport* 729 William Howells, *Mankind so Far* 730 H. P. Lovecraft, *The Dunwich Horror and Other Weird Tales* 731 Colonel John W. Thomason Jr., ... *And a Few Marines* 732 John Selby, *Starbuck* 733 Albert Maltz, *The Cross and the Arrow* 734 Edward Kasner, *Lower*

Than Angels Série W, julho de 1945

735 Gerald Johnson, *A Little Night Music* 736 William Wordsworth, *My Heart Leaps up and Other Poems* 737 Robert Nathan, *The Enchanted Voyage* 738 Gustav Eckstein, *Lives* 739 Soldier Art (distribuído somente para o Exército) 740 Sgt. Frank Brandt, ed., *Cartoons for Fighters* 741 John O'Hara, *Pipe Night* 742 Morton Thompson, *Joe, the Wounded Tennis Player* 743 Vereen Bell, *Brag Dog and Other Stories* 744 Timothy Fuller, *Harvard Has a Homicide* 745 H. G. Wells, *A guerra dos mundos* 746 Francis Wallace, *Kid Galahad* 747 Frances Lockridge e Richard Lockridge, *Death on the Aisle* 748 Ernest Haycox, *Starlight Rider* 749 Joseph Wechsberg, *Looking for a Bluebird* 750 John Steinbeck, *Cup of Gold* 751 Raymond Chandler, *The Big Sleep* 752 Arthur Henry Gooden, *The Valley of Dry Bones* 753 Eugene Cunningham, *Diamond River Man* 754 Paul Gallico, *Adventures of Hiram Holliday* 755 James Thurber, *Let Your Mind Alone* 756 E. C. Abbott e Helena Huntington Smith, *We Pointed Them North* 757 Meyer Berger, *The Eight Million* 758 Willard Robertson, *Moon Tide* 759 Clarence E. Mulford, *Buck Peters, Ranchman* 760 Ngaio Marsh, *Died in the Wool* 761 William Hazlett Upson, *Keep 'em Crawling* 762 Rhoda Truax, *Joseph Lister* 763 Carl Carmer, *Listen For a Lonesome Drum* 764 Frederick Prokosch, *The Asiatics* 765 William McFee, ed., *World's Great Tales of the Sea* 766 James M. Cain, *Double Indemnity and Two Other Short Novels* 767 Edgar Allan Poe, *Selected Stories of Edgar Allan Poe* 768 Walter D. Edmonds, *Young Ames* 769 Clarence Day, *Life With Father and Mother* 770 Evelyn Eaton, *Quietly my Captain Waits* 771 Lloyd Lewis, *Myths after Lincoln* 772 Virginia Woolf, *The Years* 773 Gene Fowler, *Timber Line* 774 Philip Wylie, *Night Unto Night* **Série X, agosto de 1945**

775 William March, *Some Like Them Short* 776 Rupert Brooke, *Collected Poems of Rupert Brooke* 777 Gustav Eckstein, *Canary* 778 Hiram Percy Maxim, *A Genius in the Family* 779 Lawrence Edward Watkin, *On Borrowed Time* 780 Bliss Lomax, *Horsethief Creek* 781 Frank Graham, *Lou Gehrig* 782 Ring Lardner, *You Know Me, Al* 783 George Chamberlain, *The Phantom Filly* 784 Charles H. Snow, *Sheriff of Yavisa* 785 Dorothy B. Hughes, *The So Blue Marble* 786 Baynard Kendrick, *Blind Man's Bluff* 787 Howard Fast, *Patrick Henry and the Frigate's Keel* 788 Edward L. McKenna, *The Bruiser* 789 Frances Lockridge e Richard Lockridge, *Payoff for the Banker* 790 Paul B. Sears, *This is Our World* 791 Ernest Haycox, *Trail Smoke* 792 Glenway Wescott, *Apartment in Athens* 793 Theodore Pratt, *The Barefoot Mountain* 794 John Steinbeck, *The Long Valley* 795 H. Rider Haggard, *King Solomon's Mines* 796 Arthur Train, *Mr. Tutt Finds a Way* 797 Zane Grey, *Forlorn River* 798 Ione Sandberg Shriber, *Pattern for Murder* 799 John O'Hara, *Butterfield 8*

800 Robert Nathan, *The Bishop's Wife and Two Other Novels* 801 Edwin Balmer e Philip Wylie, *When Worlds Collide* 802 Isak Dinesen, *Winter's Tales* 803 Coburn, Foster, Ranger, McCulley e Wilson, *Five Western Stories* 804 C. S. Forester, *Commodore Hornblower* 805 Eric Baume, *Yankee Woman* 806 Carl Carmer, *The Hudson* 807 Monte Barrett, *Sun in Their Eyes* 808 Paul de Kruif, *Men Against Death* 809 Bernard Jaffe, *Men of Science IN America* 810 Herbert V. Prochnow, ed., *Great Stories From Great lives* 811 Louis Bromfield, *Mrs. Parkington* 812 Rafael Sabatini, *The Sea Hawk* 813 MacKinlay Kantor, *Author's Choice* 814 Thomas B. Costain, *Ride With Me* **Série Y, setembro de 1945**

815 John van Drutten, *The Voice of the Turtle* 816 Richard Harding Davis, *In the Fog* 817 John O'Hara, *Pal Joey* 818 Joel Sayre, *Rackety Rax* 819 *The New Yorker's Baedeker* 820 John Masefield, *Selected Poems of John Masefield* 821 Richard Shattuck, *The Half-Haunted Saloon* 822 Bill Mauldin, *Up Front* 823 Willa Cather, *O Pioneers!*

824 John Mills, *Electronics Today and Tomorrow* 825 William Faulkner, *A Rose for Emily and Other Stories* 826 Margaret Mead, *Coming of Age in Samoa* 827 Frances Crane, *The Indigo Necklace* 828 Dorothy B. Hughes, *The Delicate Ape* 829 C. S. Forester, *Payment Deferred* 830 Arnold Bennett,

Buried Alive 831 Tom Powers, *Virgin With Butterflies* 832 Thomas L. Stix, ed., *The Sporting Gesture* 833 Charles Alden Seltzer, *Square Deal Sanderson* 834 Clarence E. Mulford, *Bar-20 Days* 835 Ira Wolfert, *American Guerrilla in the Philippines* 836 Rose Franken, *Claudia and David* 837 Ernest Haycox, *Sundown Jim* 838 Raymond Chandler, *The Lady in the Lake* 839 Harry Hamilton, *River Song* 840 James Street, *The Biscuit Eater and Other Stories* 841 Edison Marshall, *The Upstart* 842 Zane Grey, *Twin Sombreros* 843 Margaret Irwin, *Young Bess* 844 Booth Tarkington, *Little Orvie* 845 Louis Bromfield, *Pleasant Valley* 846 Frank Graham, *McGraw of the Giants* 847 Ralph Temple, *Cuckoo Time* 848 Whit Burnett, ed., *Time to be Young* 849 Hervey Allen, *Bedford Village* 850 Joseph Shearing, *The Lady and the Arsenic* 851 Bram Stoker, *Dracula* 852 John P. Marquand, *Wickford Point* 853 Adria Locke Langley, *A Lion is in the Streets* 854 Samuel Shellabarger, *Captain from Castile*

Série Z, outubro de 1945

855 Rosemary Benét e Stephen Vincent Benét, *A Book of Americans* 856 James Thurber, *My Life and Hard Times* 857 Edna St. Vincent Millay, *Lyrics and Sonnets* 858 Maude Smith Delavan, *The Rumelhearts of Rampler Avenue* 859 Conrad Richter, *Tacey Cromwell* 860 Stefan Zweig, *The Royal Game* 861 Charles Nordhoff, *The Pearl Lagoon* 862 F. Scott Fitzgerald, *O grande Gatsby* 863 Nathaniel Hawthorne, *The Gray Champion and Other Tales* 864 André Maurois, *Ariel: The Life of Shelley* 865 Robert Benchley, *My Ten Years in a Quandary* 866 Erskine Caldwell, *Tragic Ground* 867 Ernest Haycox, *Rim of the Desert* 868 Alan Le May, *Useless Cowboy* 869 Dorothy B. Hughes, *The Fallen Sparrow* 870 Donald Hough, *Snow Above Town* 871 John Collier, *Green Thoughts and Other Strange Tales* 872 S. J. Perelman, *Crazy Like a Fox* 873 Graham Greene, *The Confidential Agent* 874 Luke Short, *Ramrod* 875 Walter D. Edmonds, *Mostly Canallers* 876 Jack Iams, *The Countess to Boot* 877 Max Brand, *Danger Trail* 878 William Irish, *Deadline at Dawn* 879 John D. Weaver, *Wind Before Rain* 880 Henry D. Thoreau, *Walden* 881 H. Rider Haggard, *She* 882 Ngaiio Marsh, *Colour Scheme* 883 Zane Grey, *Desert Gold* 884 Harry Leon Wilson, *Ruggles of Red Gap* 885 Robert Louis Stevenson, *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde and Other Stories* 886 Edmund Gilligan, *White Sails Crowding* 887 Owen Wister, *The Virginian* 888 Jesse Stuart, *Head O' W-Hollow* 889 M. G. Kains, *Five Acres and Independence* 890 Dorothy L. Sayers, *Busman's Honeymoon* 891 A. J. Cronin, *Hatter's Castle* 892 B. A. Botkin, ed., *The Sky's the Limit* 893 Frederick Bodmer, *The Loom of Language* 894 Margaret Leach, *Reveille in Washington* **Série AA, novembro de 1945**

895 Juliet Lowell, *Dear Sir and Dumb-Belles Letters* 896 Jack Goodman e Alan Green, *How to Do Practically Anything* 897 Jeremiah Digges, *Bowleg Bill* 898 George Sessions Perry, *Walls Rise Up* 899 Robert Lawson, *Mr. Wilmer* 900 D. D. Beauchamp, *The Full Life and Other Stories* 901 Vachel Lindsay, *The Daniel Jazz and Other Poems* 902 John Weaver, *My Bitter Half and Other Stories* 903 Walter Bernstein, *Keep Your Head Down* 904 Boris Sokoloff, M.D., *The Story of Penicillin* 905 James Norman Hall, *Lost Island* 906 Rex Stout, *Not Quite Dead Enough* 907 Will Cuppy, *The Great Bustard and Other People* 908 Max Brand, *The Fighting Four* 909 Mary Shelley, *Frankenstein* 910 Robert Fontaine, *The Happy Time* 911 Sinclair Lewis, *Mantrap* 912 Richard Connell, *Ironies* 913 Irving T. Marsh e Edward Ehre, eds., *Best Sports Stories of 1944*

914 Craig Rice, *The Lucky Stiff* 915 Erle Stanley Gardner, *The Case of the Golddigger's Purse* 916 Ernest Haycox, *Canyon Passage* 917 Charles Alden Seltzer, *The Trail Horde* 918 Clarence E. Mulford, *Tex* 919 William Maxwell, *The Folded Leaf* 920 Robert Goffin, *Jazz* 921 Ben Hecht, *Concerning a Woman of Sin and Other Stories* 922 Thorne Smith, *Rain in the Doorway* 923 Joseph Shearing, *Aunt Beardie* 924 Clyde Brion Davis, *Rebellion of Leo McGuire* 925 Homer, *The Odyssey* (tradução de T. E. Shaw) 926 Aldous Huxley, *The Gioconda Smile and Other Stories* 927 Elliot Paul, *The Last time I Saw Paris* 928 Hugh Walpole, *Fortitude* 929 George R. Stewart, *Names on the Land* 930 Leonard

Ehrlich, *God's Angry Men* 931 Samuel Hopkins Adams, *A. Woollcott: His Life and his World* 932 Hugh MacLennan, *Two Solitudes* 933 *The Bedside Tales* (introdução de Peter Arno) 934 *The Best From Yank, the Army Weekly Série BB, dezembro de 1945*

935 Norman Krasna, *Dear Ruth* 936 Joe (The Markee) Madden, *Set 'em Up!*

937 Rufus King, *The Deadly Dove* 938 Francis Russell Hart, *Admirals of the Caribbean* 939 Robert Browning e Elizabeth Barrett Browning, *Love Poems* 940 Arthur Machen, *The Great God Pan and Other Weird Stories* 941 Harry Brown, *Artie Greengroin, Pfc.*

942 Bruce Marshall, *The World, the Flesh, and Father Smith* 943 Vera Caspary, *Bedelia* 944 O. Henry, *The Ransom of Red Chief and Other Stories* 945 Erskine Caldwell, *God's Little Acre* 946 James Gunn, *Deadlier Than the Male* 947 E. B. Mann, *Comanche Kid* 948 Marione Derrickson, ed., *Laugh it Off* 949 Charles Alden Seltzer, *The Boss of the Lazy Y*

950 Frances Lockridge e Richard Lockridge, *Killing the Goose* 951 E. E. Halleran, *Prairie Guns* 952 Theodore Naidish, *Watch out for Willie Carter* 953 Thorne Smith, *The Passionate Witch* 954 Lord Dunsany, *Guerrilla* 955 *The New Yorker Profiles* 956 William Colt MacDonald, *Cartridge Carnival* 957 Ronald Kirkbridge, *Winds, Blow Gently* 958 H. G. Wells, *O alimento dos deuses* 959 Edna Ferber, *Great Son* 960 Herbert S. Zim, *Rockets and Jets* 961 Phil Stong, *Marta of Muscovy* 962 John D. Ratcliff, ed., *Science Yearbook of 1945*

963 Frank Graham, *The Brooklyn Dodgers* 964 Dillon Ripley, *Trail of the Money Bird* 965 Herb Graffis, ed., *Esquire's First Sports Reader* 966 James Hilton, *So Well Remembered* 967 Jack Gaver e Dave Stanley, *There's Laughter in the Air!*

968 Lau Shaw, *Rickshaw Boy* 969 Sinclair Lewis, *Cass Timberlane* 970 James Thurber, *The Thurber Carnival* 971 W. Somerset Maugham, *The Razor's Edge* 972 Lillian Smith, *Strange Fruit* 973 Stuart Cloete, *Against These Three* 974 Walter Van Tilburg Clark, *The City of Trembling Leaves Série CC, janeiro de 1946*

975 Herbert Clyde Lewis, *Gentleman Overboard* 976 Stephen Leacock, *My Remarkable Uncle and Other Sketches* 977 Paul Corey, *Buy an Acre* 978 C. B. F. Macauley, *The Helicopters are Coming* 979 John O'Hara, *The Doctor's Son and Other Stories* 980 Robert Trumbull, *Silversides* 981 Ogden Nash, *I'm a Stranger Here Myself* 982 Max Brand, *Silvertip's Search* 983 Oliver Weld Bayer, *An Eye for an Eye* 984 G. K. Chesterton, *The Man Who Was Thursday* 985 Archie Robertson, *Slow Train to Yesterday* 986 Irving Crump, *Our United States Secret Service* 987 Charles Alden Seltzer, "Beau" Rand 988 Richard Powell, *Lay That Pistol Down* 989 William MacLeod Raine, *Who Wants to Live Forever?*

990 Donald Henderson Clarke, *Louis Beretti* 991 Carter Dickson, *The Curse of the Bronze Lamp* 992 Sewell Peaslee Wright, ed., *Chicago Murders* 993 Stanley Frank, ed., *Sports Extra* 994 John Erskine, *The Private Life of Helen of Troy* 995 Frances Crane, *The Amethyst Spectacles* 996 C. S. Forester, *Beat to Quarters* 997 Zane Grey, *The Heritage of the Desert* 998 John Hawkins e Ward Hawkins, *Devil on His Trail* 999 Ben Lucien Burman, *Rooster Crows for Day* 1000 Paul Eduard Miller, ed., *Esquire's 1945 Jazz Book* 1001 Clark McMeekin, *Black Moon* 1002 Darrell Huff e Frances Huff, *Twenty Careers of Tomorrow* 1003 Edgcomb Pinchon, *Dan Sickles* 1004 Bellamy Partridge, *January Thaw* 1005 George Bernard Shaw, *Arms and the Man and Two Other Plays* 1006 Rafael Sabatini, *The Birth of Mischief* 1007 Thomas Bell, *All Brides are Beautiful* 1008 George Russell Harrison, *Atoms in Action* 1009 A. J. Cronin, *The Green Years* 1010 Ross McLaury Taylor, *The Saddle and the Plow* 1011 Jack London, *Best Short Stories of Jack London* 1012 Sophie Tucker, *Some of These Days* 1013 Thomas Wolfe, *Of Time and the River* 1014 Kenneth Roberts, *Northwest Passage Série DD, fevereiro de 1946*

1015 A. E. Housman, *Selected Poems of A. E. Housman* 1016 James Thurber e E. B. White, *Is Sex*

Necessary?

- 1017 Fred Russell, *I'll Try Anything Twice* 1018 John Paul Andrews, *Your Personal Plane* 1019 S. J. Perelman e Q. J. Reynolds, *Parlor, Bedlam, and Bath* 1020 Thomas Bell, *Till I Come Back to You* 1021 W. C. Tuttle, *The Wolf Pack of Lobo Butte* 1022 Bliss Lomax, *Rusty Guns* 1023 Virgil Thomson, *The State of Music* 1024 Mark Van Doren, *Liberal Education* 1025 Clarence Budington Kelland, *Dreamland* 1026 Francis Bonnamy, *The King is Dead on Queen Street* 1027 Earl Schenck Miers, *Big Ben* 1028 T. S. Stribling, *Red Sand* 1029 George Price, *Is it Anyone We Know?*
- 1030 Charles Alden Seltzer, "Drag" Harlan 1031 Nicholas Blake, *The Corpse in the Snowman* 1032 Douglas E. Lurton, *Make the Most of Your Life* 1033 Esther Forbes, *O Genteel Lady!*
- 1034 Helen McCloy, *Panic* 1035 Alfredo Segre, *Mahogany* 1036 Eugene Cunningham, *Buckaroo* 1037 Arch Ward, *Frank Leahy and the Fighting Irish* 1038 Manning Coles, *They Tell no Tales* 1039 Erle Stanley Gardner, *The Case of the Half-Wakened Wife* 1040 John F. Embree, *The Japanese Nation* 1041 Charles Jackson, *The Lost Weekend* 1042 John Russell, *Selected Short Stories of John Russell* 1043 F. Scott Fitzgerald, *The Diamond as Big as the Ritz and Other Stories* 1044 Harland Manchester, *New World of Machines* 1045 George R. Stewart, *Storm* 1046 Gontran de Poncins, *Kabloona* 1047 Josephine Pinkey, *Three o'clock Dinner* 1048 Margaret Armstrong, *Trelawny* 1049 Alice Tisdale Hobart, *Oil for the Lamps of China* 1050 Bennett Cerf, ed., *Modern American Short Stories* 1051 D. B. Steinman, *The Builders of the Bridge* 1052 George F. Willison, *Saints and Strangers* 1053 James Ramsey Ullman, *The White Tower* 1054 A. J. Cronin, *The Stars Look Down **Série EE, março de 1946***
- 1055 Edmund Gilligan, *Hunter's Moon and Other Stories* 1056 Robert Herrick, *The Love Poems of Robert Herrick* 1057 Cornelia Otis Skinner, *Excuse it, Please!*
- 1058 James M. Cain, *The Postman Always Rings Twice* 1059 David Ewen, *The Story of George Gershwin* 1060 Hugh Gray e Lillian R. Lieber, *The Education of T. C. Mits* 1061 Sally Carrighar, *One Day on Beetle Rock* 1062 Nicolas Kalashnikoff, *Jumper* 1063 David Dietz, *Atomic Energy in the Coming Era* 1064 George S. Brooks, *Block that Bride and Other Stories* 1065 James Oliver Curwood, *Kazan* 1066 *The New Yorker Reporter at Large* 1067 George Sessions Perry, *Hold Autumn in Your Hand* 1068 John J. Floherty, *Inside the F.B.I.*
- 1069 Carter Dickson, *The Department of Queer Complaints* 1070 Dorothy Caruso, *Enrico Caruso* 1071 Charles Alden Seltzer, *The Vengeance of Jefferson Gawne* 1072 Clarence E. Mulford, *The Man from Bar-20*
- 1073 James B. Hendryx, *Gold and Guns on Halfaday Creek* 1074 Craig Rice, *The Sunday Pigeon Murders* 1075 Hulbert Footner, *The Murder that Had Everything* 1076 R. N. Linscott, *Comic Relief* 1077 Louise Dickinson Rich, *We took to the Woods* 1078 Darwin L. Teilhet, *My True Love* 1079 Carroll Lane Fenton e Mildred Adams Fenton, *The Story of the Great Geologists* 1080 Leo Tolstoy, *Tales by Tolstoy* 1081 William G. Campbell e James H. Bedford, *You and Your Future Job* 1082 Thomas B. Costain, *The Black Rose **Série FF, abril de 1946***
- 1083 *Walt Tulley's Baseball Recorder* 1084 John P. Marquand, *Repent in Haste* 1085 Lawrence Lariar, ed., *Best Cartoons of the Year 1945*
- 1086 J. Storer Clouston, *The Lunatic at Large* 1087 George Gamow, *Biography of the Earth* 1088 Roy Huggins, *The Double Take* 1089 Ladd Haystead, *If the Prospect Pleases* 1090 Robert S. Dowst, *Straight, Place and Show* 1091 H. G. Wells, *The War of the Worlds* 1092 Francis Wallace, *Kid Galahad* 1093 Frances Lockridge e Richard Lockridge, *Death on the Aisle* 1094 Ernest Haycox, *Starlight Rider* 1095 David B. Greenberg e Henry Schindall, *A Small Store and Independence* 1096 Ben Lucien Burman, *Steamboat Round the Bend* 1097 Baynard Kendrick, *Out of Control* 1098 Lawrence Treat, *V as in Victim* 1099 Joseph Conrad, *Typhoon and The End of the Tether* 1100 Betty

MacDonald, *The Egg and I* 1101 Charles Alden Seltzer, *The Ranchman* 1102 Captain Harry C. Butcher, U.S.N.R., *My Three Years With Eisenhower* 1103 Deems Taylor, *The Well-Tempered Listener* 1104 Nancy Bruff, *The Manatee* 1105 John F. Wharton, *The Theory and Practice of Earning a Living* 1106 Craig Rice, *The Big Midget Murders* 1107 Zane Grey, *The Border Legion* 1108 Walter Noble Burns, *The Saga of Billy the Kid* 1109 Douglass Welch, *Mr. Digby* 1110 Richard C. Gill, *White Water and Black Magic* 1111 Edna Ferber, *Saratoga Trunk* 1112 Orrin E. Dunlap Jr., *Radio's 100 Men of Science* 1113 Konstantine Simonov, *Days and Nights* 1114 Stephen Vincent Benét, *John Brown's Body*

Série GG, maio de 1946

1115 Christopher Isherwood, *Prater Violet* 1116 Sgt. Leonard Sansone, *The Wolf* 1117 H. Vernor Dixon, *Come in Like a Yankee and Other Stories* 1118 Margery Miller, *Joe Louis: American* 1119 Max Shulman, *The Zebra Derby* 1120 Henry G. Lamond, *Dingo* 1121 James Stephens, *The Crock of Gold* 1122 Carl Sandburg, *Selected Poems of Carl Sandburg* 1123 Kathleen Moore Knight, *Port of Seven Strangers* 1124 Martin Johnson, *Safari* 1125 Grace Zaring Stone (Ethel Vance), *The Bitter Tea of General Yen* 1126 Carl Crow, *The Great American Customer* 1127 Barry Benefield, *Valiant is the Word for Carrie* 1128 John P. Carmichael, *My Greatest Day in Baseball* 1129 William MacLeod Raine, *Courage Stout* 1130 W. Barber e R. Schabelitz, *The Noose is Drawn* 1131 Erle Stanley Gardner, *The Case of the Black-Eyed Blonde* 1132 H. Allen Smith, *Lost in the Horse Latitudes* 1133 Max Brand, *Hunted Riders* 1134 Walter Van Tilburg Clark, *The Ox-Bow Incident* 1135 Forbes Parkhill, *Troopers West* 1136 George Harmon Coxe, *Woman at Bay* 1137 Ed Fitzgerald, ed., *Tales for Males* 1138 Robert Standish, *The Small General* 1139 Ivan T. Sanderson, *Caribbean Treasure* 1140 Norman V. Carlisle e Frank B. Latham, *Miracles Ahead* 1141 Clarence E. Mulford, *The Bar-20 Three* 1142 Mark Van Doren, *Shakespeare* 1143 Lee R. Steiner, *Where Do People Take Their Troubles?*

1144 Marquis James, *The Cherokee Ship* 1145 Christina Stead e William Blake, eds., *Modern Women in Love* 1146 Wilbur Daniel Steele, *That Girl from Memphis* **Série HH, junho de 1946**

1147 John O'Hara, *Pal Joey* 1148 Joel Sayre, *Rackety Rax* 1149 George Papashvily e Helen Papashvily, *Anything Can Happen* 1150 David Ewen, *Men of Popular Music* 1151 Ogden Nash, *Many Long Years Ago* 1152 Grace Zaring Stone (Ethel Vance), *Winter Meeting* 1153 M. M. Musselman, *Wheels in His Head* 1154 Peter Field, *The End of the Trail* 1155 Margaret Scherf, *The Owl in the Cellar* 1156 *The Dark Ship and Other Selections from the New Yorker* 1157 Clyde Fisher, *The Story of the Moon* 1158 W. H. B. Kent, *The Tenderfoot* 1159 Russell Maloney, *It's Still Maloney* 1160 Roy Chapman Andrews, *Meet Your Ancestors* 1161 W. R. Burnett, *Tomorrow's Another Day* 1162 Frances Lockridge e Richard Lockridge, *Murder Within Murder* 1163 Tom Gill, *Starlight Pass* 1164 Ernest Haycox, *Trail Town* 1165 Geoffrey Household, *The Salvation of Pisco Gabar and Other Stories* 1166 Patricia Wentworth, *She Came Back* 1167 Walter S. Landis, *Your Servant the Molecule* 1168 Commander Edward Ellsberg, *Treasure Below* 1169 William Sloane, *The Edge of Running Water* 1170 Frank Graham, *The New York Yankees* 1171 Harold Hart, ed., *Top Stuff* 1172 J. Roy Stockton, *The Gashouse Gang* 1173 William Irish, *I Wouldn't Be in Your Shoes* 1174 Peter W. Rainier, *Green Fire* 1175 B. D. Zevin, ed., *Cobb's Cavalcade* 1176 Daphne du Maurier, *The King's General* 1177 Erich Maria Remarque, *Arco do Triunfo* 1178 Jack Goodman, ed., *While You Were Gone*

A partir da série II, diminuiu a quantidade de títulos publicados para as tropas de ocupação.

Série II, julho de 1946

1179 Ernie Pyle, *Last Chapter* 1180 John McNulty, *Third Avenue, New York* 1181 Peter Field, *Ravaged Range* 1182 Gore Vidal, *Williwaw* 1183 Will Ermine, *Outlaw on Horseback* 1184 Luke Short,

Coroner Creek 1185 Dorothy Macardle, *The Unforeseen* 1186 Lucy Cores, *Let's Kill George* 1187 C. S. Forester, *Lord Hornblower* 1188 Alice Campbell, *With Bated Breath* 1189 Gene Fowler, *A Solo in Tom-Toms* 1190 Ben Hibbs, ed., *The Saturday Evening Post Stories, 1942–1945*

Série JJ, agosto de 1946

1191 Lee Casey, ed., *Denver Murders* 1192 Curtis Bishop, *By Way of Wyoming* 1193 Frank Sullivan, *A Rock in Every Snowball* 1194 Jonathan Stagge, *Death's Old Sweet Song* 1195 Rex Beach, *The World in His Arms* 1196 William MacLeod Raine, *Clattering Hoofs* 1197 Warren Brown, *The Chicago Cubs* 1198 Jim Corbett, *Man-eater of Kumaon* 1199 Stanley Vestal, *Jim Bridger* 1200 Ernest K. Gann, *Blaze of Noon* 1201 Robert Penn Warren, *All the King's Men* 1202 Willa Gibbs, *Tell Your Sons* **Série**

KK, setembro de 1946

1203 Thomas Hegggen, *Mister Roberts* 1204 Arthur Sampson, *Football Coach* 1205 Richard Sale, *Benefit Performance* 1206 E. E. Halleran, *Double Cross Trail* 1207 Earl Wilson, *Pikes Peek or Bust* 1208 William Colt MacDonald, *Thunderbird Trail* 1209 Vera Caspary, *Stranger Than Truth* 1210 George Tabori, *Companions of the Left Hand* 1211 Mary O'Hara, *Green Grass of Wyoming* 1212 Theodora C. Stanwell-Fletcher, *Driftwood Valley* 1213 Wilbur Daniel Steele, *The Best Stories of Wilbur Daniel Steele* 1214 Commander Edward Ellsberg, *Under the Red Sea Sun* **Série LL, outubro de 1946**

1215 Kenneth Fearing, *The Big Clock* 1216 Max Brand, *Mountain Riders* 1217 Pat Frank, *Mr. Adam* 1218 Erle Stanley Gardner, *The Case of the Borrowed Brunette* 1219 Christopher La Farge, *The Sudden Guest* 1220 Peter Freuchen, *White Man* 1221 Jonathan Daniels, *Frontier on the Potomac* 1222 Stout Rex, *The Silent Speaker* 1223 Joseph A. Margolies, ed., *Strange and Fantastic Stories* 1224 Odell Shepard e Willard Shepard, *Holdfast Gaines* 1225 John P. Marquand, *B.F.'s Daughter* 1226 John Jennings, *The Salem Frigate* **Série MM, novembro de 1946**

1227 Ralph G. Martin, *Boy From Nebraska* 1228 David Stern, *Francis* 1229 Willis George, *Surreptitious Entry* 1230 James B. Hendryx, *Courage of the North* 1231 Frances Lockridge e Richard Lockridge, *Death of a Tall Man* 1232 John Steinbeck, *The Wayward Bus* 1233 MacKinlay Kantor, *But Look, the Morn* 1234 Van Wyck Mason, *Saigon Singer* 1235 Fred Gipson, *Fabulous Empire* 1236 Frank Waters, *The Colorado* 1237 Ed Ainsworth (Edward M.), *Eagles Fly West* 1238 Inglis Fletcher, *Toil of the Brave* **Série NN, dezembro de 1946**

1239 Les Savage Jr., *Treasure of the Brasada* 1240 Tom West, *Six Gun Showdown* 1241 Helen Reilly, *The Silver Leopard* 1242 Luther Whiteman, *The Face of the Clam* 1243 William Wister Haines, *Command Decision* 1244 Arthur Henry Gooden, *The Shadowed Trail* 1245 Bergen Evans, *The Natural History of Nonsense* 1246 Carter Dickson, *My Late Wives* 1247 Mildred Walker, *The Quarry* 1248 James A. Michener, *Tales of the South Pacific* 1249 Holger Cahill, *Look South to the Polar Star* 1250 Eric Sevareid, *Not so Wild a Dream* **Série OO, janeiro de 1947**

1251 Nelson C. Nye, *The Barber of Tubac* 1252 Dana Faralla, *The Magnificent Barb* 1253 Fred Feldkamp, ed., *Mixture for Men* 1254 Wayne D. Overholser, *Buckaroo's Code* 1255 Pat McGerr, *Pick Your Victim* 1256 Michael Blankfort, *The Widow-Makers* 1257 Evan Evans, *The Border Bandit* 1258 William Gilmore Beymer, *The Middle of Midnight* 1259 Clyde Brion Davis, *Jeremy Bell* 1260 Frederick G. Lieb, *The Detroit Tigers* 1261 Garland Roark, *Wake of the Red Witch* 1262 Paul I. Wellman, *The Walls of Jericho* **Série PP, fevereiro de 1947**

1263 Max Brand, *Valley of Vanishing Men* 1264 Peter Field, *Gambler's Gold* 1265 Herman Wouk, *Aurora Dawn* 1266 Gordon Merrick, *The Strumpet Wind* 1267 Ernest Haycox, *Long Storm* 1268 Laura Z. Hobson, *Gentleman's Agreement* 1269 Ngaio Marsh, *Final Curtain* 1270 Hilda Lawrence,

Death of a Doll 1271 Frederick G. Lieb, *The Boston Red Sox* 1272 Max Manus, *9 Lives Before Thirty* 1273 Elliot Arnold, *Blood Brother* 1274 David L. Cohn, *This is The Story* **Série QQ, março de 1947**
 1275 Curtis Bishop, *Shadow Range* 1276 Anthony Thorne, *So Long at the Fair* 1277 Mark Layton, *Silver Spurs* 1278 Edward A. Herron, *Alaska: Land of Tomorrow* 1279 Manning Coles, *With Intent to Deceive* 1280 John Dickson Carr, *The Sleeping Sphinx* 1281 Robert Standish, *Mr. On Loong* 1282 Marguerite Eyssen, *Go-devil* 1283 Shirley Graham, *There Was Once a Slave* 1284 C. W. Grafton, *My Name is Christopher Nagel* 1285 John Myers Myers, *The Wild Yazoo* 1286 Evelyn Wells, *Jed Blaine's Woman* **Série RR, abril de 1947**
 1288 Bliss Lomax, *Trail Dust* 1289 David Dodge, *How Green Was My Father* 1290 Will Ermine, *The Drifting Kid* 1291 Patrick Quentin, *Puzzle for Pilgrims* 1292 Kelley Roos, *Ghost of a Chance* 1293 Richard Lockridge e Frances Lockridge, *Think of Death* 1294 Zane Grey, *Valley of Wild Horses* 1295 Benedict Freedman e Nancy Freedman, *Mrs. Mike* 1296 Annemarie Ewing, *Little Gate* 1297 A. B. Guthrie Jr., *The Big Sky* 1298 Raymond T. Bond, ed., *Famous Stories of Code & Cipher* **Série SS, maio de 1947**
 1299 Allan R. Bosworth, *Hang and Rattle* 1300 Peter Field, *Trail From Needle Rock* 1301 George Milburn, *Flannigan's Folly* 1302 Erle Stanley Gardner, *The Case of the Fan-Dancer's horse* 1303 Francis Rufus Bellamy, *Blood Money* 1304 William Colt MacDonald, *Master of the Mesa* 1305 Arthur Loveridge, *Tomorrow's a Holiday* 1306 John Jennings, *Boston: Cradle of Liberty* 1307 Michael Leigh, *Comrade Forest* 1308 Robert McLaughlin, *The Side of the Angels* 1309 Herbert Krause, *The Thresher* 1310 Idwal Jones, *Vermilion* **Série TT, junho de 1947**
 1311 Max Brand, *The False Rider* 1312 Kathleen Moore Knight, *The Blue Horse of Taxco* 1313 Craig Rice, ed., *Los Angeles Murders* 1314 Elliot Merrick, *Passing by* 1315 Richard Phenix, *On My Way Home* 1316 Bob Feller, *Strikeout Story* 1317 Budd Schulberg, *The Harder They Fall* 1318 Charles E. Gillham, *Raw North* 1319 Natalie Anderson Scott, *The Story of Mrs. Murphy* 1320 Thomas B. Costain, *The Moneyman* 1321 Samuel Shellabarger, *Prince of Foxes* 1322 Ernie Pyle, *Home Country* **2002-3**

A Armed Services Editions reapareceu em 2002 e 2003, quando o Andrew Carroll's Legacy Project distribuiu 100 mil exemplares de sete títulos para os militares norte-americanos que estavam servindo nas Forças Armadas em todo o mundo. Esses livros modernos da ASE tinham as mesmas dimensões e aparência daqueles da década de 1940.

Allen Mikaelian, *Medal of Honor* William Shakespeare, *Henry V*

Sun Tzu, *The Art of War* Andrew Carroll, ed., *War Letters* Christopher Buckley, *Wry Martinis* Dr. John A. Gable, ed., *The Man in the Arena* Geraldine McCaughrean, *One Thousand and One Arabian Nights*

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES

Queima de livros: Mary Evans Picture Library / Süddeutsche Zeitung Photo. *Multidão na escada da biblioteca*: Divisão de Manuscritos e Arquivos, Biblioteca Pública de Nova York, Astor, Lenox and Tilden Foundations. *Althea Warren*: Divisão de Manuscritos e Arquivos, Biblioteca Pública de Nova York, Astor, Lenox and Tilden Foundations. *Katharine Hepburn*: Divisão de Manuscritos e Arquivos, Biblioteca Pública de Nova York, Fundações Astor, Lenox e Tilden. *Mulher entregando livro para homem na cama*: Coleção da autora. *Mulheres sorrindo com pilhas de livros*: Divisão de Manuscritos e Arquivos, Biblioteca Pública de Nova York, Fundações Astor, Lenox e Tilden. *Doar mais livros*: Coleção da autora. *Passagens de bonde*: Coleção da autora. *Escoteiros*: Coleção da autora. *Shakespeare*: © Corbis. *Malcolm Johnson*: Coleção da autora. *Capa e quarta capa do livro de Porter*: Coleção da autora. *Chicago Cubs*: Coleção da autora. *Strange Fruit*: Cortesia da coleção de Brian Anderson. *Forever Amber*: Coleção da autora. *A Tree Grows in Brooklyn*: Coleção da autora. *Chicken Every Sunday*: Coleção da autora. *Betty Smith*: Coleção da autora. *Soldado em tratamento de tração*: U.S. Army Pictorial Service. *Eisenhower*: Coleção da autora. *Homem lendo em acampamento inundado*: Memorial da Guerra Australiano. Carta de Sholund: Edgar Sholund correspondence, 1945, Council on Books in Wartime Records, Box 32, “Letters from Service -men J–Z” folders, 20th Century Public Policy Records, Seeley G. Mudd Manuscript Library, Department of Rare Books and Special Collections, Princeton University Library.